



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ -UNIOESTE
CENTRO DE EDUCAÇÃO, COMUNICAÇÃO E ARTES/CECA

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO SENSU EM EDUCAÇÃO
NÍVEL DE MESTRADO/PPGE

ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: SOCIEDADE, ESTADO E EDUCAÇÃO

**AS CATEGORIAS POLÍTICO-PEDAGÓGICAS GRAMSCIANAS:
CONTRIBUIÇÕES PARA A HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO**

LORIVALDO DO NASCIMENTO

CASCAVEL-PR

2018



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ/UNIOESTE
CENTRO DE EDUCAÇÃO, COMUNICAÇÃO E ARTES/CECA

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO SENSU EM EDUCAÇÃO
NÍVEL DE MESTRADO/PPGE
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: SOCIEDADE, ESTADO E EDUCAÇÃO

**AS CONCEPÇÕES POLÍTICO-PEDAGÓGICAS GRAMSCIANAS:
CONTRIBUIÇÕES PARA A HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO**

LORIVALDO DO NASCIMENTO

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação-PPGE, área de concentração Sociedade, Estado e Educação, linha de pesquisa: História de Educação da Universidade Estadual do Oeste do Paraná/UNIOESTE – Campus de Cascavel, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientador (a): Dra: Aparecida Favoreto.

CASCADEL

2018

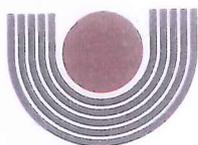
Ficha de identificação da obra elaborada através do Formulário de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da Unioeste.

Do Nascimento, Lorivaldo

As concepções político-pedagógicas gramscianas. :
Contribuições para a história da educação / Lorivaldo Do
Nascimento; orientador(a), Aparecida Favoreto, 2019.
194 f.

Dissertação (mestrado), Universidade Estadual do Oeste
do Paraná, Campus de Cascavel, Centro de Educação,
Comunicação e Artes, , 2019.

1. Educação. 2. Política. I. Favoreto, Aparecida. II.
Título.



unioeste

Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Campus de Cascavel CNPJ 78680337/0002-65
Rua Universitária, 2069 - Jardim Universitário - Cx. P. 000711 - CEP 85819-110
Fone:(45) 3220-3000 - Fax:(45) 3324-4566 - Cascavel - Paraná



PARANÁ
GOVERNO DO ESTADO

LORIVALDO DO NASCIMENTO

As concepções político-pedagógicas gramscianas: contribuições para a história da educação

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação em cumprimento parcial aos requisitos para obtenção do título de Mestre em Educação, área de concentração Sociedade, Estado e Educação, linha de pesquisa História da Educação, APROVADO(A) pela seguinte banca examinadora:

Orientador(a) - Aparecida Favoreto

Universidade Estadual do Oeste do Paraná - Campus de Cascavel (UNIOESTE)

Anita Helena Schlesener

Universidade Tuluá do Paraná (UTP)

Universidade Estadual do Oeste do Paraná - Campus de Cascavel (UNIOESTE)

Cascavel, 27 de fevereiro de 2019

AGRADECIMENTO

À professora e orientadora Dra. Aparecida Favoreto por ter acompanhado meus estudos na área da Educação desde seu germinar até a elaboração da dissertação.

Aos membros da banca de qualificação e defesa da dissertação, professores Dr. Paulino Orso, Dra. Maria Inalva Galter e Dra. Anita Helena Schlesener pelas preciosas contribuições dadas à pesquisa.

Aos professores e demais profissionais do Programa de Pós-graduação, Mestrado em Educação, pelo auxílio e contribuição durante os dois anos de estudos. Da mesma forma, aos colegas de mestrado pela amizade e companheirismo durante as aulas e na elaboração da pesquisa.

A todos os familiares pelo apoio e ajuda prestada nesse período, especialmente, à esposa Edneia Dias Martins por ter me incentivado a iniciar os estudos na área da educação, pelo companheirismo, presença constante e comunhão de vida.

Aos queridos pais Valdir do Nascimento e Erotildes do Nascimento (em memória).

A minha irmã Luciane do Nascimento e a madrastra Zulmira pelo incentivo e amizade.

DO NASCIMENTO, Lorivaldo. **As concepções político-pedagógicas gramscianas: contribuições para a história da educação.** 2019, 194f. Dissertação (Mestrado em Educação) Universidade Estadual do Oeste do Paraná.

RESUMO

Esta pesquisa tem o objetivo de analisar a história e o desenvolvimento das categorias político-pedagógicas enunciadas nas obras de Gramsci para verificar se Togliatti, responsável pelo arquivo e divulgação do pensamento gramsciano, ao assim fazer, realizou omissões e interferências que pudessem adulterar o pensamento gramsciano. Neste aspecto, a pesquisa prioriza a categoria político-pedagógica, visto que entende ser ela essencial na perspectiva histórica, social e educacional de Gramsci. Por intermédio de uma pesquisa bibliográfica (livros, artigos científicos, depoimentos, correspondências etc.) busca-se verificar a gênese, a produção e a divulgação do pensamento de Gramsci entre as décadas de 1910 e 1960. No caso, considerando o contexto histórico da época (Segunda Guerra Mundial, Guerra Fria, ascensão e declínio do stalinismo e do fascismo, bem como, as lutas políticas internas no Partido Comunista Italiano (PCI) e na Internacional Comunista), buscou-se compreender a forma de atuação de Togliatti no arquivamento e na forma de publicação da herança cultural de Gramsci, bem como a relação entre ambos. Nas publicações conduzidas por Togliatti (1940-1965) houve uma organização dos Cadernos do Cárcere por assunto, e não pelo período em que foram escritos. Na publicação das Cartas, em 1947, Togliatti excluiu algumas passagens e cartas nas quais Gramsci fazia alusão à ruptura entre ambos e traçava críticas à política stalinista. Os cortes seriam justificados pelo conturbado cenário político nacional e internacional. Todavia, estes serviram, também para evitar outras chaves de leituras e interpretações que não fossem aquelas pretendidas pelo partido. Não obstante, a pesquisa compreende que a forma de organização dos Cadernos do Cárcere e a exclusão de maioria das cartas, na edição togliattiana de 1947, não significou omissão ou exclusão das categorias político-pedagógicas presente nas obras de Gramsci. Antes da II Guerra Mundial, as categorias político-pedagógicas gramscianas, tais como, hegemonia cultural, bloco histórico, intelectuais orgânicos e guerra de posição, não eram aceitas pelo grupo stalinista, pela Internacional Comunista e pelo PCI. Com a queda do nazismo em nível europeu e do fascismo em nível nacional e o cenário da guerra fria entre as duas novas superpotências mundiais, Estados Unidos e União Soviética, as mencionadas categorias político-pedagógicas gramscianas foram não apenas aceitas, mas colocadas em prática pela União Soviética no cenário europeu e pelo PCI na Itália. Os líderes dos partidos comunistas europeus, em modo especial do Partido Comunista Russo (PCR), compreenderam que a divulgação das obras, do pensamento de Gramsci, com suas categorias político-pedagógicas, poderiam servir como instrumentos para a formação e conquista de intelectuais, para a formação e libertação das classes subalternas e para alcançar a hegemonia cultural como condição de possibilidade para a hegemonia (revolução) política.

Palavras-chave: Gramsci. Togliatti. Político-pedagógico. História da educação.

DO NASCIMENTO, Lorivaldo. **Gramsci's political-pedagogical conceptions: contributions to the history of education.** 2019, 194p Dissertation (Master's in Education) State University of Western Paraná, Toledo, 2019.

ABSTRACT

This research has the objective to analyze the history and development of the political pedagogical categories indicated on the Gramsci's works as to verify if Togliatti, responsible for the archive e divulgation of Gramscian thought, realized omissions and interferences that may adulterate the Gramscian thought. On this aspect, the research prioritizes the political pedagogical category, as understands it being essential on the historical, social and educational perspective of Gramsci. By a bibliographical research (books, scientific articles, testimonials, mail, etc.) is intended to verify the genesis, the production and the divulgation of the Gramscian thought between the decades of 1910s and 1960s. In this case, considering the historical context at the time (Second World War, Cold War, ascension and decline of stalinism and fascism, as well, the internal political fights in the Italian Communist Party and in the Communist International), is sought to comprehend the way of Togliatti performance in the filing and publishing oh the cultural heritage of Gramsci, as well the relation between both. In the publishes conducted by Togliatti (1940-1965) there was an organization of the prison notebooks by topics, not by the period that they were written. In the publishing of the mail, in 1947, Togliatti excluded some passages and letters in which Gramsci made allusion to the rupture between both and criticized the Stalinism politics. The cuts were justified by the agitated political scenario as national and international. However, these would serve also to avoid other reading keys and interpretations that were not intended for the party. Nonetheless, the research comprehends that the organization of the prison books and the exclusion of most letters in the Togliatti edition of 1947, did not mean the omission or exclusion of the political-pedagogical categories present in the Gramsci's works. Before the Second World War, the Gramscian political pedagogical categories, as how the cultural hegemony, historical block, intellectual organic and war of positions, were not accepted by the Stalinist group, the Communist International and the Italian Communist Party. With the fall of Nazism in European level and the Fascism in national level and the cold war scenario between the two worldwide superpowers, United States and Soviet Union, the mentioned Gramscian political-pedagogical categories were not only

accepted, but put into action by the Soviet Union in the European scenario and by the Italian Communist Party in Italy. The leadership of the European communist parties, in special way the Russian Communist Party, understood that the publication of Gramsci's works with his political pedagogical categories, could serve as instruments to form e conquer the intellectuals, to form and free the subaltern classes and to reach the cultural hegemony as condition of possibility to political hegemony (revolution).

Key words: Gramsci. Togliatti. Political pedagogical. History of Education.

SUMÁRIO

1.	INTRODUÇÃO	9
2.	AS CATEGORIAS GRAMSCIANAS E AS NOVAS PERSPECTIVAS DE TRANSFORMAÇÃO SOCIAL	18
2.1	A CATEGORIA POLÍTICO-PEDAGÓGICA GRAMSCIANA: CHAVE INTERPRETATIVA DO SEU PENSAMENTO.	18
2.2	AS CATEGORIAS POLÍTICO-PEDAGÓGICAS GRAMSCIANA EM RELAÇÃO A III INTERNACIONAL COMUNISTA.....	38
3.	GRAMSCI E TOGLIATTI: ENCONTROS E DESENCONTROS	46
3.1	GRAMSCI, TOGLIATTI E OS INTELLECTUAIS DO ORDINE NUOVO: DISSIDÊNCIAS NO PSI E FUNDAÇÃO DO PCI.....	46
3.2	GRAMSCI E TOGLIATTI: TRABALHO E DISSIDÊNCIAS NO PCI (1921 E 1926)	57
3.3	GRAMSCI E TOGLIATTI E AS POLÊMICAS TESES REVOLUCIONÁRIAS: PCI, PCR E A III INTERNACIONAL COMUNISTA.....	66
3.4	AS CORRESPONDÊNCIAS ENTRE GRAMSCI E TOGLIATTI – EXPLICITANDO AS DIFERENÇAS.....	78
4.	GRAMSCI NO CÁRCERE: AS DESAVENÇAS COM TOGLIATTI SE ACENTUAM.	90
4.1	A CARTA DE RUGGERO GRIECO.....	91
4.2	A CONSITUINTE: O CONFLITO ENTRE GRAMSCI E SEUS COMPANHEIROS DE CÁRCERE EM TURI	102
5.	AFFARI GRAMSCI-TOGLIATTI E A OPERAÇÃO GRAMSCI (1940 – 1964).	120
5.1	A DISPUTA, A POSSE E A UTILIZAÇÃO DA PRODUÇÃO LITERÁRIA GRAMSCIANA.....	121
5.2	A <i>SVOLTA DI SALERNO</i> , TOGLIATTI E O DESENCADEAMENTO DA OPERAÇÃO GRAMSCI (1940 E 1960)	132
5.3	TOGLIATTI EDITOR DE GRAMSCI	142
5.3.1	A Edição Togliattiana: as Cartas do Cárcere de 1947.....	144
5.3.2	A edição temática dos Cadernos do Cárcere.	150
5.3.3	A guerra fria e as mudanças na operação Gramsci.....	157
5.3.4	A nova edição das Cartas do Cárcere de Gramsci.....	165
5.3.5	Os preparativos para a edição cronológica dos Cadernos do Cárcere.....	172
6.	CONSIDERAÇÕES FINAIS	178

1. INTRODUÇÃO¹

A pesquisa tem o objetivo de analisar a história e o desenvolvimento do pensamento gramsciano, tendo como prioridade compreender suas categorias político-pedagógicas. Neste sentido, seguindo a gênese, a produção e a divulgação do pensamento de Antonio Gramsci (1891 – 1937) busca-se responder a pergunta/problema dos possíveis ajustamentos ou mesmo adulterações realizadas por Palmiro Togliatti (1893-1964) nas obras de Gramsci, cuja publicação esteve totalmente sobre sua direção entre as décadas de 1940 e 1960.

Togliatti e Gramsci atuaram ativamente na política italiana, eles se encontraram em Turim, no ano de 1911. Juntos militaram no Partido Socialista Italiano (PSI) e, em 1921, fundaram o Partido Comunista Italiano (PCI). No ano de 1926, Gramsci tornou-se um prisioneiro político, permanecendo encarcerado por 11 anos. Logo após a sua libertação, em 1937, devido às complicações no seu estado de saúde faleceu em uma clínica romana.

Durante o período em que Gramsci esteve preso, o dissenso com Togliatti e com a Internacional Comunista, iniciado em 1926, agravou-se culminando com o pedido de Gramsci para que Togliatti fosse excluído da posse e da publicação de suas obras, o que acabou não acontecendo.

Gramsci, além de um ativista político, também foi um grande escritor, o qual, baseado nos escritos marxianos e nas suas experiências, desenvolveu importantes estudos teóricos, deixando um imenso legado filosófico, político e educacional que, logo após a sua morte, foi alvo de disputa entre a família Schucht² e o PCI.

Todavia, apesar de haver o anúncio de um possível descontentamento por parte de Gramsci³ em relação a Togliatti, com base no entendimento do governo

¹ Em 19 de dezembro, dois dias antes da professora entregar o texto com suas últimas correções, meu pai sofreu um Acidente Vascular do Encéfalo (AVE). Tenho apenas uma irmã que mora em Joinville- SC. Por este motivo, passei todo mês de janeiro entre hospitais e o sítio de meu pai no interior do município de Nova Esperança do Sudoeste. Deste modo, praticamente não tive acesso a internet, as últimas correções foram feitas superficialmente. Faltou também a correção do português e uma última adequação às normas da ABNT. Assumo o compromisso de realizar todas estas correções após a defesa.

² Em 1922 Gramsci representando o PCI, foi até a Rússia, onde conheceu sua esposa, Giulia Schucht (1896 - 1980), com a qual teve dois filhos: Delio (1924 - 1982) e Giuliano (1926 - 2007).

³ Em uma carta a irmã, Giulia Schucht (esposa de Gramsci), Tatiana Schucht escreveu que Gramsci pediu que Togliatti fosse excluído da publicação de suas obras (SCHUCHT, 1991). Em parte, o descontentamento de Gramsci em relação a Togliatti começou a se constituir quando Togliatti interceptou uma carta sua direcionada aos dirigentes do Partido Comunista Russo (PCR) em 1926.

soviético e da III Internacional Comunista, este se tornou editor exclusivo de Gramsci até a década de 1960 (DANIELE, 2005).

Desta forma, Togliatti, como líder do PCI, conseguiu posse da produção gramsciana, inclusive, de todas as cartas escritas desde sua prisão, as quais eram por Tatiana Schucht⁴ enviadas a Piero Sraffa⁵, que por sua vez, as expedia a Togliatti (SRAFFA, 1991). De posse das obras, Togliatti realizou um demorado processo de análise e seleção do legado. Porém, publicou apenas um terço das Cartas, mais precisamente 165. Somente em 1965, um ano após a morte de Togliatti, foi publicada uma coleção de 428 Cartas, às quais foram, ainda, posteriormente, acrescentadas outras 42, totalizando 470 Cartas. No que diz respeito aos Cadernos do Cárcere, Togliatti e o PCI iniciaram um gradativa publicação que temática de acordo com os interesses do partido.

Diante do clima de animosidade estabelecido entre Gramsci e Togliatti e o papel do último na seleção e organização das obras gramscianas, na historiografia apresentaram-se algumas suspeitas sobre possíveis ajustes e adulterações do pensamento de Gramsci, principalmente no que se refere as suas categorias político-pedagógicas.

Neste sentido, é importante frisar que essa é uma categoria considerada central no pensamento gramsciano, englobando as demais categorias do seu pensamento, tais como, hegemonia, bloco histórico, sociedade civil e guerra de posição, formando assim, um todo orgânico no entendimento sobre o processo histórico, luta política-social e perspectivas educacionais.

Ainda sobre as categorias político-pedagógicas gramscianas, destaca-se que desde a década de 1960, mais precisamente a partir do Convênio de Cagliari⁶, vários estudos surgiram apontando que no pensamento gramsciano, a pedagogia é

Tornou-se uma suspeita de conspiração quando Togliatti esteve a frente das frustradas tentativas para sua libertação. Neste sentido, Gramsci citou uma carta que recebeu no Cárcere em fevereiro de 1928. Esta carta, a qual Gramsci denominou como famigerada, teria impossibilitado sua libertação, visto que, o próprio Gramsci narrou que o juiz Macis teria lhe afirmado que: "honorrável Gramsci, o senhor tem amigos que desejam que permaneça no cárcere por um longo período", (GRAMSCI, 2008, p. 145).

⁴ Tatiana Schucht irmã de Giulia Schucht e, portanto, cunhada de Gramsci. Com a prisão de Gramsci em 1926, Tatiana, que vivia na Itália, se tornou a principal interlocutora do prisioneiro com a família e com o PCI. Recebia as cartas de Gramsci e as transmitia a família na Rússia e ao PCI através de Piero Sraffa.

⁵ Piero Sraffa foi um economista italiano, professor de economia política nas Universidades de Perugia e Cambridge na Inglaterra. Amigo pessoal de Gramsci desempenhou a função de mediador entre este e o PCI contando por sua vez com a mediação de Tatiana Schucht.

⁶ Convênio de estudos gramscianos realizado em 1967.

compreendida como uma dimensão intrínseca e inseparável da política (URBANI, 1967). Neste mesmo sentido, tal como afirma Chiarotto (2011), estudos apontam que na operação Gramsci, realizada por Togliatti entre as décadas de 1940 e 1960, a pedagogia foi parte integrante. A política da hegemonia praticada por Togliatti na Itália, após a II Gerra Mundial, a partir da difusão do pensamento e da publicação das obras de Gramsci, foi orientada pelo princípio pedagógico de uma gradativa educação das massas (proletárias, camponesas e, posteriormente, a totalidade do povo italiano). A hegemonia política somente seria possibilitada pela hegemonia cultural. Por este motivo, o pensamento de Gramsci foi utilizado como instrumento pedagógico para a conquista da hegemonia cultural e, conseqüentemente, política.

Entretanto, pelos motivos acima citados, surgiram suspeitas de possíveis mutilações ou deturpações nos textos de Gramsci, as quais deram origem, em especial nas últimas décadas, a uma significativa literatura. Obras como: *Togliatti Editore di Gramsci*, de Chiara Daniele e *Il Tradimento*, de Mauro Canale, destacam que foi sempre Togliatti, enquanto viveu, a decidir o que publicar e o que não publicar da vida e dos escritos de Gramsci e, neste sentido, construiu uma bibliografia propícia para a propaganda e a mitografia do PCI. Sobre isto, Mauro Canale (2013) afirma que, se algo de diverso da ortodoxia interpretativa do partido algumas vezes emergiu, foi por iniciativa de documentos tornados públicos por dirigentes comunistas heréticos ou expulsos.

Para Canale, a togliattização de Gramsci, apesar de, com menor intensidade, perdurou para além de 1964 (morte de Togliatti), sendo ainda hoje, levada adiante pelos custodidos do próprio Instituto Gramsci, cuja direção é sempre confiada a fidelíssimos togliattianos. A renovada historiografia gramsciana que emergiu nas últimas décadas foi possibilitada apenas por uma lenta e gradativa abertura dos arquivos moscovitas (CANALE, 2013).

Segundo Canale (2013) e Franco Lo Piparo (2011), o pensamento gramsciano foi adulterado por Togliatti, o qual escondeu nas publicações a ruptura entre ambos, a dissidência política em relação aos partidos comunistas italiano e russo e dos cânones do próprio marxismo.

Raul Mordenti (2001), por sua vez, afirma que sem Togliatti e a sua operação político-cultural (operação Gramsci), Gramsci não existiria tanto para os italianos quanto para o resto do mundo. Afirma ainda que, se fosse realizado o que a família Schucht desejava, a publicação dos manuscritos gramscianos tivesse sido deixada

nas mãos de Stalin e do Partido Comunista Russo, estes teriam sido censurados ou para sempre arquivados. Para Mordenti, em outra obra, (2009), Togliatti não adulterou o pensamento gramsciano. Ao contrário, sua magistral operação Gramsci, serviu ao PCI em três intuitos. Antes de tudo, justificar as posições políticas do partido no novo cenário político italiano do pós-guerra em que os comunistas compuseram um governo de coalizão nacional com os católicos de Alcide De Gasperi (1881-1954). Em segundo, na medida em que apresentou Gramsci como o novo Croce ou anti-Croce, contribuiu para afastar os intelectuais italianos de esquerda da duradoura influência de Benedetto Croce (1866-1952). Por fim, externar a autonomia cultural e, portanto, política do PCI em relação à Rússia (MORDENTI, 2009).

Domenico Losardo (2006) e Luciano Canfora (1997) afirmam que a contraposição Gramsci-Togliatti, mais que um dado histórico, é um mito político, pois, desde os tempos do *Ordine Nuovo* à morte do líder sardo, os dois estiveram sempre próximos. Losardo compara Gramsci e Togliatti a Karl Marx (1818-1883) e Friedrich Engels (1820-1895) e postula a possibilidade de se escrever em relação a ambos uma obra análoga àquela dedicada aos primeiros teóricos e pais do comunismo científico⁷ (LOSARDO, 2006).

Chiara Daniele (2005), Giuseppe Vacca (2003; 2014) e Aldo Natoli (1990), organizadores de coletâneas de cartas, sejam de Gramsci ou de outros personagens envolvidos na publicação das obras gramscianas, reconhecem que as edições togliattianas, em modo especial, as Cartas do Cárcere, omitem a ruptura ocorrida em 1926 entre ambos, bem como, as reiteradas suspeitas do líder encarcerado em relação a Togliatti, ao PCI e a dissidência em relação à política oficial do *Komintern*⁸. Todavia, não compartilham das denúncias e acusações de Lo Piparo e Canale. Assim, tal como Raul Mordenti, defendem que as categorias político-pedagógicas gramscianas foram assumidas e divulgadas por Togliatti no pós-guerra.

Retomar essa temática é de suma importância, visto que, as obras de Gramsci, a partir da década de 1960, serviram e ainda servem de inspiração no debate pedagógico e na discussão sobre o direcionamento das políticas educacionais brasileiras. Nas palavras de Carlos Zacarias de Sena Junior (2013, p. 28), o Brasil

⁷ O autor faz referência a obra, CORNU, Auguste. *Karl Marx e Friedrich Engels*. Leur vie et leur oeuvre. Paris. Presses Universitaires de Frances, 1955.

⁸ Comintern ou Komintern (do alemão Kommunistische Internationale) é o termo com que se designa a Terceira Internacional ou Internacional Comunista (1919-1943).

também conheceu, na década de 1960, a sua operação Gramsci. Carlos Nelson Coutinho (2009), lembrando da importância de Gramsci para o pensamento político e pedagógico brasileiro, afirma que a primeira recepção do pensamento gramsciano no país, assim como já havia acontecido na Itália⁹, se deu sob a influência do Partido Comunista Brasileiro (PCB). Rosemary Dore Soares (2000) e Anita Helena Schlesener (2001) também afirmam que a primeira recepção de Gramsci no Brasil ocorreu, exclusivamente, sob a influência do PCB, bem como, se deu marcada pelos fatos que ocorreram na década de 1960, entre os quais destacam, o advento da ditadura militar, a guerra fria e as denúncias contra o stalinismo a nível internacional.

Em um debate iniciado na década de 1990, o qual adentrou-se pelo século XXI, alguns estudiosos e comentadores do pensamento gramsciano, tais como: Edmundo Fernandes Dias (1996), Rosemary Dore Soares (2000) e Carlos Eduardo Vieira (2003) afirmam que foi problemático o modo como o PCB recepcionou o pensamento de Gramsci. Neste sentido, ainda destacam como os educadores brasileiros receberam este pensador, evidenciando o papel da PUC/São Paulo, da UNICAMP e da Universidade Federal de São Carlos.

Assim, o debate iniciado na Europa referente a possíveis ajustes ou deturpações do pensamento gramsciano, também chegou ao Brasil. Por exemplo, Edmundo Fernandes Dias, em 1996, publicou a obra *O Outro Gramsci*, na qual afirma que o conceito político-pedagógico de hegemonia cultural teria sido negligenciado no Brasil, priorizando as interpretações e as leituras favoráveis às orientações política do PCB e posteriormente, de outros setores da esquerda brasileira.

A publicação das obras de Gramsci na Itália entre as décadas de 1940-1960 encontra-se diretamente relacionada com a recepção de Gramsci no Brasil (DIAS, 1996). No Brasil ainda não existe uma edição revista e ampliada das Cartas do Cárcere de Gramsci. A edição brasileira corresponde ainda a edição togliattiana das Cartas do Cárcere publicadas em 1947. O ingresso de Gramsci no Brasil se deu através de uma coletânea de Cartas selecionadas por Togliatti e uma edição temática dos Cadernos do Cárcere. A edição da Civilização Brasileira dos Cadernos do Cárcere, embora não seja temática, como a edição togliattiana, também não é a edição crítica e cronológica publicada em 1975 em língua italiana. Na nova edição brasileira dos Cadernos do Cárcere foram publicados apenas os chamados Cadernos

⁹ Influência do PCI.

Especiais¹⁰ de Gramsci e não os Cadernos designados como Miscelâneos¹¹. Na edição Brasileira dos Cadernos, em 06 volumes, no final dos Cadernos Especiais foram acrescentados os textos dos Cadernos Miscelâneos. Exemplo: ao final do Caderno Especial 12, que trata dos Intelectuais e da Escola, foram acrescentados os textos dos Cadernos Miscelâneos que tratam dos intelectuais e da escola.

Diante do exposto compreende-se que um estudo histórico sobre possíveis deturpações de Togliatti às obras de Gramsci serve como instrumento para posteriores reflexões sobre o modo como as categorias político-pedagógicas gramscianas foram recepcionadas no Brasil e têm influenciado o debate pedagógico no país.

Neste sentido, a pesquisa tem como objetivo geral analisar a gênese, a produção das categorias político-pedagógicas gramscianas, no seu processo histórico-político, bem como a posterior divulgação e a publicação das obras de Gramsci realizadas por Togliatti, para verificar se estedeturpou o pensamento gramsciano, principalmente no que se refere às supramencionadas categorias político-pedagógicas. Para realizar esta análise, em seu processo histórico-político, a pesquisa analisa as diferentes relações que permearam a vida pública e política de Gramsci: sua aproximação e distanciamento para com Togliatti, sua relação com os membros do PCI e sua vida no cárcere. Da mesma forma, busca-se entender como Togliatti tornou-se curador da produção literária de Gramsci, como cuidou das publicações, suas opções na seleção dos textos, formas de publicações e as razões políticas e sociais aventadas por ele e por outros no decorrer do processo.

A metodologia utilizada consistirá em uma pesquisa bibliográfica, em que, explorando os dados e fatos do contexto histórico da época, busca-se compreender a relação entre Gramsci e Togliatti, bem como o trabalho de Togliatti sobre as obras de Gramsci. Nestes aspectos, no que diz respeito ao desenvolvimento no tempo, a pesquisa abrangerá o contexto histórico-político italiano e europeu da primeira metade do século XX ao passo em que busca responder algumas questões referentes ao pensamento político-pedagógico de Gramsci.

Para refletir sobre os possíveis ajustes ou distorções de Togliatti ao

¹⁰ Cadernos nos quais Gramsci discorre sobre temas específicos: Escola, cultura, jornalismo, política.

¹¹ Cadernos Miscelâneos são aqueles nos quais Gramsci, em um mesmo Caderno, abordou diferentes temas.

pensamento gramsciano, mais do que analisar a conturbada relação entre os dois principais expoentes do comunismo italiano, urge considerar os acontecimentos históricos que marcavam a Itália, a Rússia e parte da Europa Ocidental na época. Assim, a pesquisa utiliza-se de textos de estudiosos e comentadores das temáticas pertinentes ao estudo. Em um movimento dialético, o fascismo, o nazismo, o comunismo, a III Internacional Comunista, o PCI, as duas guerras mundiais e a guerra fria, serão considerados como elementos sociais que direcionaram politicamente seja a produção seja a divulgação/publicação das obras gramscianas. Da mesma forma, os fatos acima elencados influenciaram a recepção das concepções político-pedagógicas de Gramsci no Brasil.

Na busca pela reconstrução da divulgação do pensamento gramsciano, utiliza-se como fonte, preferencialmente a correspondência entre os principais personagens envolvidos na posse e, posteriormente, na edição dos textos gramscianos. Para a realização desta incumbência são imprescindíveis, além dos escritos do próprio Gramsci, as cartas de Tatiana Schucht (SCHUCHT, 1991), Piero Srafa (SRAFA, 1991), Palmiro Togliatti (TOGLIATTI, 2014) e os diversos editores que gradativamente se envolveram na operação de publicação póstuma das obras de Gramsci (DANIELE, 2005).

A pesquisa também utilizará as coletâneas de cartas organizadas por Antonio Gramsci Junior¹² nas obras *Storia di una famiglia rivoluzionaria. Antonio Gramsci e gli Schucht tra la Russia e l'Italia* (GRAMSCI JUNIOR 2014) e *I miei noni nella rivoluzione: Gli Schucht e Gramsci* (GRAMSCI JUNIOR, 2010). Estas obras contêm inéditas cartas trocadas entre os membros da família Schucht e destes com as autoridades russas no período correspondente ao encarceramento de Gramsci, além de testemunhos baseados nas recordações pessoais das irmãs Schucht: Tatiana, Giulia e Eugenia.

Ao dar preferência as categorias político-pedagógicas de Gramsci, a pesquisa utilizará o conteúdo das duas edições das Cartas do Cárcere, mas usará, preferencialmente, passagens dos Cadernos do Cárcere que tratam das referidas categorias e foram escritas no mesmo período das Cartas. Utilizando o Caderno 8 serão abordadas as categorias de sociedade civil e guerra de posição. No Caderno 10 encontram-se as categorias de hegemonia cultural, política e econômica. No

¹² Filho de Giuliano Gramsci e neto de Antonio Gramsci.

pensamento gramsciano, a escola se enquadra dentro do contexto da hegemonia cultural conquistada na superestrutura da sociedade civil e é entendida como condição de possibilidade da hegemonia política.

No propósito de verificar em que consistiu a interferência de Togliatti sobre as obras de Gramsci, o estudo abordará as relações entre os dois principais expoentes do PCI como momentos imprescindíveis na busca de uma resposta para a pergunta/problema. Por este motivo, em um primeiro momento, serão destacadas a ação teórica e política de Gramsci que conduziram a ruptura entre ele e Togliatti em 1926, motivada pelas críticas do filósofo sardo às posições da maioria stalinista¹³. Também, pontua-se alguns tópicos sobre o conflito entre Gramsci e seus companheiros de prisão em Turi, devido ao tema da Constituinte¹⁴. Neste interim, busca-se compreender o processo de fundação do PCI, a realização do III Congresso de Lião em 1926¹⁵, bem como, buscar informações sobre outros temas relevantes, tais como o advento e a queda do fascismo, o embate entre Stalin e Trotsky, os anos do terror, a dimensão política da filosofia de Croce¹⁶, a Reforma Gentile e a composição política na Itália a partir da segunda metade da década de 1940.

Para compreender, o trabalho de Togliatti em relação as obras de Gramsci, com base na história da publicação das obras gramscianas e dos desdobramentos da operação Gramsci na Itália, entre as décadas de 1940 e 1960, a última seção da pesquisa abordará o modo como Togliatti se tornou editor das obras de Gramsci, verificar quais foram seus projetos políticos e refletir sobre a interferência ou não de questões pessoais sobre a organização e publicação das obras. Neste sentido, pretende-se compreender porque, na segunda metade da década de 1940, ele não publicou a totalidade das Cartas e omitiu alguns textos, embora pequenos, dos

¹³ Um mês antes de sua prisão, Gramsci estabeleceu com Togliatti, então representante do partido em Moscou, uma correspondência na qual fez críticas à política nacional e, principalmente internacional de Stalin. Togliatti defendeu a posição da maioria stalinista e não fez a leitura da carta, como desejava Gramsci na reunião do Comitê do Partido Comunista Russo (DANIELE, 2005).

¹⁴ Na prisão em Turi, Gramsci foi encarregado de dar formação política aos companheiros comunistas com ele detidos. Nas suas exposições defendeu a unidade de todos os grupos políticos contrários ao facismo em torno da Constituinte. O PCI, enfraquecido seria incapaz de fazer uma revolução imediata. Os companheiros de Turi reagiram energicamente e chegaram a defender a expulsão de Gramsci do partido. As informações chegaram a Togliatti que embora crítico das posições de Gramsci foi contrário à sua expulsão (VACCA, 2003).

¹⁵ Congresso no qual as teses de Gramsci referentes a necessidade de uma revolução cultural alcançam a aprovação de 90% derrotando as teses radicais de Amadeo Bordiga. Gramsci fez críticas à indecisão de Togliatti que somente teria apoiado as teses quando percebeu que seriam vitoriosas, (GRAMSCI, 2008).

¹⁶ Benedetto Croce (1866-1952) foi um filósofo idealista italiano. Nas suas obras, Gramsci realizou um crítico diálogo com as posições filosóficas e políticas de Croce.

Cadernos do Cárcere e não os publicou assim como saíram das mãos de Gramsci, preferindo uma edição temática.

Neste aspecto, a pesquisa trabalha com a hipótese de que Togliatti não distorceu as ideias de Gramsci e nem mesmo as ajustou, mas tratou-se de uma organização adequada ao conturbado contexto. Nas décadas de 1930 e 1940, o stalinismo radicalizou a tese da imediata conquista do poder através da revolução, inclusive na Itália de Mussolini. Com o final da II Guerra Mundial e a derrocada do fascismo, o cenário político italiano e internacional passou por grandes transformações. Togliatti regressou à Itália e compôs, primeiro com Ivanoe Bonami e depois com Alcide De Gasperi¹⁷, um governo de coalizão nacional que incluía todas as forças antifascistas (BOCCA, 2005).

Desta forma, as categorias político-pedagógicas, as quais foram anteriormente objetos de severas críticas, são assumidas como próprias por Togliatti, que omitindo, nas primeiras edições das Cartas, a ruptura de 1926 e as suspeitas de Gramsci, apresentou-se nos ambientes comunistas italianos como o continuador do pensamento gramsciano. Em um processo denominado pelos críticos como mito da continuidade Gramsci-Togliatti ou operação Gramsci, as categorias político-pedagógicas gramscianas de hegemonia, revolução cultural, revolução passiva e guerra de posição são assumidas por Togliatti e aplicadas a nova conjuntura política italiana, na qual o PCI participou de um governo de coalizão com os católicos de Alcide De Gasperi (BOCCA, 2005). A proposta gramsciana da Constituinte, que gerou sua quase expulsão do partido no cárcere de Turi, triunfou nas práticas políticas de Togliatti após a guerra.

¹⁷ Político italiano, fundador do partido católico denominado *Democrazia Cristiana*, primeiro ministro e depois presidente italiano nas décadas de 1940 e 1950.

2. AS CATEGORIAS GRAMSCIANAS E AS NOVAS PERSPECTIVAS DE TRANSFORMAÇÃO SOCIAL

Conforme anunciado na primeira seção, a pesquisa tem o objetivo de analisar o processo de produção e divulgação das categorias político-pedagógicas gramscianas. Por este motivo, antes de discorrer sobre a relação entre Gramsci e Togliatti, busca-se discorrer sobre o significado de tais categorias, ou melhor, da categoria político-pedagógica como aquela que contém todas as demais. Neste aspecto, a seção se subdivide em duas grandes temáticas. Primeiramente, discorre-se sobre o conceito de político-pedagógico em Gramsci e, posteriormente, as diferenças entre estas e as concepções político-pedagógicas da III Internacional comunista.

As duas temáticas pontuadas nesta seção estão interligadas e a compreensão destas questões fundamentam e possibilitam a compreensão do processo de produção e de publicação do pensamento e das obras de Gramsci.

2.1 A CATEGORIA POLÍTICO-PEDAGÓGICA GRAMSCIANA: CHAVE INTERPRETATIVA DO SEU PENSAMENTO.

Para pensar sobre as categorias político-pedagógicas de Gramsci, dois aspectos devem ser considerados. O primeiro diz respeito a definição, ou seja, o que é o político-pedagógico no pensamento de Antonio Gramsci. O segundo consiste na abordagem desta na relação com as demais categorias gramscianas. O político-pedagógico e, não apenas o político, como chave de leitura ou de interpretação de todas as categorias gramscianas.

Para abordar sobre as categorias político-pedagógicas gramscianas, utiliza-se como referências, preferencialmente os escritos do autor, em modo especial, os Cadernos do Cárcere. Serão utilizadas, também obras de estudiosos e comentadores de Gramsci, particularmente, as bibliografias abaixo elencadas: *Antonio Gramsci e l'educazione come egemonia* publicada por Angelo Broccoli em 1972; *Il concetto di egemonia in Gramsci* publicada por Luciano Gruppi em 1972; *Egemonia e pedagogia nel pensiero di A. Gramsci* publicada por Giovanni Urbani em 1967 e *Egemonia e pedagogia. una crítica delle interpretazione de Gramsci* publicada por Massimo Baldacci em 2016. A escolha por estas obras se justifica pelo seguinte motivo. As três

primieras obras encontram-se relacionadas ao Convênio de Cagliari no final da década de 1960 e início da década de 1970, o qual esteve completamente voltado para as relações entre política (hegemonia) e pedagogia no pensamento de Gramsci. A última obra, publicada em 2016, faz uma análise crítica das publicações relativas ao Convênio de Cagliari.

Nas últimas décadas, conforme supracitado, o interesse pelas relações entre política e pedagogia nos escritos de Gramsci se acentuou e levou a produção de uma abundante bibliografia. Manacorda (1966), Urbani (1967), Gruppi (1967, Lombardo Radici (1968), Broccoli (1972), Luperini (1974), Semeraro (1999), Nosela (2004) e Schlesener, (2009 e 2016) são algumas das obras que abordam em língua italiana ou portuguesa a complexidade das relações entre o político e o pedagógico no pensamento de Antonio Gramsci.

Diante desta vastíssima e igualmente riquíssima bibliografia sobre o tema, parece soar irrelevante uma nova abordagem do mesmo. Todavia, a pertinência da pesquisa, no início da segunda seção deste trabalho, é justificada pelo fato de propor uma chave de leitura, senão nova, ao menos pouco utilizada: a compreensão de que todas as categorias gramscianas podem ser compreendidas a partir da categoria político-pedagógica.

Esta nova, ou pouco utilizada, chave de leitura e interpretação do pensamento gramsciano, a partir da categoria político-pedagógico, foi possibilitada pela leitura das obras de Anita Helena Schlesener e Giovanni Semeraro. Nas obras *Hegemonia e cultura. Gramsci* (1992) e *Revolução e cultura em Gramsci* (2002), Schlesener discorre sobre a complexidade das relações entre o político e o pedagógico, os quais permeiam a totalidade do pensamento gramsciano e não se reduzem a uma interpretação simplificada do pedagógico como mero instrumento do político. Giovanni Semeraro, em um artigo intitulado *Filosofia da práxis e as práticas político-pedagógicas populares*, publicado em 2014, afirma que para Gramsci, a filosofia da práxis se diferencia das demais filosofias, acima de tudo por ser construída na práxis político-pedagógica das classes populares. A política, embora central e elemento aglutinador no pensamento de Gramsci, não diminui nem subordina o papel das outras esferas: a filosofia, a história, a economia, a cultura e a educação (SEMERARO, 2014).

Antecipadamente destaca-se que a conceituação das categorias político-pedagógicas de Gramsci envolve um complexo de entendimentos sobre as

perspectivas do autor sobre o movimento histórico e como os homens, por intermédio de suas instituições, consciências e decisões políticas podem atuar para manter ou transformar a sociedade. Neste sentido, a categoria em questão não é um conceito isolado. Ao contrário, ela envolve outras categorias do pensamento gramsciano, tais como: hegemonia, bloco histórico, Estado, sociedade civil e guerra de posição e etc. Deste modo, a conceitualização desta categoria serve como instrumento de elucidação para a compreensão das demais categorias que perpassam os escritos de Gramsci e impreterivelmente serão constantemente mencionadas nesta pesquisa.

Neste sentido, concordando com Anita Helena Schlesener e Giovanni Semeraro, parte-se do pressuposto que todas as categorias gramscianas podem ser compreendidas a partir da categoria político-pedagógica. Schlesener, por exemplo, nas obras: *Hegemonia e cultura: Gramsci* (1992) e *Revolução e cultura em Gramsci* (2002), discorre sobre a complexidade das relações entre o político e o pedagógico, os quais permeiam a totalidade do pensamento gramsciano e não se reduzem a uma interpretação simplificada do pedagógico como mero instrumento do político.

Da mesma forma, Giovanni Semeraro, em um artigo intitulado *Filosofia da práxis e as práticas político-pedagógicas populares*, publicado em 2014, afirma que para Gramsci, a filosofia da práxis se diferencia das demais filosofias, principalmente por ser construída na práxis político-pedagógica das classes populares. No mesmo sentido, ainda argumenta que a política, embora central no pensamento de Gramsci, não diminui nem subordina o papel das outras esferas: a filosofia, a história, a economia, a cultura e a educação (SEMERARO, 2014).

No que se refere à definição do conceito, ao pesquisar sobre, observou-se que nos estudos sobre Gramsci, inclusive aqueles que abordam longamente as relações entre política e pedagogia, não há uma definição precisa da categoria político-pedagógica. O *Dizionario Gramsciano 1926-1937*, organizado por Guido Liguori e Pasquale Voza, traduzido para o português em 2017 com o título *Dicionário Gramsciano 1926-1937*, apresenta os temas em verbetes separados: pedagogia e política.

No verbete sobre a política, a palavra pedagogia não é mencionada. O verbete sobre pedagogia contém referências à algumas passagens dos Cadernos 10 e 11, nas quais Gramsci expõe um percurso pedagógico capaz de conduzir os homens a uma concepção superior da vida, possibilitando o progresso intelectual da massa e não apenas de pequenos grupos de intelectuais. Entretanto, o verbete se concentra

nas concepções pedagógicas da espontaneidade¹⁸ e da direção consciente¹⁹ utilizadas no ambiente escolar. Apenas ao final, utilizando-se de uma passagem do Cardena 10 de Gramsci, os autores afirmam que toda relação de hegemonia (política) é uma relação pedagógica e, também destacam que as relações pedagógicas não se limitam às relações escolares, mas permeiam a sociedade no seu conjunto (LIGUORI; VOZA, 2017).

Tais definições não são errôneas, mas insuficientes. A tese de que o pedagógico seria um instrumento do político, exige refletir sobre a formação cultural no processo histórico-social. No caso, a pedagogia seria um instrumento do processo de construção da hegemonia (política), cujos agentes seriam os intelectuais orgânicos, que no contato com a massa formariam e seriam formados, possibilitando a superação do folclore ou do senso comum, levando os homens a alcançarem a concepção de mundo que lhes é própria²⁰.

Gramsci buscou organizar um ação educativa que fosse capaz de produzir alterações na estrutura político-econômica da sociedade. Por este motivo, a dimensão pedagógica ocupa uma posição proeminente na sua reflexão sobre a transformação social. Na sua concepção, uma reforma intelectual e moral seria essencial para a construção da hegemonia (política) popular. Segundo Silva (2010), todos os conceitos e as formulações que Gramsci desenvolve se encontram na perspectiva da transformação da ordem social existente. No caso, é primordial compreender a intrínseca relação entre o âmbito da pedagogia e da política, uma vez, que para Gramsci, a transformação social passa necessariamente pela questão pedagógica. A pedagogia como dimensão inseparável da política possibilita a formação de um novo homem, autônomo, crítico e capaz de estabelecer novas relações e as condições necessárias para uma nova ordem não mais moderada pelas desigualdades sociais (SILVA, 2010).

Neste sentido, na perspectiva da transformação social, Gramsci pressupõe que

¹⁸ Concepção defendida por Rosseau no seu Emilio e pela Escola Nova, a qual enfatiza a necessidade de deixar livre, sob a vigilância, mas não sob controle evidente do mestre, o desenvolvimento das faculdades espontâneas do discípulo ou estudante (LIGUORI; VAZA, 2017).

¹⁹ Concepção pedagógica segundo a qual, o mestre exerce a função de direção crítica no processo de ensino-aprendizagem. A formação da criança não pode ser deixada ao acaso das impressões do ambiente e aos encontros fortuitos. O homem é o resultado de uma formação histórica obtida, inclusive com a coerção, ou seja, não apenas adaptação ao meio, mas também esforço para transformá-lo (LIGUORI; VOZA, 2017).

²⁰ Esta compreensão, ou seja, da relações entre pedagogia e política encontram-se presente nas obras de Broccoli (1972), Gruppi (1967), Urbani (1967), Manacorda (1970) e Baldacci (2016).

a dimensão pedagógica passa necessariamente pela dimensão política. Não é possível tratar da pedagogia fora das relações políticas ou que não esteja por estas orientada. Deste modo, Silvia Nanni (2017) afirma que o pensamento gramsciano apresenta um complexo nexos entre pedagogia e política. Assim, destaca que para refletir sobre o pensamento gramsciano, é necessário evidenciar que a pedagogia é uma dimensão imanente da política, mas também, a política é uma dimensão imanente da pedagogia.

Neste aspecto, a política é sempre pedagógica na medida em que se constitui como formas de pensamentos que se materializam na relação com os outros. Sendo assim, uma concepção política, carrega concepções de sociedade na sua forma de produzir e de se relacionar, o que implica pensar também em concepções de homem, de conhecimento e de desenvolvimento sócio-intelectual. Então, envolve pensar as práticas sociais como atos pedagógicos. Deste modo, o agir politicamente se apoia sempre em uma prospecção de ideias e de projetos, o que implica os fatores morais e educacionais.

Por outro lado, a opção pedagógica necessita ser compreendida como um desafio político, na medida em que, por sua própria natureza, a pedagogia não é neutra, mas conota uma posição política no ordenamento político-econômico. Desta forma, não existem concepções pedagógicas politicamente neutras, todas elas se encontram permeadas por interesses diversos que sustentam ou se opõem à prática social. Refletindo sobre, Nanni (2017) destaca que para Gramsci, tomar posição em pedagogia significa realizar um papel político que se torna operativo através de propostas eficazes na solução dos problemas relacionados à formação humana, em modo especial das massas populares, que através de um projeto político-pedagógico alcançam uma nova concepção de mundo.

Sobre esta questão, a afirmação de Gramsci (1977, p. 1331) de que “toda relação de hegemonia é necessariamente uma relação pedagógica”²¹, contida no Caderno 10, pode ser esclarecedora, na medida que aponta a relação intrínseca entre o político e o pedagógico. Assim, a categoria-político-pedagógica contém todas as demais categorias, as quais envolvem entendimentos sobre o processo histórico-social, as organizações sociais (institucionais ou não), formas educativas (formais, informais e espontâneas) e, conseqüentemente, formas de lutas políticas entre

²¹ Ogni rapporto di egemonia è necessariamente un rapporto pedagogico (Tradução nossa).

interesses diversos. No caso, a categoria-político-pedagógica é o que Gramsci denominou como filosofia da práxis, ou seja, atividade teórico e prática voltada para a transformação social. Nesta perspectiva, trata-se de uma totalidade. Neste sentido, cita-se a nota 44 do Caderno 10, a qual tem como título: Introdução ao estudo da filosofia:

Afirma-se a filosofia como concepção de mundo e a obra filosófica não concebida mais (somente) como elaboração individual de conceitos sistematicamente coerentes, mas, principalmente e especialmente como luta cultural para transformar a mentalidade popular e difundir as inovações filosóficas que se demonstraram historicamente verdadeiras (GRAMSCI, 1977, p. 1330)²².

A filosofia é identificada por Gramsci como uma concepção de mundo, sendo assim, não é resultante de elaborações individuais, mas se encontra inserida em um processo cultural que visa a transformação da mentalidade das massas populares. Obviamente, para Gramsci, a transformação da mentalidade não pode ser idealisticamente compreendida como um fim em si mesma. O processo de transformação das mentalidades encontra-se dialeticamente inserido no processo de transformação da sociedade. Entretanto, existem forças intencionais que buscam preservar uma determinada concepção de mundo entre a massa popular. No caso, concepção de mundo é, e sempre será, resultante de uma luta cultural. O mundo da cultura (linguagem, língua, concepções de mundo) não se desprende da luta política. Por sua vez, a luta política não se desprende, mas é perspassada pela luta cultural.

Ainda na nota 44 do Caderno 10, Gramsci afirma a importância do momento cultural na atividade prático-política, que deste modo é sempre coletiva, embora realizada por indivíduos. Os atos concretos pressupõem o alcance de uma unidade cultural-social e são resultantes de uma concepção de mundo compartilhada com outros homens (GRAMSCI, 1977).

Logo em seguida, nesta mesma nota, Gramsci afirma que a relação entre atos concretos, ambiente cultural e concepções de mundo devem ser fundamentados na moderna doutrina e prática pedagógica:

²² Il linguaggio, le lingue, il senso comune. Posta la filosofia come concezione del mondo e Poperosità filosofica non concepita più [solamente] come elaborazione individuale di concetti sistematicamente coerenti ma inoltre e specialmente come lotta culturale per trasformare la mentalità popolare e diffondere le innovazioni filosofiche che si dimostreranno storicamente vere (Tradução nossa).

Este problema pode e deve se aproximar da impostação moderna da doutrina e da prática pedagógica, segundo a qual, a relação entre mestre e estudante é uma relação ativa, de relações recíprocas e portanto todo mestre é sempre estudante e todo estudante é sempre mestre. Mas a relação pedagógica não pode ser limitada especificamente às relações escolares, pelas quais as novas gerações entram em contato com as antigas e delas absorvem as experiências e os valores historicamente necessários amadurecendo e desenvolvendo uma própria personalidade historicamente e culturalmente superior. Esta relação existe em toda a sociedade no seu complexo e para todo indivíduo na relação com outros indivíduos, entre grupos intelectuais e não intelectuais, entre governantes e governados, entre elites e seguidores, entre dirigentes e dirigidos, entre vanguardas e corpos do exército. Toda relação de hegemonia é necessariamente uma relação pedagógica e se verifica não apenas ao interno de uma nação, entre as diversas forças que a compõem, mas no inteiro corpo internacional e mundial, entre os complexos de civilização nacional e continental (GRAMSCI, 1977, 1331)²³.

Gramsci expande as relações pedagógicas para além do ambiente especificamente escolar. Neste sentido, acredita que as relações entre mestre e estudante são dinâmicas e recíprocas e, portanto, o educador também precisa ser educado (MARX, 1987). No caso, toda relação pedagógica se faz presente em um complexo social, ao passo em que exprime uma hegemonia que abarca o conjunto das diversas relações sociais. Desta forma, a política consiste na busca pela hegemonia, ao passo em que, na relação política há, necessariamente, uma relação pedagógica. Assim, quase ao final da mesma nota, Gramsci expõe que toda relação de hegemonia é necessariamente uma relação pedagógica.

Sobre as categorias político-pedagógicas de Gramsci se faz necessário mencionar, que, o Convênio de Cagliari, de 1967, o qual possui um inegável mérito ao abordar longa e profundamente o complexo tema das relações entre pedagogia e política no pensamento de Gramsci e, inclusive, na operação Gramsci, posta em prática por Togliatti a partir da difusão do pensamento e das obras de Gramsci. Todavia, os eventos históricos desencadeados pela Guerra Fria e pela crise do

²³ Questo problema può e deve essere avvicinato all'impostazione moderna della dottrina e della pratica pedagogica, secondo cui il rapporto tra maestro e scolaro è un rapporto attivo, di relazioni reciproche e pertanto ogni maestro è sempre scolaro e ogni scolaro maestro. Ma il rapporto pedagogico non può essere limitato ai rapporti specificatamente scolastici, per i quali le nuove generazioni entrano in contatto con le anziane e ne assorbono le esperienze e i valori storicamente necessari maturando e sviluppando una propria personalità storicamente e culturalmente superiore. Questo rapporto esiste in tutta la società nel suo complesso e per ogni individuo rispetto ad altri individui, tra ceti intellettuali e non intellettuali, tra governanti e governati, tra élites e seguaci, tra dirigenti e diretti, tra avanguardie e corpi di esercito. Ogni rapporto di egemonia è necessariamente un rapporto pedagogico e si verifica non solo nell'interno di una nazione, tra le diverse forze che la compongono, ma nell'intero campo internazionale e mondiale, tra complessi di civiltà nazionali e continentali (Tradução nossa).

comunismo após 1956, fizeram com que as publicações que seguiram ao Convênio interpretassem o pedagógico, no pensamento gramsciano, como um mero instrumento do político.

A obra de Giovanni Urbani, *Egemonia e pedagogia nel pensiero di A. Gramsci*, publicada em 1967, a qual considerava que para uma orgânica compreensão do pensamento de Gramsci é necessário interpretar todas as categorias à luz da categoria de hegemonia. Portanto, para Urbani (1967) também a pedagogia gramsciana somente pode ser compreendida em conexão com a central categoria da hegemonia. Para o autor, o especial interesse de Gramsci pelos problemas pedagógicos e as soluções que projeta sobre a questão escolar são incompreensíveis quando não reconduzidas ao problema político (URBANI, 1967).

Angelo Broccoli, na obra *Antonio Gramsci e l'educazione come egemonia*, referindo-se a supracitada frase da nota 44, Caderno 10, ou seja, que toda relação de hegemonia é necessariamente uma relação pedagógica, destaca que para se manter fiel ao pensamento do autor, é necessário acrescentar o “vice versa”. Desta forma toda relação pedagógica seria necessariamente uma relação de hegemonia (política) (BROCCOLI, 1972).

Desta forma, Broccoli interpreta a relação hegemônica política em um sentido dinâmico e dialético. Todavia, na citada obra, reiteiradas vezes, afirma que o pedagógico está a serviço do político. O êxito de um projeto político depende da relação pedagógica, e em particular, da relação pedagógica escolar, ou seja, entre mestre e estudante (BROCCOLI, 1972). Assim, embora defendendo o vice versa da célebre expressão de Gramsci, “a relação pedagógica é necessariamente uma relação política, Broccoli não explorou a complexidade e profundidade das recíprocas relações entre pedagogia e política. Neste sentido, ao afirmar que o êxito do político está condicionado ao pedagógico, e mais especificamente ao pedagógico escolar, o autor se aproxima de uma perigosa visão salvacionista da escola e da pedagogia.

No Brasil, a ênfase na categoria política como chave interpretativa de todas as demais categorias gramscianas transparece nos textos do eminente estudioso e tradutor das obras de Gramsci que é Carlos Nelson Coutinho. Na Introdução da obra *Gramsci um estudo sobre seu pensamento político*, Coutinho explica aos leitores que seu estudo se concentra na teoria política e, por isto, aborda apenas marginalmente muitas outras questões da reflexão gramsciana, inclusive aquela relativa à educação. Assim, o autor justifica sua escolha:

A política é o ponto focal de onde Gramsci analisa a totalidade da vida social, os problemas da cultura, da filosofia etc. E, além disso, é na esfera da teoria política - ou, de modo mais amplo, na elaboração de uma ontologia marxista da práxis política - que me parece residir a contribuição essencial de Gramsci à renovação do marxismo (COUTINHO, 1999, p. 2).

No quarto capítulo da mesma obra, Coutinho afirma que como Marx e Engels já haviam feito a análise econômica, Gramsci se concentrou no desenvolvimento propriamente político da teoria marxista, os quais haviam sido abordados superficialmente pelo economicismo da II Internacional Comunista e também pelos stalinistas. Segundo Coutinho, a concentração gramsciana no político significa ver todas as esferas da vida social a partir de sua relação com a política. Assim, tudo é política: a cultura, a filosofia e a práxis em geral (COUTINHO, 1999).

A pesquisa não pretende negar as afirmações de Urbani, Broccoli e Coutinho de que a política relaciona-se com o conjunto da vida social e que todas as atividades que dizem respeito ao homem encontram-se intrinsecamente conectadas à dimensão política. Todavia, a pesquisa não compartilha a hipótese de que, no pensamento gramsciano, todas as dimensões da vida e da práxis social devem compreendidas a partir do que seria uma “categoria pura”: a política. Como afirmam Semeraro (2014) e Schlesener (1992) política e pedagogia (cultura) são compreendidas, por Gramsci, em uma articulação dialética de mútuas ou recíprocas relações e influências. Não existe para Gramsci política sem pedagogia e nem pedagogia sem política.

Giovanni Semeraro, na obra *Gramsci e a sociedade civil. Cultura e educação para a democracia*, publicada em 1999, embora afirmando as intrínsecas relações entre o político e o pedagógico, em algumas páginas, enfatiza unilateralmente o aspecto político como objetivo último de toda relação pedagógica (SEMERARO, 1999). Em obras posteriores, em modo especial no artigo *Filosofia da práxis e as práticas político-pedagógicas populares*, publicado em 2014, Semeraro evidencia as recíprocas relações e as mútuas influências entre pedagogia e política. Para Semeraro, Gramsci realizou uma revolução copernicana na filosofia²⁴ na medida em partindo da realidade e do desenvolvimento dos grupos sociais subalternos, ampliou enormemente o próprio conceito de proletariado. A atenção de Gramsci não se

²⁴ O sistema copernicano demonstrou que não era a terra o centro do universo, mas sim o sol. A expressão revolução copernicana na filosofia é comumente atribuída a teoria do conhecimento de Immanuel Kant, a qual, antes de tratar do objeto do conhecimento se questiona sobre as possibilidades do sujeito que conhece.

restringe ao mundo da fábrica e das organizações dos operários, mas se estende à realidade social das regiões marginalizadas, às condições dos camponeses, à cultura, à literatura, ao teatro e ao romance popular, às diversas formas de educação e ao espírito popular criativo. Assim, a filosofia se torna histórica, se depura dos elementos intelectualistas de natureza individual e se faz vida (SEMERARO, 2014).

Segundo Semeraro (2014), Gramsci não cansa de repetir que a filosofia deve passar a ser política e prática, caso contrário deixará de ser filosofia, pois não conjugará as relações entre prática e teoria. “Deve existir uma dialética e inseparável relação entre uma filosofia que é política e uma política que é filosofia” (SEMERARO, 2014, p. 140).

Desta forma, segundo Semeraro (2014), em Gramsci, a filosofia e a política encontram-se profunda e intimamente relacionadas à educação e à pedagogia. O Caderno 12, que aborda a questão pedagógica, forma um todo unitário com os Cadernos especiais 10, 11 e 13, os quais tratam da política e da filosofia, portanto, não devem ser dissociados²⁵.

A política, mesmo sendo um elemento aglutinador no pensamento de Gramsci não diminui nem subordina a função da filosofia, da história, da cultura e da pedagogia. Os escritos gramscianos elucidam não somente uma acentuada marca política, mas igualmente uma conotação profundamente paidética. Uma paidéia que visa estabelecer uma dialética relação pedagógica entre a realidade sociopolítica e o processo de ensino aprendizagem, o qual ultrapassa os limites específicos da escola (SEMERARO, 2014).

Ao afirmar que a política corresponde no pensamento de Gramsci ao elemento aglutinador das demais esferas (cultural, pedagógica, filosófica), Semeraro abre margens para a valorização da política. Sem desvalorizar as análises conduzidas pelo autor, destaca-se que no pensamento gramsciano é impossível tratar do político sem o pedagógico e nem do pedagógico sem o político. Desta forma, a categoria gramsciana aglutinadora seria a político-pedagógica. Neste sentido, Giovanni Semeraro, no conjunto de seu artigo publicado em 2014, traz notáveis contribuições para a superação de interpretações redutivas da pedagogia. Neste sentido, suas contribuições, juntamente com as de Schlesener, constribem na defesa de que a categoria político-pedagógica pode ser entendida como chave interpretativa das

²⁵ Os Cadernos foram escritos no memso período.

demais categorias gramscianas.

Anita Helena Schlesener, na conclusão da obra *Hegemonia e cultura: Gramsci*, publicada em 1992, enfatiza a reciprocidade entre o político e o ideológico e a dinâmica relação entre o econômico, o político e o cultural no pensamento gramsciano:

O conceito de hegemonia gramsciano, fundado na análise do bloco histórico e articulado à noção de Estado ampliado, permite aprofundar a reciprocidade e organicidade entre o econômico-social e o político-ideológico e compreender o papel assumido pela cultura nos tempos modernos. A sociedade se tornou mais complexa e organizada e as crises econômicas não são um fator preponderante no desencadeamento da revolução. O que existe é uma reciprocidade entre estrutura e superestrutura, uma determinação recíproca, uma relação dinâmica entre o econômico, o político e o cultural, e a práxis se caracteriza como luta, correlação de forças, cambiantes, sempre em movimento (SCHLESENER, 1992, p. 94)²⁶.

Na passagem, Schlesener não utiliza diretamente o termo pedagógico. Todavia, o texto citado, ao enfatizar a reciprocidade das relações entre o econômico, o político e o cultural, contrapõe-se as interpretações do pensamento gramsciano nas quais o cultural ou pedagógico são reduzidos a instrumentos do político.

Na mesma página, a autora novamente aborda a temática: “a renovação econômica, social e política articula-se com a criação de uma nova cultura, um novo modo de pensar e agir: a hegemonia assume um aspecto político-cultural” (SCHLESENER, 1992, p. 94). O uso do termo articulação ao abordar as relações entre o político e o cultural (pedagógico)²⁷ exclui a possibilidade de uma procedência ou de um domínio de um aspecto sobre o outro. O cultural (pedagógico) não precede o econômico-político e vice versa. Cultural e econômico-político se articulam dialéticamente. Algumas linhas a frente, Schlesener, abordando a função dos intelectuais, afirma: “a história dos intelectuais liga-se à história da cultura, porque

²⁶ A tese de que as “crises econômicas não são um fator preponderante no desencadeamento da revolução” é importante de ser grifada, visto que, Engels, na introdução de 1895 ao livro “*As lutas de classes na França de 1848 a 1850*”, destaca que “a crise do comércio mundial, ocorrida em 1847, fora a verdadeira mãe das revoluções, aliás, tese que se assemelha ao que Marx afirma ao analisar as lutas de classes na França. Entretanto, no *18 de brumário* e no *O capital*, Marx ressalta que a crise e a possibilidade de superação da sociedade se constitui no interior do sistema. Sobre o tema consultar: FAVORETO (2008).

²⁷ A equivalência entre o cultural e o pedagógico encontra respaldo em diversas passagens das obras de Gramsci, em modo especial, na supracitada nota 44 do Caderno 10. As relações pedagógicas ultrapassam o âmbito específico da escola e atingem o complexo das relações sociais. Neste sentido, a cultura dominante não é resultante do acaso, mas de uma pedagogia aplicada pelas classes dominantes para a difusão de sua concepção de mundo e para a manutenção do domínio econômico-político. Do mesmo modo, a cultura proletária será resultante de uma pedagogia aplicada pelos intelectuais orgânicos das classes subalternas em um trabalho realizado junto às próprias massas.

econômico, político e cultural formam um todo orgânico” (SCHLESENER, 1992, p. 94).

A partir deste pressuposto, ou seja, de que a categoria central no pensamento de Gramsci é a político-pedagógica e não apenas a categoria política, busca-se analisar o pensamento de Gramsci. Neste sentido, para além da já supramencionada nota 44 do Caderno 10, outros textos serão visto. Todavia, os demais textos serão continuamente confrontados com a referida nota, em modo especial com a célebre expressão gramsciana: toda relação de hegemonia é necessariamente uma relação pedagógica.

Essa afirmação de Gramsci demonstra que para ele a pedagogia encontra-se inserida na política, bem como, é impossível pensar a política como uma categoria pura, sendo ela também, pedagógica, cultural, econômica e etc.

Na nota 31 do Caderno 10, Gramsci faz uma crítica à filosofia teórica-idealista de Benedetto Croce, defendendo que por historicidade da filosofia deve ser entendida a sua praticidade. Isto, continua Gramsci, não significa suprimir a filosofia dentro da atividade, o que negaria a unidade dialética entre prática e teoria. Uma filosofia da práxis significa que na atividade prática se manifesta o conhecimento filosófico. Aliás, somente na relação com a atividade prática existe conhecimento filosófico e não mero escolasticismo. Por isto, afirma Gramsci, a especificidade da filosofia da práxis consiste em ser uma concepção da massa, uma cultura da massa que opera unitariamente. Isto significa ter normas de conduta e ação universais não apenas na ideia, mas também enraizadas e atuantes na realidade social (GRAMSCI, 1977).

O pressuposto que existe uma articulação dialética entre prática e teoria, tal como transparece na nota 31 do caderno 10, permite afirmar com mais segurança a unidade dialética entre o político e o pedagógico. Não existe ideia sem prática, afirma Gramsci se contrapondo a Croce. Todavia, não existe prática sem teoria. Todos os homens são intelectuais, afirma Gramsci na nota 3 do Caderno 12. Toda atividade prática contém uma intelectualidade (GRAMSCI, 1977).

Na longa nota 41 do Caderno 11, reiteradas vezes, Gramsci aborda as complexas relações entre prática e teoria, entre prática política (que contém a teoria) e ideologia política (escolasticismo). Gramsci escreve em oposição ao que chama materialismo vulgar e a interpretação vulgar que Croce fazia da filosofia da práxis:

Para a filosofia da práxis as ideologias não são arbitrárias; mas ao contrário são fatos históricos concretos, as quais devem ser

combatidas e desveladas enquanto instrumentos de domínio e não por razões de moralidade etc., mas pelas próprias razões da luta política: para tornar intelectualmente independentes os governados dos governantes, para destruir uma hegemonia e criar outra, como momento necessário da reversão da práxis. Parece que a interpretação materialista vulgar se aproxima mais de Croce que a filosofia da práxis. Para a filosofia da práxis as superestruturas são uma realidade (ou se tornam quando não suas puras elucubrações individuais) objetiva e operante; estas afirmam explicitamente que os homens tomam conhecimento de suas posições sociais e, portanto, de suas tarefas sociais sobre o terreno da ideologia, que não é uma pequena demonstração da realidade; a própria filosofia da práxis é uma superestrutura²⁸, o terreno no qual determinados grupos sociais tomam consciência do próprio ser social, da própria força, dos próprios deveres e do próprio devir (GRAMSCI, 1977, p. 1319)²⁹.

Na filosofia da práxis, as ideologias são as superestruturas, que uma vez construídas a partir de e em conexão com as estruturas, ou seja com a realidade material-econômica, possibilitam aos homens o conhecimento e a transformação desta mesma estrutura material. O conceito gramsciano de superestrutura supera o especificamente político e atinge o vastíssimo mundo da ciência, da cultura, da linguagem e etc. (GRAMSCI, 1977). Assim grifa-se que a superestrutura se expressa como uma realidade, na medida em que direciona a atividade prática, ou seja, é pressuposto teórico que direciona as tomadas de decisão individuais e coletivas, sendo também fator de julgamento da realidade. Neste aspecto, a superestrutura relativa a pedagogia (cultura, educação) é essencial, visto que volta-se a consciência da forma de pensar e teorizar.

O uso do vocábulo no plural, superestruturas e não o singular superestrutura,

²⁸ Em Gramsci o termo superestrutura traduz a expressão alemã *Überbau* empregada por Marx. Para Gramsci, assim como para Marx, a estrutura corresponde à base real, ou seja, material e econômica sobre a qual se ergue a superestrutura: a política, o direito a filosofia e, em especial para Gramsci, o mundo da cultura. Gramsci combate a interpretação crociana de Marx, segundo a qual, as superestruturas (Gramsci usa o termo preferencialmente no plural) seriam aparência e ilusão. Segundo Gramsci, Marx não poderia pensar as superestruturas como aparência e ilusão pois as doutrinas marxistas também são superestruturas (GRAMSCI, 1977). Para Gramsci, quando Marx fala da educação do educador está afirmando que a superestrutura também reage dialeticamente sobre o a estrutura e a modifica (GRAMSCI, 1977).

²⁹ Per la filosofia della praxis le ideologie sono tutt'altro che arbitrarie; esse sono fatti storici reali, che occorre combattere e svelare nella loro natura di strumenti di dominio non per ragioni di moralità ecc. ma proprio per ragioni di lotta politica: per rendere intellettualmente indipendenti i governati dai governanti, per distruggere un'egemonia e crearne un'altra, come momento necessario del rovesciamento della praxis. Pare che all'interpretazione materialistica volgare si avvicini più il Croce che la filosofia della praxis. Per la filosofia della praxis le superstrutture sono una realtà (o lo diventano, quando non sono pure elucubrazioni individuali) oggettiva ed operante; essa afferma esplicitamente che gli uomini prendono conoscenza della loro posizione sociale e quindi dei loro compiti sul terreno delle ideologie, ciò che non è piccola affermazione di realtà; la stessa filosofia della praxis è una superstruttura, è il terreno in cui determinati gruppi sociali prendono coscienza del proprio essere sociale, della propria forza, dei propri compiti, del proprio divenire (Tradução nossa).

significa que em Gramsci, a mesma articulação dialética que ocorre entre a estrutura econômica-material e as superestruturas acontece no campo das relações entre as superestruturas da política e da pedagogia (cultura, educação). A relação dialética entre as superestruturas é elucidada por Gramsci na nota 34 do Caderno 3. Ao final da nota Gramsci escreve: “mas esta redução à economia e à política significa de fato uma redução das superestruturas mais elevadas à aquelas mais próximas da estrutura, isto é possibilidade (e necessidade da formação de uma nova cultura” (GRAMSCI, 1977, p. 312).

A citação, se analisada isoladamente e não como parte de uma longa nota, parece confusa e passível de equivocadas interpretações: a redução das superestruturas mais elevadas àquelas mais próximas da estrutura (a política na sua dialética relação com a economia) abriria à possibilidade e necessidade da formação de uma nova cultura. É necessário recorrer à totalidade da nota para entender o que seriam as superestruturas mais elevadas, as superestruturas mais próximas da estrutura e, qual a nova cultura que é possível e necessário formar.

No início da nota 34 do Caderno 3, Gramsci aborda, os igualmente complexos temas da direção e do domínio³⁰ de uma classe ou classes sociais sobre as demais:

O aspecto da crise moderna que é lamentado como uma onda de materialismo se encontra ligado ao que se chama crise de autoridade. Se a classe dominante perdeu o consenso, isto é, não é mais dirigente, mas unicamente dominante, detentora de pura força de coerção, isto significa que as grandes massas não mais aceitam as ideologias tradicionais, não creem mais naquilo que antes criam etc. A crise consiste, de fato, na constatação que o velho morreu e o novo não pode nascer. Neste tempo intermediário são verificados os mais diversos fenômenos morbosos (GRAMSCI, 1977, p. 311)³¹.

Gramsci afirma que nas crises, como aquela verificada após a I Guerra Mundial,

³⁰ Os termos direção e domínio indicam os dois modos através dos quais uma classe social ou classes sociais exercem o poder sobre as demais. Na nota 44 do Caderno 1, Gramsci afirma que uma classe social é dominante de duas formas, isto é, dirigente e dominante: dirigente das classes aliadas e dominante das classes adversárias. A direção é um atributo que não deriva da coerção, mas é uma forma consensual de poder. Por isto, mesmo antes de chegar ao poder uma classe pode e necessita ser dirigente. Quando chegar ao poder continuará sendo dirigente, mas será também dominante. Enquanto o domínio está diretamente ligado ao âmbito político, a direção está ligada à cultura, à educação e a pedagogia. Através da formação de uma nova cultura (direção) uma classe social se torna também dominante (política) (GRAMSCI, 1977).

³¹ L'aspetto della crisi moderna che viene lamentato come «ondata di materialismo» è collegato con ciò che si chiama crisi di autorità. Se la classe dominante ha perduto il consenso, cioè non è più dirigente, ma unicamente dominante, detentrica della pura forza coercitiva, ciò appunto significa che le grandi masse si sono staccate dalle ideologie tradizionali, non credono più a ciò in cui prima credevano ecc. La crisi consiste appunto nel fatto che il vecchio muore e il nuovo non può nascere: in questo interregno si verificano i fenomeni morbosi più svariati (Tradução nossa).

o consenso cultural desaparece, as classes dominantes deixam de ser dirigentes e se tornam apenas dominantes. A superestrutura mais elevada da direção cultural (pedagógica) deixa de existir e permanecem apenas as superestruturas mais próximas da estrutura (superestruturas políticas). Para Gramsci está crise abrirá a possibilidade e, mesmo necessidade da formação de uma nova cultura.

O problema é este: uma ruptura assim grave entre as massas populares e as ideologias dominantes como aquela que se verificou no pós-guerra, pode ser superada apenas com o uso da força que impede que as novas ideologias se imponham? No tempo intermediário, a crise, que impede uma solução historicamente normal, será resolvida necessariamente a favor de uma restauração do velho. Dado o caráter das ideologias, isto é para ser excluído, mas não em sentido absoluto (GRAMSCI, 1977, p. 311)³².

Gramsci, em polêmica com Croce, contra as suas interpretações mecanicistas do materialismo histórico, aborda as relações entre as superestruturas e entre as superestruturas e a estrutura de modo dialético. A ruptura entre as classes populares e as ideologias das classes dominantes abre a possibilidade de uma definitiva superação do velho (ideologia das classes dominantes). Todavia, esta superação será resultante de um ação político-pedagógica das massas populares³³ e não o desenrolar mecânico ou natural de um processo histórico-social. Por isto, Gramsci afirma que a restauração do velho na articulação dialética entre as superestruturas da política e da cultura (pedagogia), e a conseqüentemente manutenção da estrutura material, não corresponde a hipótese mais provável, mas não pode ser descartada. Na dialética entre a superestrutura mais elevada da cultura e aquela mais aderente a estrutura que é a política, normalmente, a superação da antiga superestrutura cultural leva a superação da superestrutura política. A superação do velho corresponde a uma possibilidade que pode tornar-se necessidade. Por este motivo no final da nota, Gramsci coloca o termo necessidade entre parêntesis: “isto é possibilidade (e necessidade) da formação de uma nova cultura” (GRAMSCI, 1977, p. 312).

A análise do textos citados demonstra que para Gramsci a superestrutura da política, como categoria pura, não pode ser considerada como fulcro interpretativo de

³² Il problema è questo: una rottura così grave tra masse popolari e ideologie dominanti come quella che si è verificata nel dopoguerra, può essere guarita col puro esercizio della forza che impedisce a nuove ideologie di imporsi? L'interregno, la crisi di cui si impedisce così la soluzione storicamente normale, si risolverà necessariamente a favore di una restaurazione del vecchio? Dato il | carattere delle ideologie, ciò è da escludere, ma non in senso assoluto (Tradução nossa).

³³ Ainda não é o momento de abordar o papel dos intelectuais orgânicos das classes subalternas.

todas as demais categorias do pensamento gramsciano. Para Gramsci, o pedagógico encontra-se enraizado na práxis social e, neste sentido já se manifesta originalmente como político-pedagógico e não como um puro pedagógico, o qual, posteriormente age como instrumento de transformação do político. No âmbito pedagógico, os homens e os grupos sociais tomam conhecimento de suas posições sociais e, portanto de suas tarefas sociais, do próprio devir (GRAMSCI, 1977, p. 319). Pelo pedagógico, que já surge como articulado ao político e como expressão do político, os homens conhecem e podem (possibilidade) transformar o político. Por sua vez, a transformação do político possibilita (talvez crie a necessidade) de uma nova transformação do pedagógico.

No que se referem à análises de Gramsci, pontua-se que ele não precisou acentuar os aspectos da estrutura econômico-material, que foram analisados com riqueza e profundidade por Marx e Engels. No caso, partindo de Marx e Engels e no uso da dialética, Gramsci aprofundou as recíprocas e articuladas relações entre as superestruturas da política e da pedagogia, as quais, por sua vez, mantêm com a estrutura econômica-material uma, igualmente, relação dialética e de recíprocos condicionamentos. Por categoria político-pedagógico em Gramsci entende-se o conjunto das categorias, tais como: estrutura, superestrutura, direção, domínio, hegemonia, intelectuais, guerra de posição, bloco histórico e etc.

A relação de algumas destas categorias com a categoria central do pensamento gramsciano, ou seja, aquela político-pedagógico, já foi demonstrada ao longo desta pesquisa. A nota 31 tratou das categorias estrutura e superestrutura em suas relações com a categoria político-pedagógico. A nota 33 tratou das categorias direção e domínio igualmente relacionadas com a categoria político-pedagógica. Abordar todas as categorias, na relação com a categoria político-pedagógica seria demasiadamente longo e fugiria aos objetivos deste estudo. Por este motivo, a pesquisa discorrerá brevemente sobre as relações das categorias bloco histórico e intelectuais com a categoria chave do pensamento de Gramsci.

Na nota 15 do Caderno 4, Gramsci afirma que para a compreensão das relações entre estrutura e superestruturas é importante recordar o conceito de bloco histórico do filósofo marxista Georges Sorel (1847-1922). Esta citação do Caderno 4 favorece uma conceitualização da categoria de bloco histórico no pensamento de Gramsci. Segundo Schlesener (1992), as recíprocas e orgânicas relações entre o estrutural e o superestrutural, a vinculação concreta entre as forças materiais e as ideologias entre

o econômico e o ético-político em cada momento histórico, Gramsci expressa em suas obras com o conceito de bloco histórico.

Na nota 21 do Caderno 7, Gramsci explicita com clareza didática o conceito de bloco histórico como categoria-momento da relacionalidade entre estrutura e superestruturas, entre o econômico material e o político-pedagógico, no caso mais especificamente o pedagógico das ideologias:

Validade das ideologias. Recordar a frequente afirmação que faz Marx sobre a solidez das crenças populares como elemento necessário de uma determinada situação: ele diz, várias vezes que quando um modo de conceber alcança a força de uma crença popular etc (procurar estas afirmações e analisar o contexto em que são expressas). Outra afirmação de Marx é que uma persuasão popular possui frequentemente a mesma energia de uma força material ou algo semelhante e isto é muito significativo. Creio que a análise destas afirmações leve ao fortalecimento da concepção de bloco histórico, na qual, de fato, as forças materiais são o conteúdo e as ideologias a forma, distinção de forma meramente didática, pois as forças materiais não seriam concebíveis historicamente sem a forma e as ideologias seriam caprichos individuais sem as forças materiais (GRAMSCI, 1977, p. 869)³⁴.

Esta nota do caderno 7, demonstra com rematada nitidez, o significado da categoria gramsciana de bloco histórico e suas relações com outras categorias de seu pensamento, tais como, estrutura, superestruturas, ideologias e conseqüentemente, com os demais elementos das categorias político-pedagógicas: cultura, hegemonia cultural, pedagogia, educação, crenças, folclore etc. Também nesta nota, Gramsci pontua haver uma articulação dialética entre a estrutura (materialidade) e a superestrutura ideológica.

A ideologia, incluindo as crenças populares possuem, muitas vezes, a mesma energia das forças materiais. Portanto, é impossível a transformação da materialidade sem a dialética transformação das ideologias. Não existe conteúdo sem forma e nem forma sem conteúdo. A materialidade pura é inconcebível enquanto a ideologia sem

³⁴ Ricordare la frequente affermazione che fa il Marx della solidità delle credenze popolari come elemento necessario di una determinata situazione: egli dice presso a poco quando questo modo di concepire avrà la forza delle credenze popolari ecc. (Ricerca queste affermazioni e analizzarle nel contesto in cui sono espresse). Altra affermazione del Marx è che una persuasione popolare ha spesso la stessa energia di una forza materiale o qualcosa di simile e che è molto significativa. L'analisi di queste affermazioni credo porti a rafforzare la concezione di blocco storico, in cui appunto le forze materiali sono il contenuto e le ideologie la forma, distinzione di forma e contenuto meramente didascalica, perché le forze materiali non sarebbero concepibili storicamente senza forma e le ideologie sarebbero ghiribizzi individuali senza le forze materiali (Tradução nossa).

conexão com a materialidade corresponde a invenções individuais. Conforme supramencionado, ideologia, cultura, crenças, folclore são categorias político-pedagógicas, ou seja, resultantes de uma relação dialética entre o político e o pedagógico. Por outro lado, pelo conceito de bloco histórico, Gramsci compreende a, novamente dialética, relação entre a estrutura material e as superestruturas ideológicas que constituem o político-pedagógico. O político-pedagógico deve se enraizar na materialidade. Todavia, a materialidade somente é concebível no político-pedagógico e o político-pedagógico pode levar a transformação da materialidade.

A categoria gramsciana de intelectual é ampla, complexa, perpassa a totalidade dos Cadernos do Cárcere, está presente em muitas das Cartas do Cárcere e nos escritos anteriores ao cárcere como na obra *A questão meridional*. A pesquisa tem por objetivo elucidar a relacionalidade da categoria intelectual com a categoria político-pedagógica.

A função dos intelectuais no pensamento de Gramsci, inclusive nas obras anteriores ao cárcere, liga-se a organização da cultura em suas recíprocas relações com a política e a materialidade econômico-social. Segundo Liguori e Voza (2016), a abordagem da questão dos intelectuais no pensamento de Gramsci é suscitada e atravessada por duas interrogações fundamentais. A primeira: os intelectuais devem ser considerados como grupo social autônomo ou, ao contrário, cada grupo social tem sua própria categoria de intelectual. A segunda questão diz respeito a própria conceitualização com os limites máximos e mínimos da aceção de intelectual. A pesquisa se deterá na resposta à primeira questão.

Na nota 49 do Caderno 4, Gramsci discorre longamente para responder à primeira questão: os intelectuais são um grupo social autônomo ou cada classe social possui sua categoria de intelectual. Gramsci nega que os intelectuais sejam um grupo social autônomo, embora os intelectuais tradicionais tenham a pretensão de ser. O intelectual está sempre ligado à superestrutura da política (pedagogia ligada à política) e a estrutura econômico-material:

Todo grupo social, nascendo sobre a base originária de uma função essencial no mundo da produção econômica, cria junto, em modo orgânico, um grupo ou diversos grupos de intelectuais, os quais conferem homogeneidade e consciência da própria função no campo econômico. O empreendedor capitalista cria consigo o economista, o

cientista da economia política (GRAMSCI, 1977, p. 475)³⁵.

Para Gramsci, o intelectual orgânico encontra-se ligado a materialidade econômica e a uma classe social. O intelectual representa, na classe social à qual está ligado, à consciência da função exercida por esta no mundo da produção. Todavia, o pensamento político-pedagógico de Gramsci é caracterizado pela dialética. Não apenas a produção, ou seja, a estrutura econômico-material determina o surgimento dos intelectuais orgânicos das classes sociais. Também as superestruturas político-pedagógicas, ou seja, as ideologias, a cultura, as concepções de mundo, o folclore exercem influência sobre o econômico-material.

Um novo grupo social quando emerge na estrutura econômico-material já encontra categorias intelectuais pré-existentes que representam uma continuidade histórica ininterrupta. Estas categorias intelectuais pré-existentes representam, no novo contexto socioeconômico, as concepções de mundo, a filosofia, as ideologias, a cultura, ou seja, as categorias político-pedagógicas de grupos sociais pré-existentes.

Mas todo grupo social, emergindo na história da estrutura econômica, encontra ou encontrou, na história, ao menos naquela que até agora se desenvolveu, categorias intelectuais pré-existentes, que apareciam como representantes de uma continuidade histórica sem interrupções e das mais complexas mudanças das formas sociais e políticas. A mais típica destas categorias intelectuais é aquela dos eclesiásticos, monopolizadores por longo tempo de alguns serviços essenciais (ideologia religiosa, a escola e a instrução, e em geral a teoria referente à ciência, à religião, à moral, à justiça etc) além da beneficência e da assistência (GRAMSCI, 1977, p. 475)³⁶.

O intelectual do novo grupo que emerge da história da estrutura econômica possui, portanto duas tarefas distintas, mas interligadas. A primeira consiste em expressar no nível político-pedagógico as demandas oriundas da classe ou classes econômicas as quais pertencem e das quais se constituem, portanto, como intelectuais orgânicos. Sem as superestruturas político-pedagógicas a nova estrutura

³⁵ Ogni gruppo sociale, nascendo sulla base originaria di una funzione essenziale nel mondo della produzione economica, crea insieme organicamente, un cetto o più ceti di intellettuali che gli danno omogeneità e consapevolezza della propria funzione nel campo economico: l'imprenditore capitalista crea con sé l'economista, lo scienziato dell'economia politica (Tradução nossa).

³⁶ Ma ogni gruppo sociale, emergendo alla storia dalla struttura economica, trova o ha trovato, nella storia almeno fino ad ora svoltasi, delle categorie intellettuali preesistenti, e che apparivano anzi come rappresentanti una continuità storica ininterrotta anche dai più complicati mutamenti delle forme sociali e politiche. La più tipica di queste categorie intellettuali è quella degli ecclesiastici, monopolizzatori per lungo tempo di alcuni servizi essenziali (l'ideologia religiosa, la scuola e l'istruzione, e in generale la « teoria », con riferimento alla scienza, alla filosofia, alla morale, alla giustizia ecc., oltre alla beneficenza e all'assistenza ecc.) (Tradução nossa).

econômico-material não poderá ser mantida. A segunda função consiste no diálogo com os intelectuais ligados a antiga ordem econômica-material. Os intelectuais pré-existentes, mesmo quando se julgam independentes como os eclesiais, estão a serviço da antiga estrutura econômica e desta representam as superestruturas político-pedagógicas. Os intelectuais orgânicos do novo grupo emergente no cenário socioeconômico precisarão realizar um trabalho de convencimento, junto aos intelectuais pré-existentes, para que a classe econômica por eles representada alcance a hegemonia político-pedagógica³⁷. É inegável que a hegemonia político-pedagógica emerge da estrutura econômico-material. Todavia, dialeticamente, as transformações nas superestruturas político-pedagógicas também agem sobre a estrutura econômico-material e nesta podem causar transformações.

No que diz respeito a segunda questão levantada por Gramsci na nota 49 do Caderno 4 e retomada no Caderno 12, a qual diz respeito a amplitude do conceito de intelectual, a pesquisa expõe apenas a importância da resposta gramsciana para uma teoria da transformação social. Para Gramsci todos os homens são intelectuais, embora nem todos exerçam na sociedade a função de intelectuais. Deste modo, os intelectuais orgânicos das classes subalternas devem trabalhar junto à massa, educar e serem educados, para a partir da intelectualidade presente nos membros das massas populares dar início ao processo de transformação social (GRAMSCI, 1977).

Em síntese, seguindo as reflexões gramscianas sobre as categorias político-pedagógicas e sua perspectiva de transformação social, observa-se que ele pensa a sociedade em um movimento constante, em que forças atuam para transformar e para conservar a sociedade. Neste movimento contraditório, a classe trabalhadora pode se organizar politicamente para a transformação, mas isto implica uma nova cultura de atuação, não apenas a tomada do poder, mas também de uma atuação consciente e com uma massa operária capaz de dirigir. Assim, trata-se de uma ação política coletiva, permeada pela consciência de classe, das determinações históricas e das reais possibilidades de transformação.

Feitas estas considerações iniciais sobre a perspectiva teórica de Gramsci, em seguida, a pesquisa abordará como a III Internacional Comunista compreendeu a

³⁷ Conforme, posteriormente será abordado, Palmiro Togliatti, na operação Gramsci, pôs em prática este importante princípio pedagógico do pensamento gramsciano. Através da divulgação do pensamento e das obras de Gramsci, Togliatti e os intelectuais do PCI realizaram um trabalho de convencimento junto a outros intelectuais italianos.

questão educacional no processo revolucionário, isto de modo que se possa fundamentar as categorias político-pedagógicas gramscianas na sua luta política na Itália e na Europa nas primeiras décadas do século XX.

2.2 AS CATEGORIAS POLÍTICO-PEDAGÓGICAS GRAMSCIANA EM RELAÇÃO A III INTERNACIONAL COMUNISTA

Ainda sobre o debate em torno das categorias político-pedagógicas gramsciana é importante mencionar as diferenças entre estas e as categorias defendidas pela III Internacional comunista entre as décadas de 1920-1940.

A III Internacional comunista, conforme já descrito, foi a partir da metade da década de 1920 completamente dominada pela maioria stalinista. Os fatos econômico-políticos europeus e internacionais que desencadearam a *svolta* de 1926 com a consequente passagem da tática do *fronte unico*³⁸ para aquela do *muro contro muro* ou *classe contro classe*³⁹ determinaram igualmente o surgimento/retorno de novas categorias político-pedagógicas no cenário dos partidos comunistas e da III Internacional Comunista.

A Internacional Comunista, na qual Togliatti era o representante italiano, considerava que os acontecimentos históricos assinalavam que com a queda do fascismo era possível a imediata passagem para a ditadura do proletariado sem a necessidade de um tempo intermediário. Gramsci, conforme exposto no ponto anterior, passou a defender politicamente a tese da Assembléia Constituinte como um tempo intermediário entre o fascismo e a revolução proletária. Neste tempo intermediário, o PCI aplicaria seus conceitos político-pedagógicos e atuaria como educador das massas proletárias, camponesas e, por fim, da totalidade do povo italiano.

A não imediata ruptura com o sistema burguês capitalista (Gramsci considerava isto impossível) trazia desdobramentos no campo cultural e, inclusive, no campo específico da educação escolar. A tática do *muro contro muro* preconizou uma ruptura com a educação, com a cultura e com a escola capitalista burguesa (LINDENBERG,

³⁸ A tática do bloco único prescreveu uma política de alianças entre os partidos comunistas, socialistas e sociais democratas nos países europeus.

³⁹ Tática do *muro contro muro* ou *classe contro classe* significou na segunda metade da década de 1920 e na primeira metade da década de 1930, a proibição de alianças com os socialistas e sociais democratas que passaram a ser designadas como *socinazisti*.

1977). Gramsci, nos Cadernos do Cárcere defendeu que as classes subalternas deveriam se apoderar das mais elevadas formas de cultura e dos conhecimentos produzidos pela humanidade, inclusive pela sociedade burguesa (GRAMSCI, 1977) Nos Cadernos 04 e 12, Gramsci reconhece que, embora a escola esteja a serviço da manutenção da ordem vigente, esta pode ser utilizada pelas classes subalternas como instrumento de emancipação cultural, econômica e política.

A pesquisa fará a exposição das concepções político-pedagógicas predominantes na III Internacional Comunista após a *svolta* stalinista da segunda metade da década de 1920. As necesssárias delimitações da pesquisa impossibilitam a análise dos debates pedagógicos ocorridos na Rússia nas primeiras décadas do século XX, o qual envolveu eminentes nomes como Anatoli Vasilevitch Lunatcharsk (1875-1933), Nadežda Konstantinovna Krupskaja (1869-1939) e Moisey Mikhaylovich Pistrak (1888-1940).

No prefácio da obra *A Internacional Comunista e a Escola de Classe*, Nicos Poulantzas afirma que nada é mais falso do que considerar que a Internacional Comunista foi caracterizada por fosso e silêncios teórico-políticos. A questão educacional e, inclusive, aquela especificamente escolar, foi motivo de constantes debates entre os principais personagens e grupos ligados a III Internacional Comunista (LINDENBERG, 1977).

Segundo Lindenberg, o conceito de revolução ideológica esteve presente nos debates realizados pelos principais expoentes da III Internacional Comunista. Uma das origens da III Internacional Comunista é a França, mais precisamente através dos comitês intelectuais, nos quais as preocupações culturais eram muito vivas (LINDENBERG, 1977). Todavia, o mesmo Linderbeng reconhece que as limitações gerais, que muitas vezes obstacularizaram a práxis e a teoria da *Komintern*, repercutem-se igualmente na dimensão cultural, tanto mais que a inexperiência é bem maior neste domínio do que na questão econômica.

O defeito mais comum nas concepções político-pedagógicas da III Internacional Comunista consistiu: “numa aproximação econômica demasiado sumário dos fenômenos políticos que exigem uma análise concreta, subtil (o economicismo) e, por outro lado numa supervalorização das possibilidades de ação por simples decreto (voluntarismo)” (LINDENBERG, 1977, p. 43).

Algumas linhas a frente, Lindenberg especifica o que significa o economicismo no domínio da cultura e da luta escolar: “É a insistência para reduzir a crise da escola

capitalista à crise econômica geral do imperialismo mais que a sua crise ideológica. Isso conduziu a uma insistência unilateral sobre os aspectos salariais da condição dos professores” (LINDENBERG, 1977, p. 43).

O voluntarismo, por sua vez, significou na frente cultural, inclusive na escola:

Os desvios de tipo voluntarista traduzem-se pelo recurso obsessivo a oposições esquemáticas do tipo ciência burguesa/ciência proletária, cultura decadente/cultura progressista, oposições que favoreceram mais um recuo sectário do que a conquista dos hesitantes para a ideologia proletária (LINDENBERG, 1977, p. 43).

Um documento extraído do boletim da Internacional dos trabalhadores de ensino, da segunda metade da década de 1920, apresenta severas críticas à ciência e a escola burguesa. O texto se inicia com uma crítica a excludente ciência burguesa. A esta, a imensa massa dos trabalhadores não possui acesso. Logo após, são feitas referências ao salário dos professores na sociedade capitalista. Desta forma, se encontram expostos os dois erros evidenciados por Lindenberg nas práticas da Internacional Comunista no âmbito cultural: unilaterais exageros do economicismo e do voluntarismo:

Em todos os países onde impera o capitalismo, este transformou a ciência numa mercadoria que só é acessível a poucas pessoas. As massas trabalhadoras são assim automaticamente excluídas da categoria de pessoas que têm possibilidade de adquirir os conhecimentos necessários para a organização e para a direção da economia do Estado e do ensino. A escola da sociedade capitalista serve antes de tudo os interesses das classes possuidoras, por um lado, com vista a formação de uma camada isolada de privilegiados capazes de dirigir a sociedade burguesa, de assegurar o funcionamento de suas engrenagens e de fazer respeitar as suas prerrogativas, por outro lado, com vista a manutenção da imensa maioria do povo no estado de massa subjugada e de instrumento cego do capitalismo. Em uma tal sociedade, os professores não só não podem ser os portadores de uma cultura superior para a juventude, como caem também eles próprios numa dependência intelectual face a sociedade burguesa, transformando-se em funcionários burocratas e em mercenários mal pagos ao serviço do capital e do Estado.

Para compreender as posições da III Internacional Comunista e as divergências com as concepções político-pedagógicas gramscianas no que tange a cultura em geral e, mais especificamente a escola, é necessário compreender, conforme mencionado na introdução a este ponto, a linha política do *muro contro muro*.

A tática do *muro contro muro* foi lançada por Stalin e Bukharin por ocasião do VI Congresso da III Internacional Comunista realizado em 1928. A principal referência

teórica para o lançamento da tática foi a análise realizada por Bukharin sobre os três estados do capitalismo. A teoria de Bukharin é assim descrita por Ricardo Antunes:

A análise que sustentava a tese da fase crítica do capitalismo teve em Bukharin o seu principal formulador. Partindo do pós-guerra, entendia o capitalismo a partir de três períodos: o primeiro, de crise revolucionária aguda, abrangendo as várias situações revolucionárias ocorridas desde o fim da Primeira Guerra até os anos 20/21, e que teve na Revolução Russa e Alemã seus momentos mais significativos. O segundo marcou uma fase ofensiva do capitalismo, frente às derrotas de várias tentativas revolucionárias e, conseqüentemente, significou uma fase defensiva do proletariado. Apesar disso, houve algumas situações revolucionárias em países coloniais e semicoloniais, como China, Síria e Marrocos. O terceiro período caracterizou-se, de um lado, e inicialmente, por uma ampla reorganização capitalista, através de um intenso processo de monopolização e desenvolvimento técnico e, ao mesmo tempo, pelo crescimento das forças opostas ao capitalismo e pelo desenvolvimento extremamente intenso das suas contradições. O aguçamento da luta de classes e a iminência de uma situação revolucionária acabaram, por sua vez, por agravar o quadro geral da crise capitalista (ANTUNES, 2012, p. 24).

Segundo Bukharin, a estabilização do capitalismo no terceiro período seria dialeticamente acompanhada de uma exacerbação das contradições inerentes ao sistema e, conseqüentemente, de uma renovação do impulso revolucionário. Até então, a defesa da imediata ruptura com socialistas e sociais democratas havia sido prerrogativa de minorias oposicionistas como Amadeo Bordiga na Itália. A partir da *svolta* stalinista em 1926 e, mais precisamente, do VI congresso da Internacional Comunista em 1928, o grupo majoritário oficialmente passou a proibir nos países europeus as alianças dos comunistas com socialistas e sociais democratas.

A tática do *muro contro muro* iniciada em 1928 foi radicalizada nos primeiros anos da década de 1930 e, particularmente em 1933, ou seja, no mesmo período em que Gramsci escreveu os Cadernos do Cárcere e nos colóquios com os companheiros de cárcere em Turi expos a teoria da Assembleia Constituinte. Os fatos políticos europeus e internacionais que levaram ao acirramento da tática em 1933 foram a nomeação de Adolf Hitler a chanceler da Alemanha em 30 de janeiro de 1933 e, segundo Paris (1974), a ascensão de Franklin Delano Roosevelt (1882-1945), também em 1933, com a promulgação do *New Deal*⁴⁰.

⁴⁰ O New Deal (Novo Acordo) foi um conjunto de medidas econômicas e sociais tomadas pelo governo Roosevelt, entre os anos de 1933 e 1937, com o objetivo de recuperar a economia dos Estados Unidos da crise de 1929. Teve como princípio básico a forte intervenção do Estado na economia.

Na Itália, o PCI, sob a liderança de Togliatti aderiu a *svolta* stalinista. Para Togliatti, na medida em que as contradições do capitalismo em geral não cessavam, o capitalismo se direcionava já para sua crise final. Este fato excluía toda possibilidade de um período de transição entre o fascismo e a revolução proletária. Em um artigo escrito para a Rivista *Stato Operaio*, Togliatti explicitou aos militantes comunistas a teoria da eminente queda do capitalismo e a consequente tática da *classe contro classe* ou *muro contro muro*:

Este período que foi concedido aos bolcheviques russos depois da vitória da revolução de março de 1917, não nos será concedido. De fato, ao Partido não resta outra alternativa a não ser colocar-se a frente das massas em movimento e toda estratégia fundamentada em alianças se torna portanto inútil e também supérflua (TOGLIATTI, 1930, p. 356)⁴¹.

Deste modo, é possível compreender a veemente denúncia de socialfascismo, realizada pelas lideranças comunistas italianas, contra os sociais democratas e, ainda mais intensa contra os socialistas e os membros do *Partito Giustizia e Libertà*⁴².

A tática do *muro contro muro* ou *classe contro classe*, fundamentada na teoria do terceiro estado de Bukharin, ocasionou no âmbito da cultura em geral, e mais especificamente da escola, o economicismo e o voluntarismo descritos por Linderberg (1977). No mesmo período, Gramsci, que no cárcere de Turi havia conhecido os pormenores da *svolta stalinista* e do IV Congresso de Colonia, no qual a tática da *classe contro classe* foi aceita pelo PCI (VACCA, 2003), elaborou sua tese da Assembleia Constituinte com suas intrínsecas relações com o âmbito cultural e escolar.

Sobre o desenvolvimento das categorias político-pedagógicas elaboradas por Gramsci, em modo especial entre os anos de 1928 e 1933 Rosemary Dore escreve:

O interesse de Gramsci pela educação e pela escola desenvolve-se no mesmo passo em que ele amplia seu estudo sobre o Estado capitalista e critica as teorias do materialismo vulgar, segundo as quais as idéias não tinham importância, sendo apenas um produto do domínio do capital. A crítica à leitura determinista do vínculo entre estrutura e superestrutura permite a Gramsci realizar uma nova

⁴¹ Questo periodo, che fu consentito ai bolscevichi russi dopo la vittoria della rivoluzione borghese del marzo 1917, non sarà consentito a noi. Infatti al Partito non resta che mettersi alla testa delle masse in movimento ed ogni strategia fondata sulla alleanze diviene quindi inutile, affatto supérflua (Tradução nossa).

⁴² O Partido anti-fascista "*Giustizia e Libertà*" foi fundada em Paris em 1929 por refugiados italianos, os quais começaram a organizar a resistência contra o fascismo italiano, formando grupos clandestinos na Itália e na criação de uma campanha intensa de propaganda.

análise do Estado capitalista, na qual ressalta a importância da dimensão da cultura e da educação – da superestrutura – para a conquista e manutenção do poder (DORE, 2006, p. 338-339).

A valorização da cultura e da escola, a demonstração de que as relações entre pedagogia, política e economia, entre a estrutura e as superestruturas e entre as superestruturas da política e da pedagogia, conforme demonstrado no início desta seção, são pontos centrais no pensamento gramsciano. Todavia, ainda mais importante, a mesma dialética foi aplicada por Gramsci às relações entre transformação social e cultura, transformação social e escola, escola burguesa e a construção de uma nova ordem mundial. Gramsci não nega a dimensão classista e excludente da escola e da ciência de sua época, mas mesmo com suas contradições a escola é capaz de transformações sociais e na dialética com a política e a economia preparar os caminhos para uma nova ordem mundial.

A gênese e o desenvolvimento da sociedade civil demonstra o intenso trabalho político-pedagógico da classe dominante para garantir o consenso cultural ao governo político. Todavia, a sociedade civil também indica possibilidades e formas de organização das classes subalternas para a conquista da hegemonia cultural e política. Dentre os possíveis campos de ação para a construção da hegemonia das classes subalternas a escola, em seus aspectos não meramente pedagógicos, mas também políticos, ocupa destacada posição:

É desenvolvendo o princípio educativo que Gramsci formula a noção de escola unitária. O princípio unitário ultrapassa a escola como instituição e se relaciona à luta pela igualdade social, para superar as divisões de classe, que se expressam na separação entre trabalho industrial e trabalho intelectual e dividem a sociedade entre governantes e governados. A escola unitária é esboçada como um esquema de organização do trabalho cultural. Tem como ponto de partida as relações sociais dentro do capitalismo, já que Gramsci não fala em destruir o capitalismo primeiro e somente depois disso cuidar da educação dos trabalhadores. Ele não tem uma visão dicotômica da relação entre Estado e sociedade. A escola unitária está no horizonte de um processo de construção que, por ser dialético, é simultaneamente de destruição (DORE, 2006, p. 339-340).

No Caderno 12, Gramsci demonstra com clareza que não se trata de realizar primeiro a revolução proletária para posteriormente pensar em um novo modelo de escola. Sem a pedagogia a política não acontece:

O advento da escola unitária significa o início de novas relações entre o trabalho intelectual e o trabalho industrial não apenas na escola, mas

em toda a vida social. O princípio unitário se refletirá por isto em todos os organismos da cultura, transformando e dando-lhes um novo conteúdo (GRAMSCI, 1977, p. 1538)⁴³.

Para Gramsci, o processo de transformação do Estado e de seus aparelhos, sejam eles de coerção ou direção, deve preceder a tomada do poder político por parte das classes subalternas. Neste caso, a pedagogia antecipa a política. Todavia se não existe política sem pedagogia também é impossível a pedagogia sem a política. A completa hegemonia intelectual é impossível sem a hegemonia política. O pedagógico exige o político:

Não se pode propor, antes da conquista do Estado, uma modificação completa da consciência de toda a classe operária; seria utópico, porque a consciência de toda a classe operária como tal se modifica apenas com a modificação do modo de viver da própria classe, isto é quando o proletariado se tornar classe dominante e ter a sua disposição o aparato de produção e de troca e o poder estatal (GRAMSCI, 1977, p. 1998)⁴⁴.

A luta econômica não pode ser separada da luta política e tanto uma como a outra não podem ser separadas da luta ideológica. Sobre as dialéticas relações entre hegemonia ideológica e a ideologia política no pensamento de Gramsci, escreve Peter Mayo:

Se portanto o domínio ideológico total não é possível antes da conquista do Estado, é notável, a quantidade de trabalho a ser feito com antecedência para facilitar o nascimento do clima propício à mudança. Isso significa que toda revolução foi precedida por um intenso trabalho de crítica, de penetração cultural, de permeação de idéias (MAYO, 2007, p. 26)⁴⁵.

Gramsci compreende a sociedade civil como aparelho privado de hegemonia. Todavia, em nenhuma de suas obras encontram-se referências ao conceito de contra-hegemonia. Para Gramsci, não se trata de permanecer no nível do anti, apenas

⁴³ L'avvento della scuola unitaria significa l'inizio di nuovi rapporti tra lavoro intellettuale e lavoro industriale non solo nella scuola, ma in tutta la vita sociale. Il principio unitario si rifletterà perciò in tutti gli organismi di cultura, trasformandoli e dando loro un nuovo contenuto (Tradução nossa).

⁴⁴ Non ci si può proporre, prima della conquista dello Stato, di modificare completamente la coscienza di tutta la classe operaia; sarebbe utopistico, perché la coscienza di tutta la classe come tale si modifica solo quando sia stato modificato il modo di vivere della classe stessa, cioè quando il proletariato sarà diventato classe dominante, avrà a sua disposizione l'apparato di produzione e di scambio e il potere statale (Tradução nossa).

⁴⁵ Se quindi il dominio ideologico totale non è possibile prima della conquista dello stato, è notevole la quantità di lavoro da espletare in anticipo per agevolare la nascita del clima atto al cambiamento. Ciò vuol dire che ogni Rivoluzione è stata preceduta da un intenso lavoro di critica, di penetrazione culturale, di permeazione di idee (Tradução nossa).

negativo (DORE, 2006), mas é necessário articular dialeticamente as relações entre as superestruturas da política e da pedagogia. Para Gramsci, o terreno sobre o qual é possível a construção da hegemonia é o mesmo terreno que a sustenta, ou seja, a sociedade civil concebida como lugar de conflito (MAYO, 2007). A escola é uma das entidades da sociedade civil. Portanto, mesmo sem negar seu caráter classista e excludente, Gramsci a considera como um dos terrenos onde acontece a luta pela construção da hegemonia cultural e política.

Desta forma é possível compreender as diferenças entre os conceitos político-pedagógicos gramscianos e aqueles da III Internacional Comunista. Gramsci defendeu a tese da Assembleia Constituinte como um tempo intermediário entre o fascismo e a revolução do proletariado, no qual o pedagógico, sempre na dialética com o político e o econômico, desempenharia um preponderante e mesmo imprescindível papel. A III Internacional Comunista, após a *svolta* stalinista, motivada por situações históricas concretas⁴⁶, adotou a tática do *muro contro muro*, segunda a qual a possibilidade da revolução imediata, tornava inútil e supérflua a conquista da hegemonia cultural. Gramsci defendeu que no âmbito cultural e escolar era possível partir dos espaços oferecidos pela própria sociedade burguesa. A escola, a cultura, a sociedade civil em sua totalidade como um grande terreno de conflito. A III Internacional Comunista priorizou as críticas à ciência, a cultura e a escola burguesa. As antinomias entre escola burguesa/escola proletária, ciência burguesa/ciência proletária nominadas por Lindenberg (1977) são demonstrações das concepções político-pedagógicas da III Internacional Comunista.

Feitas estas considerações sobre a perspectiva teórica de Gramsci e da III Internacional Comunista, a pesquisa abordará a formação histórica das categorias político-pedagógicas gramscianas na sua luta política na Itália e na Europa nas primeiras décadas do século XX. No contato com as massas, Gramsci educou e foi educado e construiu assim suas categorias político-pedagógicas. O pensamento gramsciano tem origem na estrutura econômico-material e dialeticamente inclui as superestruturas do político e do pedagógico.

⁴⁶ Isto não quer dizer que as teorias de Gramsci não foram motivadas por circunstâncias históricas concretas. Trata-se apenas de diferentes leituras diante das mesmas circunstâncias históricas. É contestável a tese que afirma que Gramsci encarcerado não estava a par dos acontecimentos históricos italianos, europeus e internacionais.

3. GRAMSCI E TOGLIATTI: ENCONTROS E DESENCONTROS

Nesta terceira seção, a pesquisa abordará os acontecimentos e contendas que perpassaram a vida política dos dois principais líderes do PCI, Antonio Gramsci e Palmiro Togliatti, no conturbado cenário político italiano, europeu e, outrossim, internacional entre as décadas de 1910 e 1940. A pesquisa quer demonstrar a formação dos conceitos político-pedagógicos gramscianos na sua luta política e na relação com Togliatti, com o PCI e a III Internacional Comunista.

3.1 GRAMSCI, TOGLIATTI E OS INTELECTUAIS DO ORDINE NUOVO: DISSIDÊNCIAS NO PSI E FUNDAÇÃO DO PCI.

O processo de construção das categorias político-pedagógicas gramscianas iniciou-se com a chegada de Gramsci em Turim e seu encontro com Palmiro Togliatti nos meios acadêmicos e na militância sindical e política. Em um extenso intervalo temporal se encontram coadunados os eventos transcorridos desde a chegada de Gramsci a Turim em 1911, com destaque para a Revolução Russa de 1917, até sua morte em 1937, e os fatos que imediatamente se seguiram e que dizem respeito à disputa pela posse dos escritos gramscianos e a posterior publicação.

Neste interim serão expostas e discutidas as seguintes ocorrências: a atuação de ambos (Gramsci e Togliatti) no PSI, a cisão de Livorno⁴⁷ e a fundação do PCI, o III Congresso do Partido Comunista Italiano e as denominadas teses de Lyon de 1926, a crítica movida por Gramsci a Togliatti⁴⁸ por sua indecisão na disputa interna contra as posições radicais de Bordiga⁴⁹, a carta de Gramsci ao Comitê Central do Partido

⁴⁷ Em 1921, na cidade italiana de Livorno, Gramsci e Togliatti juntamente com Bordiga romperam com o PSI e fundaram o PCI.

⁴⁸ Gramsci em algumas cartas criticou Togliatti por sua indecisão nas disputas internas do PCI, por somente tomar partido quando o embate já tinha um provável vencedor (GRAMSCI, 1965).

⁴⁹ Amadeo Bordiga (1889-1970). Entre os anos de 1923 e 1926, o nascente Partido Comunista Italiano encontrava-se dividido em três grupos que divergiam sobre os rumos políticos a serem adotados e seguidos tanto internamente como externamente. A chamada direita do partido, liderada por Angelo Tasca (1892-1960), defendia a imediata união com todos os grupos antifascistas. A esquerda, liderada por Amadeo Bordiga (1889-1970) se opunha a tese da frente única defendida pela III Internacional Comunista. Aos poucos, sob a liderança de Gramsci formou-se um grupo de centro. No Congresso de Lyon, Gramsci atraiu a direita de Tasca e uma significativa parte da esquerda bordiguiana. O documento apresentado por Gramsci em 1926, concernente às diretivas de ação do partido alcançou a maioria absoluta de 90% dos votos contra 10% dados ao documento apresentado por Bordiga. Gramsci aderiu a tese da frente única ponderando que um pequeno e fragilizado partido comunista, como o italiano, não poderia se opor à linha defendida pela Internacional Comunista (GRAMSCI, 1972). No mesmo ano, no que diz respeito ao cenário internacional, mesmo se alinhando

Comunista Soviético (FERRATA; GALLO, 1964) não apresentada por Togliatti em 1926, a famigerada carta de Grieco de 1928⁵⁰ e as frustradas tentativas do PCI de libertar Gramsci do cárcere que levaram o prisioneiro a suspeitar que o partido não trabalhava pela sua excarceração; o conflito entre Gramsci e seus companheiros de prisão em Turi em torno do tema da Constituinte⁵¹, e, por fim, o pedido a Tatiana Schucht para que Togliatti fosse excluído da posse de sua herança literária. Para isto serão utilizadas as Cartas de Gramsci, Tatiana Schucht e Piero Sraffa, além das coletâneas de cartas e estudos organizados tanto pelos críticos de Togliatti como por seus defensores.

O estudo, no que tange aos dados cronológicos dos primeiros anos de militância política dos jovens Gramsci e Togliatti, usará preferivelmente os dados cronológicos encontrados nas primeiras páginas da coletânea de Cartas de Antonio Gramsci e Tatiana Schucht publicadas em 1997 (GRAMSCI; SCHUCHT, 1997). Para a exposição da visão política do jovem Gramsci sobre os importantes acontecimentos que agitam a sociedade italiana e europeia entre os anos de 1911 e 1921 serão utilizados os escritos publicados em *Città Futura*, *Ordine Nuovo* e *Grido del Popolo*⁵² e organizados por Paolo Spriano⁵³, em 1973, nos *Scritti Politici* (GRAMSCI, 1973) e por Sergio Caprioglio, em 1980, nas *Cronache Torinese* (GRAMSCI, 1980). Para a exposição da visão política do jovem Togliatti, que regularmente escrevia nos periódicos dirigidos por Gramsci, será utilizada a coletânea de textos togliattianos organizada por Ernesto Ragionieri em 1973 (RAGIONIERI, 1973).

com a maioria stalinista, defendeu que na Rússia, ao contrário da Itália, o partido comunista podia abrigar grupos ou facções diferentes (FERRATA; GALLO, 1964).

⁵⁰ Ruggero Grieco (1893-1955) foi com Gramsci, Togliatti, Tasca, Bordiga e outros um fundador do PCI. Em fevereiro de 1928, escreveu a Gramsci, encarcerado em Milão, uma carta posteriormente denominada (por Gramsci) como “famigerada”. A carta ofereceu aos acusadores do líder preso uma prova incontestável do papel por este desempenhado no partido. Diante da carta expedida de Basileia na Suíça e com selos de Moscou, o juiz Enrico Macis, responsável pela denúncia, confidenciou a Gramsci: “Honorável Gramsci, o Senhor tem amigos que desejam que permaneça um longo tempo na prisão” (tradução nossa) “Onorevole Gramsci, lei ha degli amici che certamente desiderano che lei rimanga un pezzo in galera” (GRAMSCI, SCHUCHT, 1997, p. 1137).

⁵¹ Na prisão em Turi, Gramsci foi encarregado de dar formação política aos companheiros comunistas com ele detidos. Nas suas exposições defendeu a unidade de todos os grupos políticos contrários ao fascismo em torno da Constituinte. O PCI, enfraquecido seria incapaz de fazer uma revolução imediata. Os companheiros de Turi reagiram energeticamente e chegaram a defender a expulsão de Gramsci do Partido. As informações chegaram a Togliatti, que embora crítico das posições de Gramsci, foi contrário à sua expulsão, (VACCA, 2003).

⁵² Jornal político italiano de circulação semanal e orientação socialista fundado em 1892 por um grupo de operários.

⁵³ Historiador ligado ao PCI. Escreveu em 05 volumes a história do Partido Comunista Italiano. Autor de diversas obras sobre Gramsci, dentre as quais destacam-se aquelas relativas ao período turinense.

Antonio Gramsci chegou a Turim em meados de 1911, após obter um bolsa de estudos e se inscreveu na Faculdade de Letras. Gramsci conheceu Togliatti durante as provas para a obtenção da bolsa de estudos, ainda em 1911, ou no primeiro ano da Univeridade (FUSARO, 2015). É certo que no mesmo ano, a pedido de Gramsci, Togliatti realizou uma pesquisa sobre a estrutura social da Sardenha (ORRÙ, 2008), o que já demonstra uma preocupação com as relações entre a estrutura econômica e a superestrutura político-pedagógica.

Na primavera de 1913, Gramsci teve os primeiros contatos com os ambientes operários turineses, por ocasião da grande greve dos metalúrgicos da FIOM⁵⁴ e no final do ano se inscreveu à seção socialista de Turim (GRAMSCI; SCHUCHT, 1997). Seu gosto pelas relações entre cultura (pedagogia) e política é demonstrada pelos seus interesses literários. Leitor assíduo das revistas de cultura política *La Voce*⁵⁵ e *L'Unità*⁵⁶, projetou com Tasca e Togliatti a fundação de uma resenha de cultura socialista denominada *La Città Futura*. Em 1914, sempre com Togliatti, participou ativamente dos debates internos do PSI sobre a posição italiana na primeira guerra mundial. Em outubro do mesmo ano firmou o artigo intitulado *Neutralità attiva ed operante*⁵⁷ publicado no *Grido del Popolo* (GRAMSCI, 1973).

Entre os anos que imediatamente precederam e durante toda a Primeira Guerra mundial, Gramsci e Togliatti, nos periódicos *Città Futura* e, posteriormente, *Ordine Nuovo* combateram as ideologias de raça pura ou superior, fosse esta alemã ou latina. Nas duas revistas defenderam, sem esquecer as peculiaridades nacionais, a união da classe operária internacional, tendo em vista um projeto de socialismo que fosse comum a todos os países (LOSARDO).

Este debate, que ocorreu no calor da 1ª Guerra Mundial, esteve diretamente ligado as funções de educação e direção dos povos para a transformação social no

⁵⁴ *Federazione Impiegati Operai Metallurgici* (Federação dos Empregados Operários Metalúrgicos).

⁵⁵ Revista fundada por Giuseppe Prezzolini (1882-1982) e Giovanni Papini (1881-1956) em 1908.

⁵⁶ Revista fundada pelo líder socialista Gaetano Salvemini (1873-1957) em 1910.

⁵⁷ O primeiro artigo político de Gramsci é intitulado *oppressi ed oppressori* e corresponde a uma redação escolástica escrita em 1910 quando tinha 19 anos e frequentava em Cagliari o último ano do liceu. *Neutralità attiva ed operante* corresponde, portanto, ao segundo escrito político de Gramsci. Neste artigo, Gramsci, em polêmica com Mussolini, que pedirá a participação dos operários italianos na I Guerra Mundial, defendeu a neutralidade, mas não absoluta. O PSI não poderia esquecer que era o Partido Socialista Italiano. Os socialistas não poderiam permanecer acomodados na sua neutralidade esperando o catastrófico final da guerra. Já durante a guerra os militantes socialistas deveriam trabalhar junto ao povo italiano. Os escritos políticos do jovem Gramsci foram publicados em 1973, GRAMSCI, Antonio. *Scritti politici*. Roma: Riuniti, 1973.

cenário europeu e internacional. No *Ordine Nuovo*, dirigido por Gramsci, Togliatti ironizou a defesa da existência de uma raça responsável por todas as conquistas da humanidade até aquele período. Para ele, parecia irreal depositar em uma raça a capacidade de prosseguir no futuro a obra político-pedagógica de educação e esclarecimento do gênero humano (TOGLIATTI, 1973). Sem a negação das peculiaridades nacionais, os jovens ordenuovistas defendiam que o proletariado deveria assumir a direção do processo emancipatório e educativo da humanidade. Essa tese será, posteriormente, desenvolvida por Gramsci e ocupará uma posição central em seu projeto político-pedagógico, tal como já foi observado.

Neste mesmo contexto, Benedetto Croce defendeu uma concepção de Estado⁵⁸ como um organismo neutro e acima das vontades individuais e classistas. Togliatti, no *Ordine Nuovo*, atacou a concepção crociana da neutralidade do Estado em relação às classes sociais. Os operários, embora italianos, não eram obrigados a participarem de uma guerra criada pelas classes dominantes para a manutenção do domínio sobre as classes subalternas. Segundo Togliatti (1973), a concepção de Croce colaborava para reduzir as classes subalternas à condição de matéria prima⁵⁹ das classes privilegiadas (TOGLIATTI, 1973).

Gramsci, nos anos da 1ª Guerra Mundial, seguindo as posições de Gaetano Salvemini, líder da esquerda do PSI, expôs concepções político-pedagógicas que posteriormente foram melhor elaboradas nas Cartas do Cárcere e nos Cadernos do Cárcere. Em artigos como *Lotta di classe e guerra* e *Socialismo e Cultura*, ele se opõe a ideologia da multidão infantil⁶⁰, a qual pressupunha que, nas graves crises históricas, o trabalhador deveria ser tratado como criança. Segundo Gramsci (1980), o povo trabalhador não deveria permanecer na condição de presa fácil e nem como simples material humano à disposição das elites, sendo assim, jogado na fogueira do conflito mundial por não ter pensamento e vontade própria para fazer a revolução (GRAMSCI, 1980). No artigo *Socialismo e Cultura*, publicado em 1916, destacou que através da crítica do capitalismo poderia ser formada a cultura proletária (GRAMSCI, 1973).

⁵⁸ Estados nacionais como a Itália, a Alemanha etc.

⁵⁹ A expressão matéria prima utilizada por Togliatti significava que as classes dominantes podiam usar as classes subalternas, em modo especial, o proletariado, para alcançar os próprios objetivos de dominação. Assim como a matéria prima é utilizada e transformada em uma mercadoria que não é mais ela, o proletariado era utilizado e transformado segundo os interesses das classes dominantes.

⁶⁰ Nas Cartas do Cárcere e nos Cadernos do Cárcere, Gramsci desenvolverá a tese de que através da educação o povo assumirá seu protagonismo histórico e todos os dirigidos, em teoria, estarão preparados para serem dirigentes (GRAMSCI, 1977).

Todavia, para que o proletário pudesse assumir sua função de direção política, os próprios conceitos de cultura e de educação precisavam ser revistos:

É necessário desabituar-se e parar de conceber a cultura como saber enciclopédico, no qual o homem é visto apenas como um recipiente a ser preenchido com dados empíricos, de fatos desconexos que ele deverá colocar no seu cérebro como nas colunas de um dicionário para poder depois em cada ocasião responder aos vários estímulos do mundo externo. Esta forma de cultura é verdadeiramente prejudicial, em modo especial ao proletariado. Serve apenas para criar sujeitos afastados do povo, que acreditam ser superiores ao resto da humanidade, porque colocou na memória uma certa quantidade de dados e datas que chacalha a cada ocasião para fazer uma barreira entre si e os demais (GRAMSCI, 1973, p 15-16)⁶¹.

O texto do jovem Gramsci aticula em modo dialético as categorias político-pedagógicas de direção (política), cultura e educação. Algumas linhas a frente no mesmo artigo, Gramsci expôs seu conceito de cultura como conhecimento. Para ele, o conhecimento do proletário sobre si mesmo, sobre os outros e sobre a história, poderia contribuir para que a classe proletaria rompesse com as cadeias da dominação, assumisse sua identidade de classe e construísse sua civilização:

A cultura é uma coisa bem diversa. É organização, disciplina do próprio eu interior, é tomada de posse da própria personalidade, é conquista de consciência superior, pela qual se consegue compreender o próprio valor histórico, a própria função na vida, os próprios direitos e deveres. Conhecer a si mesmo quer dizer ser a si mesmo, quer dizer ser senhor de si mesmo, distinguir-se, sair fora do caos, ser um elemento de ordem, mas da própria ordem e da própria disciplina em busca de um ideal. E isto não pode ser obtido sem o conhecimento dos outros também, as suas histórias, os esforços que estes fizeram para serem o que são, para criar a civilização que criaram e a qual nós queremos substituir pela nossa. Quer dizer ter noções das coisas, da natureza e das leis que governam o espírito. E tudo aprender sem perder de vista o objetivo último que é melhor conhecer a si mesmo através dos outros e os outros através de si mesmo. Se é verdade que a história universal é uma cadeia de esforços que o homem fez para libertar-se dos privilégios, dos preconceitos e das idolatrias, não se compreende por que o proletariado, que um outro anel quer acrescentar a esta cadeia, não deva saber como, porque e por quem foi precedido e que benefício

⁶¹ Bisogna disabituarsi e smettere di concepire la cultura come sapere enciclopedico, in cui l'uomo non è visto se non sotto forma di recipiente da empire e stivare di dati empirici; di fatti bruti e sconnessi che egli poi dovrà casellare nel suo cervello come nelle colonne di un dizionario per poter poi in ogni occasione rispondere ai vari stimoli del mondo esterno. Questa forma di cultura è veramente dannosa specialmente per il proletariato. Serve solo a creare degli spostati, della gente che crede di essere superiore al resto dell'umanità perché ha ammassato nella memoria una certa quantità di dati e di date, che snocciola ad ogni occasione per farne quasi una barriera fra sé e gli altri (tradução nossa).

pode tirar deste saber (GRAMSCI, 1973, p. 16)⁶².

Segundo Schlesener (2016), Gramsci defendeu, desde o período de Turim, um programa de educação do proletariado formulado e efetivado por órgãos constituídos pelo próprio proletariado, retirando das mãos da classe dominante, tanto políticas quanto econômicas, a educação dos trabalhadores. Para Gramsci, esse seria o primeiro e decisivo passo para uma nova era. Noutros termos, para ele, o problema da educação (pedagogia), tal como já observado, era também um problema político.

Na análise da 1ª Guerra Mundial e da Revolução Russa (1917), Gramsci e Togliatti se aproximaram ainda mais, enquanto que, progressivamente, distanciaram-se das posições de Croce e do próprio PSI. Segundo Losardo (2006), a eclosão da Revolução Russa gerou muitas críticas da própria II Internacional Comunista e dos partidos comunistas ocidentais, o quais, permaneceram em uma interpretação mecanicista da teoria da revolução consignada no Capital de Marx e condenaram a Revolução bolchevique.

Benedetto Croce, logo depois da Revolução de 1917, escreveu, que os bolcheviques demonstraram que não atingiram a maturidade do pensamento dialético e não estavam a altura do materialismo histórico que professavam. Para Croce (1950), a catástrofe foi provocada pela ação irrefletida de mentes despreparadas que se propuseram a interpretar doutrinas complexas. O filósofo idealista italiano, ainda completou sua crítica afirmando que a filosofia dialética de Hegel era coisa para adultos e inadequada para os intelectuais russos (CROCE, 1950).

Gramsci, que não aceitava a concepção crociana da multidão infantil, mas considerava o proletariado com capacidade pedagógica para se autoeducar e dirigir sua história, antes da Revolução Russa, colaborou com os preparativos para a visita a Turim de um grupo de delegados russos, que se concluiu no dia 13 de agosto com

⁶² La cultura è una cosa ben diversa. È organizzazione, disciplina del proprio io interiore, è presa di possesso della propria personalità, è conquista di coscienza superiore, per la quale si riesce a comprendere il proprio valore storico, la propria funzione nella vita, i propri diritti e i propri doveri. Conoscere se stessi vuol dire essere se stessi, vuol dire essere padroni di se stessi, distinguersi, uscire fuori dal caos, essere un elemento di ordine, ma del proprio ordine e della propria disciplina ad un ideale. E non si può ottenere ciò se non si conoscono anche gli altri, la loro storia, il susseguirsi degli sforzi che essi hanno fatto per essere ciò che sono, per creare la civiltà che hanno creato e alla quale noi vogliamo sostituire la nostra. Vuol dire avere nozioni di cosa è la natura e le sue leggi per conoscere le leggi che governano lo spirito. E tutto imparare senza perdere di vista lo scopo ultimo che è di meglio conoscere se stessi attraverso gli altri e gli altri attraverso se stessi. Se è vero che la storia universale è una catena degli sforzi che l'uomo ha fatto per liberarsi e dai privilegi e dai pregiudizi e dalle idolatrie, non si capisce perché il proletariato, che un altro anello vuol aggiungere a quella catena, non debba sapere come e perché e da chi sia stato preceduto, e quale giovamento possa trarre da questo sapere (Tradução nossa).

uma solene manifestação operária em favor da revolução e de Lenin (GRAMSCI, SCHUCHT, 1997). Gramsci, juntamente com Togliatti e Bordiga, participou da reunião clandestina “*frazione intransigente rivoluzionaria*” (fração intransigente revolucionária) do Partido Socialista Italiano, constituída em agosto de 1917, para dar ao partido italiano uma orientação mais à esquerda no XV Congresso Nacional que ocorreria em 1919 (GRAMSCI; SCHUCHT, 1997).

Nos meses que antecederam a Revolução Russa, Gramsci escreveu em *Il Grido del Popolo*, em 29 de Abril de 1917, o artigo intitulado “*Notte sulla rivoluzione russa*. No artigo enfatizou a força do elemento cultural como fator determinante para o sucesso da revolução política e para o surgimento da nova civilização proletária. A revolução russa significava para Gramsci a renovação moral da humanidade levada adiante pelo proletariado:

Porque estes perseguem um ideal que não pode ser apenas de poucos, porque estes são seguros que quando todo o proletariado russo será por eles interrogado, a resposta não poderá ser duvidosa: essa está na consciência de todos, e se transformará em decisão irrevogável assim que puder ser expressa em um ambiente de liberdade espiritual absoluta, sem que a concordância seja pervertida pelo intervento policial e pela ameaça da força e do exílio. O proletariado industrial é já preparado para a mudança também cultural. O proletariado agrícola que conhece as formas tradicionais do comunismo comunal, está também preparado para passar a uma nova forma de sociedade. Essa não apenas substituiu força por força, costumes por costumes, mas criou uma nova atmosfera moral (GRAMSCI, 1973, p. 52)⁶³.

Algumas linhas a frente, Gramsci ainda escreveu que o elemento moral e cultural era o mais grandioso dentre aqueles produzidos pela Revolução Russa e o princípio da instauração de uma nova ordem mundial:

É este o fenômeno mais grandioso que uma obra humana já realizou. O homem malfeitor tornou-se, na Revolução Russa, o homem que Immanuel Kant, o teórico da moral absoluta havia anunciado, o homem que diz: a imensidão do céu fora de mim, o imperativo da minha consciência dentro de mim. É a libertação dos espíritos, a instauração de uma nova consciência moral que estas pequenas

⁶³ Perché essi perseguono un ideale che non può essere solo di pochi, perché essi sono sicuri che quando tutto il proletariato russo sarà da loro interrogato, la risposta non può essere dubbia: essa è nelle coscienze di tutti, e si trasformerà in decisione irrevocabile non appena potrà esprimersi in un ambiente di libertà spirituale assoluta, senza che il suffragio sia pervertito dall'intervento della polizia e dalla minaccia della forza o dell'esilio. Il proletariato industriale è già preparato al trapasso anche culturalmente: il proletariato agricolo, che conosce le forme tradizionali del comunismo comunale, è anche esso preparato al passaggio a una nuova forma di società. Essa ha non solo sostituito potenza a potenza, ha sostituito costume a costume, ha creato una nuova atmosfera morale (Tradução nossa).

notícias nos revelam. É o advento de uma ordem nova, que coincide com tudo o que nossos mestres haviam ensinado (GRAMSCI, 1973, p. 52)⁶⁴.

Com o desencadeamento da Revolução Russa, Gramsci comentou a tomada de poder por parte dos bolcheviques com o artigo “*La Rivoluzione contro il Capitale*” (A Revolução contra o Capital). Entretanto, foi censurado no *Grido del Popolo*, sendo publicado no *Avanti*⁶⁵ de Giacinto Menotti Serrati⁶⁶ (GRAMSCI; SCHUCHT). Neste artigo, Gramsci fez severas críticas ao dogmatismo interpretativo da obra O Capital de Marx e colocou a necessidade do proletariado assumir uma postura revolucionária no seu contexto:

Essa é a revolução contra o Capital de Karl Marx. O Capital de Marx era, na Rússia, o livro dos burgueses, mais do que dos proletários. Era a demonstração crítica da fatal necessidade que na Rússia se formasse uma burguesia, se iniciasse uma era capitalista, se instaurasse uma civilização de tipo ocidental, antes que o proletariado pudesse nem mesmo pensar ao seu resgate, as suas reivindicações de classe, à revolução. Os fatos superaram as ideologias. Os fatos explodiram os esquemas críticos segundo os quais a história da Rússia deveria se desenvolver segundo os cânones do materialismo histórico. Os bolcheviques renegam Karl Marx, afirmam com o testemunho da ação explícita, das conquistas realizadas, que os cânones do materialismo histórico não são assim férreos como se poderia pensar e foi pensado (GRAMSCI, 1973, p. 53)⁶⁷.

No artigo, Gramsci ainda afirmou que os bolcheviques, sem qualquer dogmatismo, viviam o pensamento marxista que nunca morre⁶⁸. O pensamento

⁶⁴ È questo il fenomeno piú grandioso che mai opera umana abbia prodotto. L'uomo malfattore comune è diventato, nella rivoluzione russa, l'uomo quale Emanuele Kant, il teorizzatore della morale assoluta, aveva predicato, l'uomo che dice: l'immensità del cielo fuori di me, l'imperativo della mia coscienza dentro di me. È la liberazione degli spiriti, è l'instaurazione di una nuova coscienza morale che queste piccole notizie ci rivelano. È l'avvento di un ordine nuovo, che coincide con tutto ciò che i nostri maestri ci avevano insegnato (Tradução nossa).

⁶⁵ Jornal de circulação cotidiana do Partido Socialista Italiano.

⁶⁶ Líder do Partido Socialista Italiano que em 1916 se aproxima de Lenin. Em 1921, mesmo fazendo parte do grupo político de Gramsci, Togliatti e Bordiga, não aderiu imediatamente ao nascente Partido Comunista Italiano. Todavia, em 1924, deixa o PSI e ingressa no PCI.

⁶⁷ Essa è la rivoluzione contro il Capitale di Carlo Marx. Il Capitale di Marx era, in Russia, il libro dei borghesi, piú che dei proletari. Era la dimostrazione critica della fatale necessità che in Russia si formasse una borghesia, si iniziasse un'era capitalistica, si instaurasse una civiltà di tipo occidentale, prima che il proletariato potesse neppure pensare alla sua riscossa, alle sue rivendicazioni di classe, alla sua rivoluzione. I fatti hanno superato le ideologie. I fatti hanno fatto scoppiare gli schemi critici entro i quali la storia della Russia avrebbe dovuto svolgersi secondo i canoni del materialismo storico. I bolscevichi rinnegano Carlo Marx, affermano con la testimonianza dell'azione esplicita, delle conquiste realizzate, che i canoni del materialismo storico non sono così ferrei come si potrebbe pensare e si è pensato. (Tradução nossa).

⁶⁸ Segundo Guido Liguori (1996), Gramsci, provavelmente, não leu a obra a Ideologia alemã, que foi publicada na Itália apenas em 1932.

marxista que era a continuação do pensamento idealista italiano e alemão e que no próprio Marx tinha sido contaminado por incrustações positivistas e naturalistas (GRAMSCI, 1973).

Este distanciamento do grupo *ordinuovista*⁶⁹ em relação ao PSI, tornou-se ruptura definitiva no denominado *Biennio Rosso* de 1919-1920⁷⁰. Nestes dois anos, os operários das cidades do norte da Itália começaram uma greve geral no interior das fábricas para assegurar melhores condições de vida e de trabalho. Diante da intransigência dos industriais, os operários decidiram administrar as fábricas por conta própria. Na zona rural os camponeses descontentes por sua posição social, ocuparam alguns latifúndios para obter terras para o cultivo (SPRIANO, 1964).

A Revolução Russa acentuou a luta de classes na Itália. Gramsci e o grupo de intelectuais de Turim, ligados ao jornal *Ordine Nuovo*, acreditavam que a revolução também poderia acontecer na Itália. O proletariado italiano também poderia empreender a sua revolução não apenas política, mas também pedagógica (cultural e moral). Os conselhos de fábrica demonstravam a capacidade organizativa do proletariado italiano (GRAMSCI; BORDIGA, 1973).

Segundo Schlesener (2016), a experiência dos Conselhos de Fábrica comprovou a possibilidade de uma forma democrática de exercício do poder, tendo como base a emancipação intelectual dos grupos subalternos. Os Conselhos concretizaram uma experiência de vida coletiva e uma organização que articulou produção, política e educação. No que diz respeito à organização política dos trabalhadores, a educação serviu como instrumento para relacionar dialeticamente teoria e prática. O processo de construção da vida coletiva serviu como instrumento de transformação e/ou educação dos indivíduos.

O PSI, todavia, não apoiou a greve geral e a tomada das fábricas pelos operários, o que levou o grupo ligado a Gramsci e ao Jornal *Ordine Nuovo*, a afastar-se da direção do PSI. Neste contexto, os membros que compunham o PSI estavam divididos quanto ao posicionamento e aos caminhos a serem seguidos pelo partido.

⁶⁹ O grupo ligado ao Jornal *Ordine Nuovo* constituído por Gramsci, Togliatti, Tasca etc. Os *ordinuovistas*, embora mais próximas aos maximalistas que aos reformistas progressivamente se afastaram da direção do PSI dominada pelos maximalistas e caminharam em direção a fundação do PCI.

⁷⁰ *Biennio Rosso* é a expressão comumente utilizada pelos historiadores para designar o período da história italiana compreendido entre os anos de 1919-1920. O período foi caracterizado por uma série de lutas operárias e camponesas que culminaram na ocupação das fábricas em setembro de 1920.

O socialismo italiano sofria uma profunda divisão. De um lado, os maximalistas⁷¹ (maioria), que se proclamava revolucionária, de outro os reformistas (minoritários) que auspiciavam uma política de colaboração com as classes dirigentes. Porém, os reformistas, apesar de minoria, controlavam o grupo de parlamentares, a Conferência Geral do Trabalho e muitas administrações comunais do centro-norte italiano (SPRIANO, 1964).

No PSI havia, ainda, o grupo ligado a Amadeo Bordiga que defendia a abstenção eleitoral e mantinha posições anárquicas (SPRIANO, 1964). O grupo ligado a Gramsci, era, obviamente, mais próximo dos maximalistas do que dos reformistas. Todavia, as hesitações da direção do PSI, nos fatos referentes à 1ª Guerra Mundial e, principalmente, à Revolução Russa e ao *Biennio Rosso*, foram determinantes para que, posteriormente, o grupo de intelectuais de Turim rompesse com o PSI e fundasse juntamente com Bordiga o PCI (SPRIANO, 1964).

Enquanto o PSI encontrava-se dividido entre maximalistas e reformistas, o grupo de jovens *ordinuovista* suspendeu as publicações do jornal para participar da luta nas fábricas e organizar as assembleias. Gramsci e Togliatti fizeram parte do conselho dos operários. Em posição mais à esquerda, até mais que os maximalistas, baseados no modelo dos *Soviet*⁷², defenderam a preparação da revolução através da criação dos Conselhos de Fábrica. Desta forma, aumentou a tensão entre os operários liderados pelo grupo *ordinuovista*, empenhados em um esforço revolucionário e as indecisões do PSI. As ocupações terminam em 26 de setembro de 1920 com melhorias, mas sem a esperada revolução. Todavia, a ruptura entre o grupo *ordinuovista* e o PSI tornou-se definitiva (SPRIANO, 1971). Em 20 de Setembro de 1920, Gramsci escreveu no *Ordine Nuovo*.

Justamente porque, o Partido Socialista, pela sua incapacidade, por sua subordinação aos funcionários sindicais, é o responsável direto pela fracassada revolução, justamente por isso, deve existir um partido que a sua organização nacional seja posta a serviço da revolução proletária, que prepare com a discussão e a disciplina férrea os homens capazes, que saibam prever e não conhecem hesitações

⁷¹ Grupo dentro dos partidos socialistas europeus das primeiras décadas do século XX. Os maximalistas defendiam a imediata e completa implementação das teses socialistas em oposição aos minimalistas reformistas que defendiam conquistas gradativas. Os termos ganham destaque nas obras de Leon Trotsky (1879-1940): programa mínimo, programa de transição e programa máximo, (TROTSKY, 1978).

⁷² Forma de organização utilizada na Rússia durante e após a revolução de 1917 direcionou-se para a conquista e a gestão do poder. Análogas formas se desenvolveram sucessivamente em outros países.

vacilações (GRAMSCI, 1973, p. 169)⁷³.

No XVII Congresso do PSI, que aconteceu em Livorno, em janeiro de 1921, quatro meses após o fim das ocupações das fábricas, o grupo *ordinuovista* alinou-se se com os abstencionistas⁷⁴ de Amadeo Bordiga, deixou o PSI⁷⁵ e fundou o PCI como uma seção da III Internacional Comunista⁷⁶.

No recém-criado PCI encontraram lugar Angelo Tasca, Antonio Gramsci, Palmiro Togliatti, Umberto Terracini e Ruggero Grieco, homens que possuíam concepções diversas sobre a ação política, que no futuro se revelaram conflituosas. Todavia, o que nasceu em Livorno foi um partido compacto, plenamente convicto da necessidade de superar as discordâncias e o marasmo dominantes no PSI (RAVERA, 1971). *Ordinuovistas* e abstencionistas encontraram-se unidos na defesa da imediata revolução proletária desencadeada pelos fatos de 1917.

Entretanto, apesar do PCI ser originado da divisão do PSI, as divisões também marcaram sua história, principalmente no que diz respeito às perspectivas de encaminhamento do processo revolucionário. Apesar de ter sido fundado em um contexto que a luta operária toma novas diretrizes diante da Revolução na Rússia e da fundação da III Internacional Comunista, os entendimentos sobre o melhor caminho para avançar no processo revolucionário foi diverso e conflituoso no interior do partido. Neste sentido, a radicalização e o clima de perseguição instaurado por toda a Europa, influenciou a luta política operária na Itália, trazendo também divisões no interior do PCI. Neste contexto, Gramsci e Togliatti se aproximaram e também se distanciaram, principalmente no que se refere ao entendimento sobre as melhores estratégias de

⁷³ Appunto perché il Partito socialista, per la sua incapacità, per la sua subordinazione ai funzionari sindacali, è il responsabile della mancata rivoluzione, appunto perciò deve esistere un partito che la sua organizzazione nazionale ponga a servizio della rivoluzione proletaria, che prepari con la discussione e con la disciplina ferrea gli uomini capaci, che sappiano prevedere, che non conoscano esitazioni e tentennamenti. (Tradução nossa).

⁷⁴ Tanto no PSI como no PCI, o grupo de Bordiga irá defender a não participação (abstenção) nas eleições.

⁷⁵ O PSI perdurou até o ano de 1994. A crise representada pelo fim do socialismo na Rússia representou o esfacelamento dos partidos socialistas europeus. O PSI se dissolveu em diversos grupos como os *Socialisti Italiani* (SI), os *Socialisti democratici italiani* (SDI) e o grupo radical *Rosa nel pugno*. Em 2009, a partir da união entre diferentes grupos ocorreu a refundação do *Partido Socialista Italiano* (PSI).

⁷⁶ A II Internacional ou Internacional Operária, sob iniciativa e liderança de Engels, foi fundada em 1889 pelos partidos socialistas europeus. Nas primeiras duas décadas do século XX, a II internacional foi dominada pelos grupos revisionistas e pelos Partidos Sociais Democratas, sob a principal liderança de Eduard Bernstein (1850-1932). Como a vitoriosa Revolução de 1917, a II Internacional perdeu força, Vladimir Ilic Uljanov (Lenin), em 1919, fundou a III Internacional ou Internacional Comunista.

luta. O próximo tópico desta seção tratará da atuação e das disputas entre Gramsci e Togliatti no PCI entre os anos de 1921 e 1926, o que culminou na ruptura entre ambos em 1926.

3.2 GRAMSCI E TOGLIATTI: TRABALHO E DISSIDÊNCIAS NO PCI (1921 E 1926)

Para refletir sobre as atuações de Gramsci e Togliatti no PCI é necessário considerar seus posicionamentos políticos, os quais levaram a ruptura com a direção do PSI no Congresso de Livorno em 1921. Também é necessário considerar a trajetória política de Gramsci, principalmente no que se refere à sua leitura sobre os rumos da revolução operária na Rússia e as possibilidades da revolução proletária na Itália. Aliás, posicionamentos que contribuíram para o encarceramento de Gramsci pelo regime fascista italiano em 1926 e o seu afastamento definitivo de Togliatti no mesmo ano.

Para refletir sobre o posicionamento de Gramsci diante da conjuntura política italiana e europeia e a ruptura dele com Togliatti, a pesquisa utilizará, preferencialmente, a obra *Scritti Politici* organizada por Paolo Spriano em 1973. Na exposição direta da visão de Togliatti sobre os mesmos acontecimentos será utilizada, preferencialmente, a sua obra: *La formazione del gruppo dirigente del Partito Comunista Italiano nel 1923-1924*. No que tange ao rompimento com o PSI e os posteriores embates internos do PCI, será utilizada a obra de Amadeo Bordiga: *La sinistra comunista nel cammino della rivoluzione*, publicada em 1976.

No Congresso de Livorno, em 1921, Gramsci desempenhou um papel secundário e foi Bordiga que assumiu a liderança, inclusive na ruptura com o PSI e manifestou publicamente os princípios norteadores da ação política do PCI: revolução e ditadura do proletariado (BORDIGA, 1976). As diferenças entre os *ordinuovistas* e o grupo de Bordiga eram nítidas e numerosas. Todavia, apesar das diferenças, nos primeiros anos do PCI, o grupo do *Ordine Nuovo*, liderado por Gramsci, alinhou-se à direção bordiguiana no que tange as ações políticas.

No momento das eleições políticas da primavera de 1921, das quais o partido participou apenas para cumprir à orientação do II Congresso da Internacional Comunista de 1919, Gramsci sustentou as teses do partido no *Ordine Nuovo*, usando áspers tons nos confrontos do parlamentarismo (GRAMSCI, 1973). Mesmo fora do período eleitoral, como testemunhou Umberto Terracini, o *Ordine Nuovo*, por mais de

um ano, calou seu próprio programa e foi fiel executor das propostas do partido liderado por Bordiga, inclusive aquelas que contrariavam as orientações da III Internacional, tal como a recusa bordiguiana à tática da frente única (TOGLIATTI, 1984).

O III Congresso da III Internacional Comunista, em 1921, avaliou seus projetos revolucionários e, diante das derrotas das Revoluções operárias previstas para o continente Europeu (1917–1921), prescreveu a tática da frente única, indicando a importância do diálogo e da aliança com os grupos reformistas, socialistas ou sociais democratas nos países europeus. Assim, a tese de Trotsky tornou-se vencedora, apontando para a necessidade de combinar o realismo político com a atividade revolucionária. Conforme comenta Sena Junior:

[...] procurava-se encaminhar o movimento comunista para dentro dos organismos de massas, os sindicatos principalmente, para a partir dali formarem a necessária frente única que encontrasse o termo da *realpolitik* e da ação revolucionária almejada. [...] Os Partidos Comunistas, surgidos do grande ascenso revolucionário do pós-guerra, viram-se, pela primeira, vez na iminência de elaborarem uma tática que não fosse meramente ofensiva, mas uma tática apropriada a um período de relativa estabilização do capitalismo, tática esta que combinasse medidas defensivas, com a preparação da ofensiva revolucionária pela classe trabalhadora (SENA JUNIOR. 2007, P. 3-4)⁷⁷.

Entretanto, os delegados do PCI, no III Congresso da Internacional Comunista, manifestaram-se a favor da posição abstencionista de Bordiga, afirmando a necessidade de conquistar primeiro a maioria do proletariado para posteriormente lutar pelo poder. Neste sentido, Terracini em testemunho exposto na obra de Togliatti (1984), afirmou que a delegação italiana se reuniu e unanimemente pôs seu refuto a tese da frente única. Segundo ele, a exigência do III Congresso da Internacional Comunista de diálogo e aliança com socialistas e sociais democratas soava para os comunistas Italianos, recém-saídos do PSI, como absurda.

Em março de 1922, liderado por Amadeo Bordiga, em Roma, o PCI realizou o II Congresso, no qual, o grupo dirigente rejeitou a aliança com o PSI e emitiu um documento conhecido como as teses de Roma. Desta forma, o PCI contrapôs-se às indicações da *Komintern*, rechaçando as possibilidades de alianças eleitorais com os

⁷⁷ SENNA JÚNIOR, Carlos Z., Frente Única, frente popular e frente nacional, CEMARX, 5º Colóquio, 2007. Disponível em: http://www.unicamp.br/cemarx/anais_v_coloquio_arquivos/arquivos/comunicacoes/gt7/sessao3/Carlos_Zacarias.pdf

demais partidos da denominada esquerda burguesa. Para o PCI, os acordos com os demais partidos de esquerda danificavam e retardavam a revolução do proletariado⁷⁸. (SPRIANO, 1967).

Neste cenário, Gramsci votou favoravelmente às teses de Roma. Entretanto, em meados de 1922, quando manifestou-se o dissenso entre a linha política de Bordiga e a da Internacional Comunista, Gramsci distanciou-se das posições de Bordiga. Neste sentido, na Carta a Togliatti e a Mauro Scoccimarro (1895-1972), em 05 de abril de 1924, justificou que assim o fez para preservar a unidade do partido e porque as teses se apresentavam como proposta a ser debatida no IV Congresso da Internacional Comunista, o qual ocorreria em novembro de 1922, e não como norma das posteriores ações políticas do PCI no cenário italiano e europeu (TOGLIATTI, 1984).

No II Congresso do PCI em março de 1922, Gramsci foi designado como representante do partido no Comitê Executivo da Internacional Comunista em Moscou. Na Rússia, Gramsci teve contato direto com as principais lideranças do Partido Comunista Russo e da III Internacional Comunista. Deste modo, aderiu definitivamente as posições da *Komintern*, em modo especial aquela da frente única, e distanciou-se de Bordiga (GRAMSCI, 1973).

O conflito entre a III Internacional Comunista e os Italianos explodiu no IV Congresso realizado em novembro de 1922, do qual Gramsci participou já como representante do PCI no Comitê Executivo da *Komintern*. Diante da intransigência de Bordiga, os dirigentes russos articularam para que Gramsci assumisse a presidência do PCI. Todavia, mesmo convicto dos erros de Bordiga, Gramsci considerou que a correlação interna das forças no partido não permitiria a mudança (TOGLIATTI, 1984).

Em artigos escritos no *Ordine Nuovo* no final de 1922, tais como, *Il programma di L'Ordine Nuovo* e *La crisi Italiana*, Gramsci chamou atenção dos próprios companheiros de grupo, Togliatti e Terracini, sobre as posições sectaristas e fraccionistas defendidas pelo PCI (GRAMSCI, 1973). Nestes artigos, Gramsci enfatizou a importância do elemento pedagógico na preparação da revolução política. Em *Il programma di L'Ordine Nuovo*, afirmou que o PCI não poderia permanecer

⁷⁸ O texto original em Italiano afirma: “Non solo dunque una coalizione del partito comunista con partiti della sinistra borghese o della socialdemocrazia danneggerebbe la preparazione rivoluzionaria e renderebbe difficile la utilizzazione di un esperimento di governo di sinistra, ma anche praticamente essa in massima ritarderebbe la vittoria del blocco di sinistra su quello di destra” (SPRIANO, 1967, p. 120).

restrito a um grupo de líderes intelectuais, os quais se consideravam acima das massas. Para ele, a mais importante missão do Partido (PCI) consistia em trabalhar para que as massas atingissem um nível de conscientização política igual àquela alcançada na Rússia:

Por isto manteremos sempre uma correspondência epistolar com os melhores companheiros, para comunicar a eles as experiências que neste campo foram realizadas na Rússia e nos outros países, para direcioná-los, aconselhar os livros que devem ser lidos e os métodos a serem aplicados. Cremos que neste sentido muito devem trabalhar, especialmente os companheiros que emigraram para outros países. Onde existir, no exterior, um grupo de 10 companheiros deverá surgir uma escola do Partido. Os mais anciãos e os mais práticos devem ser os instrutores destas escolas, transmitir aos mais jovens suas experiências e contribuir para elevar o nível político das massas. Para ajudar as escolas do Partido nos propomos de publicar uma série de opúsculos e livros. Entre os opúsculos indicamos: 1º os tratados elementares do marxismo; 2º uma exposição da palavra de ordem do governo operário e camponês aplicada à Itália; 3º um pequeno manual propagandista que contenha os dados mais essenciais sobre a vida econômica e política italiana, sobre os partidos políticos italianos etc., os materiais indispensáveis para combater a propaganda simplista dos jornais burgueses. Queremos fazer uma edição italiana do Manifesto Comunista com as notas do companheiro D. Riasanof: no seu conjunto essas notas são uma tratativa completa de nossas doutrinas em forma popular. Queremos publicar também uma antologia do materialismo histórico, isto é, uma seleção dos textos mais significativos de Marx e Engels que possam dar um quadro geral das obras destes nossos dois mestres (GRAMSCI, 1973, p. 76)⁷⁹.

No início de 1923, Bordiga foi encarcerado. Todavia, através de sucessivas cartas ao partido, manteve sua posição de radical oposição as diretivas políticas da *Komintern*. Por fim, ainda no Cárcere, redigiu um manifesto em que acusava à III Internacional Comunista de abandono e traição das ideias e táticas políticas com as

⁷⁹ Perciò ci terremo sempre in corrispondenza epistolare coi migliori compagni, per comunicare loro le esperienze che in questo campo sono state fatte in Russia e negli altri paesi, per indirizzarli, per consigliare i libri da leggere e i metodi da applicare. Crediamo che in questo senso molto debbano lavorare specialmente i compagni emigrati: dovunque esiste all'estero un gruppo di 10 compagni deve sorgere una scuola di Partito: gli elementi più anziani e più pratici devono essere gli istruttori di queste scuole, far partecipi i più giovani della loro esperienza, contribuire a elevare il livello politico della massa. Per aiutare le scuole di Partito nel loro lavoro ci proponiamo di pubblicare tutta una serie di opuscoli e qualche libro. Tra gli opuscoli indichiamo: 1° delle trattazioni elementari del marxismo; 2° una esposizione della parola d'ordine del governo operaio e contadino applicata all'Italia; 3° un manualetto del propagandista, che contenga i dati più essenziali sulla vita economica e politica italiana, sui partiti politici italiani, ecc., i materiali indispensabili cioè per la propaganda spicciola fatta alla lettura in comune dei giornali borghesi. Vorremmo fare una edizione italiana del Manifesto dei Comunisti con le note del compagno D. Riasanof: nel loro complesso queste note sono una trattazione completa in forma popolare delle nostre dottrine. Vorremmo anche stampare una antologia del materialismo storico, cioè una raccolta dei brani più significativi di Marx ed Engels che diano un quadro d'insieme delle opere di questi due nostri grandi maestri (Tradução nossa).

quais teria nascido⁸⁰ (BORDIGA, 1988). Importantes nomes do PCI como Terracini, Scoccimarro e Togliatti hesitavam, mas estavam dispostos a assinar o manifesto. Apenas Gramsci se declarou contrário e manifestou abertamente sua opinião. Pelos colóquios que havia mantido com os líderes russos durante a sua permanência em Moscou, Gramsci era seguro de que a não aceitação das orientações do Partido Comunista Russo (PCR) e da *Komintern* culminariam na expulsão do PCI da III Internacional Comunista.

Os primeiros dissensos entre Gramsci e Togliatti foram motivados pelo manifesto de Bordiga. Gramsci reagiu com dureza às indecisões do antigo grupo do *Ordine Nuovo*, de modo especial de Togliatti. A III Internacional Comunista destituiu Bordiga e organizou um comitê executivo misto que contemplava as diferentes tendências do partido, inclusive, a direita de Tasca. Togliatti foi indicado como um dos membros do novo Comitê, mas seguindo as orientações de Bordiga estava propenso a recusar. Em maio de 1923, Togliatti escreveu uma carta a Gramsci na qual o convidava a se informar melhor sobre a questão italiana, a reaproximar-se do partido e dos antigos companheiros:

Tu debes aproximar-te da Itália. Tens necessidade de ver muito frequentemente os companheiros que viveram e vivem continuamente em contato com a nossa realidade. Tens necessidade de ser informado melhor do que não se pode fazer agora. E também nós temos necessidade que a tua direção se faça novamente sentir em modo mais amplo (TOGLIATTI, 2001, p. 409-410)⁸¹.

Gramsci respondeu em agosto do mesmo ano e manifestou abertamente sua indignação. Na resposta, Gramsci fez alusões à intenção de Togliatti em não aceitar a indicação ao novo Comitê do PCI e seguindo a orientação de Bordiga deixar todos os cargos nas mãos da direita de Tasca (CANALE, 2013), considerada como uma minoria em oposição à maioria bordiguiana. De fato, a não participação no novo Comitê do PCI, defendida por Bordiga no seu manifesto, faria com que a minoria de Tasca, assumisse a direção do Partido Comunista Italiano:

Agora entendo melhor como foi possível criar a paradoxal situação que

⁸⁰ A III Internacional Comunista surgiu em contraposição ao revisionismo, defendido, em modo especial, por Eduard Bernstein e pelos sociais democratas alemães. Antes da *svolta* de 1921, as alianças com os partidos sociais democratas não foram aceitas.

⁸¹ Tu devi avvicinati all'Italia. Hai bisogno di vedere molto di frequente dei compagni che abiano vissuto e vivano continuamente a contatto con la nostra realtà. Hai bisogno di essere informato di tutto meglio di quanto non si possa fare ora. E anche noi abbiamo bisogno che la tua guida si faccia nuovamente sentire in modo più ampio (Tradução nossa).

nos amargura, de uma minoria que não existe objetivamente, que foi criada pelos nossos erros e pela nossa passividade e que terá, se o teu ponto de vista se confirmar, a direção do Partido; e de uma maioria que não se sabe exatamente que coisa é, se tem um programa, se é digna de estar no seu posto no terrível momento que o proletariado italiano atravessa (GRAMSCI, 1966, p. 23-24)⁸².

Em uma carta publicada por Togliatti na sua obra *La formazione del gruppo dirigente del Partito Comunista Italiano nel 1923-1924*, Gramsci escreveu a Alfonso Leonetti⁸³ (1892-1967) e considerou dissolvido o grupo do *Ordine Nuovo*:

Não compartilho de teu ponto de vista que se deve revalorizar o nosso grupo de Turim formado em torno ao *Ordine Nuovo*. Afinal existe ainda o nosso grupo? Togliatti não sabe se decidir, como foi sempre um pouco em seus hábitos; a personalidade vigorosa de Amadeo fortemente o atingiu e o mantém no meio do caminho em uma indecisão que procura justificações com falácias jurídicas⁸⁴ (TOGLIATTI, 1984, p. 182-184).

A fase de incertezas de Togliatti se estendeu durante meses. Ainda em 1923, Gramsci foi transferido de Moscou para Viena com a tarefa de estreitar as relações entre o PCI e os demais partidos comunistas europeus. Durante o ano de 1924, manteve uma intensa correspondência com Leonetti, Terracini, Scoccimarro e Togliatti. Nestas correspondências constantemente aludiu às posições de Bordiga, as quais eram defendidas pela maioria dos antigos companheiros do *Ordine Nuovo*⁸⁵. (GRAMSCI; SCHUCHT, 1997). Em 09 de fevereiro de 1924, Gramsci expôs em uma carta a Terracini e Togliatti a sua concepção de partido a nível nacional e internacional em alinhamento com a Internacional Comunista e a intenção de criar, em torno de si,

⁸² Ora capisco meglio come si é potuta creare la situazione paradossale che ci delizia, di una minoranza che non esiste obiettivamente, che è stata creata dai nostri errori e dalla nostra passività e che avrà, se il tuo punto di vista si attua, la direzione del Partito, e di una maggioranza che non si sa con esattezza cosa sia, se abbia un programma, se sia degna di stare al suo posto nel momento terribile che il proletariato italiano attraversa (Tradução nossa). A Carta foi publicada na Revista Comunista *Rinascita* apenas em 1966, um ano após a morte de Togliatti.

⁸³ Fez parte com Gramsci, Togliatti, Tasca e Terracini do grupo do *Ordine Nuovo*, do PSI e posteriormente do PCI. Foi o único representante do grupo do *Ordine Nuovo* que desde o início da disputa com Bordiga se posicionou ao lado de Gramsci. Foi expulso do partido em 1930, acusado de posições trotskistas.

⁸⁴ Non condivido il tuo punto di vista che si debba rivalorizzare il nostro gruppo di Torino formatosi intorno all' *Ordine nuovo*. D'altronde esiste ancora il nostro gruppo? Togliatti non sa decidersi com'era un pò sempre nelle sue abitudini; la personalità 'vigorosa' di Amadeo lo ha fortemente colpito e lo trattiene a mezza via in una indecisione che cerca giustificazioni in cavilli puramente giuridici (Tradução nossa).

⁸⁵ A correspondência de Gramsci com os companheiros do *Ordine Nuovo*, no período em que esteve em Viena, encontra-se contida na obra GRAMSCI, Antonio. *Lettere (1908-1926)*. Torino: Einaudi, 1992. Parte da correspondência e frequentes referências a esta podem ser encontradas também em GRAMSCI, Antonio. Schucht, Tatiana. *Lettere 1926-1937*. Torino. Einaudi, 1997.

um novo grupo dirigente para o PCI (GRAMSCI, 1992). Nesta mesma carta, Gramsci atacou, como fez posteriormente no documento aprovado em Lyon, no ano de 1926, as concepções político-pedagógicas de Bordiga. O Partido Comunista Italiano não poderia impor suas decisões do alto, mas permanecendo ligado à massa operária deveria trabalhar para sua instrução e organização:

O partido não pode separa-se das massas, não pode renunciar à formação das células de fábrica, não pode renunciar à sua verdadeira natureza de organização da vanguarda operária. Não pode impor sua vontade do alto, mas deve continuamente submeter-se as verificações das instâncias de base, do movimento, do proletariado (GRAMSCI, 1992, p. 138)⁸⁶.

Gramsci reentrou na Itália em março de 1924 e no biênio 1924-1925, progressivamente⁸⁷, enfrentou abertamente Bordiga diante dos quadros comunistas regionais e nacionais. Em 03 de julho de 1925, em um artigo publicado no jornal quotidiano *L'Unità*⁸⁸, intitulado “*La situazione interna del nostro Partito ed i compiti del prossimo congresso*”⁸⁹, Gramsci atacou as posições sectárias de Bordiga e o acusou de ter criado uma espécie de partido patriota:

O nosso partido desenvolveu suficientemente o sentido da disciplina, isto é, cada sócio reconhece a sua subordinação ao complexo do partido, mas, não se pode dizer o mesmo no que diz respeito as relações com a IC⁹⁰, ou seja, a consciência de pertencer a um partido mundial. Neste sentido, apenas é necessário dizer que o espírito internacionalista não é muito praticado, não no sentido geral da solidariedade internacional. Era esta uma situação existente no Partido socialista e que refletiu contra nós no Congresso de Livorno, a qual continuou a subsistir em parte e sob outras formas de tendência suscitada pelo companheiro Bordiga, o qual julga com especial título de nobreza chamar-se seguidor da esquerda italiana. Neste campo, o companheiro Bordiga recriou uma situação semelhante àquela criada pelo companheiro Serrati depois do Congresso⁹¹ e que levou a expulsão dos maximalistas da IC. Ele recria uma espécie de patriotismo de partido que refuta de enquadrar-se em uma

⁸⁶ Il partito non può staccarsi dalle masse, non può rinunciare alla formazione delle cellule di fabbrica, non può rinunciare alla sua vera natura di organizzatore dell'avanguardia operaia. Non può imporre la sua volontà dall'alto, ma deve in continuazione sottoporsi alla verifica delle istanze di base, del movimento, del proletariato (Tradução nossa).

⁸⁷ Através da Conferência de Como, em maio de 1924, e do Congresso Provincial de Nápoles, em agosto de 1924.

⁸⁸ Quotidiano fundado por Gramsci após regressar à Itália, em fevereiro de 1924.

⁸⁹ “A situação interna do nosso partido e as tarefas do próximo Congresso”. O Congresso referido no Título é o III de Lyon no qual as teses de Gramsci alinhadas à II Internacional triunfam definitivamente.

⁹⁰ Internacional Comunista.

⁹¹ Congresso de Livorno em 1921.

organização mundial⁹² (GRAMSCI, 1973, p. 205-206).

Nos meses de julho e agosto de 1925, Gramsci participou de inúmeras reuniões, em toda a Itália, para discutir a situação interna do partido. Através destas reuniões, ele preparou o terreno para o triunfo definitivo de suas teses no III Congresso do PCI em janeiro de 1926 (GRAMSCI; SCHUCHT, 1997). Neste Congresso, Gramsci teve o apoio de Togliatti e do antigo grupo do *Ordine Nuovo*. De fato, desde meados de 1924, após meses de hesitações, Togliatti estava novamente ao lado de Gramsci.

Antes de abordar a ruptura entre Gramsci e Togliatti, ocorrida em outubro de 1926, é de fundamental importância para um dos objetivos desta pesquisa, ou seja, de demonstrar que, dentre os motivos que levaram ao dissenso entre Gramsci e Bordiga inclui-se o pedagógico, que conforme demonstrado, somente existe na sua relação dialética com o político. Entre os anos de 1924-1926, Gramsci se opõe abertamente à visão político-pedagógico de Bordiga e do grupo que ainda controlava o PCI (CATONE, 2017). Em 1926, Gramsci, em polêmica com Bordiga, retomou sua oposição às teses liberais da multidão infantil, já contrastada nos escritos juvenis em debate com Croce (GRAMSCI, 1980), e, posteriormente, desenvolvida nas Cartas e Cadernos do Cárcere (GRAMSCI, 2000).

Segundo Andrea Catone (2017), Bordiga não concebia o partido como formado pela classe operária, mas como um grupo de intelectuais com a tarefa de dirigir a massa. No documento preparado por Gramsci para o III Congresso do PCI, com a importante contribuição de Togliatti, o qual deu origem às célebres Teses de Lyon⁹³, além de pesadas críticas a Bordiga quanto a sua incredulidade nas capacidades de organização e direção da massa proletária, Gramsci defendeu que a função do Partido não era a de formar intelectuais sem contato com a massa, mas deveria ser parte da massa operária. Desta forma, distinguindo os conceitos de massa operária e grande

⁹² Il nostro Partito ha abbastanza sviluppato il senso della disciplina, cioè ogni socio riconosce la sua subordinazione al complesso del Partito, ma non altrettanto si può dire per ciò che riguarda i rapporti con l'IC, cioè per ciò che riguarda la coscienza di appartenere a un Partito mondiale. In questo senso solamente bisogna dire che lo spirito internazionalista non è molto praticato, non certo nel senso generale della solidarietà internazionale. Era questa una situazione esistente nel Partito socialista e che si riflette a nostro danno al Congresso di Livorno. Continuò a sussistere in parte sotto altre forme per la tendenza suscitata dal compagno Bordiga a ritenere speciale titolo di nobiltà il dirsi seguaci di una cosiddetta «sinistra italiana». In questo campo il compagno Bordiga ha ricreato una situazione simile a quella creata dal compagno Serrati dopo il II Congresso e che portò alla esclusione dei massimalisti dalla IC. Egli cioè crea una specie di patriottismo di partito che rifugge dall'inquadrarsi in una organizzazione mondiale.

⁹³ Em 1972 a Editrice (Editora) Cooperativa Proletaria di Firenze (Florença) publicou Le Tesi di Lione (As Teses de Lyon) como uma obra de Antonio Gramsci.

massa⁹⁴, Gramsci defendeu que os operários, através do Partido (PCI), seriam capazes de guiar a totalidade do povo italiano:

Pela extrema esquerda o Partido é definido, negligenciando e subestimando o seu conteúdo social, como um órgão da classe operária, que se constitui pela síntese de elementos heterogêneos. Ao contrário, a definição do Partido deve realçar, antes de tudo, o fato que este é uma parte da classe operária. O erro na definição do Partido leva a impostar em modo errado os problemas organizativos e os problemas de tática; para a extrema esquerda a função do Partido não é aquela de permanecer ligado a massa, mas aquela de elaborar quadros preparados para guiar a massa quando a mudança das circunstâncias a tiveram trazido para o Partido, fazendo a aceitar as posições pragmáticas e os princípios por este fixados. Isto permite aproximar o extremismo de esquerda das desviações da direita⁹⁵. Assim como a tendência de direita, as teses da extrema esquerda são expressão de um ceticismo sobre as possibilidades de a massa operária organizar um partido de classe o qual seja capaz de guiar a grande massa esforçando para tê-la em todo momento unida a si (GRAMSCI, 1972, p. 14)⁹⁶.

Em outra passagem das Teses de Lyon se encontram algumas importantes categorias do pensamento político-pedagógico gramsciano, em modo especial aquela de intelectual orgânico:

Esse proclama de ser um partido de classe e o partido de uma só classe, a classe operária. Todas as objeções ao princípio que põe a organização do partido sobre a base da produção partem de concepções que são ligadas a classes estranhas ao proletariado, mesmo se apresentadas por companheiros que se dizem de extrema esquerda. Essas se baseiam sobre uma consideração pessimista das capacidades revolucionárias do operário comunista, e são expressões do espírito antiproletário do intelectual pequeno-burguês, o qual acredita ser o sal da terra e a luz do mundo e vê no operário o instrumento material do desarranjo social e não o protagonista consciente e intelectual da revolução⁹⁷ (GRAMSCI, 1972, p. 14).

⁹⁴ O povo na sua totalidade.

⁹⁵ Direita dentro dos Partidos Comunistas.

⁹⁶ dall'estrema sinistra il partito viene definito, trascurando e sottovalutando il suo contenuto sociale, come un "organo" della classe operaia, che si costituisce per sintesi di elementi eterogenei. Il partito deve invece essere definito mettendo in rilievo anzitutto il fatto che esso è una "parte" della classe operaia. L'errore nella definizione del partito porta a impostare in modo errato i problemi organizzativi e i problemi di tattica; per la estrema sinistra la funzione del partito non è quella di restare in contatto con la classe ma di elaborare dei quadri preparati a guidare la massa quando lo svolgimento delle situazioni l'avrà portata al partito, facendole accettare le posizioni programmatiche e di principio da esso fissate. Ciò permette di avvicinare l'estremismo di sinistra al massimalismo e alle deviazioni di destra. Esso è inoltre, come la tendenza di destra, espressione di uno scetticismo sulla possibilità che la massa operaia organizzi dal suo seno un partito di classe il quale sia capace di guidare la grande massa sforzandosi di tenerla in ogni momento collegata a sé (Tradução nossa).

⁹⁷ Esso proclama di essere un partito di classe e il partito di una sola classe, la classe operaia. Tutte le obiezioni al principio che pone la organizzazione del partito sulla base della produzione partono

Na formação de uma nova ordem mundial e para o surgimento de uma nova classe dominante, Gramsci, já no biênio 1924-1926, distinguiu entre dominação e direção. Por dominação entendia o uso da força ou no uso do entendimento de Bordiga, significaria as concepções pragmáticas e os princípios impostos pelos intelectuais do Partido (PCI) sobre as massas operárias e camponesas. Por direção, entendia o conceito de hegemonia cultural (GRAMSCI, 1977), tema que foi posteriormente desenvolvido nos Cadernos e Cartas do Cárcere. A função dos intelectuais (orgânicos) seria a de liderar intelectual e moralmente a massa operária por meio da educação e da organização da cultura.

A categoria político-pedagógica da educação e sua dimensão política continuou presente nos escritos gramscianos publicados durante a polêmica com Bordiga. Os trabalhadores foram vistos como capazes de pensar e criar condições de redefinir conceitos através da atividade prática. Para os trabalhadores tornava-se claro que a implementação de uma nova gestão política implicava, simultaneamente, o dever de educar-se e difundir o saber e a experiência de modo independente dos grupos intelectuais, isto é, da educação tradicional. Gramsci acentuou a necessidade de o proletariado libertar-se dos intelectuais de carreira (ligados às classes dominantes) e intensificar a formação cultural das massas para aprofundar a consciência crítica (SCHLESENER, 2009).

3.3. GRAMSCI E TOGLIATTI E AS POLÊMICAS TESES REVOLUCIONÁRIAS: PCI, PCR E A III INTERNACIONAL COMUNISTA.

A polêmica entre Gramsci e Togliatti, iniciada em outubro de 1926, poucos dias antes da prisão do primeiro, será abordada a partir de dois ângulos complementares: a disputa no PCR e na III Internacional Comunista e o conflito epistolar entre os mesmos. No que tange ao primeiro ângulo, serão tratadas igualmente as implicações da disputa russa na correlação das forças internas no nascente PCI. Para isto, a pesquisa utilizará as seguintes bibliografias: a obra de Alessandro Mongili, intitulada: *Stalin e l'impero sovietico* (MONGILI, 1995); o apêndice do livro *Gramsci e Bordiga*

da concezioni che sono legate a classi estranee al proletariato, anche se sono presentate da compagni e gruppi che si dicono di "estrema sinistra". Esse si basano sopra una considerazione pessimista delle capacità rivoluzionarie dell'operaio comunista, e sono espressione dello spirito antiproletario del piccolo-borghese intellettuale, il quale crede di essere il sale della terra e vede nell'operaio lo strumento materiale dello sconvolgimento sociale e non il protagonista cosciente e intelligente della rivoluzione (Tradução nossa).

alle origini del comunismo italiano, o qual é intitulado Gramsci e lo stalinismo publicado por Giorgio Amico em 2013; O livro de Roberto Massari com prefácio de Francesco Leonetti intitulado *All'opposizione nel pci con Trossky e Gramsci*. Bolletino dell'opposizione comunista italiana (1931-1933) publicado em 2004; além das cartas de Gramsci, especialmente aquelas escritas no período pré-carcerário. No que diz respeito à polêmica entre Gramsci e Togliatti, a pesquisa utilizará os textos originais das correspondências entre os dois líderes, as quais se encontram na obra curada por Chiara Daniele: *Gramsci a Roma, Togliatti a Mosca. Il carteggio del 1926* (GRAMSCI; TOGLIATTI, 1999). Serão traduzidas partes das Cartas mais pertinentes à temática estudada, o que inclui três cartas: carta de Gramsci, resposta de Togliatti e réplica de Gramsci. Todas escritas em outubro de 1926.

A disputa no PCR e na III Internacional Comunista atingiu o PCI e esteve na origem do conflito entre Gramsci e Togliatti. Em janeiro de 1926, o PCI no Congresso de Lyon, pôs fim à disputa interna entre Bordiga e Gramsci com a vitória das teses gramscianas, em modo especial aquela da frente única, alinhadas a Internacional Comunista. Neste mesmo ano, a nova *svolta* no Partido Comunista Russo e na *Komintern* atingiu, mais uma vez, a correlação de forças internas do PCI, levando a expulsão de membros fundadores como Angelo Tasca e Francesco Leonetti e ao áspero conflito entre Gramsci e Togliatti.

No Congresso de Lyon em janeiro de 1926, Togliatti foi nominado chefe da delegação italiana no VI Plenun da Internacional Comunista que aconteceu em fevereiro do mesmo ano (SPRIANO, 1967, p. 110). No seu discurso de 25 de fevereiro, Togliatti atacou Bordiga acusando-o de ter portado o PCI ao caminho da destruição e realizou a defesa do novo grupo dirigente liderado por Gramsci.

Sobre as relações entre a esquerda italiana liderada por Bordiga e a esquerda russa liderada por Trotsky e, por conseguinte, sobre as relações entre Gramsci, Trotsky, Stalin e os demais expoentes do PCR como Zinoviev, Kamenev e Bukharin existem insuperáveis divergências entre os estudiosos da temática. A literatura oficial do PCR e, principalmente do PCI, historicamente apresentou Gramsci como um convicto stalinista, defensor das teses da Internacional Comunista e, portanto, ferrenho opositor das teorias de Bordiga e Trotsky (TOGLIATTI, 1984). Por outro lado, estudiosos gramscianos (e trotskistas) como Maitan (1955) e Corvisieri (1969) apresentaram Gramsci como expoente de uma linha revolucionária, do início de sua militância até a morte, como sendo a encarnação do patrimônio político e literário de

Trotsky na Itália (MASSARI, 2004).

Os argumentos utilizados tanto para a afirmação de um Gramsci stalinista quanto aqueles que o aproximam ou identificam com Trotsky, são simplistas, unilaterais e reducionistas. Os fatores e motivos da disputa entre Gramsci e Bordiga na Itália e daquela entre a maioria stalinista e Trotsky na Rússia e na III Internacional Comunista são múltiplos e complexos. Sobre a complexidade das relações entre Gramsci, Bordiga e Tasca na Itália com Stalin, Bukharin, Zinoviev, Kamenev e Trotsky na Rússia, a pesquisa elencou cinco pontos. Em alguns destes pontos Gramsci se aproxima de Trotsky em outros de Stalin e Bukharin. Em ao menos um destes pontos Gramsci se encontra unido a todos os expoentes do PCR em oposição a Bordiga. Em um ponto Bordiga se aproxima de Stalin e Bukharin, após a *svolta* de 1926, contra Trotsky, Gramsci, Zinoviev e Kamenev. Em outro ponto Bordiga se aproxima de Trotsky contra Gramsci e a maioria stalinista na Rússia. Estes são os cinco pontos elencados pela pesquisa: A tática do *fronte unico* e, posteriormente do *muro contro muro* ou *classe contro classe*; Revolução e governo (ditadura) do proletariado ou do proletariado e *dei contadini* (pequenos agricultores, arrendatários); Unidade dos partidos comunistas, facções internas e burocratização; As relações entre o PCR, a Internacional Comunista e os demais partidos comunistas ocidentais; a equação (justificada ou não) entre a esquerda italiana de Bordiga e Trotsky; Revolução permanente ou socialismo em um só país.

A análise detalhada de cada um destes pontos seria demasiadamente longa e fugiria aos objetivos desta pesquisa. Por este motivo, a pesquisa pretende analisar diretamente e com maiores detalhes, o primeiro destes e fazer observações rápidas e pontuais sobre os demais. No que diz respeito à tática do *fronte unico*, existe inicialmente uma proximidade absoluta entre Gramsci e os membros do PCR e da Internacional Comunista: Lenin, Trotsky, Zinoviev, Bukharin e Stalin. Em junho de 1921 (o PCI havia sido fundado em janeiro) aconteceu o III Congresso da Internacional Comunista, o qual diante da involução do ardor revolucionário nos países europeus, reavaliou os “tempos da revolução” e prescreveu a tática do *fronte unico* apresentada por Trotsky, com os partidos socialistas e sociais democratas (CA 'ZORZI, 1984).

No quarto Congresso da III Internacional Comunista, em novembro de 1922, emergiu a questão italiana. O PCI, com exceção de Angelo Tasca e as iniciais hesitações de Gramsci, declarou oposição à política da Internacional Comunista, não aceitou a fusão com o PSI e as alianças com os sociais democratas. O PCR entendeu

que era necessário substituir Bordiga e pressionou Gramsci para que trabalhasse na formação de uma nova maioria. Gramsci, embora se opondo a intransigência de Bordiga, inicialmente hesitou, mas foi convencido por Trotsky. Em 25 de novembro de 1922, Lenin determinou, por telefone, que Trotsky buscasse uma resolução para a questão italiana:

Quanto a Bordiga, aconselho veemente de aprovar a tua proposta de enviar aos delegados italianos uma carta do nosso Comitê Central e recomendar-lhes com muita insistência que aceitem a tática por ti indicada, caso contrário as ações deles serão extremamente prejudiciais para os comunistas italianos no futuro (LENIN, 1955-1970, p. 608)⁹⁸.

A proposta de Trotsky foi imediatamente colocada em prática. Dois dias depois a delegação italiana recebeu uma carta assinada por Lenin, Trotsky, Zinoviev, Bukharin e Radek⁹⁹, a qual impunha ao PCI a tática do *fronte unico* (MASSARI, 2004).

No período entre os dois Congressos (III e IV) da III Internacional Comunista, Trotsky teve com Gramsci longas conversas sobre o fascismo, a situação política europeia, a Internacional e a necessidade da tática do *fronte unico*. Segundo Massari (2004), documentos inéditos do arquivo Angelo Tasca apresentam um diálogo entre Trotsky e Serrati, no qual o primeiro testemunha o esforço realizado por ele, Bukharin e Zinoviev para convencer Gramsci a iniciar a luta contra Bordiga. A disputa entre Gramsci e Bordiga iria se concluir apenas quatro anos depois no Congresso do PCI em Lyon com a vitória da tática defendida unanimemente pelo PCR e pela III Internacional Comunista.

Deste modo, a tática do *fronte unico* uniu Gramsci, Tasca, Lenin, Trotsky, Zinoviev, Kamenev, Radek, Bukharin, Stalin, e, posteriormente Togliatti e Terracini contra Bordiga e, praticamente até Lyon, Ruggero Grieco e outros expoentes do PCI. Todavia, a partir de 1924 iniciou-se no PCR e na Internacional Comunista um processo que ficou conhecido como virada a esquerda. A partir do fracasso da tática do *fronte unico* em alguns países europeus, principalmente na Alemanha, esta foi suplantada por uma tática contrária denominada *muro contro muro* ou *classe contro classe*, a qual

⁹⁸ Quanto a Bordiga, consiglio vivamente di approvare la vostra proposta di inviare ai delegati italiani una lettera del nostro Cc e di raccomandare loro con molta insistenza la tática da voi indicata, altrimenti le loro azioni saranno estremamente dannose per i comunisti italiani in avvenire (Tradução nossa).

⁹⁹ Karl Berngardovitch Radek (1885-1939) foi um político comunista russo e membro da III Internacional Comunista.

já foi abordada no contexto das diferentes concepções político-pedagógicas de Gramsci e da III Internacional Comunista.

Na dinâmica política, justamente quando Gramsci, seguindo as determinações da III Internacional Comunista, levava adiante uma acirrada disputa com Bordiga em defesa da tática do *fronte único*, a própria Internacional Comunista já havia iniciado um processo que iria culminar, a partir de 1926 e, principalmente de 1929, na tática do *muro contro muro*. Esta, que pode ser denominada dinâmica contradição, foi sentida, ainda em 1924, por alguns expoentes da esquerda italiana liderada por Bordiga. Terracini¹⁰⁰, que em 1924 defendeu contra a III Internacional as posições de Bordiga, sentiu a contradição entre os caminhos seguidos pelo PCI e pela III Internacional e sobre isto se expressou em uma carta a Gramsci. O PCI estava sendo forçado a passar do *muro contro muro* a tática do *fronte unico* enquanto a III Internaciona iniciava um processo contrário:

Ora bem. Não existe nenhuma disposição centralizadora que proíba críticas a uma experiência tática. Não vejo razões pelas quais nós devemos nos abster de reconfirmar hoje as nossas críticas passadas quando podemos apoiá-las em resultados lamentáveis¹⁰¹. Seria muito estranho que, justamente quando a Internacional, no seu organismo máximo está revendo a própria tática, próprio nós nos tornássemos seus rígidos defensores (TERRACINI apud AMICO, 2013, p. 27)¹⁰².

A mudança de tática na própria Internacional Comunista, *fronte unico* e depois *muro contro muro*, possibilita a compreensão dos motivos pelos quais Ruggero Grieco (e Togliatti), antes um ferrenho defensor de Bordiga tenha se tornado, após um breve período de tempo em que aceitou as teses gramscianas, um intransigente defensor da *svolta* stalinista. Bordiga, por sua vez, mesmo discordando da tática do *fronte unico* proposta por Trotsky, por alguns dos demais pontos elencados pela pesquisa, tais como, a relação entre operários e *contadini* na revolução e nos possíveis governos comunistas, deste se aproximou em uma denominada frente de esquerda (AMICO, 2013). Gramsci permaneceu fiel á tática do *fronte unico* e com o fortalecimento do

¹⁰⁰ Em 1926, no Congresso de Lyon, Terracini apoiará as teses de Gramsci (*fronte unico*) e, diferentemente de Togliatti, permaneceu fiel a esta sendo expulso do partido na década de 1930 quando a III Internacional dominada por Stalin, impôs a tática do *muro contro muro*.

¹⁰¹ O fracasso da tática de alianças na Alemanha, na Bulgária e em outros países europeus.

¹⁰² Or bene. Non vi è nessuna disposizione centralizzatrice che vieti di criticare una qualunque esperienza tattica. Non vedo ragione per cui dovremmo astenerci dal riconfermare oggi le nostre critiche passate quando possiamo poggiarle sui risultati lamentevoli. Sarebbe abbastanza strano che, proprio mentre la Internazionale, nel suo organo Massimo, rivede la propria tattica, proprio noi ne devenissimo i rigidi fautori (Tradução nossa).

fascismo defendeu contra Togliatti, Grieco, os companheiros de prisão em Turi, Bukharin e a maioria stalinista a tese da Assembleia Constituinte. Através desta, Gramsci afirmava um tempo intermediário entre a queda do fascismo e a revolução proletária marcado pela aliança com os demais partidos antifascistas e no qual os princípios políticos-pedagógicos desempenhariam uma função preponderante.

O ponto da tática do *fronte unico* e, posteriormente, do *muro contro muro* simultaneamente se relaciona e se distingue dos demais pontos elencados pela pesquisa. A tática do *muro contro muro* na medida em que defendeu o recrudescimento da oposição entre o capitalismo, o comunismo e o eminente perigo de uma guerra, encontra-se ligada ao ponto que diz respeito à relação entre a Internacional Comunista, o PCR e os demais partidos comunistas europeus. O aumento das tensões levou o PCR a afirmar uma função de domínio absoluto na Internacional Comunista. Os demais partidos comunistas ocidentais e o proletariado dos mesmos deveriam exercer uma função de proteção à pátria comunista. Igualmente, diante das possibilidades de uma guerra, rapidamente deveria ser criada a potência militar e industrial russa. Pelos mesmos motivos ganhou força entre Stalin, Bukharin e outros expoentes da maioria stalinista, a enfática defesa de maior participação *dei contadini* (e dos *Kulak*, grandes proprietários) no governo comunista (posição primeiramente defendida por Bukharin e depois também por Stalin).

A tática do *fronte unico*, reelaborada (por Gramsci) na década de 1930 com a teoria da Assembleia Constituinte, uniu Trotsky e Gramsci. Todavia, mesmo neste ponto, os dois apresentaram, ao menos a partir da segunda metade da década de 1920, grandes diferenças no que diz respeito ao modo de conceber a revolução, ou seja, a aplicabilidade da tática do *fronte unico* ou da Assembleia Constituinte. Na interpretação gramsciana, Trotsky seria o teórico do ataque frontal e da guerra de movimentos (Gramsci 1977). Às teorias de Trotsky, Gramsci contrapôs àquela da guerra de posição, na qual a cultura e, inclusive, a escola (capitalista) desempenhavam importante função.

Massari (2004) e Portantiero (1977) afirmam que até 1924, Gramsci foi um entusiasta defensor de Trotsky e de suas concepções políticas. De fato, Quando Gramsci chegou a Viena em dezembro de 1923, explodiu a disputa no PCR. Em 13 de janeiro de 1924, Gramsci escreveu a mulher em Moscou pedindo informações sobre a luta em curso e definiu como irresponsáveis os ataques de Stalin contra Trotsky. Em 9 de Fevereiro de 1924, Gramsci escreveu uma importante carta para

Terracini e Togliatti, na qual fez uma análise histórica da posição políticas de alguns dos principais expoentes do PCR e da III Internacional Comunista:

A situação interna da Internacional. Não estou convencido da análise feita por Urbani¹⁰³ sobre as novas orientações que se manifestam na *Komintern* depois dos acontecimentos na Alemanha. Não creio hoje que caminhe para a esquerda. No que diz respeito à Rússia, eu sempre soube que na topografia das facções e das tendências Radek, Trotski e Bukharin ocupavam uma posição de esquerda; Zinoviev, Kameniev, Stalin uma posição de direita enquanto Lenin estava ao centro e exercia a função de árbitro de toda a situação. É notório que em toda a história do movimento revolucionário russo, Trotsky era politicamente mais a esquerda do que os bolcheviques, enquanto que nas questões de organização frequentemente compunha ou mesmo se confundia com os mencheviques (GRAMSCI, 1992, p. 65-66).

Na carta Gramsci afirma no ambiente interno do PCR e da III Internacional Comunista, os termos esquerda e direita não eram fixos. Em um aspecto, Trotsky estava mais a esquerda do que todos os bolcheviques, em outro, estava mais a direita e se confundia com os mencheviques. Politicamente Trotsky sempre foi mais a esquerda. Esta afirmação feita em 1924 se constitui simultaneamente como um elogio e também um indicativo das futuras críticas de Gramsci a teoria da guerra de movimentos, ataque frontal e revolução permanente de Trotsky (GRAMSCI, 1977).

Na continuidade da carta, Gramsci elogia Trotsky e crítica a posição de Zinoviev e Kamenev, então aliados de Stalin durante a revolução de outubro. Enquanto Trotsky e Lenin compreenderam a possibilidade histórica da revolução, Zinoviev e Kamenev a ela se opuseram e quase foram expulsos do grupo dos bolcheviques (GRAMSCI, 1992). Alguns anos depois, nos Cadernos do Cárcere, Gramsci afirmou, que à tática do ataque frontal defendida por Trotsky foi acertada na Rússia em 1917, mas no ocidente havia colhido apenas derrotas, em modo especial na Alemanha (GRAMSCI, 1970)¹⁰⁴. Por isto suas pesadas críticas a Trotsky e a necessidade de substituir o

¹⁰³ Terracini.

¹⁰⁴ Até o início da década de 1920, o PCR e a III Internacional Comunista depositaram grande confiança nas possibilidades da revolução na Alemanha. A conquista de um país desenvolvido, que ocupava posição central na geografia europeia era vista como determinante para a expansão do comunismo. Segundo Amico (2013), a própria Internacional Comunista planejava uma mudança para Alemanha. A derrota na Alemanha foi determinante para a *svolta* a esquerda na Internacional Comunista a partir da segunda metade da década de 1920. Zinoviev culpou Radek, aliado de Trotsky e os comunistas alemães ligadas a tática do *fronte unico* pela derrota. Trotsky culpou Zinoviev e os líderes da Internacional, ligados àquela que seria posteriormente a maioria stalinista (CA 'ZORZI, 1984). Na carta de fevereiro de 1924, Gramsci defendeu Trotsky e Radek e culpou apenas os membros do Partido Comunista Alemão (PCD). O único erro de Trotsky e Radek foi acreditar nas “falácias” de Blander e Thalheimer (líderes comunistas alemães) segundo as quais a Alemanha era pronta para a Revolução. Blander, defensor da tática do *fronte unico*, havia afirmado que a Alemanha era pronta para

ataque frontal pela guerra de posição e a necessidade da revolução cultural como condição de possibilidade para a conquista do poder político (GRAMSCI, 1977).

Em fevereiro de 1924, contando com o apoio da III Internacional Comunista na luta contra a extrema esquerda de Bordiga e Grieco, Gramsci não compreendeu que a própria Internacional, após o fracasso na Alemanha, expostava-se a esquerda. A tática do *fronte unico* desenvolvida por Trotsky, com o apoio da totalidade dos expoentes da Internacional, começava ser substituída pela tática do *muro contro muro* desenvolvida por Bukharin. Diante das hesitações de Terracini e Togliatti, Gramsci considerou infundadas as afirmações do primeiro de que a própria Internacional estava abandonando a tática do *fronte unico* (GRAMSCI, 1992). Terracini e, momentaneamente Togliatti, foram convencidos por Gramsci, mas o sucessivo desdobramento dos acontecimentos na III Internacional e no PCR, demonstraram que estavam erradas as análises gramscianas. A tática do *muro contro muro* e alguns dos outros aspectos uniram Grieco e Togliatti à Stalin contra Trotsky e Gramsci.

Na carta de fevereiro de 1924, Gramsci escreveu que sempre soube que na correlação de forças entre as facções internas do PCR, Bukharin, Trotsky e Radek eram de esquerda, enquanto Zinoviev, Kamenev e Stalin eram de direita. Ao final da carta acrescentou que a única novidade era a passagem de Bukharin para o grupo de Stalin, Zinoviev e Kamenev (GRAMSCI, 1992). Em 1926, Zinoviev e Kamenev, sempre por alguns dos outros pontos elencados pela pesquisa, irão se unir a Trotsky contra Bukharin e Stalin. O primeiro, principalmente pelo ponto que diz respeito à aliança e os papéis de proletários e *contadini* (e *Kulak*) no governo russo será considerado de direita e mesmo de extrema direita (MONGILI, 1995). Em 1929, Bukharin, diante da crescente centralização e burocratização stalinista, é excluído do

a revolução. Zinoviev havia demonstrado descrédito. Trotsky havia acreditado em Blander e criticado Zinoviev com um artigo intitulado: "Se a revolução pode ser feita com data fixa" (GRAMSCI, 1992). Em 1924, Gramsci defendeu Trotsky, mas posteriormente nos Cadernos do Cárcere irá dirigir pesadas críticas a tática do ataque frontal e irá acusar esta posição de Trotsky como responsável pelas derrotas produzidas no ocidente (GRAMSCI, 1977). Dentre as derrotas no ocidente, a mais dolorosa foi aquela na Alemanha. Isto indica que Gramsci nos Cadernos reviu sua posição de 1924. Todavia, isto não significou uma aproximação com Stalin, Zinoviev e Bukharin. Ao contrário com a *svolta* a esquerda, a III Internacional Comunista passou a defender a tática do *muro contro muro* e a possibilidade da revolução eminente. Deste modo, neste ponto específico, a posição de Gramsci se diferencia tanto daquela de Trotsky quanto daquela da maioria stalinista. No Caderno 6, Gramsci escreveu que Trotsky continuava a propor a guerra de movimento em uma época em que já estava superada pela guerra de posição e por isto era causa de derrotas. Para Gramsci, revolução permanente e guerra de movimento se constituíam como reflexo da situação russa, pobre em sociedade civil, de modo que Trotsky ao propô-la universalmente era incapaz de colher a especificidade do ocidente (GRAMSCI, 1977). As mesmas críticas aparecem nos Cadernos, 1, 7, 13, 14 e 19.

governo e se une também a Trotsky (MONGILI, 1995).

No PCI, a tática do *muro contro muro* somada aos pontos relativos à relação entre o PCR, a Internacional e os demais partidos comunistas ocidentais, levou a expulsão do grupo dos três: Ravazzoli, Tresso e Leonetti. Estes eram próximos a Gramsci e se uniram a Trotsky. Segundo Alberto Pian (1987), Tresso e Leonetti mantiveram intensa correspondência com Trotsky e identificaram o programa de transição de Trotsky com a Assembleia Constituinte de Gramsci que prescrevia um tempo intermediário entre a queda do fascismo e a revolução proletária.

Gramsci, todavia, conforme já mencionado, possui uma concepção da revolução que se distingue tanto daquela de Trotsky quanto a da Stalin e da III Internacional Comunista. Sendo assim, a tese da Assembleia Constituinte foi, ao menos até o final da década de 1930, objeto de severas críticas e não aceita pela Internacional Comunista. Para Gramsci, os tempos não eram propícios para a imediata revolução proletária. Todavia, na interpretação feita por Gramsci dos conceitos de Trotsky, o ataque não poderia ser frontal e a guerra não poderia ser de movimento. Para Gramsci, o período da Assembleia Constituinte deveria ser marcado pela guerra de posição e pela dialética da conquista da hegemonia cultural e política (GRAMSCI, 1977).

No que diz respeito à perspectiva da revolução e do governo do proletariado ou do proletariado e *dei contadini*, Stalin e Bukharin lançaram reiteradas críticas a Trotsky, acusando-o de desprezar a capacidade de mobilização, de organização e de luta *dei contadini*. O terceiro Plenun do Comitê Executivo da Internacional Comunista determinou a extensão da fórmula governo operário para governo operário e *contadino* com uma clara ligação com a nova política econômica (NEP) colocada em prática na Rússia por aquela que seria a maioria stalinista (CA 'ZORZI, 1984). A maior participação *dei contadini* se ligava a tese de Bukharin e Stalin do socialismo em um só país.

Em uma reunião entre expoentes da Internacional Comunista e a delegação italiana em 21 de fevereiro de 1926, Bordiga, após longas conversações com Trotsky, questionou Stalin sobre a NPE e as relações entre operários e *contadini*. Na resposta, Stalin acusou Trotsky de desprezar a participação *dei contadini* na revolução comunista e, com base nisto, negar as possibilidades do socialismo em um só país. Para Stalin, na aliança entre operários e *contadini* (Kulak) encontrava-se a possibilidade da autonomia russa diante dos países capitalistas. O desenvolvimento

da economia russa significava o desenvolvimento da revolução. Ao acusar Trotsky de negação das possibilidades da revolução ser mantida em um só país, Stalin o acusou de dividir as concepções da social democracia. Desta forma, Trotsky foi acusado de um desvio a direita. A internacional Comunista deveria combater tanto os desvios à direita de Trotsky quanto os desvios da extrema esquerda de Bordiga no PCI (CA 'ZORZI, 1984). Na tática colocada em prática pela Internacional comunista, dominada por Stalin, Gramsci deveria ocupar no PCI uma posição de centro e combater tanto Tasca quanto Bordiga. Da mesma forma, que a Internacional Comunista, ocupando uma posição de centro, combatia todos os desvios, dentre estes, aquele de Trotsky.

Gramsci, como será posteriormente demonstrado, não foi um defensor da tese do socialismo em um só país. Em 1926, apenas defendeu, contra Trotsky, a necessidade de fortalecimento do socialismo na Rússia como uma etapa para a revolução internacional. Todavia, para Gramsci, oriundo da Sardenha, a questão da participação e da valorização *dei contadini* era primordial. Antes do cárcere escreveu a obra: *A questão meridional*, na qual, o tema "*dei contadini*" ocupa posição de destaque. Na leitura que Gramsci fez de Trotsky, os *contadini* poderiam ter na revolução e no governo uma função apenas auxiliar. Em 1924, o novo quotidiano fundado por Gramsci chamou-se *Unità* em correspondência a tática do governo operário e *contadino*, que na Itália, dada a especificidade entre o norte operário e o sul contadino deveria se realizar mediante a fórmula da República Federal dos operários e *contadini*. (GRAMSCI, 1972). Alguns meses mais tarde, Gramsci escreveu em referência ao fascismo e novamente defende a fórmula do governo operário e do *contadino*:

O problema urgente, a palavra de ordem necessária hoje é aquela do governo operário e *contadino*: se trata de popularizar e adequar isto às condições concretas italianas, de demonstrar como essa (a palavra de ordem) resume e contém em si todas as reivindicações da multiplicidade de partidos e tendências em que o fascismo desagregou a vontade política da classe operária, mas especialmente da massa *contadina* (GRAMSCI, 1972, p. 165).

Pela importância dada por Gramsci à questão *contadina*, neste ponto em específico, ele se aproximou de Stalin e, principalmente de Bukharin, e distanciou-se de Trotsky e Bordiga. A questão contadina foi um dos fatores, não o único, que determinaram a equação Bordiga-Trotsky em alguns dos escritos gramscianos a partir de 1924.

Outro ponto elencado pela pesquisa que contribui para a equação Bordiga-Trotsky, foi o referente às facções, à centralização e à burocratização. Entretanto, na medida em que precisava combater Bordiga e sua “facção de extrema esquerda”, Gramsci afirmou que as dissidências, tanto a de Bordiga quanto a de Trotsky comprometiam a unidade do partido (PCR e PCI) e prejudicavam a causa revolucionária (GRAMSCI, 1972). Por outro lado, Gramsci criticou enfaticamente a burocratização stalinista e repetiu a Togliatti a mesma acusação que Trotsky havia feito a Stalin: burocrata (GRAMSCI; TOGLIATTI, 1999).

No que tange a relação entre o PCR, a III Internacional Comunista e os demais partidos comunistas ocidentais, Bordiga desde o início da disputa russa e Gramsci, ao menos a partir de 1926, mesmo reconhecendo a proeminência do PCR, reconhecida pelos estatutos da Internacional Comunista, entenderam que a questão russa não deveria ficar restrita aos russos (CA 'ZORZI, 1984). Para a maioria stalinista, da qual Togliatti se tornou ardoroso defensor, a fidelidade dos demais partidos ocidentais ao PCR deveria consistir apenas na aceitação das decisões tomadas pela maioria russa (GRAMSCI; TOGLIATTI, 1999). Segundo Amico (2013), o próprio Trotsky, diferente do que pensava Bordiga e, posteriormente Gramsci, preferiu silenciar sua derrota e não apelar para os demais partidos comunistas ocidentais, nem fez questão que o tema fosse discutido pelo conjunto da Internacional Comunista.

Após estas colocações que demonstram como são simplistas, reducionistas e unilaterais as teses que forçam para apresentar Gramsci alinhado com Stalin ou Trotsky, e aquela que reduz a controvérsia russa ao socialismo em um só país e a revolução permanente, a pesquisa abordará os acontecimentos referentes ao PCR e a Internacional Comunista, com a conseqüente correspondência epistolar entre Gramsci e Togliatti em 1926.

Os anos de 1926 e 1927, os quais registram a preparação e a realização do XV Congresso do PCR, foram marcados pela grande *svolta* no PCR e na III Internacional Comunista e, conseqüentemente, nos demais partidos comunistas europeus. Na época, o debate se constituiu entre duas posições conflituosas: de um lado, as proposta de Trotsky, em modo especial aquela da “revolução permanente”¹⁰⁵, e

¹⁰⁵ Termo utilizado por Marx e Engels entre 1845 e 1850, mas que posteriormente foi ligado ao pensamento de Trotsky. A revolução, segundo Trotsky, não podia ser limitada a uma determinada nação, mas ser internacionalizada. A Rússia não seria capaz de resistir contra a pressão hostil do mundo capitalista, a menos que a revolução socialista fosse desenvolvida rapidamente nos outros países.

também encampada por Zinoviev¹⁰⁶ e Kamenev¹⁰⁷; do outro, as tese de Stalin, em modo especial aquela do “socialismo em um só país”¹⁰⁸, a qual, em 1925 foi desenvolvida por Nikolai Bukharin¹⁰⁹ e, posteriormente, elevada por Stalin à condição de política estatal.

No verão de 1926, Trotsky, Zinoviev, Kamenev e outros dirigentes bolcheviques, tentaram uma última oposição à maioria stalinista. Neste sentido, criticaram o burocratismo, a ausência de democracia interna no partido e o afastamento da política revolucionária no exterior. Por fim, em 1927, no XV Congresso do PCR, a proposta vencedora foi a de Stalin. Para o grupo majoritário, diante da derrota das perspectivas revolucionárias nos demais países ocidentais, bloqueio comercial e o medo de uma guerra contra a União Soviética¹¹⁰, a resistência e permanência do comunismo dependia da criação rápida da potência industrial e militar soviética. Neste caso, os partidos comunistas, principalmente os europeus, precisavam funcionar como uma rede de proteção da pátria socialista (VACCA, 2003). Diante do cenário, a maioria acreditou que antes era necessário garantir o socialismo na Rússia (MONGILI, 1995). Assim, o movimento operário internacional, unindo forças com o movimento operário russo, deveria proteger o Estado dos *Soviet* dos ataques internos e externos. A realização da sociedade socialista completa não dependia mais do triunfo da revolução nos outros países, mas da capacidade do movimento operário internacional em proteger o Estado dos *Soviet* (MONGILI, 1995).

Na disputa interna do Partido Comunista Russo, Togliatti manifestou dúvidas sobre as possibilidades de novas revoluções socialistas na Europa. A posição do chefe da delegação italiana se contrapôs às teses de Trotsky, Zinoviev e Kamenev, alinhando-se às teses defendidas por Stalin. Ao final do *Plenun*, Togliatti foi eleito

¹⁰⁶ Grigorij Evseevic Zinoviev (1883-1936) foi, entre 1918 e 1925, um dos mais poderosos líderes políticos da Rússia comunista. Em 1922-1923, formou com Kamenev e Stalin um triunvirato em oposição a Trotsky. Em 1926 rompeu com Stalin e juntou-se a Trotsky, formando uma nova oposição.

¹⁰⁷ Lev Borisovic Kamenev (1883-1936), em 1924, juntamente com Zinoviev apoiou Stalin no embate contra Trotsky. Em 1926, diante da tese stalinista do comunismo em um só país, rompeu com o mesmo e se aproximou de Trotsky. Foi assassinado a mando de Stalin em 1936.

¹⁰⁸ A tese sustentava que a União Soviética precisava começar a se fortalecer internamente.

¹⁰⁹ Nicolai Bukharin (1888-1938) foi um revolucionário russo que nos debates de 1926 se posicionou ao lado de Stalin contra Trotsky. Em 1928, todavia, rompeu com Stalin, sendo assassinado em 1938.

¹¹⁰ Diante da recuperação da Alemanha e o tratado de 1925, conhecido como tratado de Locarno, no qual a Alemanha se comprometia em manter desmilitarizada a região da Renânia em contrapartida de uma nova demarcação territorial que preservava as antigas fronteiras e os aliados se comprometiam igualmente em não ocupar novamente o território alemão, o grupo majoritário acreditava que havia a possibilidade de uma coalisão dos estados capitalistas contra a União Soviética.

como um dos membros do executivo da Internacional Comunista ao lado de Stalin, Bukharin, Trotsky e outros (SPRIANO, 1973, p. 18-130).

Nesse processo, em que duas correntes marxistas debatiam sobre qual era o melhor caminho para consolidar o comunismo, os jornais italianos noticiavam, diariamente, o embate soviético e proclamavam que o triunfo das posições de Stalin representava o fim da revolução comunista e sua transformação em uma revolução burguesa com o desenvolvimento do capitalismo de Estado. A maioria stalinista, da qual Togliatti tornará-se convicto defensor, exigiu que os demais partidos comunistas da Europa se pronunciassem sobre o tema (VACCA, 2003). Gramsci divergiu nitidamente da linha do bloco oposicionista (Totsky, Zinoviev e Kamenev), mas também fez ressalvas aos procedimentos do grupo stalinista que era majoritário (VACCA, 2003).

Em setembro de 1926, Gramsci, através do jornal *L'Unità*¹¹¹ polemizou com os escritores do jornal *Il Mondo*¹¹², através da publicação de três artigos -*L'URSS verso il comunismo*¹¹³, *In che direzione si sviluppa l'Unione sovietista*¹¹⁴ e *Russia, Italia e altri paesi*. Nos referidos artigos, Gramsci defendeu a política econômica seguida por Stalin como necessária para a criação da acumulação primitiva, a qual permitiria o desenvolvimento industrial do país (GRAMSCI, 1973). Na sua função de dirigente do PCI, intimado pela maioria stalinista a se pronunciar sobre o embate russo, ou seja, revolução permanente ou socialismo em um só país, Gramsci permaneceu ligado às disposições anteriores a 1926 que prescreviam que as questões russas não seriam submetidas à discussão dos demais partidos comunistas.

3.4 AS CORRESPONDÊNCIAS ENTRE GRAMSCI E TOGLIATTI – EXPLICITANDO AS DIFERENÇAS

Diante da forte pressão de Moscou, Gramsci, em nome do PCI, escolheu um caminho inusitado: antes de se pronunciar oficialmente sobre a “questão russa”, em 14 de outubro de 1926, através de Togliatti, direcionou uma carta de 07 páginas ao Comitê Central do Partido Comunista Russo. Gramsci desejou que a sua carta fosse previamente anunciada a Stalin pelo embaixador soviético em Roma Serjev

¹¹¹ Jornal italiano fundado por Gramsci em 1924.

¹¹² Jornal italiano fundado em 1922 ligado aos interesses do grande capital internacional.

¹¹³ URSS em direção ao comunismo.

¹¹⁴ Em que direção se desenvolve a União Soviética.

Kergentchev, mas enviando-a para Togliatti, pediu-lhe que a discutisse com os expoentes da tese stalinista (PONS, 2004). Neste sentido, juntamente com a carta dirigida ao Comitê Central do PCR, Gramsci enviou um bilhete pessoal, direcionado exclusivamente, ao líder italiano em Moscou. Neste se encontrava contida a autorização para a tradução do texto e, inclusive, para mudanças de detalhes para a correção de possíveis erros ocasionados pela pressa com que a carta foi redigida. O bilhete pessoal continha, também, o pedido para que Togliatti submetesse a carta ao parecer dos líderes da maioria, antes de sua leitura no Comitê (GRAMSCI; TOGLIATTI, 1999).

No início de sua carta, Gramsci manifestou sua angústia diante das divisões internas do Partido Comunista Russo e as consequências das mesmas sobre os demais partidos comunistas europeus. Para ele, todas as facções do partido eram responsáveis pela crise que vivia o comunismo internacional após a morte de Lenin-1924 (VACCA, 2003). Neste sentido, chamou atenção para que todas as facções reconhecessem pertencer a uma comum raiz ideológica, de modo que todas contribuíssem para a criação de um plano unitário de ação (CANALE, 2013). Destacou que a unidade do grupo dirigente urgia como garantia da aliança entre proletários e camponeses e da conexão entre a Revolução Russa e a Revolução Mundial, mesmo passando primeiro pelo fortalecimento do socialismo na Rússia (VACCA, 2003).

Nesta carta, apesar de Gramsci se posicionar favorável à estratégia temporária do socialismo em um só país, apresentou objeções ao tratamento dado a minoria opositora:

Os companheiros Zinoviev, Trotsky e Kamenev muito contribuíram para nos educar para a revolução. Algumas vezes nos corrigiram muito energicamente e severamente, estiveram entre os nossos mestres. Especialmente a eles apelamos como aos maiores responsáveis pela atual situação, porque queremos estar seguros que a maioria do Comitê Central da URSS não tenciona aniquilar¹¹⁵ a oposição na luta e esteja disposta a evitar as medidas excessivas (GRAMSCI; TOGLIATTI, 1999, p. 178)¹¹⁶.

Por um lado, Gramsci apresentou a preocupação com a revolução nos demais

¹¹⁵ O verbo italiano *stravincere* significar anular, aniquilar completamente o adversário.

¹¹⁶ I compagni Zinoviev, Trotskij, Kamenev hanno contribuito potentemente a educarci per la rivoluzione, ci hanno qualche volta corretto molto energicamente e severamente, sono stati fra i nostri maestri. A loro specialmente ci rivolgiamo come ai maggiori responsabili della attuale situazione, perché vogliamo essere sicuri che la maggioranza del CC dell'URSS non intenda *stravincere* nella lotta e sia disposta ad evitare le misure eccessive (Tradução nossa).

países europeus e o uso do termo internacionalistas¹¹⁷, indicando uma proximidade com as posições de Trotsky. Por outro lado, já na primeira página da carta, Gramsci fez críticas à intransigente atitude do bloco de oposição e revelou seu compromisso com a Revolução Soviética e com o ideal da revolução operária:

Caros companheiros: os comunistas italianos e todos os trabalhadores conscientes do nosso país sempre seguiram com a máxima atenção as vossas discussões. Na vigília de cada congresso e de cada conferência do PCR, nós éramos seguros que não obstante a aspereza da polêmica, a unidade do Partido russo não estava em perigo; éramos seguros, também, que tendo atingido uma maior homogeneidade ideológica e organizativa através de tais discussões, o Partido estaria melhor preparado e equipado para superar as múltiplas dificuldades que são ligadas ao exercício do poder de um Estado operário. Hoje, na vigília da vossa XV Conferência, não temos mais a segurança do passado; nos sentimos irresistivelmente angustiados; nos parece que a atual atitude do bloco de oposição e a agudeza das polêmicas no PC da URSS exijam a intervenção dos partidos irmãos. É desta precisa convicção que somos levados a enviar-vos esta carta. Pode ser que o isolamento, no qual o nosso partido é constrangido a viver, nos induziu a exagerar os perigos referentes a situação interna do Partido comunista da URSS; em todo caso não são certamente exagerados os nossos juízos sobre as repercussões internacionais desta situação e nós queremos como internacionalistas cumprir o nosso dever¹¹⁸ (GRAMSCI; TOGLIATTI, 1999¹¹⁹, p. 192).

Alguns parágrafos adiante, referindo-se ao demagogo uso que os partidos burgueses e os sociais democratas faziam das disputas internas do Partido Comunista Russo, apresentou, novamente, uma crítica ao bloco de oposição (Trotsky, Zinoviev e Kamenev). Para Gramsci, a propagação no exterior das críticas à Nova política econômica (NEP) de Stalin, oferecia instrumentos aos adversários da Revolução,

¹¹⁷ Termo próximo as concepções de Trotsky na Obra A Revolução Permanente.

¹¹⁸ Cari compagni, i comunisti italiani e tutti i lavoratori coscienti del nostro paese hanno sempre seguito con la massima attenzione le vostre discussioni. Alla vigilia di ogni congresso e di ogni conferenza del PCR noi eravamo sicuri che, nonostante l'asperezza delle polemiche, l'unità del Partito russo non era in pericolo; eravamo sicuri anzi che, avendo raggiunto una maggiore omogeneità ideologica e organizzativa attraverso tali discussioni, il Partito sarebbe stato meglio preparato ed attrezzato per superare le difficoltà molteplici che sono legate all'esercizio del potere di uno Stato operaio. Oggi, alla vigilia della vostra XV Conferenza 2, non abbiamo più la sicurezza del passato; ci sentiamo irresistibilmente angosciati; ci sembra che l'attuale atteggiamento del blocco di opposizioni e l'acutezza delle polemiche nel PC dell'URSS esigano l'intervento dei partiti fratelli. È da questo convincimento preciso che noi siamo mossi nel rivolgervi questa lettera. Può darsi che l'isolamento in cui il nostro Partito è costretto a vivere ci abbia indotto a esagerare i pericoli che si riferiscono alla situazione interna del Partito comunista dell'URSS; in ogni caso non sono certo esagerati i nostri giudizi sulle ripercussioni internazionali di questa situazione e noi vogliamo come internazionalisti compiere il nostro dovere (Tradução nossa).

¹¹⁹ As três cartas que compõe a correspondência entre Gramsci e Togliatti foram publicadas por Chiara Daniele em 1999 na obra: Gramsci a Roma Togliatti a Mosca. Il Carteggio del 1926.

principalmente, fornecendo-lhes argumentos para convencer os operários sobre os problemas do Estado Socialista Russo, desencorajando-os a seguir no projeto revolucionário. Para Gramsci:

Os partidos burgueses e sociais democratas, pela mesma razão, exploram as polêmicas internas e os conflitos existentes no Partido Comunista da URSS; esses querem lutar contra esta influência da Revolução russa, contra a unidade revolucionária que em torno do Partido comunista da URSS está sendo constituída em todo o mundo. Caros companheiros, é extremamente significativo que em um país como a Itália, onde a organização estatal e de partido do fascismo consegue sufocar toda notável manifestação de vida autônoma das grandes massas operárias e camponesas, é significativo que os jornais fascistas, especialmente aqueles das províncias, sejam cheios de artigos, tecnicamente bem construídos para a propaganda, com um mínimo de demagogia e atitudes injuriosas, nos quais se procura demonstrar, com um esforço evidente de objetividade, que agora, pelas próprias manifestações dos mais notáveis líderes do bloco de oposição do Partido comunista da URSS, o Estado dos Soviet está seguramente se tornando um estado puramente capitalista e que, portanto, no duelo mundial entre fascismo e bolcheviquismo, o fascismo terá a vitória. O Fascismo, que conhece muito bem a situação interna italiana, e aprendeu a lidar com as massas, procura utilizar a atitude política do grupo de oposição para quebrar definitivamente a firme aversão dos trabalhadores ao governo de Mussolini¹²⁰ (GRAMSCI; TOGLIATTI, 1999, p. 194).

Na continuidade de sua carta, reiteradas vezes, Gramsci chamou atenção das lideranças bolcheviques sobre o destrutivo impacto que as divisões internas do Partido Comunista Russo estavam ocasionando à luta do proletariado internacional. Em uma passagem, o líder italiano elevou o tom das críticas e com aspereza afirmou que as violentas divisões de então destruíam o trabalho de nove anos realizado pelos líderes russos a partir de Lenin:

Companheiros, vós fostes, nestes nove anos de história mundial, o

¹²⁰ I partiti borghesi e socialdemocratici, per la stessa ragione, sfruttano le polemiche interne e i conflitti esistenti nel Partito comunista dell'URSS; essi vogliono lottare contro questa influenza della Rivoluzione russa, contro l'unità rivoluzionaria che intorno al Partito comunista dell'URSS si sta costituendo in tutto il mondo. Cari compagni, è estremamente significativo che in un paese come l'Italia, dove l'organizzazione statale e di partito del fascismo riesce a soffocare ogni notevole manifestazione di vita autonoma delle grandi masse operaie e contadine, è significativo che i giornali fascisti, specialmente quelli delle provincie, siano pieni di articoli, tecnicamente ben costruiti per la propaganda, con un minimo di demagogia e di atteggiamenti ingiuriosi, nei quali si cerca di dimostrare, con uno sforzo evidente di obiettività, che oramai, per le stesse manifestazioni dei leaders più noti del blocco della opposizione del Partito comunista dell'URSS, lo Stato dei Soviet va sicuramente diventando un puro Stato capitalistico e che pertanto nel duello mondiale tra fascismo e bolscevismo, il fascismo avrà il sopravvento (...) Il fascismo, che conosce molto bene la reale situazione interna italiana, e ha imparato a trattare con le masse, cerchi di utilizzare l'atteggiamento politico del blocco delle opposizioni per spezzare definitivamente la ferma avversione dei lavoratori al governo di Mussolini (Tradução nossa).

elemento organizador e propulsor das forças revolucionárias de todos os países: a função que vós realizastes não há precedentes em toda a história do gênero humano que a iguale em amplitude e profundidade. Mas vós hoje estais destruindo a obra vossa, estais degradando e correndo o risco de anular a função dirigente que o Partido comunista da URSS tinha conquistado por impulso de Lenin, nos parece que a paixão violenta da questão russa vos faça perder de vista os aspectos internacionais da questão russa mesma, vos faça esquecer que os vossos deveres de militantes russos podem e devem se cumprir apenas no quadro dos interesses do proletariado internacional¹²¹ (GRAMSCI; TOGLIATTI, 1999, p. 196).

Ao final da carta, Gramsci manifestou com clareza seu posicionamento diante da questão russa: apoio às posições da maioria stalinista e severas críticas ao bloco de oposição. Para Gramsci, os proletários russos deveriam sacrificar seus interesses imediatos em nome do projeto revolucionário da classe, mantendo assim, as alianças realizadas por Stalin com os camponeses (Contadini)¹²². Para ele, o corporativismo da socialdemocracia e do sindicalismo, tal como as posições que a minoria oposicionista russa vinha apresentando colovavam em risco o ideal do proletariado se organizar como classe dirigente. Conforme Gramsci:

Todavia, o proletariado não pode se tornar classe dominante se não supera com o sacrifício dos interesses corporativistas esta contradição, não pode manter sua hegemonia e a sua ditadura se quando se torna dominante não sacrifica estes interesses imediatos pelos interesses gerais e permanentes da classe. É este para nós o elemento essencial das vossas discussões, é neste elemento a raiz dos erros do bloco de oposição e a origem dos perigos latentes que na sua atividade são contidos. Na ideologia e na prática do bloco de oposição renasce plenamente toda a tradição da socialdemocracia e do sindicalismo, que impediu até agora o proletariado ocidental de organizar-se como classe dirigente¹²³(GRAMSCI; TOGLIATTI, 1999,

¹²¹ Compagni, voi siete stati, in questi nove anni di storia mondiale, l'elemento organizzatore e propulsore delle forze rivoluzionarie di tutti i paesi: la funzione che voi avete svolto non ha precedenti in tutta la storia del genere umano che la uguagli in ampiezza e profondità. Ma voi oggi state distruggendo l'opera vostra, voi degradate e correte il rischio di annullare la funzione dirigente che il Partito comunista dell'Urss aveva conquistato per l'impulso di lenin; ci pare che la passione violenta delle quistioni russe vi faccia perdere di vista gli aspetti internazionali delle quistioni russe stesse, vi faccia dimenticare che i vostri doveri di militanti russi possono e debbono essere adempiuti solo nel quadro degli interessi del proletariato Internazionale (Tradução nossa).

¹²² Stalin, para manter a aliança com Bukharin (rompida em 1928 com o plano quinquenal de industrialização), fez concessões aos camponeses, sendo por isso criticado pelos líderes da oposição: Trotsky, Zinoviev e Kamenev (MONGILI, 1995, p. 63-64).

¹²³ Eppure il proletariado non può diventare classe dominante se non supera col sacrificio degli interessi corporativi questa contraddizione, non può mantenere la sua egemonia e la sua dittatura se anche divenuto dominante non sacrifica questi interessi immediati per gli interessi generali e permanenti della classe. È questo per noi l'elemento essenziale delle vostre discussioni, è in questo elemento la radice degli errori del blocco delle opposizioni e l'origine dei pericoli latenti che nella sua attività sono contenuti. Nella ideologia e nella pratica del blocco delle opposizioni rinasce in pieno tutta la tradizione

p 197)¹²⁴.

A carta de 14 de outubro de 1926 não foi encaminhada por Togliatti ao Comitê Central do PCR como tinha sido o pedido de Gramsci. Togliatti, consentindo apenas com o pedido de submissão aos líderes da maioria stalinista, a mostrou a Bukharin, o qual desaconselhou sua leitura no Comitê. Na obra publicada por Giansiro Ferrata e Niccolò Gallo e que tem como título *2000 pagine di Gramsci*, o próprio Togliatti testemunhou: “foi por mim entregue a Nicola Bukharin, que era então dirigente da delegação do Partido Bolchevique no executivo da Internacional e, naturalmente, ao secretário desta”¹²⁵.

Gramsci, conforme já exposto, manifestou na carta adesão à linha geral da maioria do PCR, mas criticou duramente os métodos de direção que estavam sufocando a oposição e criando as premissas para a expulsão de seus líderes. O texto foi ignorado por décadas, em modo especial pelo PCI presidido por Togliatti, embora tenha sido publicado pela primeira vez em 1938 pelo dissidente Angelo Tasca em Paris (CANALE, 2013).

Em 16 de outubro, Togliatti em um telegrama direcionado à executiva do PCI, comunicou a retenção da carta. Em 18 de outubro escreveu a Gramsci explicando os motivos de seu procedimento, bem como, expondo as razões que tornavam a carta inoportuna e a convicção de que a política seguida pela maioria era justa e devia ser seguida sem hesitações (VACCA, 2003). Togliatti, embora reconhecesse que as posições contidas na carta de 14 de outubro manifestavam a posição do PCI, direcionou a resposta diretamente a Gramsci. Respondeu pessoalmente a uma carta que Gramsci havia expedido em nome do PCI (GRAMSCI, TOGLIATTI, 1999). Logo

della socialdemocrazia e del sindacalismo, che ha impedito finora al proletariato occidentale di organizzarsi in classe dirigente (Tradução nossa).

¹²⁴ Nos Cadernos do Cárcere, em modo especial no Caderno 4, Gramsci irá relacionar o corporativismo de setores da esquerda com as categorias de hegemonia, estrutura e superestrutura. As relações de forças entre as classes são articuladas, segundo Gramsci, em três momentos. O primeiro momento ou grau é designado como econômico-corporativo. O grupo ou classe social toma consciência dos seus interesses e da necessidade de organização, mas ainda não possui ou desenvolve unidade com o grupo social mais amplo. Para Gramsci, o segundo momento ou grau é o sindicalista. Neste se atinge a consciência da solidariedade de interesses entre todos os membros do grupo social, mas apenas no campo meramente econômico. O terceiro momento assinala a passagem da estrutura para a superestrutura. Neste terceiro momento, as ideologias geradas anteriormente se transformam em partido, entram em confronto, de modo que uma delas, ou uma única combinação delas prevaleça, determinando, para além da unicidade dos fins econômicos e políticos, também a unidade intelectual e moral, colocando a luta não no plano meramente corporativo, mas num plano universal. Deste modo é criada uma nova hegemonia (GRAMSCI, 1977).

¹²⁵ Fu da me consegnata a nicola Bucharin, che era allora dirigente della delegazione del partito bolscevico nell'Esecutivo dell'internazionale e, naturalmente, al segretario di questa.

após a saudação, o representante italiano na Internacional Comunista manifestou sua contrariedade às opiniões contidas na carta anterior: “Não sou de acordo com esta carta, por alguns motivos, que te indico muito esquematicamente” (GRAMSCI; TOGLIATTI, 1999, p. 199).

Desta forma, Togliatti expôs esquematicamente em cinco pontos os erros que considerava contidos na carta de Gramsci, entre os quais, expõem-se aqui, apenas os pontos essenciais. No ponto um, em contraponto ao chamamento de responsabilidade de todos os líderes do PCR na manutenção da unidade partidária, Togliatti afirmou que a contribuição dos demais partidos comunistas europeus deveria consistir na fidelidade para com as diretivas do grupo majoritário. Deste modo, seriam mantidos os princípios e a disciplina leninistas (GRAMSCI; TOGLIATTI, 1999).

Para Togliatti, o erro essencial da carta de Gramsci consistia em tratar primeiro da cisão para depois evidenciar a justeza das posições seguidas pelo grupo majoritário:

O defeito essencial da carta consiste na sua impoção. Em primeiro plano se põe o fato da cisão que aconteceu no grupo do partido comunista da União. Apenas em segundo plano é colocado o problema da justeza ou não da linha que vem sendo seguida pela maioria do comitê central. Este procedimento é característico do modo como muitos companheiros dos partidos ocidentais consideram e julgam os problemas do partido comunista da União, mas não corresponde a uma exata impoção dos mesmos. Vós falais indistintamente de todos os companheiros dirigentes russos, isto é, vós não fazeis nenhuma distinção entre os companheiros que dirigem o comitê central e os líderes da oposição. Não se pode concluir senão que o ofício político italiano considera que todos são responsáveis e todos precisam ser chamados à responsabilidade¹²⁶. (GRAMSCI; TOGLIATTI, 1999, p. 199-200).

Para Togliatti, e nisto se evidencia sua diferença para com Gramsci, os demais partidos comunistas ocidentais, assim como a oposição russa, deveriam se submeter às decisões da maioria stalinista. Isto fica evidente no ponto dois, onde Togliatti convidou os partidos comunistas ocidentais a contribuírem com a disciplina partidária

¹²⁶ Il difetto essenziale della lettera consiste nella sua impostazione. al primo piano è posto il fatto della scissione che ha avuto luogo nel gruppo dirigente del partito comunista dell'Unione e solo in un secondo piano viene posto il problema della giustezza o meno della linea che viene seguita dalla maggioranza del comitato centrale. Questo procedimento è caratteristico del modo come molti compagni dei partiti occidentali considerano e giudicano i problemi del partito comunista dell'Unione, ma non corrisponde a una esatta impostazione di questi problemi. Voi parlate indifferentemente di tutti i compagni dirigenti russi, cioè voi non fate nessuna distinzione tra i compagni che sono a capo del comitato centrale e i capi dell'opposizione. Non si può concludere se non che l'ufficio politico del partito comunista italiano considera che tutti siano responsabili, tutti da richiamare all'ordine. (Tradução nossa).

na Rússia através da adesão às decisões tomadas pela maioria. Neste mesmo aspecto, Togliatti alertou que a oposição russa se apoiava nas hesitações dos partidos que integravam a *Komintern* para não se submeter as legítimas decisões tomadas pela maioria dos membros do Comitê Central do PCR:

É justo que os partidos do exterior vejam com preocupação o aumento da crise no partido comunista russo, e é justo que procurem naquilo que é possível de torná-la menos aguda. É, porém, certo que, quando se está de acordo com a linha do comitê central, o melhor modo de contribuir à superação da crise é exprimindo a própria adesão a esta linha sem por nenhuma limitação. Se a oposição russa não tivesse contado com o apoio de alguns grupos de oposição, ou de inteiros partidos da internacional, esta não teria tido o comportamento que teve depois do XIV congresso. A experiência demonstra que a oposição utiliza as mínimas oscilações que se manifestam evidentes também no juízo de grupos e de partidos que se sabe serem de acordo com o comitê central¹²⁷ (GRAMSCI; TOGLIATTI, 1999, p. 201).

Ao final da carta, Togliatti escreveu que se a linha seguida pela maioria do Comitê Central era justa e correspondia às condições históricas objetivas, como Gramsci havia exposto, era incumbência de todos os comunistas levar as massas a compreender seu valor e manter a unidade em torno da Rússia e do partido bolchevique (GRAMSCI; TOGLIATTI, 1999). A carta foi concluída com a expressão “Me faz conhecer teu pensamento”¹²⁸ (GRAMSCI; TOGLIATTI, 199, p. 202).

A réplica de Gramsci, datada como 26 de outubro, foi duríssima. Depois de ter acusado Togliatti de burocratismo¹²⁹, confessou que a resposta de Togliatti de 18 de outubro lhe deixara uma penosa impressão (GRAMSCI; TOGLIATTI, 1999). Gramsci mencionou que sua réplica a Togliatti era de caráter pessoal, embora fosse convicto de exprimir a opinião dos demais companheiros de partido (GRAMSCI; TOGLIATTI, 1999). Nos primeiros parágrafos da carta reafirmou a importância da unidade dos líderes do PCR e do núcleo leninista para a construção do socialismo internacional.

Gramsci havia manifestado na carta anterior, sua adesão à linha seguida pela

¹²⁷ È giusto che i partiti esteri vedano con preoccupazione un acuirsi della crisi dei partito comunista russo, ed è giusto che cerchino per quanto sta in loro di renderla meno acuta. È però certo che, quando si è d'accordo con la linea dei comitato centrale, il miglior modo di contribuire a superare la crisi è di esprimere la propria adesione a questa linea senza porre nessuna limitazione. se l'opposizione russa non avesse contato sull'appoggio di alcuni gruppi di opposizione, o di interi partiti della internazionale, essa non avrebbe tenuto l'atteggiamento che ha tenuto dopo il XIV congresso. l'esperienza dimostra che l'opposizione utilizza le minime oscillazioni che si rendono evidenti anche nel giudizio di gruppi e di partiti che si sa essere concordi con il comitato centrale (Tradução nossa).

¹²⁸ Fammi conoscere il tuo pensiero (Tradução nossa).

¹²⁹ Acusação que Lenin (LENIN, 1967, p. 331) e Trotsky (TROTSKY, 1982, p. 143-144) haviam feito a Stalin.

maioria stalinista. Todavia, não aderiu de forma incondicional à tese do socialismo em um só. Apenas concordou que nas circunstâncias históricas da segunda metade da década de 1920 era necessário defender e fortalecer a Rússia. Para Togliatti, o socialismo em um só país era possível e teria sido defendido pelo próprio Lenin (TOGLIATTI, 1927). Para Gramsci, o objeto das ações dos partidos comunistas ocidentais, em modo especial do PCR, seria a propagação da revolução a nível internacional. Neste sentido, para as grandes massas de trabalhadores, bem como para muitos inscritos nos partidos comunistas ocidentais, a unidade de ação dos dirigentes russos (PCR e núcleo leninista), representava a garantia de haver uma futura revolução:

Não apenas as grandes massas trabalhadoras, mas também para uma notável parte dos inscritos aos partidos ocidentais, que se diferenciam das massas apenas por este passo, radical, mas inicial em direção de uma consciência desenvolvida que é o ingresso no partido, o movimento conjunto da revolução russa é representado pelo fato que o partido russo se move em modo unitário, que juntos operam e se movem os homens que as nossas massas conhecem e estão habituadas a conhecer. A questão da unidade, não apenas do partido russo, mas também do núcleo leninista, é, portanto, uma questão de máxima importância no campo internacional¹³⁰ (GRAMSCI; TOGLIATTI, 1999, p. 203-204).

Com base nestas considerações de Gramsci, verifica-se que para ele, assim como para os integrantes do PCI, a revolução russa e a forma de comando dos russos significavam um ato pedagógico e não apenas político. Neste caso, tratava-se de uma possibilidade de conscientização da grande massa de trabalhadores sobre o significado da cultura comunista. Segundo Alessandro Giardiello, Gramsci, desde 1917, foi um aberto defensor do poder soviético como instrumento de uma campanha de formação e educação para os jovens partidos comunistas ocidentais e para a grande massa dos trabalhadores (GIARDIELLO, 1997). Na sua réplica a Togliatti de 26 de outubro, Gramsci afirmou que o Partido Comunista Russo era o organizador das massas mais potente que apareceu na história da humanidade (GRAMSCI; TOGLIATTI, 1999).

¹³⁰ non solo per le grandi masse lavoratrici, ma anche per una notevole parte degli iscritti ai partiti occidentali, che si differenziano dalle masse solo per questo passo, radicale ma iniziale verso una coscienza sviluppata che è l'ingresso nel partito, il movimento d'insieme della rivoluzione russa è rappresentato concretamente dal fatto che il partito russo si muove unitariamente, che insieme operano e si muovono gli uomini rappresentativi che le nostre masse conoscono e sono abituate a conoscere. la questione dell'unità, non solo del partito russo ma anche del nucleo leninista, è pertanto una questione della massima importanza nel campo Internazionale (Tradução nossa).

Na continuidade de sua carta, Gramsci admitiu que a ruptura da unidade interna do PCR não significaria a queda do comunismo e o fim das possibilidades de sua construção nos países ocidentais. Também concordou com Togliatti sobre a necessidade de preparar os companheiros de Partido e as massas para atuarem na nova situação histórica em que a unidade do PCR não seria mais garantia de educação e conscientização para a revolução. Todavia, afirmou que a ruptura não poderia ser justificada como uma necessidade *a priori*, a qual não poderia ser evitada (GRAMSCI; TOGLIATTI, 1999). Gramsci manifestou ainda a convicção de que suas posições na consideração da questão russa se encontravam em acordo com o leninismo. A linha leninista, segundo Gramsci, consistia na luta pela unidade no Partido sendo este o elemento educador e condutor da Revolução (GRAMSCI; TOGLIATTI, 1999).

Togliatti, na sua resposta de 18 de outubro, evidenciou que Gramsci havia exposto primeiro a necessidade de unidade no Partido, chamando todos, indistintamente, à responsabilidade e apenas posteriormente elencou os erros do bloco da oposição.

Na sua resposta a Togliatti, em de 26 de outubro, treze dias antes de sua prisão, Gramsci recordou que sua carta anterior fora acompanhada de um bilhete pessoal, o qual autorizava Togliatti a realizar modificações relativas à forma. A ordem poderia ter sido invertida, entretanto, logo no início da carta pontua duras críticas à oposição e só posteriormente, apela para a unidade e para a responsabilidade de todos. A Carta lida no seu conjunto e não em trechos separados e avulsos não representava, segundo Gramsci, nenhum perigo de enfraquecimento para as posições da maioria (GRAMSCI; TOGLIATTI, 1999).

Na última página de sua réplica, Gramsci expôs que a carta anterior era toda ela dirigida contra o bloco oposicionista, reafirmando que as posições de seus líderes representavam os velhos preconceitos russos do corporativismo de classe, os quais pesavam sobre o proletariado ocidental e retardava o desenvolvimento ideológico e político da revolução operária em todo o mundo. Todavia, ao final do texto, apontou com nitidez e intensidade suas acusações contra Togliatti, afirmando que as anotações e justificativas manifestas na Carta de 18 de outubro eram inertes e privadas de valores, raciocínios viciados de burocratismo (GRAMSCI; TOGLIATTI, 1999).

E, no último parágrafo, Gramsci, mais uma vez manifestou seu desconforto

quanto ao fato de que sua carta anterior não fora compreendida por Togliatti (GRAMSCI; TOGLIATTI, 1999). Nas duas últimas linhas pediu bruscamente que as duas cartas, bem como o bilhete endereçado pessoalmente a Togliatti, deixassem de ser pessoal e fossem anexadas as atas: “Te peço que anexe às atas, além do texto italiano da minha carta e o meu bilhete pessoal, também à presente”¹³¹ (GRAMSCI; TOGLIATTI, 1999, p. 207). Este impasse com Togliatti, foi o último ato politicamente relevante realizado por Gramsci em liberdade e o último contato direto entre ambos (CANALE, 2013).

Analisando o conjunto das afirmações contidas nas três cartas, compreende-se que Gramsci buscou manifestar, mesmo que de um modo improvisado, seu dissenso oficial em relação a Togliatti, bem como, pontuou suas posições quanto a maioria stalinista, principalmente no que se refere ao modo como vinha sendo aniquilada a minoria opositora, não se tratando de uma crítica à política econômica e a necessidade de defender a revolução.

Togliatti não apresentou aos russos a sua resposta de 18 de outubro e nem a réplica de Gramsci de 26 de outubro. Sendo assim, Bukharin e, provavelmente, Stalin, tomaram conhecimento apenas das posições de Gramsci expressas na carta de 14 de outubro. Togliatti, ao tomar a decisão de não ler a carta de 14 de outubro no Comitê Central do PCR, do qual faziam parte Trotsky, Zinoviev e Kamenev, mas mostrando-a apenas ao grupo filo-stalinista, acabou por frustrar o objetivo de Gramsci, isto é, chamar todos aos próprios deveres em relação ao proletariado internacional.

O impasse entre Gramsci e Togliatti, como demonstrado pela exposição de trechos das três cartas (14 de outubro, 18 de outubro e 26 de outubro), não foi relativo à política econômica. Embora para Gramsci, o fortalecimento da Rússia não era defendido como um objetivo isolado, mas como condição de possibilidade para as futuras revoluções nos países ocidentais. A crítica de Gramsci a Togliatti e a maioria stalinista dizia respeito à necessidade de manutenção da unidade no PCR, na III Internacional Comunista e no núcleo leninista. Para ele, a unidade dos dirigentes russos desempenhava uma ação pedagógica e apontava uma direção para o proletariado internacional. Desta forma, Trotsky, Zinoviev e Kamenev, entendidos como educadores da massa operária, precisavam apenas ser corrigidos, em relação às suas teorias corporativistas, mas não silenciados.

¹³¹ Ti prego di allegare agli atti, oltre il testo italiano della lettera e il mio biglietto personale, anche la presente (Tradução nossa).

A iniciativa epistolar de Gramsci, da qual os russos conheceram apenas a carta de 14 de outubro de 1926, chamou a atenção da maioria stalinista sobre a necessidade de intervenção no PCI. O grupo stalinista marcou uma reunião com o Comitê Central do clandestino PCI¹³² para os primeiros dias de novembro em Valpolcevera, nas proximidades de Gênova. Desta, participou um enviado da *Komintern* e expoente da maioria stalinista: Jules Humbert-Droz¹³³ (RAVERA, 1973, p. 247). Gramsci não pode participar da reunião, pois, o clima de perseguição gerada pelo atentado sofrido por Mussolini em 31 de outubro de 1926, não ofereceu segurança. A onda de violência e de repressão do governo fascista, fez com que Gramsci, ao chegar a Milão, julgasse perigoso ir até a localidade secreta da reunião. Por este motivo, retornou a Roma, onde uma semana depois foi detido e encarcerado (DETTI, 1975). Na ausência de Gramsci, coube a Grieco conduzir a reunião, na qual Jules Humbert-Droz expôs aos dirigentes do PCI a situação russa. A reunião se concluiu com uma resolução de apoio do PCI à linha de ação stalinista (CANALE, 2013).

¹³² O Fascismo havia proibido a existência do PCI.

¹³³ Jules Humbert-Droz (1891-1971) foi um político comunista suíço. Em 1919 foi nomeado secretário da internacional comunista e um dos responsáveis pela relação com os partidos comunistas latinos.

4. GRAMSCI NO CÁRCERE: AS DESAVENÇAS COM TOGLIATTI SE ACENTUAM.

A quarta seção desta pesquisa abordará o desenvolvimento das concepções político-pedagógicas gramscianas desde sua prisão em 1926 até sua morte em 1937. Neste período, as mudanças ocorridas no cenário político europeu e internacional acentuaram as desavenças entre Gramsci e Togliatti.

No que concerne aos dados biográficos e cronológicos relativos a permanência de Gramsci nos cárceres italianos e as frustradas tentativas de libertação de 1927-1928, 1932 e 1934, a pesquisa utilizará a cronologia gramsciana contida nas primeiras páginas das *Lettere* de Antonio Gramsci e Tatiana Schucht publicadas em 1997. Para alguns dados complementares, serão também utilizadas as obras de Angelo D'orsi¹³⁴ e Giuseppe Vacca¹³⁵. No que diz respeito as fontes primeiras ou documentais, serão utilizadas as cartas de Grieco, Gramsci, Tatiana Schucht e Piero Sraffa.

O atentado sofrido por Mussolini em Bologna ofereceu a ocasião para austeras medidas repressivas contra os opositores do regime fascista. O PCI organizou a expatriação de seus principais líderes. Gramsci deveria clandestinamente ingressar na Suíça, mas se apegou a imunidade parlamentar e decidiu temporariamente permanecer na Itália. Camilla Ravera (1889-1988) escreveu a Togliatti nos primeiros dias de novembro de 1926 e afirmou que era necessário resignar-se a vontade de Gramsci. Segundo Camila Ravera, Gramsci fiel a sua tese de que o Partido precisava permanecer ligado à massa operária, havia decidido partir para o exílio somente quando esta atitude fosse considerada inevitável pelos operários. Para a manhã de 09 de novembro havia sido fixada uma sessão na câmara dos deputados, Gramsci queria estar presente para denunciar os abusos, mas às 22:30 de 08 de novembro de 1926, foi detido e levado para o cárcere de *Regina Coeli*¹³⁶, onde permaneceu dezesseis dias isolado (D'ORSI, 2017).

No dia 25 de novembro de 1926, deixou Roma juntamente com outros deputados comunistas, atingindo a ilha de Ustica em 07 de dezembro. Um mandato de prisão do tribunal militar ordenou seu transferência para o cárcere judiciário de *San Vittore* em Milão, onde chegou em 17 de fevereiro de 1927 (GRAMSCI;

¹³⁴ D'ORSI, Angelo. *Gramsci. una nuova biografia*. Milano: Feltrinelli, 2017.

¹³⁵ VACCA, Giuseppe. *Vita e pensieri di Antonio Gramsci*. Milano: Riuniti, 2003.

¹³⁶ Rainha dos Céus.

SCHUCHT, 1997). Os demais deslocamentos de Gramsci nos cárceres e clínicas italianas serão posteriormente abordados. No momento será analisada apenas a Carta de Ruggero Grieco endereçada a Gramsci em 10 de fevereiro de 1928, a qual levantou no detento suspeitas de que o partido, especialmente o líder Togliatti, estavam trabalhando para mantê-lo na prisão.

4.1 A CARTA DE RUGGERO GRIECO

Ruggero Grieco fez parte do PSI, foi adepto da fração abstencionista de Bordiga, ao qual permaneceu ligado até 1924. Convencido por Gramsci, aderiu às teses de Lyon em 1926 (CANALE, 2013), as quais, afirmavam a tática da frente única e defendiam a concepção político-pedagógica de que os dirigentes do partido deveriam ser educados no contato com as massas operárias (GRAMSCI, 1972). Como membro da direção do PCI, juntamente com Gramsci, Grieco teve participação no envio da carta de 14 de outubro de 1926 ao Comitê Central do PCR. O fato foi confessado pelo próprio Grieco em 1940 aos inquisidores stalinistas que ameaçaram a dissolução do PCI pelas frequentes “heresias”¹³⁷, conforme Grieco:

Eu participei com Gramsci da redação de uma carta ao Comitê Central do Partido Comunista Russo que tratava da luta contra Trotsky. Embora li o texto apenas depois da sua publicação em 1937, feita pelo traidor Tasca na revista do Partido Socialista Italiano. Eu não conhecia a linha e estava de acordo com ela, assim como estavam de acordo Scoccimarro e Silvia. Esta linha demonstrava de nossa parte uma incompreensão do trotskismo e da luta que o partido comunista russo sustentava contra Trotsky. O companheiro Ercoli¹³⁸, que em 1926 se encontrava em Moscou, como representante do PCI, se opôs a leitura da carta escrita em nome do PCI. O companheiro Ercoli me explicou em Moscou no final de 1926 o erro de nossa carta, e eu concordei com a retirada da mesma como ele havia decidido¹³⁹ (GRIECO, 1940 apud CANALE, 2013, p. 77).

¹³⁷ O PCI foi frequentemente acusado pela maioria stalinista de defender as ideias de Trotsky.

¹³⁸ Togliatti.

¹³⁹ Io ho partecipato con Gramsci alla redazione di una lettera al Comitato Centrale del partito comunista russo con argomento la lotta contro Trotsky. Sebbene io lessi il testo solo dopo la sua pubblicazione nel 1937, fatta dal traditore Tasca sulla stampa del partito socialista italiano, io non conoscevo la linea, ed erro d'accordo, allora, con questa linea, così come ne erano d'accordo Scoccimarro e Silvia. Questa linea dimostrava, da parte nostra, una imcomprensione del trotskismo e della lotta che in quel momento il partito comunista russo sosteneva contro Trotsky. Il compagno Ercoli, che si trovava a Mosca nel 1926, come rappresentante del PCI, si oppose alla consegna della lettera, che era scritta a nome del Comitato Centrale del PCI. Il compagno Ercoli mi spiegò a Mosca, quando venni alla fine del 1926 l'errore della nostra lettera, ed io fu d'accordo ad approvare il ritiro della lettera deciso da Ercoli (Tradução Nossa).

As três cartas de Grieco (a Gramsci, Terracini e Scoccimarro) foram descobertas por Paolo Spriano nos fascículos da polícia fascista e por ele publicadas na revista *Rinascita*¹⁴⁰ em 1968¹⁴¹.

No propósito de refletir sobre a dissidência entre Gramsci e Togliatti, aqui será analisada apenas a carta escrita por Grieco em fevereiro de 1928 e endereçada a Gramsci. No que diz respeito às outras duas cartas serão feitas apenas rápidas e pontuais menções.

A carta de Grieco, mostrada a Gramsci pelo juiz Enrico Macis, fez com que Gramsci suspeitasse que o Partido trabalhasse para mantê-lo na prisão. O episódio, ao qual, nas cartas e colóquios de Gramsci com Tatiana Schucht, ele se refere como “episódio da famigerada carta”, impossibilitou sua libertação e prejudicou, ainda mais, a já deteriorada relação de Gramsci com Togliatti. Neste sentido, pela importância ímpar do documento na história dos escritos sobre o processo político que manteve Gramsci preso, será efetuada sua integral transcrição e tradução:

Caríssimo Antonio, faz tempo que não te escrevo, mas sou certíssimo que tu não terás nunca recriminado o meu e o nosso silêncio. Nós estivemos sempre próximos a ti, mesmo quando tivestes razão para suspeitar que não, e soubemos notícias tuas e da tua saúde. Aliás, agora se diz que tu não estás bem e queremos saber, para a nossa tranquilidade, aquilo de que tu tens necessidade, e que coisa nós podemos fazer por ti, fizemos sempre por ti tudo o que nos foi pedido. Não vi Giulia, mas a verei. Todos, por toda parte, falam de ti. Mandam saudações. Agora queria dar-te algumas notícias, mas temo incorrer em uma infração às normas carcerárias. Escrevendo a Scoccimarro e Umberto disse a eles algumas coisas relativas à repercussão da luta interna no Partido Comunista Russo nos partidos europeus. A situação na Rússia é solidíssima, não obstante os alarmes lançados pela imprensa burguesa e socialista. As medidas tomadas contra Trotsky e os demais, foram, certamente dolorosas, mas não era possível agir de modo diverso. A ameaça de guerra contra a URSS não é apresentada como um bicho papão para assustar as crianças, mas é uma realidade concreta e, por alguns elementos mais visíveis, concretíssima. Trata-se de estabelecer e prever se, antes de construção de um bloco antirrusso, irão se desencadear outros conflitos entre as potências, ou seja, se vai-se chegar ao bloco antirrusso antes que sejam

¹⁴⁰ Revista do PCI.

¹⁴¹ A pesquisa não se deterá nos embates sobre a origem das cartas, os quais geraram extensa bibliografia. Diversas hipóteses foram levantadas no que tange a origem das cartas: uma invenção dos investigadores fascistas, Grieco como spia da Ovla (polícia secreta do fascismo) (CANALE, 2013, p. 87-88). Luciano Canfora levantou a hipótese de que a carta de Grieco não se encontrava nos documentos da polícia fascista, mas na sede do PCI. O seu pretense descobridor, ou seja, Paolo Spriano, um historiador ligado ao partido comunista, teria colocado a carta em um envelope que continha documentos da polícia fascista para redimir os dirigentes comunistas, em especial Togliatti, de terem trabalhado para manter Gramsci na prisão (CANFORA, 2012, p. 120-148). A resposta a esta questão foge e ultrapassa os limites desta dissertação.

(temporariamente) superados os grandes conflitos entre as potências. Na realidade, as duas perspectivas são uma só. Em tal perspectiva não se pode brincar de oposição. A situação internacional é grave. A estabilização abriu e aguçou numerosas contradições. A Alemanha será em pouco tempo o país mais forte da Europa e desejará (porque poderá desejar) ter um exército. Será esta a compensação que a Alemanha pedirá para ingressar no bloco antirrusso? Mas que espécie de compensação! Na França, a situação se radicaliza, mas lentamente. Lá o proletariado não tem uma experiência política autônoma. As antigas fraquezas ainda não foram superadas. O parlamentarismo ainda fará estragos. Mais interessante é a situação da Inglaterra: o império está se descentralizando. Terá consequências o movimento que acontece nas Índias contra a Comissão Real para uma Reforma Constitucional? Na China, a revolução conheceu uma interrupção: o Kuomintang se desfez segundo a diferenciação de classes. Uma interessante prova de que nos tempos atuais as revoluções nacionais somente podem ser proletárias consiste no fato que a derrota dos Kuomintang não levou à vitória da burguesia chinesa: os imperialistas estrangeiros ainda continuam na China e a burguesia chinesa entra em acordo com eles. Sei que tu lês, portanto tens livros. O que lês? De que temas te ocupas particularmente? A literatura italiana do pós-guerra é uma coisa miserável e a tensão entre *strapaese*¹⁴² e *stracittáe*¹⁴³ é um sinal demonstrativo destes tempos estéreis. Eu não tenho muito tempo para ocupar-me de leituras literárias: tu, que tens a sorte de poder ler, podes pedir-me quais livros desejas e dizer se te posso mandá-los. Pedi muitas vezes a Palmiro que ele assumisse a tarefa de organizar a escolha e a publicação daqueles teus artigos antigos. É verdade que a busca dos escritos publicados em vários jornais é hoje para nós menos fácil do que ontem; mas Palmiro não tem a coragem de enfrentar o desafio. Que tu pensas? Soubemos que Amadeo¹⁴⁴ foi detido, mas não tivemos conhecimento dos motivos. Se souber alguma coisa informe-nos. Escreva-me algumas vezes para cá: Hotel Lux, quarto 8. Te abraço forte e te mando as minhas felicitações e saudações e as felicitações e saudações de todos. A ti e a todos até logo. Ruggero. Lembranças da Fanny¹⁴⁵ (GRIECO, 1968, p. 129-139)

¹⁴² Movimento cultural e literário desenvolvido na Itália a partir de 1926 caracterizado pelo espírito regionalista, provincial, patriótico e da valorização do território nacional.

¹⁴³ Movimento cultural italiano dos novecentos que se opunha ao *strapaese* e se caracterizava pela defesa da desprovincialização da cultura italiana. Ambos os movimentos, *strapaese* e *stracittá*, defenderam o regime fascista.

¹⁴⁴ Amadeo Bordiga.

¹⁴⁵ Carissimo Antonio, è da un pezzo che non ti ho scritto, ma sono certissimo che tu non avrai mai inveito contro il mio e il nostro silenzio. Noi ti siamo stati vicini sempre anche quando tu hai avuto ragione per non sospettarlo, e abbiamo saputo notizie di te, e della tua salute. Anzi, ci si dice ora, che tu non stai bene; e vorremmo saperlo, per nostra tranquillità, ciò di cui avresti bisogno, e che cosa noi possiamo fare per te. Tutto quello che ci è stato chiesto, per te, noi lo abbiamo fatto, sempre. Non ho visto Giulia, ma la vedrò. Tutti, dovunque, parlano di te. Ti salutano. Ora vorrei darti qualche notizia, ma temo di incorrere in una infrazione alle norme carcerarie. Scrivendo a Scoccimarro e Umberto ha detto loro alcune cose riguardo alla ripercussione della lotta interna nel Partito comunista russo sui partiti europei. La situazione in Russia è solidissima, malgrado gli allarmi gettati da tutta la stampa, borghese e socialista. Le misure prese contro Trotskij ed altri sono state, certo, dolorose, ma non era possibile fare diversamente. La minaccia di guerra contro l'URSS non è agitata per far venire i vermi ai bambini, ma è una realtà concreta e – da qualche elemento più visibile – concretissima. Si tratta di stabilire e

A carta de Grieco fazia importantes referências à situação russa: o tratamento dado a Trotsky, a necessidade de fortalecer a Rússia diante da eminência de uma guerra e o tema das revoluções nacionais. Também informava qual era a situação das perspectivas revolucionárias no resto da Europa. Neste sentido, colocava Gramsci a par dos desfechos dos debates e ações políticas no encaminhamento da revolução. Mas, para além do conteúdo da carta, o que prendeu a atenção de todos foi o conteúdo externo.

As três cartas escritas por Grieco, respectivamente endereçadas a Gramsci, a Terracini e a Scoccimarro, foram escritas em Basileia e enviadas primeiro a Moscou, de onde foram expedidas a Milão com postagem e selos russos. O insólito itinerário postal¹⁴⁶ chamou a atenção da vigilância carcerária (CANALE, 2015).

Na carta que escreveu a Terracini, Grieco fez breves referências a Gramsci: “pela família de Antonio soube que a saúde de A. tinha melhorado; mas agora sei que haveria novos fatos”¹⁴⁷. Segundo Vacca (2003), a expressão “novos fatos” fazia referência a uma negociação entre o governo soviético e o italiano para a libertação de Gramsci. O PCI não estava participando desta negociação, a qual havia sido iniciada por um pároco de Milão e envolvia, portanto, a Igreja Católica. Gramsci tinha conhecimento destes fatos. Por este motivo suas suspeitas de que o Partido, através

prevedere se prima che si realizzi un blocco antirusso, si scatenino altri conflitti tra potenze: insomma se si arriverà al blocco antirusso prima che siano (temporaneamente) superati i grandi conflitti tra le potenze. In fondo le due prospettive sono una sola. E con tale prospettiva non si può giocare all'opposizione! La situazione internazionale è grave: la stabilizzazione ha aperto e acuito numerose contraddizioni. La Germania sarà tra non molto il paese più forte d'Europa, e chiederà (perchè lo potrà chiedere) di avere un esercito. Sarà questo il compenso che la Germania chiederà per entrare nel blocco antirusso! Ma che razza di compenso. In Francia la situazione è radicalizzata, ma lentamente. Lì il proletariato non ha un'esperienza politica autonoma. Le vecchie debolezze non sono ancora state superate. Il parlamentarismo continuerà a fare dei danni. Più interessante è la situazione in Inghilterra: l'impero sta decentrando. Ci saranno conseguenze del movimento indiano contro la Reale Commissione per la Riforma Costituzionale? In Cina la rivoluzione ha avuto un'interruzione: il Kuomintang si è disintegrato secondo la differenziazione di classe. Una prova interessante che in questi tempi le rivoluzioni nazionali possono essere solo proletarie consiste nel fatto che la sconfitta del Kuomintang non ha portato alla vittoria della borghesia cinese: gli imperialisti stranieri rimangono ancora in Cina e la borghesia cinese è d'accordo con loro. So che leggi, dunque hai dei libri. Cosa leggi? Di cosa ti occupi particolarmente? La letteratura italiana del dopoguerra è una cosa miserabile e la tensione tra strapaese e strattacità è un segno di questi tempi sterili. Io non ho molto tempo per occuparmi di letture letterarie: tu, che hai la “fortuna”, di poter leggere puoi chiedermi quali libri desidereresti e dirmi se posso mandartene. Ho chiesto più volte a Palmiro di assumersi il compito di curare la scelta e la pubblicazione di quei tuoi articoli antichi. È vero che la ricerca degli scritti pubblicati su vari giornali è oggi per noi meno facile di ieri; ma Palmiro non ha il “coraggio” di affrontare l'impresa. Che ne dici? Abbiamo saputo che Amadeo fu detenuto, ma non sappiamo i motivi. Se sai qualcosa, ci informa. Scrivimi qualche volta qui: Hotel Lux, camera 8. Io ti abbraccio forte e ti mando i miei auguri e saluti, e i saluti e gli auguri di tutti. A te e a tutti arrivederci. Ruggero. Saluti da Fanny (Tradução nossa).

¹⁴⁶ Basileia, Moscou, Milão.

¹⁴⁷ Dalla famiglia di Antonio ho saputo che la salute di A. era migliorata, ma ora so che si sarebbero nuovi fatti (Tradução nossa).

da carta de Grieco, estava trabalhando para mantê-lo na prisão (SCHUCHT, 1991)¹⁴⁸.

No que se refere à carta de Grieco a Gramsci, ela ocasionou no prisioneiro efeitos psicológicos devastantes. Sobre isto, ele mesmo confidenciou o conteúdo a Tatiana em colóquio privado (VACCA, 2003). Em 30 de Abril de 1928, escrevendo a mulher fez a primeira referência escrita à “estranha carta”.

Recebi, por exemplo, recentemente, uma estranha carta assinada Ruggero, que pedia uma resposta. Talvez a vida carcerária me tornou mais suspeito do que a normal sabedoria exigiria. Mas o fato é que esta carta, não obstante o seu selo e o timbre postal me fez enraivecer¹⁴⁹ (GRAMSCI, 1965, p. 125).

As cartas de Gramsci à Giulia eram entregues a Tatiana que as expedia para Moscou. Ao enviar a supracitada carta, Tatiana acrescentou um comentário, destinado provavelmente também a Eugênia¹⁵⁰:

A carta de Antonio a Giulia deverá servir como chamada à consciência daqueles que escrevem sem se dar conta do que é possível e do que é danoso. Pode acontecer como neste caso, que se faça uma fotografia. Não há dúvida de que este é um sinal do interesse suscitado pela carta, e que as notícias fazem o jogo deles em geral e em particular, e que, portanto, Giulia deve puxar as orelhas dos que evidentemente não compreendem qual é a nossa situação aqui¹⁵¹ (SCHUCHT, 1991, p. 40).

Gramsci e Tatiana pediram a Giulia uma intervenção enérgica sobre o partido, a fim de que não se repetissem atos que prejudicassem a libertação. Uma carta de Togliatti a Bukharin (SPRIANO, 1977, p. 147) e outra de Tatiana a Gramsci demonstram que a suspeita do prisioneiro foi imediatamente comunicada ao partido (GRAMSCI; SCHUCHT, 1997).

Em 11 de Maio de 1928, Gramsci viajou para Roma juntamente com outros

¹⁴⁸ Tatiana Schucht, em uma carta aos familiares em 1928, escreveu que Gramsci conhecia a negociação para a sua libertação, a qual envolvia o governo italiano e o soviético através da mediação da Igreja Católica.

¹⁴⁹ Ho ricevuto, per esempio, recentemente, una strana lettera firmata Ruggero, che domandava di avere una risposta. Forse la vita carceraria mi avrà fatto diventare piú diffidente di quanto la normale saggezza richiederebbe; ma il fatto è che questa lettera, nonostante il suo francobollo e il timbro postale, mi ha fatto inalberare (Tradução nossa).

¹⁵⁰ A irmã mais velha de Giulia e Tatiana.

¹⁵¹ La lettera di Antonio a Giulia dovrebbe servire come una chiamata alla coscienza di coloro che scrivono senza comprendere ciò che è possibile e ciò che è dannoso. Può succedere come in questo caso, che si prenda una fotografia. Non c'è dubbio che questo sia un segno dell'interesse suscitato dalla lettera e che le notizie svolgono il loro gioco in generale e in particolare e che quindi Giulia dovrebbe tirare le orecchie di coloro che evidentemente non capiscono la nostra situazione qui (Tradução nossa) A carta de Tatiana foi escrita em russo e traduzida para o italiano por Rossana Platone.

companheiros, permanecendo fechado no cárcere de *Regina Coeli* até o início do julgamento no dia 28 de maio. Enquanto aguardava o julgamento, em conversações com Terracini referiu-se com amargura e irritação ao conteúdo da carta de Grieco. O próprio Terracini, enunciou as palavras de Gramsci referentes a carta: “um ato deplorável que beirava à provocação, pois fundamentava as acusações” (PAULESU QUERCILI, 1977, p 118).

Após o julgamento e a condenação a 20 anos, 04 meses e 05 dias de reclusão, Gramsci foi destinado ao cárcere de Turi, onde chegou na data de 19 de julho de 1928. Ao irmão Gennaro que o visitou no verão de 1930, Gramsci chegou a dizer que a carta de Grieco havia sido a mais grave acusação contra ele no julgamento em Roma¹⁵²:

Durante minha permanência no cárcere de Milão, no período da instrução, Ruggero me mandou uma carta que foi interceptada e fotografada. A carta era concebida em tal tom, e continha tais notícias, que o juiz instrutor, ao me apresentar a cópia, me disse: Veja bem, excelência, nem todos lamentam que o senhor fique na prisão. A partir da discussão que se seguiu e da consideração que lhe foi concedida, estou convencido de que tal carta foi para mim o mais grave tópico de acusação. Quando um de nós está preso, é preciso ser muito cuidadoso, porque somos nós que suportamos as consequências de tudo¹⁵³ (ROSSI; VACCA, 2007, p. 214-217).

Segundo Vacca (2003), a visita de Gennaro foi uma incumbência do Centro Externo do PCI para expor, segundo as instruções de Togliatti, a Gramsci a situação do partido a partir do X Pleno da Internacional e saber qual era sua opinião sobre a *svolta* e as expulsões que a ela se seguiram (Tasca, Bordiga, Leonetti). Gennaro recolheu todos os elementos do contencioso de Gramsci com o Partido e anexou ao relatório uma parte confidencial, na qual, encontra-se contida a citação supracitada (VACCA, 2003).

No colóquio com o irmão, Gramsci foi além do que escreveu para Giulia em 1928¹⁵⁴. Ao considerar a carta como o principal motivo de sua condenação lançou uma acusação contra o Partido. Togliatti, que tinha acesso à toda correspondência de

¹⁵² O relato de Gennaro encontra-se na obra ROSSI, Angelo; VACCA, Giuseppe. *Gramsci tra Mussolini e Stalin*. Roma: Fazi, 2007.

¹⁵³ Durante il mio soggiorno nella prigione di Milano, durante il periodo di istruzione, Ruggero mi ha inviato una lettera che è stata intercettata e fotografata. La lettera fu concepita in un tale tono e conteneva tali notizie che il magistrato, presentandomi la copia, mi disse: "Guarda, Eccellenza, non tutti sono dispiaciuti che lei sia in prigione. Dalla discussione successiva e dalla considerazione chene seguii, sono convinto che una lettera del genere fosse per me il più grave capo di accusa. Quando uno di noi è arrestato, dobbiamo essere molto attenti, perché siamo noi che portiamo le conseguenze di tutto (Tradução nossa).

¹⁵⁴ Ano da carta de Grieco.

Gramsci¹⁵⁵, soube que este o envolvia diretamente na acusação e exigia um esclarecimento político do PCI. Para Giuseppe Vacca (2003,) o relatório de Gennaro demonstrou que as suspeitas em relação ao Partido não foram resultantes das obsessões de Gramsci no final de 1932, período em que se encontrava depressivo pelo irrefreável agravamento de suas condições de saúde. Ao contrário, as suspeitas começaram com a chegada da carta de Grieco e jamais foram aplacadas (VACCA, 2003).

O otimismo de Grieco era baseado no conhecimento das negociações em andamento para a libertação e Gramsci e, de modo imprudente, reivindicava o mérito ao esforço ininterrupto do Partido. Para Gramsci, as alusões eram transparentes, mas também o eram para as autoridades inquisidoras. Fornecer a Mussolini uma prova de que a libertação seria reivindicada pelo PCI era um gesto tão temerário que se prestava, na compreensão de Gramsci, a uma maquinação (VACCA, 2003).

Em 05 de dezembro de 1932, em uma carta a Tatiana, não incluída na edição togliattiana de 1947, Gramsci voltou a mencionar a carta de Grieco. No texto, ele mencionou que Grieco poderia ter sido induzido por outro a escrever tal carta. Gramsci sabia que Togliatti tinha acesso à sua correspondência. Portanto, afirmar que a estranha carta não havia sido iniciativa pessoal de Grieco, mas de outro, correspondia a uma acusação direta. Neste sentido, transcreve-se aqui as passagens da carta de Gramsci a Tatiana na qual ele mencionou Grieco:

Crê que não quero fazer recriminações (que seriam tolas), mas quero te fazer recordar um episódio de alguns anos atrás que talvez esqueceste e sobre o qual me parece que não refletistes suficientemente para dele abstrair normas de conduta. Recorda que em 1928, quando estava no judiciário de Milão, recebi uma carta de um amigo que se encontrava no exterior. Recorda que te falei desta carta muito estranha e te referi que o juiz instrutor, depois de me entregá-la, acrescentou textualmente: honorável Gramsci, o senhor tem amigos que certamente desejam que permaneça um longo tempo na prisão. Tu mesma me referiste um outro juízo dado sobre esta mesma carta, juízo que culminava no adjetivo “criminal”. Embora, esta carta era extremamente afetuosa em relação a mim, parecia escrita com a solicitude impaciente de me consolar e encorajar. Todavia, seja o juízo do juiz instrutor seja o outro referido por ti, objetivamente eram exatos. Portanto, se pode cometer um ato criminoso querendo fazer o bem, qualquer um querendo fazer-te o bem pode, ao contrário,

¹⁵⁵ Segundo Vacca (2003), as cartas de Gramsci eram entregues a Tatiana Schucht que enviava uma cópia a Piero Sraffa, que por sua vez, a enviava para Togliatti. Deste modo, Piero Sraffa e a própria Tatiana desempenhavam uma função de mediação entre o PCI, liderado por Togliatti, e Gramsci.

reforçar as tuas amarras? Parece que sim, o juízo do instrutor do Tribunal Militar Territorial de Milão, juízo que coincidiu com aquele de uma outra pessoa que se encontrava em posição contrária. E justamente porque lendo-me alguns trechos da carta, o juiz me fez observar que essa podia (fora o restante) ser imediatamente catastrófica para mim e isto não apenas porque não se queria enraivecer, mas porque se preferia deixar correr. Se tratou de um ato malévolo ou de uma leviana irresponsabilidade? É difícil responder. Pode ser que ambas as coisas juntas. Pode ser quem escreveu foi irresponsavelmente estúpido e um outro, menos estúpido o induziu a escrever. Mas é inútil quebrar a cabeça em tais questões. Permanece o fato objetivo que tem o seu significado¹⁵⁶ (GRAMSCI, 1965, p. 393-394).

Ainda na carta a Tatiana, Gramsci destacou que sua vida carcerária se dividia em três fases, sendo a citada carta de Grieco¹⁵⁷ um ponto decisivo para a manutenção de sua prisão:

Cara Tania¹⁵⁸ já te disse que começou uma terceira fase da minha vida de encarcerado. A primeira fase foi do momento da minha prisão até a chegada daquela carta famigerada: até aquele momento existiam probabilidades (certo apenas probabilidades, mas que coisa se pode pedir a mais) de uma reviravolta na vida diversa daquela que se verificou depois. Aquelas probabilidades foram destruídas e podia ainda ter acontecido pior. A segunda fase vai daquele momento aos primeiros dias do mês de novembro passado. Existiam ainda possibilidades (não mais probabilidades, apenas possibilidades, mas também as possibilidades são preciosas e não é necessário abraçá-las? Também essas foram perdidas, te asseguro, não por culpa minha, mas porque não quiseram dar ouvido a aquilo que eu tinha indicado em tempo oportuno¹⁵⁹. A terceira fase, que agora começa é a mais

¹⁵⁶ Credi che non voglio fare recriminazioni (che sarebbero stolte), ma ti voglio fare ricordare un episodio di qualche anno fa che forse hai dimenticato e al quale mi pare allora non hai riflettuto abbastanza per trarne norma di condotta. Ricordi che nel 1928, quando ero nel giudiziario di Milano, ricevetti una lettera di un «amico» che era all'estero. Ricordi che ti parlai di questa lettera molto «strana» e ti riferii che il giudice istruttore, dopo avermela consegnata, aggiunge testualmente: «onorevole Gramsci, lei ha degli amici che certamente desiderano che lei rimanga un pezzo in galera». Tu stessa mi riferisti un altro giudizio dato su questa stessa lettera, giudizio che culminava nell'aggettivo «criminale». Ebbene, questa lettera era estremamente «affettuosa» verso di me, pareva scritta per la sollecitudine impaziente di «consolarmi», di incoraggiarmi ecc. Eppure sia il giudizio del giudice istruttore che l'altro da te riferito, oggettivamente erano esatti. Dunque si può commettere un atto criminale volendo fare del bene, dunque qualcheduno volendoti fare del bene può invece aver ribadito le tue catene? Pare di sí, a giudizio del giudice istruttore del Tribunale Militare Territoriale di Milano, giudizio che, come ti consta, ha coinciso con quello di un altro che era agli antipodi. E giustamente, perché, leggendomi alcuni brani della lettera, il giudice mi fece osservare che essa poteva essere (a parte il resto) anche immediatamente catastrofica per me e tale non era solo perché non si voleva infierire, perché si preferiva lasciare correre. Si trattò di un atto scellerato, o di una leggerezza irresponsabile? È difficile dirlo. Può darsi l'uno e l'altro caso insieme; può darsi che chi scrisse fosse solo irresponsabilmente stupido e qualche altro, meno stupido, lo abbia indotto a scrivere. Ma è inutile rompersi il capo su tali quistioni. Rimane il fatto obiettivo che ha il suo significato (Tradução nossa).

¹⁵⁷ Na carta a Giulia e no colóquio com Gennaro a carta de Grieco foi definida por Gramsci como estranha. Na carta a Tatiana em 1932, Gramsci a designou como famigerada.

¹⁵⁸ Tatiana Schucht.

¹⁵⁹ Na carta a Tatiana de 05 de dezembro de 1932, Gramsci não citou quais eram as

dura e a mais difícil de ser superada¹⁶⁰ (GRAMSCI, 1965, p. 394).

No último parágrafo da carta, Gramsci manifestou, indiretamente, sua desconfiança em relação ao procedimento de pessoas que se apresentavam com a intenção de auxiliar no seu processo de libertação. Diante de tal desconfiança, Gramsci advertiu Tatiana que não deveria escutar nenhum conselho e deveria seguir, literalmente, tudo o que por ele fosse indicado:

A terceira fase que começa agora é a mais dura e a mais difícil de superar. Por isto, te peço, não fazer nada sem o meu consenso, não escutar nenhum conselho no que diz respeito a mim, faz apenas e

possibilidades perdidas (não mais oportunidades) e nem como foram perdidas. Aliás, em nenhuma das suas cartas se encontra uma referência explícita às oportunidades perdidas no final de 1932. Neste ponto, os testemunhos de Piero Sraffa e Ambrogio Donini (1903-1991 foi historiador e professor comunista) ajudam a elucidar a questão. Nos colóquios com Paolo Spriano em 1967, Piero Sraffa confirmou que em 1932 houve uma negociação para trocar Gramsci por alguns sacerdotes católicos detidos na União Soviética com a mediação do Vaticano. Sraffa colocou o episódio entre as iniciativas do PCI para libertar Gramsci (SPRIANO, 1967a). Em seu testemunho, Ambrogio Donini relatou para Giuseppe Fiori, que no final de 1932 foi encarregado por Togliatti para intermediar a troca entre Gramsci e os sacerdotes católicos. A disponibilidade do governo soviético teria sido comunicada a Togliatti que, portanto, surgiu mais uma vez como o autor da iniciativa (FIORI, 1991a, p. 88-89). Os testemunhos de Sraffa e Donini ajudam a entender a questão das possibilidades perdidas mencionada por Gramsci na carta de 05 de dezembro de 1932. Pelas cartas de Tatiana a Gramsci de 29 de setembro e 07 de outubro de 1932 sabe-se que Carlo Gramsci (irmão de Antonio Gramsci) esteve em Turi em julho ou agosto do mesmo ano (GRAMSCI; SCHUCHT, 1997). Segundo Fiori (1991b, p. 312-313), Carlo visitou Gramsci e soube que estava em curso uma negociação para sua libertação intermediada pelo Vaticano. Gramsci não queria que o PCI, em modo especial Togliatti, participassem desta negociação intermediada pelo Vaticano entre o governo italiano e o governo russo. Por este motivo, desejava pedir a Tatiana que comunicasse a Sraffa que se criara uma nova possibilidade de libertação. Todavia, não queria fazer o pedido a Tatiana através de uma carta. Isto explica por que Gramsci, na carta de 05 de dezembro de 1932 a Tatiana, aparentemente de um modo intempestivo, logo após citar as possibilidades perdidas, escreveu, "Mas por que não veio a Turi em 1932 como prometeste desde o início de janeiro?" Se não tivesse prometido e eu não tivesse confiado na promessa teria escrito para que viesse" (GRAMSCI, 1965, p. 394). Segundo Vacca (2003, p. 334), Tatiana durante o ano de 1932 esteve doente e somente pode visitar Gramsci em Turi no mês de dezembro. Como não podia se comunicar com Tatiana, Gramsci pediu a Carlo que comunicasse a Sraffa a nova possibilidade de libertação recomendando que o PCI dela não participasse. No entanto, a tentativa foi conduzida por Togliatti. Por este motivo, Gramsci, na carta de 05 de dezembro de 1932, culpou Carlo "devo isto (as possibilidades perdidas) a Carlo e a sua insensatez" (GRAMSCI, 1965, p. 394). Carlo, segundo Gramsci, era culpado por que chegando a Roma escreveu um telegrama aos familiares e a Tatiana no qual comunicava a eminente libertação de Gramsci (GRAMSCI, 1965, 394). Desta forma, o PCI teria tomado conhecimento do caso. Mussolini não queria permitir que o PCI tirasse proveito político da libertação de Gramsci. Por isto, negou a troca de prisioneiros (Gramsci pelos sacerdotes católicos).

¹⁶⁰ Cara Tania ti ho già detto che è incominciata una terza fase della mia vita di carcerato. La prima fase è andata dal mio arresto all'arrivo di quella lettera famigerata: fino a quel momento esistevano delle probabilità (certo solo delle probabilità, ma cosa si può domandare di più) a una svolta della vita diversa da quella che invece poi si verificò; quelle probabilità furono distrutte e poteva ancora capitare di peggio. La seconda fase va da quel momento ai primi del novembre scorso. Esistevano ancora delle possibilità (non più probabilità, solo possibilità, ma anche le possibilità non sono preziose e non bisogna cercare di ghermirle?) e anche esse furono perdute, ti assicuro, non per colpa mia, ma perché non si volle dare ascolto a ciò che io avevo indicato a tempo opportuno. La terza fase che incomincia è la più dura e la più difficile da superare (Tradução nossa).

literalmente aquilo que te poderei indicar¹⁶¹ (GRAMSCI, 1965, p. 394).

Em janeiro de 1933, depois de dois colóquios com Gramsci, Tatiana pediu, insistentemente, a Piero Sraffa um encontro antes que este voltasse a Cambridge. Gramsci desejava que Tatiana encontrasse pessoalmente Sraffa e a proibiu, absolutamente, de escrever (SRAFFA, 1991). Sraffa já havia retornado a Inglaterra e não podendo encontrar Tatiana, pediu que comunicasse por escrito o que desejava falar. No texto Sraffa pediu que fossem escritas duas cartas, uma para o endereço de sempre com cópias de todas as cartas de Gramsci, e outra para o endereço de Maurice Dobb (1900-1976)¹⁶². O pedido foi justificado pela necessidade de enganar a vigilância das autoridades italianas e inglesas (SRAFFA, 1991).

Em 11 de fevereiro de 1933, Tatiana escreveu uma longa carta a Sraffa, expondo os resultados dos colóquios com Gramsci. No primeiro colóquio, Gramsci afirmou que quando chegou a estranha carta o próprio processo podia ser evitado e ele podia ser libertado. A chegada da carta teria liquidado as possibilidades de seu encarceramento. Tatiana citou literalmente as palavras de Gramsci: “a carta era extremamente comprometedora; além disso, seu tom em relação ao conteúdo queria dizer: nós levamos a melhor”¹⁶³ (SRAFFA, 1991, p. 114).

Segundo Vacca (2003), a expressão de Gramsci, relatada por Tatiana, “nós levamos a melhor”, tem sido, geralmente, interpretada como referência a vitória definitiva da maioria stalinista no XVI Congresso do PCR. Todavia, ainda segundo Vacca (2003), Gramsci, nos colóquios com Tatiana, deixou transparecer que a expressão “nós levamos a melhor” podia ser aplicada a sua situação processual. A carta de Grieco havia liquidado as possibilidades de sua libertação.

Nos colóquios com Tatiana no presídio de Turi, Gramsci afirmou com clareza a existência de um complô, uma maquinação no PCI para impedir a sua libertação. (SRAFFA, 1991). Em uma das visitas, Tatiana perguntou a Gramsci se a carta de 05 de dezembro de 1932¹⁶⁴ deveria ser transmitida ao partido. Gramsci respondeu negativamente, mas afirmou que devia ser considerada como um documento. Em um

¹⁶¹ Questa terza fase che incomincia è la piú dura e la piú difficile da superare. Perciò, ti prego, non fare nulla senza il mio consenso, non ascoltare nessun consiglio che mi riguardi, fa solamente e «letteralmente» ciò che io ti potrò indicare (Tradução nossa).

¹⁶² Economista e membro do partido comunista inglês.

¹⁶³ La lettera era estremamente compromessa; in piú il suo tono in relazione al contenuto voleva dire: ci prendiamo il meglio (Tradução nossa).

¹⁶⁴ Na qual Gramsci fez novo referimento a carta de Grieco de fevereiro de 1928 e a designou como famigerada. Nesta carta, Gramsci expressou suas supeitas em relação ao PCI e a Togliatti.

momento posterior esta seria inserida entre os papéis para servir a uma investigação que ele próprio se propunha a realizar após a sua libertação. As palavras de Gramsci no segundo colóquio com Tatiana são novamente duras:

Não se pode atribuir o fato de ter escrito esta carta somente a imbecilidade de quem a escreveu, já que em tal caso sua imbecilidade deveria ultrapassar qualquer limite, e não há dúvida de que no futuro, quando se retirar do arquivo esta carta, quem a escreveu e quem mandou escrevê-la terão muito para justificá-la; ao contrário, é evidente que não conseguirão justificá-la¹⁶⁵ (SRAFFA, 1991, p. 124).

Na carta a Tatiana de 27 de fevereiro de 1933, a qual não se encontra incluída na edição togliattiana de 1947, Gramsci novamente citou a famigerada carta. Na carta à Tatiana, Gramsci confessou que durante todos os anos pensou a certos fatos que podiam ser simbolicamente resumidos na carta de Grieco, embora nos últimos meses estes pensamentos haviam se intensificados pela diminuição da confiança nas possibilidades de esclarecimento:

Se pode por isto dizer que quando o curso dos pensamentos assume uma certa direção, ou se intensifica nesta direção, isto corresponde a uma determinada situação física e desta indica um agravamento. No meu caso particular, é certo que em todos estes anos sempre pensei em certos fatos (no caso específico a série de fatos que podem ser simbolicamente resumidos na famosa carta da qual me falou o juiz instrutor em Milão e sobre a qual recentemente também te falei), mas é também certo que nestes últimos meses estes pensamentos foram se intensificando, talvez porque diminuiu em mim a confiança de poder pessoalmente esclarecê-los, de poder ocupar-me filologicamente, de chegar às fontes e encontrar destes uma explicação plausível¹⁶⁶ (GRAMSCI, 1965, p. 416).

Ao final da carta, Gramsci, pela primeira vez, manifestou claramente a certeza de que não fora condenado apenas pelo Tribunal Especial, mas por um organismo

¹⁶⁵ Non si può attribuire il fatto che questa lettera sia stata scritta solo per l'imbecillità di chi lo ha scritto, dato che in tal caso la sua imbecillità dovrebbe superare ogni limite e non c'è dubbio che in futuro, quando questa lettera viene rimossa dal fascicolo, chi lo ha scritto e chi lo ha mandato scriverla avranno molto da giustificare; al contrario, è chiaro che non saranno in grado di giustificarlo (tradução nossa).

¹⁶⁶ Si può perciò dire che quando il corso dei pensieri assume una certa direzione, o si intensifica in quella direzione, ciò corrisponde a una determinata situazione fisica e ne indica un aggravamento. Nel mio caso particolare, è certo che in tutti questi anni ho sempre pensato a certi fatti (nel caso specifico alla serie di fatti che possono simbolicamente riassumersi nella famosa lettera di cui mi parlò il giudice istruttore a Milano e sulla quale anche recentemente ti intrattenni), ma è anche certo che in questi ultimi mesi questi pensieri si sono venuti, dirò così; intensificando, forse perché diminuiva in me la fiducia di potere personalmente chiarirli, di potere occuparmene «filologicamente», risalire alle fonti e venire a una spiegazione plausibile di essi (Tradução nossa).

muito mais vasto¹⁶⁷:

A conclusão, para dizê-la resumidamente, é esta: eu fui condenado em 04 de junho de 1928 pelo Tribunal Especial, isto é, por um colégio de homens determinado, os quais poderiam nominalmente serem indicados com endereço e profissão na vida civil. Mas este é um erro. Quem me condenou é um organismo muito mais vasto, do qual o Tribunal Especial foi apenas a indicação externa e material, que compilou o ato legal de condenação (GRAMSCI, 1965, p. 417).

Referências a carta de Grieco se encontram, por fim, nas cartas de Tatiana à Giulia nos anos de 1933 e 1934. Tatiana escreveu que por exigência de Gramsci, os italianos que se encontravam na Rússia não deveriam participar das novas tratativas de libertação. Desta forma seriam evitados os erros de 1928 (SCHUCHT, 1991, p 189-190)¹⁶⁸.

4.2A CONSITUINTE: O CONFLITO ENTRE GRAMSCI E SEUS COMPANHEIROS DE CÁRCERE EM TURI

Para refletir sobre o debate realizado entre Gramsci e seus companheiros de cárcere no que se refere ao tema Constituinte e suas perspectivas diante do debate sobre a possibilidade e caminhos revolucionários, a pesquisa utilizará como fonte as cartas de Gramsci e a de alguns de seus companheiros detidos em Turi, tais como: Umberto Terracini, Athos Lisa¹⁶⁹ (1890-1965), Ezio Riboldi¹⁷⁰ (1878-1965), Giovanni

¹⁶⁷ Na carta de 27 de fevereiro de 1933, Gramsci faz referimentos indiretos aos seus condenadores. Dentre seus condenadores alguns são conscientes outros inconscientes. No organismo mais vastos que o Tribunal Especial, Gramsci inclui sua esposa Giulia. A inclusão se justifica pelo fato que Giulia e seus familiares moravam em Moscou e eram frequentemente vigiados pelo grupo stalinista, inclusive, por membros do PCI que se encontravam na capital russa.

¹⁶⁸ A carta de Grieco será um dos pontos cruciais da futura disputa entre a família Schucht e Togliatti pela herança literária de Gramsci no final da década de 1930 e início da década de 1940. Todavia, este tema não diz respeito a história das relações entre Gramsci e Togliatti, mas a história da publicação das obras de Gramsci e de suas concepções político-pedagógicas e, por conseguinte, será posteriormente abordado no chamado *afare* Gramsci-Togliatti em Moscou.

¹⁶⁹ Militante comunista encarcerado com Gramsci em Turi.

¹⁷⁰ Militante do PSI e posteriormente do PCI Foi prefeito de Monza em 1914.

Lai¹⁷¹, Sandro Pertini¹⁷² (1896-1990), Angelo Scucchia¹⁷³ e Bruno Tosin¹⁷⁴. No que diz respeito aos compiladores e comentadores do episódio, a pesquisa utilizará preferencialmente a obra de Giuseppe Vacca: VACCA, Giuseppe. *Vita e pensieri di Antonio Gramsci*. Milano: Riuniti, 2003.

A detenção de Gramsci em Turi afetou-lhe, não apenas a saúde, mas também agravou as dificuldades nas relações com o partido. A isto se sobrepôs outra dificuldade objetiva, completamente política, aquela da interpretação da linha política seguida pelo PCI em concordância com a III Internacional. A partir do Congresso de Colônia em 1933, o PCI adotou a tese da fascistização¹⁷⁵ da social democracia. Neste aspecto, a luta contra o fascismo e a contra a social democracia se tornaram uma só.

Neste conturbado cenário político italiano e internacional, expoentes históricos do PCI, tal como Francesco Leonetti, foram expulsos do partido, acusados de contato com Trotsky e de erros políticos, no caso, de valoração das perspectivas de combate ao fascismo e, portanto, adesão a ideia da necessária união de todas as forças antifascistas (DUBLA; GIUSTO, 2008).

No Congresso de Colônia, Togliatti ratificou a *svolta* alinhando o PCI à nova política da Internacional Comunista. Togliatti foi particularmente duro na condenação das perspectivas que anteviessem fases intermediárias entre o início da revolução e a instauração da ditadura do proletariado. Para Togliatti, nos países ocidentais, não aconteceriam mais revoluções burguesas. Ao contrário, a única revolução possível era a do proletariado. Neste mesmo tempo, no Congresso de Colônia, por iniciativa de Togliatti, iniciou-se, em 1933, o processo de canonização de Gramsci como mártir e ícone da luta contra o fascismo (VACCA, 2003).

Ezio Riboldi testemunhou, em 1964, que foi entregue a Gramsci, no cárcere de Turi, uma edição de uma revista inglesa, na qual, às margens de algumas páginas

¹⁷¹ Não foi possível encontrar dados referentes à data de nascimento e morte. Diversas vezes foi secretário da Federação Comunista de Cagliari na Sardenha de Gramsci.

¹⁷² Único socialista prisioneiro em Turi. Fez, posteriormente, brilhante carreira política ocupando dentre outras funções a de presidente da república italiana entre 1978 e 1985. Não participava das conversações por não ser comunista. Todavia, quando aconteceu o dissenso entre Gramsci e os companheiros de partido se tonou, juntamente com dois antigos anarquistas, passados ao comunismo, os únicos interlocutores do líder sardo.

¹⁷³ Não foi possível encontrar notícias referentes à sua data de nascimento e morte. Foi no cárcere de Turi o mais aguerrido adversário de Gramsci no que tange à tese da Constituinte.

¹⁷⁴ Não foi possível encontrar notícias referentes à sua data de nascimento e morte. Foi o responsável pelo envio de uma carta ao núcleo do partido relatando que as posições de Gramsci estavam em desacordo com a linha oficial.

¹⁷⁵ Do italiano fascilizzazione.

estavam resumidos os anais do Congresso realizado em Colônia no ano de 1933 (RIBOLDI, 1964). Então, Gramsci, por intermédio de cartas à Tatiana, em sínteses escritas que resultaram nos Cadernos do Cárcere, e por exposições e debates com os companheiros de cárcere, começou a apresentar os resultados de suas reflexões, entre as quais, pontuou algumas divergências quanto as posições da Internacional Comunista. Para Gramsci, quer fosse elevado a ícone, quer fosse abandonado à derrota, sua situação não mudava. O que pedia era sua libertação para lutar por sua linha política, ou seja, a necessidade de um período de transição entre o fascismo e a revolução do proletariado. Uma discordância quanto os caminhos político-pedagógicos propostos pela Internacional Comunista e o PCI, a qual se condesava na proposta da Assembleia Constituinte (VACCA, 2003).

Neste sentido, Gramsci propôs uma união entre todos os partidos contrários ao regime fascista. Para ele, visto que ao longo dos anos de ditadura fascista, o PCI encontrava-se na clandestinidade e numericamente reduzido e que as organizações civis e os partidos políticos contrários ao governo fascista, estavam desestruturado, era necessária uma união entre todos. Desta forma, contrapondo-se as indicações da III Internacional Comunista, que proibia alianças com socialistas e sociais democratas, Gramsci, junto aos companheiros de prisão, defendeu que o PCI deveria levantar a bandeira da Assembleia Constituinte antifascista. Após a redemocratização e a possibilidade de educação das massas proletárias, o PCI poderia preparar a revolução comunista.

Pelos relatos dos companheiros encarcerados em Turi, verifica-se que, entre outubro e novembro de 1930, Gramsci, atendendo ao convite dos companheiros de partido, expôs seu pensamento político em conversações transcorridas durante o passeio dos detidos. Nestas conversas, conforme as narrativas, Gramsci tornou pública sua divergência em relação a *svolta* de 1926¹⁷⁶ e propôs uma luta contra o fascismo, trazendo à tona, o tema da Assembleia constituinte (VACCA, 2003).

A decisão de tornar pública sua divergência havia sérias implicações, certamente não ignoradas por Gramsci. Era o significativo gesto de um chefe do partido circunscrito em uma prisão que manifestava sua contrariedade à política imposta pela Internacional Comunista. Gramsci sabia que suas opiniões não permaneceriam encerradas e desejava que chegassem até Moscou (VACCA, 2003).

¹⁷⁶ A *svolta* de 1926 proibiu alianças com os socialistas e os sociais democratas. Ainda, segundo a *svolta*, a única revolução possível era a do proletariado.

Segundo Giovanni Lai¹⁷⁷, Gramsci nunca renunciava ao passeio, pois somente deste modo podia estar com os companheiros e discutir as questões sobre as quais havia refletido na sua solidão, confrontando assim suas ideias com as dos outros. Procurava o diálogo, insistindo para que os companheiros expressassem suas opiniões mesmo que contrastantes. Tudo isto com o objetivo de desenvolver o espírito crítico e enriquecer o conhecimento político e cultural de todos os detentos comunistas (LAI, 1965).

O caráter pedagógico das conversações entre Gramsci e seus companheiros de prisão em Turi é testemunhado por Angelo Scucchia. Segundo este companheiro de prisão e, ferrenho crítico da tese gramsciana da Assembleia Constituinte, o grupo de comunistas detido em Turi encarregou Athos Lisa de propor a Gramsci que dirigisse uma série de conversações que não fossem de cunho intelectualista, mas que tivessem o objetivo de melhorar os conhecimentos culturais e políticos do grupo, tendo em vista a práxis. Gramsci, segundo Scucchia, começou sua reflexão com a concepção marxista da classe em si e para si. Considerava fundamental desenvolver como o conceito de classe em si se torna classe para si, principalmente por intermédio da educação e da tomada de consciência da própria função histórica da classe operária. Instruído e educado, o operariado poderia lutar politicamente e formar o partido comunista (SCUCCHIA, 2009).

Angelo Scucchia, em seu testemunho destaca que as colocações de Gramsci aos companheiros em Turi não autorizam interpretações em esquemas estritamente estéticos, literários ou filosóficos: “a sua concepção de partido como príncipe e como força hegemônica não é intelectualista¹⁷⁸, mas desemboca sempre na práxis, na ação”¹⁷⁹ (SCUCCHIA, 2009, p. 59).

Sandro Pertini, ao testemunhar sobre, afirma que Gramsci discorreu, com muita frequência, sobre o tema dos intelectuais, proclamou a necessidade do contato destes com a massa operária e apontou para uma concepção semelhante àquela que desenvolveu nos Cadernos do Cárcere, os quais foram escritos na mesma época. Gramsci, contrapondo-se à prática do intelectual tradicional, o qual pressupunha não pertencer ao grupo que representava, defendeu a perspectiva do intelectual orgânico

¹⁷⁷ Militante comunista e companheiro de prisão de Gramsci em Turi.

¹⁷⁸ Separação entre teoria e prática.

¹⁷⁹ La sua concezione di Partito come príncipe, come forza egemonica, non é intellettalistica ma sbocca sempre nella prassi, nell'azione (Tradução nossa).

da classe operária, o qual, no contato com a massa proletária se envolveria na defesa e na ideologia de sua classe social. Neste sentido, o intelectual orgânico comunista educa e é educado. Neste aspecto, do testemunho de Pertini, merece atenção a passagem em que relata as seguintes palavras de Gramsci:

Pobres aqueles intelectuais, mesmo se de vanguarda, que se fecham na torre de marfim de suas culturas e pensam que isto basta para exprimir seus pensamentos sem estabelecer ligações com a classe operária. O intelectual, se quer provar a validade de seu pensamento e de suas concepções deve estar em contato com o movimento operário; quem se separa gira no vazio¹⁸⁰ (PERTINI, 2009, 32-33).

Segundo os relatos, após Gramsci expor sua concepção marxista de classe e luta para a transformação social, os companheiros, dentre os quais citam-se Scucchia e Lisa, pediram que Gramsci fizesse uma abordagem preliminar sobre a situação nacional e internacional do ponto de vista econômico e político. Nas conversas, Gramsci não abordou detalhadamente os temas referentes à estrutura econômico-material, mas se concentrou nas realções entre as superestruturas da política e da pedagogia. Gramsci começou então a tratar da questão concernente à hegemonia, abordando temas como a relação entre o regime fascista, a Igreja, a monarquia, as classes dominantes burguesas e as classes intermediárias. Segundo Scucchia (2009), todas estas temáticas foram colocadas por Gramsci para justificar a necessidade de um período de transição entre o fascismo e a revolução do proletariado, no qual, o partido comunista teria possibilidades de construir uma nova hegemonia político-pedagógica. A deficiente presença do partido na sociedade italiana determinava que a alternativa não podia ser aquela da revolução imediata. Era necessário um período de transição, em que, os militantes comunistas, em contato com as massas, pudessem exercer atividades educativas, desempenhando um importantíssimo papel.

Giovanni Lai testemunhou que, os comunistas detidos em Turi, em conjunto, acordaram que os temas políticos e ideológicos expostos por Gramsci e abertos para discussão de todos, seriam os seguintes:

O fascismo e seu caráter de classe, a função dos intelectuais na sociedade, a questão meridional, a função do partido da classe operaria na luta pelo socialismo, a hipótese de um período de transição democrática depois da queda do fascismo e as forças motoras da

¹⁸⁰ Guai a quegli intellettuali, anche d'avanguardia, che si chiudono nella torre d'avorio della loro cultura e credono che questo basti per esprimere il loro pensiero, senza stabilire legami con la classe operaia. L'intellettuali, se vuole provare la validità del suo pensiero e dele sue concezione, deve stare acontatto col movimento operaio; chi si ne distacca gira a vuoto (Tradução nossa).

revolução na Itália¹⁸¹ (LAI, 1965, p. 22).

Com base na narrativa de Giovanni Lai, pode-se afirmar que todos os temas propostos, de uma forma ou de outra, relacionavam-se com aquele da categoria político-pedagógica. O pressuposto gramsciano de formação da hegemonia das classes subalternas, implicava no entendimento geral da sociedade e da função do partido.

Nos testemunhos dos companheiros não se encontram referências ao tema da escola única. A omissão é justificável, pois a finalidade das conversações era preparar os líderes comunistas para a ação partidária. Após a queda do fascismo, os intelectuais orgânicos das classes subalternas, militando no partido comunista, deveriam trabalhar junto às massas operárias e camponesas (a importância da questão meridional)¹⁸² para a formação de uma nova hegemonia que criaria as condições de possibilidade da revolução. A ênfase dada por Gramsci à função dos intelectuais, constatada no testemunho de todos os companheiros, demonstra, assim, o cunho político-pedagógico das reflexões gramscianas.

Giovanni Lai, no seu testemunho, afirma ainda que no curso das conversações, Gramsci expôs a ideia da Assembleia Constituinte, proposta e dirigida pelo PCI, como capaz de criar as bases para a luta unitária da maioria dos italianos contra o fascismo. O partido deveria ser capaz de levar adiante a linha da renovação política, moral e cultural da sociedade italiana e igualmente capaz de realizar as alianças políticas e sociais:

Um partido da classe operaria, sempre consciente da função da classe, mas também grande força nacional, atento aos problemas não resolvidos da sociedade italiana, ao meridiano, à questão dos camponeses. Um partido que contemporaneamente saiba manter suas ligações com o movimento internacional¹⁸³ (LAI, 1965, p. 22).

¹⁸¹ Il fascismo e il suo carattere di classe, la funzione degli intellettuali nella società, la questione meridionale, la funzione del Partito della classe operaia nella lotta per il socialismo, l'ipotesi di un periodo di transizione democratica dopo la caduta del fascismo, le forze motrici della rivoluzione in Italia (Tradução nossa).

¹⁸² A Revolução Russa foi possibilitada pela aliança entre operários e camponeses. Gramsci enxergava na Itália a aliança entre os operários do norte e os camponeses do sul (meridionais). Por isto a importância da obra escrita por Gramsci antes de sua prisão e denominada: A questão Meridional. O tema é frequente nos Cadernos e nas Cartas do Cárcere.

¹⁸³ Un Partito della classe operaia, sempre consapevole della funzione della classe, ma anche grande forza nazionale, atento ai problemi irrisolti della società italiana, al Mezzogiorno, alla questione dei contadini. Un Partito che contemporaneamente sappia mantenere i suoi legami col movimento Internazionale (Tradução nossa).

No que tange ao conflito entre Gramsci e seus companheiros de partido, Giovanni Lai relatou que as teses expostas foram objeto de ampla discussão e que não faltaram opiniões contrastantes (LAI, 1965). Angelo Scucchia, no seu testemunho, se alongou na abordagem do dissenso ocasionado pela temática da Assembleia Constituinte. Segundo Scucchia, Gramsci insistiu sobre a fase intermediária, isto é, um período de liberdade burguesa em que o partido da classe operária deveria imediatamente desenvolver uma função de liderança, inserindo-se ativamente no debate e na resolução dos problemas da sociedade italiana. Gramsci indicava que os companheiros, assim que saíssem da prisão, deveriam preparar a fase intermediária e agir na formação das massas (SCUCCHIA, 2009).

Scucchia no seu testemunho demonstrou que o tema da Assembleia Constituinte defendida por Gramsci gerou imediatamente a aversão dos companheiros:

Nós, porém, não víamos esta possibilidade e reiterávamos: fomos a única força política que, embora momentaneamente batida, deu e continua a dar ao país, portanto não podemos prestar-nos e nem nos fazermos portadores da palavra de ordem da Constituinte. Queremos saltar esta etapa e aprofundar entre as massas a linha revolucionária já indicada pelo partido para atingir a ditadura do proletariado, como frente único popular, alavançando o agravamento dos contrastes sociais e a radicalização da luta e não sobre o antifascismo burguês ou dando crédito as fraturas entre as classes dominantes e o fascismo”. Não víamos em suma como de toda esta mistura de germens opositoristas, de esperanças perdidas pela própria burguesia e pelos intelectuais burgueses poderia provir alguma coisa¹⁸⁴ (SCUCCHIA, 2009, p. 63).

Scucchia continuou relatando que ele e Athos Lisa eram os mais radicalmente contrários à tese da Assembleia Constituinte defendida por Gramsci. A finalidade da militância, para Scucchia e Lisa devia ser a ditadura do proletariado. Ao sair do cárcere os comunistas deveriam trabalhar na formação de novos quadros selecionados e reconstruir o partido para desfrutar os contrastes internos, existentes na sociedade italiana e o agravamento da crise de 1929-30, podendo, assim, realizar o salto revolucionário. Portanto, não havia espaço para a Assembleia Constituinte, a qual não

¹⁸⁴ Noi però non vedevamo questa possibilità e ribadivamo: “siamo stati l'unica forza politica che, seppure momentaneamente battuta, a há dato e continua a dare al paese, quindi non possiamo prestarci, nè farci portatori della parola d'ordine della Costituente. Vogliamo saltare questa tappa e approfondire tra le masse la linea rivoluzionaria già indicata dal partito per giungere alla dittadura del proletariado, col fronte unico dal basso, facendo leva sull'acuirsi dei contrasti social e sulla radicalizzazione della lotta e non sull'antifascismo borghese o dando credito alle frature tra classi dominante e fascismo”; non vedevamo insomma come da tutto questo coacervo di fermenti, di opposizioni, di speranze deluse della borghesia e degli intellettuali borghesi potesse scaturire qualche cosa (Tradução nossa).

distinguiu o PCI dos partidos antifascistas burgueses (SCUCCHIA, 2009).

Durante a conversação, segundo o longo e detalhado relato de Angelo Scucchia, não aconteceu nada de dramático. Diante das objeções dos companheiros, Gramsci, sem apresentar irritação, contra-argumentou. Em determinada ocasião, o próprio Gramsci propôs:

“Aquilo que expus, levando em consideração vossas perguntas e vossas respostas, é bom que seja meditado e discutido. Depois de alguns dias nos reencontraremos para tirar as conclusões”. E solicitou de nós uma tomada de decisão que fosse também um compromisso em defender a sua tese quando saindo do cárcere tornássemos a nossa vida de militantes externos¹⁸⁵ (SCUCCHIA, 2009, p. 65).

Gramsci desejou que seus companheiros se comprometessem com a tese da Assembleia Constituinte e a defendessem quando saíssem do cárcere. A militância externa deveria consistir em um trabalho de conscientização realizado pelos membros do PCI em defesa da unidade de todas as forças antifascistas. Neste trabalho, o aspecto educativo, unido ao político, ocuparia já uma posição preponderante. Os dirigentes comunistas deveriam ter aprimorado conhecimento da realidade política italiana para convencerem as forças antifascistas da imprescindível necessidade de unidade.

Todavia, a Assembleia Constituinte não era uma finalidade em si mesma, mas um período de transição em direção ao comunismo. Na liberdade democrática, proporcionada pela Assembleia Constituinte, os comunistas realizariam o papel político-pedagógico de instrução e educação das massas proletárias. Na fase intermediária, com o incessante trabalho realizado pelos dirigentes comunistas na educação das massas proletárias, estas perceberiam que os demais partidos não podiam oferecer nenhuma solução aos problemas econômicos e sociais do país. A educação do operariado levaria, definitivamente, a implementação da nova ordem mundial, ou seja, do comunismo.

O debate aconteceu nas celas, mas principalmente no dormitório comum¹⁸⁶. O debate foi intenso e era comum às mútuas acusações entre os grupos contrários e

¹⁸⁵ “Ciò che ho esposto, tenendo conto dele vostre domande e dele vostre risposte, è bene che sia da voi meditato e discusso. Tra qualche giorno ci ritroveremo per trarre le conclusioni” E sollecitò da noi una presa di posizione che fosse anche un impegno a sostenere la sua tesi quando saremmo tornati alla nostra vita di militanti all'esterno (Tradução nossa).

¹⁸⁶ Do italiano *camerone*. Um quarto que serve como dormitório para quatro, cinco, seis pessoas ou mais.

favoráveis à Assembleia Constituinte, tais como: filofascistas, crocianos, oportunistas, traidores. Uma minoria defendia a Constituinte e a maioria era contrária. Para Scucchia, todavia, para além dos adjetivos excessivos e das explosões violentas, existia a paixão política. O partido comunista era constituído de ardorosos combatentes que muitas vezes se deixavam levar pela paixão na defesa do que consideravam ser a genuína doutrina comunista. Para o grupo contrário à Assembleia Constituinte, os demais partidos políticos representavam os interesses da burguesia e com eles não era possível uma aliança (SCUCCHIA, 2009).

Scucchia relatou ainda que Gramsci teria sido avisado do áspero debate ocorrido no dormitório por Giuseppe Ceresa e Ercole Piacentini. No dia estabelecido para a discussão final, segundo Scucchia, Gramsci teve uma reação violenta e se recusou a dar prosseguimento ao debate: “basta, não discuto mais nada, não repreendo nenhuma conversação” (SCUCCHIA, 2009, p. 67).

No que diz respeito ao posterior distanciamento de Gramsci dos companheiros de Turi, existem discordância nos testemunhos de Pertini e Scucchia. O primeiro afirmou que os companheiros se distanciaram de Gramsci (PERTINI, 2009). Scucchia relatou que Gramsci se isolou e cortou todas as relações com os companheiros (SCUCCHIA, 2009).

Pertini testemunhou que o dissenso político foi forte e Gramsci se lamentou com ele: “não entenderam minha posição”. Diante do isolamento de Gramsci, Pertini escreveu, em seu testemunho, que interveio junto aos comunistas:

Mas repito, a sua grande amargura derivava da hostilidade que lhe demonstrava o grupo de prisioneiros comunistas que se encontrava em Turi, feita qualquer exceção. É inútil que mencione os nomes destes companheiros; recordo, porém, que, em determinado momento, eu também procurei intervir para sanar este dissenso, mas não foi possível alcançar resultados. Disse fraternalmente aos companheiros comunistas: Vós fazeis mal em deixá-lo sozinho. Porque não era ele que mantinha distância dos companheiros, mas eram eles que o haviam isolado¹⁸⁷ (PERTINI, 2009, p. 35-36).

Ao contrário, Angelo Scucchia destacou que foi Gramsci que se isolou dos companheiros e refutou todas as tentativas de reaproximação. Neste sentido,

¹⁸⁷ Ma, ripeto, la sua grande amarezza derivava dell'ostilità che gli dimostrava il gruppo dei detenuti comunisti a Turi, fatta qualche eccezione. È inutile che faccia il nome di questi compagni; ricordo però che, a un certo punto, anch'io cercai di intervenire per sanare questo dissidio; ma non fu possibile approdare a risultati. Dissi fraternalmente ai compagni comunisti: “Fate male a lasciarlo solo”. Perchè non era lui che teneva a distanza i compagni, ma erano loro che l'avevano isolato (Tradução nossa).

recordou, que a chegada de Bruno Tosin significou a confirmação de que a tese de Gramsci sobre a Assembleia Constituinte não estava em conformidade com aquela do PCI:

Gramsci rompeu as relações com todos, menos com Piacentini e Ceresa. Rompeu também com Lo Sardo¹⁸⁸ e Tulli¹⁸⁹ que assim como ele eram constituintes. Isolou-se. Quisemos manifestar que aquilo que lhe haviam referido havia sido referido mal. Todavia, Gramsci refutou toda aproximação. Assim, todos os companheiros, inclusive aqueles que politicamente haviam defendido suas teses, não aprovaram sua atitude de afastar todos os contatos, o seu ressentimento e a intransigência em não escutar as nossas colocações. Transcorreram várias semanas, mas a situação se tornou sempre mais pesada. Depois ocorreu a chegada de Tosin¹⁹⁰ e as notícias que trouxe de fora confirmaram que Gramsci havia progressivamente se separado da linha oficial do Partido. O Partido tem sempre razão pensávamos, e sentíamos ter um motivo a mais para pedir a Gramsci de continuar as discussões e esclarecer tudo. Todavia, todas as tentativas foram ainda inúteis¹⁹¹ (SCUCCHIA, 2009, p. 68).

No que diz respeito a carta enviada pelos prisioneiros comunistas de Turi a direção do PCI, expondo os fatos e, presumivelmente, pedindo a expulsão de Gramsci, as narrativas são também discordantes. Sandro Pertini, em seu testemunho relembrou que os companheiros detidos com Gramsci escreveram uma carta ao Centro externo do Partido, na qual relataram os erros e desviações de Gramsci em relação à doutrina do Partido. Pertini ainda escreveu que o agravante da denúncia era que os erros de Gramsci eram os mesmos de Umberto Terracini e de Camila Ravera que, posteriormente, foram expulsos do partido. Pertini concluiu o relato afirmando que estas expulsões geraram grande sofrimento em Gramsci (PERTINI, 2009).

Scucchia, no seu testemunho relatou que os comunistas prisioneiros em Turi souberam através de Bruno Tosin da expulsão de Alfonso Leonetti¹⁹² e outros

¹⁸⁸ Francesco Lo Sardo (1871-1931) foi o primeiro deputado comunista siciliano exercendo o mandato juntamente com Gramsci e aprisionado na mesma noite, ou seja, 08 de novembro de 1926.

¹⁸⁹ Enrico Tulli deputado comunista juntamente com Gramsci entre 1924 e 1926.

¹⁹⁰ Bruno Tosin (1902-1980) foi um dos fundadores do PCI em 1921 juntamente com Gramsci, Bordiga, Togliatti e outros.

¹⁹¹ Gramsci ruppi i rapporti com tutti. Troncò anche com Lo Sardo e Tulli, che pure erano costituentisti. Si isolò. Volevamo stabilire che ciò che gli avevano riferito era stato riferito male. Ma Gramsci respinse ogni approccio. Così, tutti i compagni, compresi quelli che politicamente avevano sostenuto la tesi di Gramsci, no approvarono il suo modo reciso di respingere ogni cantatto, il suo risentimento e il suo rifiuto di ascoltare le nostre puntualizzazioni. Trascorsero varie settimane, ma la situazione diveniva sempre più pesante. Poi ci fu l'arrivo di Tosin e le notizie che egli portò dall'esterno ci confermarono che in Gramsci c'era stato un progressivo distacco dalla linea ufficiale del Partito. "Il Partito há sempre ragione" pensavamo, e sentivamo di avere un motivo di più per chiedere a Gramsci di continuare a discutere al fine di chiarire tutto. Ma ogni tentativo fu ancora inutile (Tradução nossa).

¹⁹² Membro do PCI que sempre esteve ao lado de Gramsci e defendeu suas posições.

membros do PCI, os quais sustentavam posições semelhantes às de Gramsci:

Tosin saudou a todos. Depois Gramsci o pegou pelo braço e separando-se do grupo começou a passear com ele fazendo-lhe muitas perguntas. Mais tarde, na cela, Tosin nos contou como candidamente havia referido a Gramsci a situação externa do partido da expulsão dos três, e como Antonio havia ficado profundamente abalado pela notícia e pelos particulares da *svolta*. A luz das coisas referidas por Tosin resultou que nossa posição se encontrava alinhada àquela do Partido e que a posição de Gramsci não estava em conformidade com a linha do Partido¹⁹³ (SCUCCHIA, 2009, p 68).

Fazendo um confronto entre os testemunhos de Pertini e de Scucchia, é possível destacar os seguintes fatos. O testemunho de Scucchia deixou claro que os prisioneiros comunistas de Turi souberam através de Tosin da expulsão de Leonetti e dos particulares da *svolta*. O testemunho de Pertini demonstrou que Gramsci foi acusado dos mesmos erros de Terracini e Ravera. Neste sentido, mesmo que o pedido de expulsão de Gramsci não foi diretamente formulado pelos seus companheiros de cárcere, a expressa acusação de que ele cometia os mesmos erros que os militantes expulsos, indiretamente, dava condições para que futuramente Gramsci também fosse expulso.

O testemunho de Bruno Tosin apresentou importantes particularidades não presentes nos demais, em modo especial, no que tange à carta enviada ao Centro externo do partido. Tosin relatou que nos dois primeiros dias após sua chegada a Turi, Gramsci o interrogou minuciosamente sobre a situação do partido, sobre a *svolta* e a expulsão de Leonetti, Ravazzoli¹⁹⁴ e Tresso¹⁹⁵. Ao saber os motivos da expulsão teria permanecido profundamente abalado e já no dia seguinte rompeu relações também com Tosin, assim como já fizera com os demais companheiros.

Diante da ruptura entre Gramsci e os demais, Tosin, após debater com alguns companheiros, tomou a iniciativa de enviar uma carta ao Centro Externo do Partido:

Um dia os companheiros me disseram que havia a possibilidade de

¹⁹³ Tosin salutò tutti. Poi Gramsci lo prese sotto braccio, lo trasse in disparte e si mise a passeggiare con lui ponendogli tante domande. Più tardi, in cella, Tosin ci raccontò come candidamente egli avesse riferito della situazione all'esterno e della espulsione dei ter, e come Antonio fosse rimasto profondamente scosso da questa notizia e dai particolari sulla *svolta*. Alla luce delle cose riferite da Tosin apparve che noi eravamo in linea e che la posizione di Gramsci era fuori dalla linea del Partito (Tradução nossa).

¹⁹⁴ Paolo Ravazzoli 1894-1940) membro do PSI e posteriormente do PCI, foi expulso do partido juntamente com Francesco Leonetti e Pietro Tresso em junho de 1930.

¹⁹⁵ Pietro Tresso (1893-1943) um dos comunistas mais próximos de Gramsci, tanto que foi considerado como seu discípulo. Em 1930 foi expulso do PCI e na França foi um dos fundadores da IV Internacional. Foi assassinado em 1943 por emissários de Stalin.

comunicar qualquer coisa ao Centro Externo e, também seguindo o conselho deles, enviei um bilhete no qual dizia que Gramsci não era de acordo com a posição do partido e que a situação no cárcere era aquela que era, que havia uma divisão completa e que eu não sabia que coisa fazer para melhorar as coisas e que esperava indicações¹⁹⁶ (TOSIN, 2009, p. 73).

Por fim, a carta enviada ao Centro Externo do PCI, controlado por Togliatti, continha pesadas acusações de que Gramsci estava repetindo os erros de Leonetti, Ravazzoli e Tresso, ou seja, não seguia a linha oficial do Partido e não havia aderido a *svolta* stalinista. Porém, a carta não foi respondida. “Não recebemos resposta”¹⁹⁷, testemunhou Tosin (TOSIN, 2009, p. 73).

No seu relato, Tosin, ainda afirmou que quando Gramsci soube da carta enviada ao Centro Externo do partido pediu explicações sobre o conteúdo. Ao ser informado, exigiu que Tosin escrevesse uma segunda carta acrescentando, que depois da resposta oficial do partido, ele próprio, Gramsci escreveria também uma carta explicando suas posições: “nesta ocasião acrescentei que quando tivéssemos uma resposta, o próprio Gramsci escreveria ao partido para exprimir sua opinião”¹⁹⁸ (TOSIN, 2009, p. 75).

O debate em torno da Constituinte não ficou restrito a Turi, mas espalhou-se rapidamente pelos demais cárceres italianos, onde outros comunistas se encontravam detidos. Umberto Terracini foi transferido para o cárcere de Castelfranco Emilia¹⁹⁹, de onde, mais facilmente pode se comunicar com o Centro Externo. Neste sentido, em 02 de novembro de 1931, escreveu alarmado que:

Corre e se reforça, com as repercussões que podem imaginar, entre os nossos grupos no cárcere o boato de que Antonio diverge radicalmente da linha do Partido. Ele bandeou-se para a Concentração²⁰⁰, dizem os elementos mais impressionáveis e menos capazes. Ainda não pude encontrar alguém que tenha falado diretamente com Antonio: logo não posso precisar seu pensamento, que vós talvez conheceis. No entanto, o certo é que foi sobre o tema da perspectiva que Antonio entrou em conflito com os companheiros

¹⁹⁶ Um giorno i compagni mi dissero che c'era la possibilità di comunicare qualche cosa al centro estero e, anche dietro loro consiglio, mandai fuori un biglietto dove dicevo che Gramsci non era d'accordo con la posizione del Partito, che la situazione nel carcere era quella che era, che si era a una divisione completa e che io non sapevo che cosa fare per migliorare le cose e che aspettavo do loro indicazione (Tradução nossa).

¹⁹⁷ Non ricevemmo risposta (Tradução nossa).

¹⁹⁸ In questa occasione aggiunse che probabilmente, quando avessimo avuto una risposta, lui stesso avrebbe scritto qualche cosa al Partito per esprimere la sua opinione (Tradução nossa).

¹⁹⁹ Cidade italiana da região da Emilia Romagna na província de Modena.

²⁰⁰ Concentração antifascista que reunia socialistas, reformistas, republicanos e socialistas liberais. Anarquistas e Comunistas não participavam.

de Turi e precisamente sobre a eventualidade do período de transição. Ele não o exclui (ao contrário, acredito que o admita). Este é o ponto central da discussão em todos os cárceres, ininterruptamente²⁰¹ (TERRACINI, 1965, p. 71-72).

Athos Lisa, conforme supracitado, foi um dos opositores da teoria gramsciana da Constituinte e defensor do salto revolucionário do fascismo para o comunismo. Todavia, pouco antes de sair da prisão, no início de 1933, novamente conversou com Gramsci sobre a temática. Durante o ano de 1933, exilado na França, foi chamado pelo partido para redigir um relatório sobre os acontecimentos de Turi em 1930, em específico, sobre a defesa da Assembleia Constituinte por Gramsci.

No seu relato, Lisa mencionou que a crítica de Gramsci à *Svolta* teria sido motivada, principalmente, pela fragilidade extrema que o fascismo reduzira o PCI e, portanto, pela improbabilidade de que partido pudesse provocar uma insurreição. Somente no contexto democrático, o PCI poderia reconstruir a unidade do proletariado e atrair as classes médias, conquistando-as, gradativamente, para o objetivo da revolução proletária. O partido, antecipando-se aos demais, deveria defender a Assembleia Constituinte, e buscar a revolução democrática como caminho para a revolução socialista. Lisa terminou seu relato afirmando que a discussão em Turi foi encerrada, mas o tema permaneceu vivo no pensamento de Gramsci:

Assim nasceu e morreu a questão da Constituinte em Turi de Bari, ao passo que permaneceu viva no pensamento do companheiro Gramsci, tanto que em outubro de 1932 me falou dela com a mesma convicção profunda e o mesmo entusiasmo de 1930²⁰² (LISA, 1971, p. 90).

Segundo Giuseppe Vacca (2003), o tema da Constituinte defendido por Gramsci na prisão de Turi, não foi uma ideia isolada, a qual diz respeito apenas à luta particular contra o fascismo na Itália. Ao contrário, o tema significou o ápice do chamado “revisionismo” gramsciano. De fato, a defesa da Constituinte derivava de uma revisão profunda, realizada por Gramsci entre 1926 e os primeiros anos da

²⁰¹ Corre e si rafforza con le ripercussioni che potete immaginare tra i nostri gruppi in prigione la voce che Antonio diffira radicalmente dalla linea del partito. Egli passò alla Concentrazione dicono gli elementi più impressionabili e meno capaci. Non ho ancora potuto trovare qualcuno che abbia parlato direttamente con Antonio. Per questo non passo individuare il suo pensiero, che voi forse conoscete. Tuttavia è certo che fu su tema della prospettiva che Antonio entrò in conflitto con i compagni di Turi e precisamente sull'eventualità del periodo di transizione. Egli non lo esclude (al contrario, credo di ammetterlo). Questo è il punto centrale della discussione in tutte le carceri, ininterrottamente (Tradução nossa).

²⁰² Così la questione del Costituente di Turi de Bari è nata e morta, mentre è rimasta viva nel pensiero del compagno Gramsci, tanto che nell'ottobre del 1932 mi ne parlò con la stessa profonda convinzione e entusiasmo di 1930 (tradução nossa).

década de 1930, de suas concepções analíticas e de sua concepção do materialismo histórico. Ao tema da Constituinte encontram-se ligados outras categorias político-pedagógicas gramscianas, tais como, guerra de posição, bloco histórico, intelectuais, estrutura, superestrutura, revolução cultural e hegemonia (VACCA, 2003).

Ainda segundo Vacca (2003, p. 209), a Constituinte como uma fase intermediária entre o fascismo e o comunismo na Itália, significava no pensamento gramsciano, o tempo necessário para a formação de uma nova hegemonia, na qual, a cultura (pedagogia) desempenharia uma função preponderante. A nova hegemonia seria construída durante esse período democrático que, por intermédio de um trabalho educativo dos líderes comunistas junto às massas, formaria a nova cultura. A revolução criaria as condições necessárias para a revolução política. Neste sentido, tornaria possível o ideal formativo expresso no Caderno 12 (escrito quase na mesma época), no caso, formar um povo, em que todos os dirigidos fossem também capazes de dirigir²⁰³ (GRAMSCI, 1977).

A hegemonia cultural proletária seria conquistada nesta fase intermediária, mas não se tratava de uma hegemonia limitada a conquista imediata do poder, ou seja, a revolução política, mas uma nova cultura social. A categoria gramsciana da hegemonia é uma noção ampla de hegemonia política, a qual é conquistada antes da tomada do poder na sociedade civil. Em outro Caderno, ou seja, no Caderno 10, Gramsci analisando o desenvolvimento da sociedade civil nos países da Europa Ocidental após 1848, destacou que a fórmula da revolução permanente, própria da época, foi reelaborada e superada na ciência política pela fórmula da hegemonia civil (GRAMSCI, 1977).

Os depoimentos dos companheiros de prisão de Gramsci em Turi demonstraram que Gramsci queria ser ouvido pelo partido no que diz respeito ao cenário político nacional e mesmo internacional. Ao iniciar a conversa em Turi, estava seguro que o tema não permaneceria circunscrito às paredes do cárcere. O diálogo com Tosin, para o qual pediu que escrevesse uma segunda carta e que após a resposta do Centro externo, ele próprio escreveria ao partido, significou uma tentativa de tornar sua posição conhecida pelas lideranças comunistas. A cada companheiro de Turi que era posto em liberdade, Gramsci pedia que levasse e defendesse sua posição da

²⁰³ No Caderno 12, Gramsci abordou o tema da escola única. Todavia, a educação de um modo geral e, não apenas a escola, deve formar uma sociedade onde todos os dirigidos se encontrem aptos para dirigir.

Assembleia Constituinte junto ao Partido.

No que se refere às posições político-pedagógicas de Gramsci em torno da Constituinte, na leitura e análise das narrativas dos companheiros de Gramsci e dos documentos deixados por ele, destaca-se que as defesas de Gramsci ultrapassavam o debate político e continham também uma intenção pedagógica. Neste aspecto, leva-se em consideração o fato de que nos primeiros anos da década de 1930, Gramsci apresentou uma maturação intelectual. Categorias anteriormente esboçadas nos escritos juvenis foram então desenvolvidas com mais profundidade conceitual e ordem sistemática. As categorias de hegemonia, revolução cultural e guerra de posição fizeram parte do diálogo de Gramsci com os companheiros e arrolaram-se, também, no mesmo período, nas Cartas sobre Croce e nos Cadernos do Cárcere.

No testemunho dos seus companheiros de cárcere, verifica-se uma constante citação sobre as preocupações de Gramsci com a questão pedagógica e sua dimensão inseparável da questão política. A intrínseca ligação entre política e pedagogia foi expressa por Gramsci no mesmo período das conversações de Turi nos Cadernos do Cárcere, em modo especial, nos Cadernos 04 e 12²⁰⁴. Os temas sobre os quais havia refletido, e sobre os quais estava escrevendo, foram transmitidos aos companheiros através das conversações.

Togliatti conhecia os posicionamentos de Gramsci através das cartas de 1926, do relatório de Gennaro e pelas cartas do próprio Gramsci que, através de Tatiana Schucht eram entregues a Piero Sraffa e por este ao partido (VACCA, 2003). Por isto, não respondeu as duas cartas de Tosin. No conturbado cenário político internacional da época julgou que para o partido e para o próprio Gramsci, seria melhor que sua heterodoxia permanecesse escondida ou conhecida por poucos. Escondendo as divergências de Gramsci em relação a *svolta* stalinista, Togliatti soube usar política e pedagogicamente a prisão do líder do partido. Gramsci foi elevado à condição de ícone vivo do partido na luta contra o fascismo. O líder preso que não se dobrava diante de Mussolini, servia como instrumento de mobilização comunista (TOGLIATTI, 1974).

Os testemunhos de Piero Sraffa, Giuseppe Ceresa e Ercoli Piacentini demonstram, todavia, que na passagem da década de 1930 para 1940, a tese gramsciana da Constituinte, ligada aquelas de hegemonia e revolução cultural,

²⁰⁴ Segundo Valentino Gerratana, Gramsci escreveu o Caderno 04 entre os anos de 1930 e 1932 e o Caderno 12 em 1932: (GERRATANA, 1977).

começou a ser discutida e gradativamente aceita dentro do PCI. O processo de aceitação das teses de Gramsci culminou na *svolta* de Salerno em 1944, em que Togliatti, com o apoio de Stalin, colocou em prática as concepções político-pedagógicas de Gramsci, não na luta contra o fascismo, como desejava o filósofo, mas no governo de colisão nacional na Itália pós-fascista.

A *svolta* de Salerno com o triunfo póstumo de Gramsci, suas concepções político-pedagógicas e suas categorias analíticas serão abordadas na próxima seção desta pesquisa. No momento, a pesquisa demonstrará apenas que o tema da Constituinte com suas implicações político-pedagógicas acompanhou Gramsci até a sua morte e que esta se tornou objeto de debates nos órgãos oficiais do PCI durante os últimos anos da sua vida.

Piero Sraffa, em conversa com Paolo Spriano em 1967, testemunhou que em 1935, em Formia, Gramsci insistiu no tema da Assembleia Constituinte. O tema da Constituinte foi debatido, embora rejeitado no Comitê Central do PCI em outubro de 1935. O partido, liderado por Togliatti preferiu a política da Frente Popular²⁰⁵ como forma de ligação com os demais partidos de esquerda na luta contra o fascismo (VACCA, 2003, p. 248). Sraffa testemunhou que em 1937, no último encontro com Gramsci na Clínica Quisisana em Roma, recebeu deste a incumbência de levar ao Partido uma recomendação de defesa da Assembleia Constituinte (SPRIANO, 1967^a).

Em 1937, ano da morte de Gramsci, às vésperas da renovação do Pacto de Unidade de Ação²⁰⁶, a tese gramsciana da Assembleia Constituinte tornou-se objeto de debate com os socialistas. Em uma carta a Togliatti, em 27 de abril de 1937²⁰⁷, Mario Montagnana²⁰⁸ escreveu: “Falando com Piero [Sraffa], soube que o amigo [Gramsci] formulou, desta vez de modo muito mais nítido, sua antiga ideia da Assembleia Constituinte. Disse que a frente popular na Itália é a Assembleia

²⁰⁵ Agrupamentos de grupos e partidos de esquerda (comunistas, socialistas, anarquistas) na luta contra o fascismo. As diferenças em relação a Constituinte proposta por Gramsci dizem respeito a amplitude das alianças. A Constituinte abrangeria todos os grupos antifascistas na luta pela restituição da democracia como período transitório entre o fascismo e o socialismo e tal iniciativa caberia ao PCI. A Frente Popular defendia a unidade da luta contra o fascismo, mas se restringia aos demais partidos de esquerda e não fazia referimentos a um período intermediário entre o fascismo e o socialismo.

²⁰⁶ Pacto de unidade de ação entre comunistas e socialistas na luta contra o fascismo.

²⁰⁷ Dia da morte de Gramsci, mas Mario Montagnana ainda não tinha notícias do ocorrido na madrugada, pois Gramsci morreu às 4:10 do dia 27 de Abril.

²⁰⁸ Mario Montagnana (1897-1960) foi militante do PSI e um dos fundadores do PCI. Posteriormente foi representante italiano junto a Internacional Comunista. Após a morte de Gramsci foi um dos grandes colaboradores de Togliatti na edição dos Cadernos e das Cartas do Cárcere.

Constituinte²⁰⁹". Segundo Paolo Spriano, em 1937, o debate em torno da Constituinte estava já plenamente legitimado e, embora Gramsci não tenha sido citado, sua proposta foi discutida com vários acentos e nuances (SPRIANO, 1967).

Em 1938, por ocasião do primeiro aniversário da morte de Gramsci, Togliatti encarregou Giuseppe Ceresa de redigir um memorial de suas recordações do cárcere em Turi²¹⁰. Segundo Piacentini, Togliatti fez a ressalva de que era preciso escrever algo que fosse aceitável (VACCA, 2003). Desta forma, Ceresa, ao expor o conflito de Gramsci com os companheiros de Turi, não utilizou o termo Constituinte. Ceresa citou Gramsci como o antecipador da política das frentes populares já no cárcere de Turi. Segunda Ceresa, Gramsci sustentava que a prolongada suspensão da luta de classe imposta pelo fascismo, exigia um período democrático e não a imediata revolução proletária (VACCA, 2003).

No testemunho de Piacentini se encontram dados imprescindíveis para a reconstrução do modo como o pensamento de Gramsci foi recepcionado em Moscou pela *Komintern* e pelo círculo stalinista. Ao se aproximar o aniversário da marcha sobre Roma, que concederia anistia a Ceresa e Piacentini, Gramsci os teria confiado a tarefa de explicar suas concepções políticas ao Centro Externo do partido (VACCA, 2003).

A Ceresa, Gramsci incumbiu ainda de escrever um memorial retratando com fidelidade sua proposta da Constituinte. Ceresa chegou em Moscou em 1933 e apresentou o memorial ao Centro Italiano. Cinco ou seis dias depois encontrou-se com um italiano e um russo. O comunista italiano teria exclamado em tom irônico: "constituinte, hegemonia são mesmo fantasias de preso. Sobre estas coisas não se deve falar com ninguém, pois prejudicaria o partido" (VACCA, 2003).

Este testemunho de Piacentini, contido em uma carta a Umberto Cardia (1921-2003), manifestou com clareza que os conceitos e categorias gramscianas de Constituinte, hegemonia e, outros que se ligavam a estes, como revolução cultural, guerra de posição, revolução passiva, não eram aceitos pelo núcleo stalinista. O testemunho ajuda a entender também o papel desempenhado por Togliatti, que como

²⁰⁹ Parlando con Piero, ho saputo che l'amico ha formulato molto più chiaramente la sua vecchia idea dell'assemblea costituente questa volta. Ha detto che il fronte popolare in Italia è l'Assemblea Costituente (Tradução nossa).

²¹⁰ O memorial não foi encontrado nos arquivos da Komintern. As informações referentes ao seu conteúdo foram dadas por Ercoli Piacentini em um testemunho contido em uma carta a Umberto Cardia (VACCA, 2003, p. 202).

estrategista político, escondeu as concepções políticas e, posteriormente, os escritos de Gramsci, tornando possível sua divulgação posterior. Neste sentido, com base nos relatos dos companheiros de Gramsci e verificando as posições do núcleo stalinista, é possível concluir que Togliatti, ao buscar esconder a chamada heterodoxia gramsciana, assim o fez, para defender Gramsci e o seu pensamento das possíveis retaliações que poderia vir da *Komintern* e do Núcleo stalinista. Caso Togliatti cedesse e deixasse Gramsci expor livremente suas posições político-pedagógicas, como desejava o prisioneiro, as retaliações seriam inevitáveis sobre o PCI e sobre Gramsci. Após a segunda guerra mundial, em um cenário político favorável, Togliatti assumiu e divulgou as concepções e categorias gramscianas.

Os companheiros de prisão em Turi possuíam firme convicção de estarem seguindo as diretrizes do PCI e da III Internacional Comunista e, por este motivo não aceitaram as concepções político-pedagógicas gramscianas expostas na teoria da Assembleia Constituinte. A pesquisa abordará agora, na sua quinta seção, os acontecimentos relativos a divulgação do pensamento e publicação das obras de Gramsci, realizada por Togliatti entre as décadas de 1940-1960.

5. AFFARI GRAMSCI-TOGLIATTI E A OPERAÇÃO GRAMSCI (1940 – 1964).

Nesta seção da pesquisa, os temas referentes à divulgação do pensamento de Gramsci e a história da publicação de suas obras serão trabalhados de forma articulada. Neste sentido, em um primeiro momento, busca-se pontuar os meios pelos quais Togliatti conseguiu se tornar editor exclusivo das obras de Gramsci. Por este motivo, a pesquisa tratará das temáticas do denominado *affari Gramsci-Togliatti em Moscou*²¹¹, que ocorreu imeditamente após a morte de Gramsci. O Affari Gramsci-Togliatti possibilita uma compreensão da denominada Operação Gramsci, a qual foi realizada por Togliatti a partir de seu regresso à Itália em 1944.

Neste sentido, posteriormente, busca-se verificar a história da publicação dos manuscritos gramscianos e a difusão de suas categorias político-pedagógicas, as quais estiveram dependentes dos interesses políticos do PCI e de Togliatti. Para isto, além de apontar alguns acontecimentos internacionais e italianos que possam ter influenciado nos debates sobre os rumos da revolução operária, busca-se verificar o projeto político-pedagógico de Togliatti e do PCI para a conquista da hegemonia cultural, compreendida como necessária condição para a conquista da hegemonia política.

Nesta seção também se busca refletir sobre as categorias gramscianas que foram divulgadas por Togliatti através da publicação das obras de Gramsci e da divulgação de seu pensamento. Para isto, a pesquisa utiliza-se tanto dos escritos dos críticos de Togliatti como dos considerados admiradores da chamada Operação Gramsci coordenada pelo líder do PCI. No geral, a pesquisa utiliza as obras ou documentos originais reunidos nas seguintes coletâneas: *Togliatti editori delle Lettere e dei quaderni del carcere* publicada por Giuseppe Vacca em 1999 e, novamente, *Togliatti editore di Gramsci*, publicada por Chiara Danielle em 2005; *L'affare Gramsci-Togliatti a Mosca*, publicada por Silvio Pons em 2004; *Il Gramsci di Togliatti*, publicada por Raul Mordenti em 2009; *Operazione Gramsci: alla conquista degli intellettuali nell'Italia del dopoguerra* publicada por Francesca Chiarotto e Angelo D'orsi em 2011; *L'Italia repubblicana e gli anni dello sviluppo*, publicada por Andrea Paris em 2004.

²¹¹ A disputa entre Togliatti e a família Schucht pela herança literária de Gramsci.

5.1 A DISPUTA, A POSSE E A UTILIZAÇÃO DA PRODUÇÃO LITERÁRIA GRAMSCIANA.

Gramsci era consciente das discordâncias existentes entre suas concepções político-pedagógicas e aquelas do PCI e de Togliatti que era o representante italiano na III Internacional Comunista. Por este motivo, e pelas circunstâncias relativas à Carta de Grieco e às frustradas tentativas para sua libertação, lutou para seus manuscritos não caíssem nas mãos de Togliatti.

Neste sentido, conforme demonstrado nos pontos anteriores, existem diversas cartas de Gramsci em que ele manifestou sua difidência em relação a Togliatti. Todavia, não existe um texto no qual Gramsci, diretamente, manifestou o desejo de excluir Togliatti de sua herança literária. O desejo de Gramsci, segundo testemunho de Tatiana, teria sido comunicado a ela nos últimos meses de sua vida. Neste sentido, nas cartas aos familiares na Rússia²¹², escritas logo após a morte de Gramsci, Tatiana comunicou que em obediência ao próprio Gramsci, seus escritos do cárcere não deviam ser entregues aos italianos presentes na Rússia²¹³.

Gramsci morreu em 27 de abril de 1937. No dia 05 de maio do mesmo ano, Tatiana escreveu uma carta a Giulia tratando da transferência dos manuscritos de Gramsci para a Rússia. Na carta, escreveu que, por vontade de Gramsci, todos os textos deveriam ser entregues a Giulia e não aos integrantes do PCI em Moscou.

Não se preocupe com seus manuscritos, cartas etc. Tudo está em ordem, mas com esta correspondência não mando nada de seus trabalhos ou de suas cartas. A vontade dele é que sejas tu a receber estes manuscritos, e não a seção italiana, compreendes, minha cara? Tu debes receber tudo integralmente, e não confiar nada a ninguém, pelo menos até que seu amigo Piero expresse uma opinião sobre o modo pelo qual estas obras de Antonio devem ser ordenadas e utilizadas segundo seu pleno valor²¹⁴ (SCHUCHT, 1991, p. 156).

Segundo Vacca (2003), nos últimos dias de vida, Gramsci confiou a Tatiana a missão de excluir Togliatti da posse e organização de seus manuscritos, pelo menos até que Sraffa indicasse os critérios a serem seguidos para sua utilização. Na carta

²¹² As cartas de Tatiana aos familiares foram escritas em russo e traduzidas para o italiano.

²¹³ Togliatti era o líder do PCI e se encontrava na Rússia.

²¹⁴ No preoccuparti con i suoi manoscritti, lettere, ecc. Tutto è in ordine, ma con questa corrispondenza non mando niente delle sue opere o delle sue lettere. La sua volontà è che tu riceva questi manoscritti, non la sezione italiana, capisci, mia cara? Tu devi ricevere tutto per intero e non fidarti di nessuno, almeno fino a quando il suo amico Piero esprimerà un'opinione sul modo in cui queste opere di Antonio devono essere ordinate e utilizzate secondo il suo pieno valore (Tradução nossa).

de 12 de maio de 1937, na qual narrou a Sraffa os últimos momentos da vida de Gramsci, Tatiana voltou a tratar do tema da posse e utilização dos manuscritos da prisão. Os escritos deveriam ser enviados a Giulia na Rússia para evitar extravios e intromissões:

Nino²¹⁵ queria que eu transmitisse todas as coisas à Giulia, para lhe confiar tudo na expectativa de outras decisões dele. Pensei bem e adiei o envio para obter uma resposta tua se queres te ocupar da avaliação de tudo com o auxílio de alguém da família. Além disso queria que Giulia soubesse da minha intenção de mandar para ela todos os escritos a fim de que ela os retire para evitar extravio ou intromissão de seja quem for²¹⁶ (SRAFFA, 1991, p. 89).

Entretanto, através de uma carta de Eugenia Schucht a Tatiana, deduz-se que Togliatti já havia se aproximado das irmãs Schucht (Eugenia e Giulia) em Moscou para obter a posse dos manuscritos de Gramsci. Eugenia escreveu a Tatiana com o objetivo de tranquilizá-la:

Tania, não te preocupes com os documentos. Aqui um companheiro, amigo de Antonio, agora é o chefe do Partido Comunista Italiano, e por isto terá por cada palavra o mesmo cuidado que nós temos. Tudo será conservado para Giulia²¹⁷ (SCHUCHT, 1991, p. 159).

Segundo Canale (2013), na correspondência das Schucht, apenas após a morte de Gramsci, Togliatti é chamado de chefe do PCI. Todavia, o aspecto mais importante da carta, segundo Vacca (2003), é que Togliatti, que conhecia as suspeitas de Gramsci em relação a ele, já havia se movido para obter a posse dos manuscritos gramscianos.

O mal-entendido entre Tatiana, Giulia e Eugenia, era evidente. Tatiana escreveu (em modo indireto) que a intromissão de Togliatti precisava ser evitada. As duas irmãs em Moscou projetavam confiar os escritos de Gramsci justamente a ele. A resposta de Tatiana foi rápida. Não podia citar nomes, mas suas palavras não deixaram dúvidas. Aquele cuja intromissão precisava ser evitada, a pedido do próprio

²¹⁵ Antonio Gramsci.

²¹⁶ Nino voleva che io trasmettessi tutte le cose a Giulia, per affidargli tutto in attesa delle sue altre decisioni. Ho pensato bene e ho posticipato l'invio per ottenere una risposta da parte tua se vuoi occuparti della valutazione di tutto con l'aiuto di qualcuno della famiglia. Volevo anche che Giulia sapesse della mia intenzione di mandarle tutti gli scritti in modo che lei potesse ritirarli per evitare perdite o ingerenza di chicchessia (Tradução nossa).

²¹⁷ Tania, non preoccuparti con i documenti. Qui, un compagno, amico di Antonio, è ora il capo del Partito Comunista Italiano, e perciò avrà per ogni parola la stessa cura che abbiamo noi. Tutto sarà preservato per Giulia (Tradução nossa).

Gramsci, era Togliatti:

Giulia deve ter tudo, como desejava Antonio, e todas juntas realizaremos o trabalho de decifração e estudo do material. Não se deve pensar que um italiano qualquer, um companheiro, ex amigo de Antonio, deve se encarregar do trabalho ou que devemos confiá-lo a alguém. Eu, tu e Eugenia somos perfeitamente capazes²¹⁸.

Togliatti, mesmo que indiretamente, foi designado na carta como um italiano qualquer, companheiro e ex amigo de Gramsci. Conforme citado no início deste ponto, não existe um texto no qual Gramsci, em modo direto exclua Togliatti da posse e posterior publicação de suas obras. Todavia, as cartas de Tatiana a Sraffa e aos familiares na Rússia são claras. Gramsci desejou que seus manuscritos fossem entregues a Giulia para evitar intromissões de quem quer que fosse. Gramsci, em base às polêmicas expostas neste capítulo, sabia que apenas o PCI, liderado por Togliatti, poderia lutar pela posse de seus manuscritos contra Giulia e a família Schucht.

No *affari* Gramsci-Togliatti em Moscou, as irmãs Schucht (Tatiana, Giulia e Eugênia), objetivando desacreditar Togliatti junto ao núcleo stalinista e a III Internacional Comunista, para impossibilitá-lo de ter acesso aos manuscritos gramscianos, denunciaram algumas suspeitas sobre a atuação de Togliatti e do PCI em relação ao período que Gramsci permaneceu na prisão.

Em dezembro de 1938, depois de ter organizado o traslado das cinzas de Gramsci para o cemitério de Testaccio²¹⁹, Tatiana Schucht retornou a Moscou. Ao chegar na capital russa, seguindo as últimas orientações do próprio Gramsci, Tatiana convenceu as irmãs Giulia e Eugenia que era necessário submeter ao juízo da III Internacional Comunista e do próprio Stalin uma série de acusações contra Togliatti. As acusações se fundamentavam no juízo negativo de Gramsci, o qual, iniciado em 1924, permaneceu até a sua morte. Um período de 13 anos, nos quais, entre as acusações e fatos apontados, a “famigerada” carta de Grieco e o fracasso das diversas tentativas de libertação do prisioneiro, serviam de base (PONS, 2004, p. 85). Neste sentido, Tatiana buscou nos episódios da gênese do desacordo provas

²¹⁸ Giulia deve avere tutto, come voleva Antonio, e insieme faremo il lavoro di decifrare e studiare il materiale. Non si dovrebbe pensare che un italiano qualsiasi, un compagno, un ex amico di Antonio, debba assumere il lavoro o che dovremmo affidarlo a qualcuno. Io, tu ed Eugenia siamo perfettamente capaci

²¹⁹ Cemitério de Roma onde eram sepultados os não católicos. Gramsci havia sido sepultado, antes, no cemitério romano de Verano.

fundamentais, de modo a dissipar as suspeitas de que as acusações gramscianas eram decorrentes de seu isolamento pessoal e político nos últimos anos do cárcere (CANALE, 2013).

Togliatti, por sua vez, mesmo antes do regresso de Tatiana para Moscou, já havia se movido para obter a posse e o direito de utilização e publicação dos manuscritos de Gramsci. Em 1943 recebeu veredito favorável da Internacional Comunista. Este aval foi alcançado, principalmente, pela sua atuação durante a II Guerra Mundial e permitiu que se tornasse editor exclusivo das obras de Gramsci e pudesse colocar em prática o seu projeto político-pedagógico ou a revolução cultural denominada Operação Gramsci.

Desta forma, no seu regresso a Itália em 1944, Togliatti já estava de posse fisicamente dos escritos gramscianos. Neste sentido, conforme já demonstrado, Togliatti e o PCI que já possuíam, se não todas, ao menos a maioria Cartas do Cárcere²²⁰, passaram a ter posse também dos manuscritos dos Cadernos do Cárcere.

Togliatti, todavia, antes de alcançar a posse dos escritos gramscianos enfrentou uma longa disputa com as irmãs Schucht. Sobre esta contenda, segundo Danielle (2005), Togliatti foi provavelmente informado por Sraffa da atuação das irmãs Schucht para impedir-lhe o controle dos manuscritos gramscianos. Tatiana escreveu uma carta a Sraffa, em 12 de maio de 1937, pedindo-lhe que, com a ajuda de alguém da família Schucht, colocasse em ordem os manuscritos de Gramsci, e, como já demonstrado, também pediu que Togliatti fosse excluído da herança literária de Gramsci (SPRIANO, 1997). Sraffa, tendo recebido a carta de Tatiana, imediatamente escreveu a Ambrogio Donini (1903-1991)²²¹ para receber instruções sobre a destinação dos manuscritos de Gramsci (SRAFFA). Donini lhe respondeu com um telegrama em 18 de maio de 1937 e com uma carta no dia seguinte: “A decisão melhor é enviar todos os manuscritos a Giulia, pois onde está Giulia está Ercoli”²²² (SPRIANO, 1977, p. 164)²²³.

Togliatti havia muitos motivos para controlar os manuscritos de Gramsci e não colocar em perigo o projeto da Operação Gramsci. Em um artigo na revista *Il Nuovo*

²²⁰ Conforme Mordenti (2009), Vacca (2003) Canale (2013), Danielle (2005), as cartas de Gramsci eram enviadas a Tatiana que fazia uma cópia das mesmas e as enviava a Sraffa, que as enviava a Togliatti e ao Centro Externo do Partido.

²²¹ Ambrogio Donini foi um historiador marxista italiano e membro do PCI. Durante o fascismo ocupou diversas funções na direção do Partido. Após a queda do fascismo foi senador da república italiana.

²²² Togliatti.

²²³ La decisioni migliori è spedire tutti i manoscritti a Giulia, dato che dove c'è Giulia c'è Ercoli.

*Avant*²²⁴, Angelo Tasca havia revelado trechos comprometedores da carta de 1926 de Gramsci ao Comitê Central do Partido Comunista Russo (DANIELLE, 2005). A comprovação da ruptura entre Gramsci e Togliatti e da heterodoxia do primeiro, anularia as possibilidades da operação Gramsci e do projeto político-cultural do PCI.

Togliatti, antes de tudo, tinha interesse que os Cadernos chegassem a Moscou. Por isto acionou a Internacional Comunista com uma carta em 11 de junho de 1937:

O nosso defunto companheiro Gramsci no cárcere muito trabalhou. Existem 30 cadernos por ele escritos, os quais contêm uma abordagem materialista da história da Itália. Estas cartas se encontram hoje nas mãos da companheira Tatiana Schucht, a qual é em contato com a embaixada soviética em Roma e com toda probabilidade já colocou em segurança estes cadernos no edifício da embaixada. Para o nosso partido e para a Comintern²²⁵ é de máxima importância que estes cadernos cheguem nas nossas mãos intactos o mais rapidamente possível (TOGLIATTI, 1937 apud PONS, 2004, p. 87)²²⁶.

Segundo o telegrama de Donini a Sraffa, todos os manuscritos de Gramsci deveriam ser enviados a Giulia. Todavia, na carta em que pediu a intervenção da Internacional Comunista, Togliatti solicitou que os manuscritos de Gramsci fossem enviados a *Komintern* e não a Giulia. Provavelmente, o conflito pela herança literária de Gramsci já havia iniciado e Togliatti de uma parte e as irmãs Schucht de outro, exerciam pressão para obter o controle (PONS, 2004).

Em 25 de fevereiro de 1939 foi criado junto a Internacional Comunista uma Comissão para o Patrimônio Literário do Companheiro Gramsci. Na primeira reunião da Comissão, da qual participou Tatiana, não foi colocada em discussão a destinação dos manuscritos de Gramsci, mas apenas a destinação de sua biblioteca.

Após a primeira reunião da Comissão para o Patrimônio Literário do Companheiro Gramsci, Giulia e Eugenia, com a documentação fornecida por Tatiana, moveram uma acusação formal contra Togliatti junto a Internacional Comunista e o Partido Comunista Russo. O objetivo das irmãs Schucht era desacreditar Togliatti para impedir que os manuscritos de Gramsci acabassem em suas mãos. Diante da

²²⁴ Revista política ligada ao grupo Trotskista italiano em Paris.

²²⁵ Komintern, Internacional Comunista.

²²⁶ Il nostro defunto compagno Gramsci in carcere há molto lavorato. Esistono 30 Quaderni da lui scritti, che contengono una rappresentazione materialistica della Storia dell'Italia. Questi quaderni sono oggi in mano alla compagna Tatiana Schucht, che è in contatto con l'ambasciata sovietica a Roma e con ogni probabilità ha già messo al sicuro questi quaderni nell'edificio dell'ambasciata. Per il nostro partito e per il Comintern è della massima importanza che questi quaderni arrivino nelle nostre mani intatti il più rapidamente possibile (Tradução nossa).

denúncia das irmãs Schucht, Georgi Dimitrov²²⁷ encarregou Stella Blagoeva²²⁸ de apurar as acusações e as suspeitas contra Togliatti. Em uma nota, em março de 1939, Blagoeva enumera as acusações das irmãs, acrescentando uma referência a inércia de Togliatti no que diz respeito a utilização e publicação da herança literária de Gramsci:

Em 1939, a Internacional Comunista recebeu da viúva do defunto chefe do Partido Italiano Gramsci um ato de acusação contra Togliatti. Segundo esta acusação, Gramsci teria considerado Togliatti um jogador duplo, não digno de confiança. Os motivos do juízo consistiam no fato que Togliatti não exprimia mais a própria opinião antes que uma decisão fosse tomada, no fato que no passado se mostrou titubeante em ocasiões de momentos ásperos na luta interna do partido, no fato que foram sabotadas as tentativas de libertar Gramsci através da troca de prisioneiros, no fato que existiram uma série de outros episódios relativos a Gramsci enquanto ele estava no cárcere, que o próprio Gramsci havia julgado como provocações postas pela direção do partido para impedir sua libertação. Um posterior motivo para esta acusação seria decorrente da ausência de qualquer iniciativa para a utilização da herança literária de Gramsci e para a popularização de seu nome (BLAGOEVA, 1939 apud PONS, 2004, p. 92)²²⁹.

Segundo Danielle (2005, p. 20), as acusações de Giulia e Eugenia eram de extrema gravidade. No que diz respeito ao atraso na utilização e publicação das obras de Gramsci, a acusação das irmãs Schucht derivava do fato que a primeira reunião da Comissão para o Patrimônio Literário do Companheiro Gramsci não havia tomado nem uma decisão relativa aos manuscritos de Gramsci. Para Giulia e Eugenia, o atraso na publicação das obras de Gramsci era de responsabilidade de Togliatti. A segunda reunião da Comissão, da qual representando a família Schucht, participaram Giulia e Eugenia, ocorrida em 07 de agosto de 1939, decidiu que os originais das

²²⁷ Giorgi Dimitrov (1882-1949) foi um político comunista búlgaro. Exerceu as funções de secretário da Internacional comunista e após a segunda guerra a de primeiro ministro da Bulgária.

²²⁸ Stella Dimitrova Blagoeva (1887-1954) foi uma política comunista búlgara que ocupava no período a função de secretária de Dimitrov na Internacional Comunista.

²²⁹ Nel 1939 l'internazionale comunista ricevette della vedova del defunto capo del partito italiano un atto di accusa contro Togliatti. Secondo tale accusa, Gramsci avrebbe considerato Togliatti un doppiogiochista, non degno di fiducia. I motivi di questo giudizio consistevano nel fatto che Togliatti non esprimeva mai la propria posizione prima che venisse presa una qualche decisione, nel fatto che in passato egli si era mostrato titubante in occasione di momenti aspri delle lotte interne del partito, nel fatto che fossero stati sabotati i tentativi di liberare Gramsci attraverso lo scambio di prigionieri, nel fatto che vi fossero stati una serie di altri episodi relativi a Gramsci mentre questi era in carcere, che lo stesso Gramsci aveva giudicato come provocazioni messe in atto dalla direzione del partito allo scopo di impedire la liberazione. Un ulteriore motivo per questa accusa sarebbe rappresentato dall'assenza di qualsiasi iniziativa per l'utilizzo dell'eredità letteraria di Gramsci e per la popolarizzazione del suo nome (Tradução nossa).

Cartas e dos Cadernos do Cárcere seriam destinados ao arquivo da Internacional Comunista. Conforme Danielle (2005), provavelmente, nas poucas semanas em que esteve em Moscou, em julho de 1939, Togliatti realizou um acordo com as duas irmãs sobre a destinação dos manuscritos de Gramsci. Desta forma, é possível entender o consenso de Eugenia, em nome da família Schucht, para que os manuscritos de Gramsci fossem destinados ao arquivo da Internacional Comunista.

Os trabalhos para utilização e publicação dos manuscritos de Gramsci, todavia, não começaram após a segunda reunião da Comissão e como testemunha a nota de Blagoeva a Dimitrov, as acusações das irmãs Schucht contra Togliatti não paravam. Neste tempo, Giulia e Eugenia perceberam que a utilização e publicação dos manuscritos de Gramsci não se iniciariam sem a interferência de Stalin e a ele se dirigiram através de uma carta em 08 de dezembro de 1940. A carta manifestava claramente que o objetivo das irmãs Schucht era de subtrair de Togliatti e do PCI o controle sobre a herança literária de Gramsci:

Confiar Gramsci à personalidade, a mente de uma pessoa somente, mesmo que seja a mais extraordinária do mundo, é uma loucura, é como um vento impetuoso aprisionado em uma sala. Naturalmente, somente um grupo composto por membros não apenas do partido comunista italiano, mas se espera, também de outros partidos comunistas irmãos, inclusive com companheiros do Partido comunista panrusso bolchevique, será capaz, sem desnaturalizar os trabalhos de Gramsci, de apresentar toda a vivacidade dos mesmos condicionada pelas circunstâncias carcerárias (SCHUCHT, 1940 apud PONS, 2005, p. 90)²³⁰.

Em 21 de Dezembro de 1940²³¹, Poskrebysev²³², secretário de Stalin, transmitiu a Dimitrov uma cópia da carta de Eugênia e Giulia a Stalin. Na mesma data, Dimitrov convocou uma reunião que contou com a participação de Eugênia, Togliatti, Blagoeva e Vincenzo Bianco²³³. Na reunião ficou estabelecido que seria instituído um setor especial denominado Gramsci, o qual ficaria junto ao arquivo central da Internacional comunista. Para este arquivo seriam transferidos todos os documentos

²³⁰Affidare Gramsci alla personalità, alla mente di una persona sola, per quanto possa essere la più straordinaria del mondo, è una sciocchezza, un vento tumultuoso imprigionato in un ufficio. Naturalmente, soltanto un gruppo, composto da membri non solo del Partito comunista italiano, ma si spera, anche di altri partiti comunisti fratelli, compresi i compagni del Partito comunista panrusso bolsevico, sarà in grado, senza snaturare i lavori di Gramsci, di rendere tutta la loro vivacità condizionata dalle circostanze carcerarie (Tradução nossa).

²³¹ Um dia após a Carta das irmãs Schucht a Stalin.

²³² Aleksandr Nikolaeviv Poskrebysev (1891-1962)

²³³ Vincenzo Bianco (1898-1980) foi político e jornalista italiano e membro do PCI.

e materiais que diziam respeito a Gramsci, bem como todas as cartas e manuscritos de Gramsci que se encontravam junto a família Schucht. Na mesma reunião foi criada uma nova comissão responsável pela elaboração de propostas para a utilização e publicação das obras de Gramsci. A comissão era composta pelos seguintes membros: Vasil Kolarov²³⁴, Togliatti, Bianco, Eugenia Schucht e Varvara Stepanova²³⁵. A Comissão deveria apresentar uma proposta concreta para a utilização e publicação das obras de Gramsci até 20 de janeiro de 1941:

Sobre o patrimônio literário de Gramsci foi decidido: constituir um setor especial Gramsci junto ao arquivo central da Internacional Comunista; reunir neste setor todos os documentos e materiais que dizem respeito a Gramsci e a sua atividade. Transferir no setor Gramsci os Cadernos, os documentos, as Cartas e os outros materiais que se encontram atualmente junto a sua família (presso le compagne Schucht). Transferir no setor Gramsci aquela parte da biblioteca do cárcere de Gramsci conexas ao seu trabalho no cárcere ou necessário para o trabalho do partido comunista da Itália (DOCUMENTO DA COMISSÃO PARA PATRIMÔNIO LITERÁRIO DO COMPANHEIRO GRAMSCI, apud DANIELLE, 2005, p. 71)²³⁶.

A carta de Eugenia e Giulia a Stalin, teve o efeito imediato, isto, no sentido de apressar os trabalhos para a utilização das obras de Gramsci. Todavia, as duas decisões tomadas pela Comissão contribuíram para que Togliatti, pouco a pouco, passasse a ter o controle total sobre os manuscritos de Gramsci. Sendo assim, os originais das Cartas e dos Cadernos do Cárcere foram subtraídos da casa da família Schucht e destinados ao arquivo da Internacional Comunista²³⁷. Entre os integrantes da Comissão responsável para preparar a publicação da herança literária de Gramsci, encontrava-se Togliatti, que era também o representante italiano na Internacional Comunista (DANIELLE, 2005). Neste aspecto, a decisão de Stalin, ocasionada pela

²³⁴ Vasil Petrov Kolarov (1877-1950) foi um político búlgaro. Membro do partido comunista desempenhou diversas funções na Internacional Comunista e após a II Guerra Mundial ocupou as funções de presidente primeiro ministro da Bulgária.

²³⁵ Varvara Fyodorovna Stepanova (1894-1958) foi uma artista nascida na atual Lituania. Foi membro do Partido Comunista Russo desempenhando funções ligadas ao mundo das artes e da cultura em geral.

²³⁶ Sul patrimonio letterario di Gramsci è stato deliberato di: Costituire un fondo speciale Gramsci presso l'archivio centrale della Internacional Comunista. Reunire in questo fondo tutti i documenti, le lettere e gli altri materiale che si trovano presso la famiglia (presso le compagne Schucht). Trasferire inoltre nel fondo Gramsci quella parte della biblioteca del carcere di Gramsci conessa al suo lavoro in carcere o necessaria al lavoro del partito comunista d'Italia (Tradução nossa).

²³⁷ A transferência dos Manuscritos de Gramsci da casa da família Schucht para os arquivos da Internacional comunista não aconteceu imediatamente. Segundo o testemunho de Giuliano Gramsci, filho de Gramsci, a transferência dos manuscritos de Gramsci da casa da família Schucht para o arquivo da Internacional Comunista ocorreu apenas em abril de 1941 e foi realizada pelo próprio Togliatti (GRAMSCI, 2008, p. XIX, prefácio).

carta das irmãs Schucht, concedeu a Togliatti a necessária autonomia para trabalhar com os originais das Cartas e dos Cadernos do Cárcere.

Nos meses de janeiro e fevereiro de 1941, Togliatti, juntamente com a esposa Rita Montagnana²³⁸, trabalhou com afinco nos manuscritos de Gramsci, especialmente nas Cartas do Cárcere. Todavia, na metade de fevereiro de 1941, não havia ainda convocado a Comissão, o que foi motivo de novas críticas das irmãs Schucht (PONS, 2004). Finalmente, em 25 de fevereiro de 1941, Togliatti em carta comunicou a Dimitrov que as cartas do Cárcere estavam prontas para serem publicadas e que reuniria a Comissão para tratar da questão. Nesta carta, ainda alertou que, naquele momento, a publicação deveria acontecer nos Estados Unidos para onde, por motivo da perseguição fascista, a direção da revista *Stato Operaio* havia se transferido (DANIELLE, 2005).

Na resposta a Togliatti, Dimitrov reforçou a decisão tomada pela Comissão, ou seja, que os originais das Cartas do Cárcere deveriam permanecer no arquivo da Internacional Comunista, devendo permanecer com a família Schucht apenas cópias fotográficas.

Todavia, apesar de as Cartas do Cárcere estarem prontas para publicação em 1941, o conturbado cenário político internacional, a guerra civil espanhola e a II Guerra Mundial, impossibilitaram a imediata publicação.

As denúncias das irmãs Schucht contra Togliatti e as suspeitas dos líderes comunistas espanhóis sobre sua participação na guerra civil espanhola²³⁹, fizeram com que Togliatti perdesse seu prestígio junto ao núcleo stalinista e a III Internacional Comunista. Em julho de 1941, Togliatti foi afastado de todos os órgãos da Internacional Comunista, principalmente daqueles nos quais eram tratadas as questões mais reservadas, de modo especial, aqueles que diziam respeito a participação da Rússia na eminente guerra mundial. Dimitrov, em 18 de julho de 1941, em referência as desconfianças dos líderes comunistas espanhóis em relação a Togliatti, escreveu em seu diário: “Diaz²⁴⁰ exprime desconfiança em Ercoli. Suas suspeitas são baseadas no seu trabalho e na sua conduta na Espanha. Também

²³⁸ Rita Montagnana (1895-1979) foi uma política italiana. Exponente e parlamentar do PCI. Foi esposa de Palmiro Togliatti.

²³⁹ De 1936 até o final da guerra espanhola com a derrota do Partido Comunista espanhol (PCE) e ascensão de Franco, Togliatti atuou como delegado da Internacional Comunista na Espanha.

²⁴⁰ Jose Diaz Ramos (1895-1942) foi um importante político comunista espanhol. Foi secretário geral do PCE e secretário da Internacional Comunista. Vítima de câncer se suicidou em 1942 na Rússia.

Dolores²⁴¹ declara de não haver plena confiança em Ercoli” (DIMITROV, 2002)²⁴². Algumas linhas adiante, Dimitrov acrescentou: “estamos de acordo em utilizar Ercoli no momento apenas no setor de rádio e propaganda e não o fazer participar das questões estritamente secretas” (DIMITROV, 2002)²⁴³. Alguns meses depois, em 20 de outubro de 1941, Togliatti foi afastado de Moscou e transferido para a longínqua Ufa²⁴⁴.

Com o início da II Guerra Mundial, todavia, Moscou não era mais um local indicado para a permanência dos manuscritos gramscianos. Por isto, Togliatti transportou para Ufa todas as Cartas e os Cadernos do Cárcere, os quais, por decisão da Comissão para o Patrimônio do Companheiro Gramsci, haviam sido subtraídos da casa da família Schucht (CANALE, 2013). Por sua vez, a família Schucht se transferiu para a longínqua Fruenze²⁴⁵.

Segundo Daniele (2005), Togliatti, quando deixou Moscou, levou consigo todos os originais. Desta forma, em Ufa, pode trabalhar com os originais das Cartas e dos Cadernos do Cárcere. Entretanto, a seleção das cartas que já havia sido realizada por Togliatti, permaneceu em Moscou. Isto foi comprovado através de uma carta de Togliatti direcionada a Dimitrov em 04 de fevereiro de 1941. Na carta, Togliatti pediu que a seleção das cartas de Gramsci preparadas para a publicação fosse enviada a Ufa:

Em Moscou permaneceu o manuscrito das cartas do companheiro Gramsci, que nós tínhamos já preparado para a publicação em Nova York. Os dois companheiros italianos da casa editora, não puderam, quando deixaram o edifício,²⁴⁶ levar junto este manuscrito, pois conforme as regras de trabalho da editora todos os materiais permaneciam no porão em um armário de ferro. Se não recebermos este material se tratará para nós de uma grande perda, pois será necessário fazer novamente uma seleção muito ampla das cartas, das cópias e assim por diante em base as cartas originais (TOGLIATTI, 1941 apud DANIELE, 2005, p. 23)²⁴⁷.

²⁴¹ Dolores Ibarrúri gómez (1895-1989) foi uma política comunista espanhola. Foi secretária geral e depois presidente do PCE entre 1944-1960.

²⁴² Diaz sprime sfiducia politica in Ercoli. Basa i suoi sospetti sul suo lavoro e sua condotta in Spagna. Anche Dolores dichiara di non avere piena fiducia in Ercoli (Tradução nossa).

²⁴³ Siamo rimasti d'accordo di utilizzare Ercoli per il momento soltanto nel settore della radio e di altra propaganda, ma di non renderlo partecipe di questioni strettamente segrete (Tradução nossa).

²⁴⁴ Capital da província russa da Baschiria. Distante 1567 quilometros de Moscou.

²⁴⁵ Distante aproximadamente 1600 quilometros de Moscou.

²⁴⁶ Por ocasião da guerra.

²⁴⁷ Em Moscou è rimasto il manoscrito dele Lettere del compagno Gramsci, che noi avevamo già preparato per la stampa a New York. I due compagni italiani della casa editrice, non poterono, quando vengo evacuati, portare con sé questo manoscrito, poiché conformemente alle regole di lavoro

Na primavera de 1943, Togliatti retornou a Moscou. A vitória russa na II Guerra Mundial e o comportamento que teve em Ufa, de máxima lealdade e colaboração, contribuíram para afastar de si as suspeitas levantadas pela família Schucht e por sua atuação na revolução espanhola. Togliatti se tornou então editor exclusivo das obras de Gramsci e responsável para por em prática na Itália, com a aprovação de Stalin, um projeto político-pedagógico ou uma revolução cultural a partir das obras gramscianas (CANALE, 2013).

A guerra retardou a publicação das obras de Gramsci, mas veio ao encontro das intenções de Togliatti e do PCI. Ou seja, um tempo intermediário de liberdade democrática, após a queda do fascismo, no qual a pessoa e as obras de Gramsci foram propostas como instrumentos de uma nova cultura, através da qual a nação italiana seria preparada para uma nova hegemonia política.

Na primavera de 1943, Togliatti retornou a Moscou, porém, sem os manuscritos de Gramsci, os quais permaneceram por alguns meses em Ufa. Por este motivo, em nova carta a Dimitrov, em 20 de agosto de 1943, Togliatti pediu que estes fossem expedidos a Moscou:

Companheiro Dimitrov, no nosso arquivo de Ufa permaneceu o material do companheiro Gramsci. Se trata do trabalho de Gramsci na prisão (cartas etc.), em substância material literário e publicitário, do qual, talvez, em breve teremos necessidade para a imediata utilização em nosso país. Por isto, exprimo o pedido para que este material seja trazido para Moscou, em modo que seja possível prepará-lo para uma próxima utilização (TOGLIATTI, 1943 apud DANIELE, 2005, p. 71)²⁴⁸.

Na carta a Dimitrov, Togliatti escreveu que, talvez em breve, o partido teria necessidade dos manuscritos para uma imediata utilização na Itália. Dos escritos de Gramsci, as Cartas do Cárcere estavam prontas para serem publicadas na Itália e a operação Gramsci estava para começar. Gramsci, o intelectual comunista que o PCI apresentaria para a totalidade do povo italiano como o novo Croce e expoente de uma nova cultura e de uma nova hegemonia.

Em 15 de fevereiro de 1944, na véspera de seu retorno para a Itália, Togliatti,

della casa editrice tutti i materiali nello scatinato erano chiusi in un armadio di ferro. Se non ricevono questi materiali si trata per noi di una grossa perdita, poichè sarà necessario fare di nuovo una scelta molto ampia dele lettere, dele copie e così via sulla base dele lettere originali (Tradução nossa).

²⁴⁸ Compagno Dimitrov, nel nostro archivio di Ufa è rimasto il materiale del compagno Gramsci. Si trata del lavoro del compagno Gramsci in prigione (lettere ecc.). In sostanzamateriale letterario e publicistico, di cui forse tra breve avremo bisogno per l'immediata utilizzazione nel Paese. Perciò esprimo la richiesta che questo materiale venga , in modo che si possa prepararlo per una prossima utilizzazione (Tradução nossa).

em nova carta endereçada a Dimitrov, pediu que, o mais breve possível, o texto das Cartas do Cárcere, já preparado para ser publicado na Itália, fosse enviado à direção do PCI (PONS, 2004).

A operação Gramsci, a qual teve como instrumento a difusão do pensamento gramsciano, em especial suas categorias político-pedagógicas, necessita ser compreendida para além do embate entre Togliatti e a família Schucht, mas requer considerar alguns elementos do contexto histórico-político italiano e europeu da segunda metade da década de 1940. Os acontecimentos econômicos e políticos desencadeados pelo final da II Guerra Mundial, aos poucos, influenciou o projeto político do PCI. Neste contexto, o projeto político, coordenado por Togliatti, assumiu também o caráter pedagógico, tornando-se Projeto Político e Pedagógico. Neste sentido, para refletir sobre os contornos das publicações das obras de Gramsci no posterior pós-guerra, é necessário considerar os efeitos da bipolarização mundial, ou seja, a divisão mundial entre os blocos capitalista e comunista, liderados respectivamente por Estados Unidos e União Soviética. A influência do contexto histórico-político internacional sobre o PCI e a política italiana encontram sua máxima expressão na denominada *Svolta di Salerno*. Sem este acontecimento histórico é impossível compreender, a operação Gramsci e o papel desempenhado por Togliatti na edição das Cartas e dos Cadernos do Cárcere de Gramsci.

5.2A SVOLTA DI SALERNO, TOGLIATTI E O DESENCADEAMENTO DA OPERAÇÃO GRAMSCI (1940 E 1960)

Um dos pressupostos que sobressaem dos escritos gramscianos é a convicção de que não é possível construir as bases de uma nova ordem social e política sem criar, ao mesmo tempo, uma nova cultura capaz de exprimir-se em valores universais que possibilitem a fundação de uma nova civilização. Para Gramsci, neste sentido, política e educação se entrelaçam (SCHLESENER, 2009).

Com base neste aspecto central do pensamento gramsciano, neste tópico da quinta seção busca-se abordar como foi realizada a intervenção de Togliatti e do PCI, entre as décadas de 1940 e 1960, sobre as obras de Gramsci, na denominada Operação Gramsci. Para isto, verifica-se a forma de publicação, divulgação e utilização do pensamento e das obras de Gramsci, atentando-se para o contexto histórico e as categorias gramscianas que foram apropriadas pelo PCI na Itália pós-

fascismo.

No que se refere à Operação Gramsci, é importante considerar que Togliatti e outros membros do PCI desempenharam o papel de curadores das obras de Gramsci. Nesta tarefa, Togliatti pretendeu apresentar Gramsci aos intelectuais italianos e, também ao povo, como o novo Croce ou o substituto de Croce. Por este motivo, até mesmo os detalhes tipográficos foram importantes. A Operação Gramsci, em uma perspectiva político-pedagógica, assumiu como tarefa apresentar Gramsci como um educador, não apenas dos intelectuais e das massas proletárias já ligadas ao PCI, mas mestre da nação e herói italiano.

Neste sentido, segundo Mordenti (2009), até as cores e os formatos das obras de Gramsci imitavam aqueles utilizados pelos escritores da *La Terza*, isto é, do principal instrumento de hegemonia cultural do aparato crociano. Ele também afirma que a escolha da Casa Editora Einaudi de Turim, teve um significado político na intenção de construir a hegemonia. Neste aspecto destaca-se que as obras de Gramsci não foram publicadas em uma casa editora do PCI, mas naquela que, no momento era a mais prestigiosa casa editora de cultura da Itália republicana. Entretanto, mesmo sendo uma publicação externa ao PCI, é necessário pontuar que os prefácios, introduções e notas, tudo foi realizado por Togliatti ou com sua permissão. A edição saiu, todavia, sem o nome dos curadores. Desta forma, Gramsci foi proposto a todos como um esteio da cultura italiana.

O nexos entre as Cartas e os Cadernos do Cárcere desempenha também um serviço político-pedagógico. Os Cadernos, segundo Mordenti (2009) deixavam transparecer o Gramsci teórico e político, enquanto as Cartas mostravam o lado pessoal e ético de Gramsci, apresentado-o como herói na luta contra o fascismo e mártir laico da nação italiana que prosseguia a linha de Dante Alighieri (1265-1321)²⁴⁹, Tommaso Campanella (1568-1639)²⁵⁰ e Galileu Galilei (1564-1642)²⁵¹.

Para compreender a *svolta* di Salerno é necessário fazer referimentos as anteriores *svoltas* que marcaram os partidos comunistas europeus e as internacionais comunistas. Conforme anteriormente demonstrado, a derrocada da onda revolucionária nos países da Europa Ocidental, no início da década de 1920, levou os

²⁴⁹ Filósofo, político e poeta autor da Divina Comédia. Considerado o pai da língua italiana.

²⁵⁰ Foi um filósofo, teólogo e frade franciscano perseguido pela Igreja Católica.

²⁵¹ Filósofo e cientista. Sofreu perseguições da Igreja Católica por suas teses em favor do heliocentrismo.

principais expoentes do comunismo russo e europeu a defenderem, na primeira metade da década de 1920, a necessidade de uma *svolta* (BROUE, 2007). Gramsci, Togliatti e o grupo *ordinuovista* haviam rompido com o PSI e juntamente com Amadeo Bordiga haviam fundado o PCI. Diante da impossibilidade das imediatas revoluções proletárias, a Internacional Comunista determinou a Tática da Frente Única, ou seja, a unidade de todos os partidos políticos a ela ligados. Na Itália, a decisão da Internacional Comunista significava a necessidade de diálogo e aliança com o PSI. A intransigência de Bordiga, que não aceitou a Tática da Frente Única, levou Gramsci a liderança do PCI.

Com o triunfo definitivo do stalinismo na Rússia em 1926 e a ascensão do nazismo na Alemanha e do fascismo na Itália, a III Internacional Comunista revogou a Tática da Frente Única e adotou a do *muro contro muro*²⁵². Nesta perspectiva, os socialistas e sociais democratas eram chamados de *socialfascisti* ou *socialnazisti*. Não existiriam outras revoluções antes da revolução do proletariado e estavam proibidas as alianças com outros partidos ou grupos políticos. As cartas de 1926, entre Gramsci e Togliatti, demonstraram que o primeiro não aderiu a nova *svolta* stalinista. Com o fortalecimento do fascismo na década de 1930, Gramsci defendeu a necessidade de um tempo intermediário entre o fascismo e a revolução proletária. Neste tempo intermediário, a cultura desempenharia uma função primordial como instrumento de preparação para a revolução proletária (DUBLA; GIUSTI, 2009).

No IV Congresso do PCI, realizado em Colônia na Alemanha, o PCI aderiu completamente à tese da Internacional Comunista. Togliatti conhecia as posições divergentes de Gramsci através das Cartas do próprio Gramsci e dos relatórios de Gennaro Gramsci e Athos Lisa. Todavia, ele não propagou a “heterodoxia gramsciana” em relação a nova *svolta* stalinista mesmo quando os companheiros no cárcere de Turi pediram a expulsão (DUBLA; GIUSTI, 2009).

Já durante a II Guerra Mundial e, principalmente, depois da guerra, o cenário político italiano e internacional sofreu profundas transformações em relação a década anterior. Por isto, em 1944, quando Togliatti retornou à pátria, estava já em curso uma nova *svolta*, que na Itália ficou conhecida como a *svolta* de Salerno. A operação

²⁵² Expressão italiana. Na tática do *muro contro muro*, todos os grupos que não defendiam uma imediata revolução do proletariado eram considerados como adversários do comunismo e da revolução proletária.

Gramsci esteve estreitamente relacionada com a nova *svolta* de Salerno²⁵³.

A *svolta di Salerno* foi e, ainda é considerada, como um dos principais acontecimentos políticos italianos do século XX. A *svolta* significou uma mudança crucial que marcou profundamente a história italiana e a europeia, pois se tratou de um fato político internacional e de uma complexa estratégia político-militar. O referido acontecimento suscitou e, ainda suscita, intensos debates no movimento comunista italiano e internacional. O projeto colocado em prática por Togliatti, fundamentado no pensamento e nas concepções político-pedagógicas de Gramsci, suscita interpretações diversas. Alguns cientistas políticos e militantes comunistas da atualidade apresentam certa admiração em relação a visão estratégica de Togliatti, que através da *svolta* de Salerno, retirou o PCI do isolamento político e o alçou a uma função de primeira grandeza na política. Por outro lado, existem aqueles que lançam ferrenhas críticas, acusando Togliatti de capitulação diante da burguesia e traição dos fundamentais interesses da classe operaria (PARIS, 2004).

A III Internacional Comunista havia sido dissolvida em maio de 1943, tanto para tranquilizar os aliados anglo-americanos, quanto para favorecer o desenvolvimento dos partidos comunistas nacionais²⁵⁴. Togliatti pediu a Dimitrov para retornar a Itália para defender a participação dos comunistas italianos em um governo provisório de unidade nacional (PARIS, 2004).

Documentos dos arquivos soviéticos, acessados após a queda do muro de Berlim em 1989 e o diário de Dimitrov fornecem provas de um encontro entre Togliatti e Stalin na noite de 03 de março de 1944, poucos dias antes do primeiro iniciar a viagem de Moscou para Nápoles. No colóquio, Stalin considerou oportuno que os comunistas participassem do governo de Pietro Badoglio²⁵⁵ e não exigissem a

²⁵³ Cidade do sul da Itália, capital da província homônima e parte da Regione (região, no Brasil Estado) italiana da Campagna.

²⁵⁴ No final da década de 1920, durante toda a de 1930 e no início da década de 1940, o PCR, através da Internacional Comunista exerceu um severo controle sobre os partidos comunistas dos demais países europeus. Diante da ameaça de uma guerra dos países capitalistas contra a Rússia, os demais partidos comunistas europeus trabalharam como partidos satélites do PCR e defensores do comunismo russo. Ao término da II Guerra, com a perspectiva da expansão comunista nos países europeus, a Rússia adotou a estratégia do fortalecimento dos partidos comunistas europeus.

²⁵⁵ Pietro Badoglio (1871-1956) foi militar e político italiano. Durante o fascismo desempenhou a função de chefe de Estado maior geral das forças armadas italianas. Foi contra a participação da Itália na II Guerra Mundial ao lado da Alemanha. Com a deposição de Benito Mussolini em 1943, assumiu a chefia do governo provisório na função de Primeiro Ministro da Itália nos anos de 1943 e 1944.

imediate renúncia do rei Emanuele III²⁵⁶. Para Stalin era necessário concentrar todos os esforços na unidade italiana contra os alemães, os quais, ainda não estavam completamente derrotados (DIMITROV, 2002).

Em 05 de março de 1944, o próprio Togliatti informou Dimitrov sobre os resultados do colóquio com Stalin. Os comunistas deveriam entrar no governo Badoglio para reforçar a Itália na guerra contra a Alemanha, para ajudar no processo de redemocratização do país e unificar o povo italiano (DIMITROV, 2002). Aconselhado por Stalin, Togliatti, mesmo antes de retornar a Itália, assumiu a liderança. Neste retorno, as concepções político-pedagógicas gramscianas que antes haviam sido rejeitadas pelo grupo stalinista, na década de 1940 passam a ser incorporadas às perspectivas da luta da classe operária.

Assim, a tese gramsciana da Assembléia Constituinte, englobando temas como: revolução cultural, guerra de posição, bloco histórico e revolução passiva, passam a ser referências para a participação do PCI no governo Badoglio. Togliatti no comando, era partícipe da ideia que o governo fascista fora um obstáculo para a democracia e, conseqüentemente, para a propagação dos ideais comunistas e da própria revolução proletária. Assim, acreditava que era necessário redemocratizar e reorganizar a sociedade civil italiana, sendo as teses gramscianas compreendidas como estratégicas em uma fase intermediária. No período intermediário da assembleia Constituinte, o PCI colocaria em prática as concepções político-pedagógicas de guerra de posição e hegemonia cultural com o objetivo de formar um novo bloco histórico e conquistar a hegemonia política.

Neste sentido, o pensamento gramsciano, passa a ser usado na defesa de um tempo necessário para a formação de uma nova hegemonia, na qual, a cultura desempenharia uma função preponderante. A nova hegemonia seria construída durante o intermediário período democrático da Assembleia Constituinte através de um trabalho educativo junto às massas. A formação de uma nova cultura, ou seja, uma revolução cultural, criaria as condições necessárias para a revolução política. Na fase intermediária da Constituinte, os líderes comunistas deveriam desempenhar um

²⁵⁶ Vitor Emanuele III (1869-1947) foi rei da Itália entre 1900 e 1946. Em 1922 encarregou Benito Mussolini da formação de um novo governo e apoiou plenamente o regime fascista. Após a derrota da Itália na II Guerra Mundial, participou da destituição de Mussolini em 1943. Em 1944 renunciou em favor de seu filho Humberto II e em 1946 abdicou e se exilou- no Egito.

trabalho de formação junto às massas, tornando possível o ideal do Caderno 12²⁵⁷, segundo o qual, pressupunha que todos os dirigidos também estivessem capacitados para dirigir (GRAMSCI, 1977).

Conforme já destacado, para Gramsci, no tempo intermediário da Assembléia Constituinte, a cultura desempenharia uma função preponderante. No caso, através de um trabalho de educação realizado pelo PCI junto aos intelectuais e as massas populares italianas, o povo seria convencido-educado sobre a ineficácia dos projetos dos demais partidos. Deste modo, a população iria aderir ao projeto revolucionário comunista.

Togliatti, quando regressou à Itália, encontrou um país dividido entre uma maioria que exigiu a imediata renúncia de Vitorio Emanuele III e uma minoria que se mantinha fiel ao rei e ao governo Badoglio. Em 28 de janeiro de 1944, alguns meses antes do regresso de Togliatti, os partidos antifascistas reunidos em Bari na Puglia²⁵⁸, exigiram a renúncia imediata do rei Vitorio Emanuele, a formação de um governo composto por todos os partidos antifascistas e a transformação do Congresso em Assembléia representativa da Itália livre. No debate, entre a maioria contrária e a minoria favorável ao rei, prevaleceu a linha defendida pela Democrazia Cristiana²⁵⁹ que prolongava a questão institucional, substituição do Congresso pela Assembléia, para um período de reconstrução moral e material da Itália, mas exigia também a imediata renúncia do rei Vitorio Emanuele. Todavia, esta posição não obteve o apoio da minoria ligada a Vitorio Emanuele e Badoglio, que não aceitava a renúncia e a possibilidade de um governo democrático. A situação parecia insolucionável. (PARIS, 2004).

Diante dessas incertezas, Togliatti, ao desembarcar em Nápoles, em 1944, buscou pôr em prática a teoria da Assembleia Constituinte e as demais concepções político-pedagógicas de Gramsci. Porém, tal objetivo não foi consenso no PCI. Ao contrário, Togliatti enfrentou a oposição da maioria dos companheiros do PCI, pois,

²⁵⁷ No Caderno 12, Gramsci aborda o tema da escola única. Todavia, nesse Caderno, discute a educação de um modo geral e não apenas a escola. Para ele, todos os grupos devem ter seus intelectuais orgânicos e todos os dirigidos devem estar aptos também para dirigir.

²⁵⁸ Região localizada no sudeste da Itália e banhada pelo mar Adriático. Não mesma região de Turi, onde Gramsci permaneceu prisioneiro e elaborou a teoria da Assembleia Constituinte.

²⁵⁹ Partido político ligado aos setores progressistas da Igreja Católica. A Democrazia Cristiana reuniu ex membros do Partito Popolare Italiano fundado pelo presbítero Católico Luigi Sturzo (1871-1959) que havia sido dissolvido por Benito Mussolini. Após o governo transitório de Badoglio, a Democrazia Cristiana participou juntamente com Togliatti e os comunistas do governo de Ivanoe Bonomi (1873-1951).

os membros do Partido estavam animados pelo desejo de uma imediata revolução proletária (PARIS, 2004).

Ao discursar aos companheiros de PCI do sul da Itália, Togliatti indicou uma linha baseada na unidade das forças antifascistas, juntando todas as inspirações políticas, ideológicas ou religiosas para a completa liberação do país do domínio nazifascista, enquanto que a solução da questão institucional deveria ser deixada para o final da guerra. Togliatti pediu ainda, a formação de um governo de coalizão nacional que fosse a expressão de todas as forças políticas democráticas.

Tais propostas causaram desilusões entre os membros do partido. Não foi fácil para muitos militantes comunistas aceitar o novo direcionamento. A discussão foi séria e áspera, pois o rei Vittorio Emanuele e Badoglio eram considerados como corresponsáveis pela ascensão do fascismo e da Itália ter ficado do lado da Alemanha e ter participado da II Guerra Mundial. Muitos militantes comunistas aceitaram apenas pela disciplina partidária (PARIS, 2004).

Este novo direcionamento da política comunista ficou conhecido com o nome de *svolta di Salerno*, pois nesta cidade da Campagna²⁶⁰ havia se transferido o governo Badoglio, enquanto esperava a libertação de Roma. A *svolta di Salerno* realizada por Togliatti, suscitou no momento grande surpresa nos ambientes políticos italianos. Todavia, a decisão tomada por Togliatti, aparecia em linha com as decisões políticas da já extinta III Internacional Comunista, debatidas a partir da segunda metade da década de 1930 e amadurecidas na década de 1940.

Neste contexto, as concepções gramscianas, em modo especial a de guerra de posição, serviram de instrumentos para a recomposição das relações entre a União Soviética e a Itália. Desta forma, não foi uma eventualidade o fato de a Rússia ter sido o primeiro, dentre os países da frente antinazista, a reconhecer a legitimidade do governo Badoglio, e, neste sentido, em 13 de março de 1944, propõe o restabelecimento das relações diplomáticas entre os dois países. O acordo previa ainda, a concessão de uma base aérea soviética em território italiano e, o que foi realizado por Togliatti, uma mudança de atitude do PCI em relação à monarquia (PARIS, 2004). A reaproximação política entre a União Soviética e a Itália e a defesa das concepções gramscianas, proporcionaram a Togliatti e ao PCI, notável crescimento e ocupação de espaços políticos.

²⁶⁰ Região italiana que tem Nápoles como capital.

A nova orientação dada por Togliatti ao PCI na *svolta di Salerno* resolveu a impasse político presente no poder político italiano, o que, até então parecia insolucionável entre a maioria contrária e a minoria favorável ao Rei Vitorio Emmanuele. Mesmo os partidos mais decididamente hostis à monarquia como o *Partito Socialista* e o *Partito d'azione*²⁶¹ deram consentimento à proposta de Togliatti. Todavia, também o rei Vitorio Emanuele precisou fazer concessões e atenuar a sua rígida intransigência. Em 22 de abril, o rei aceitou a formação de um segundo governo Badoglio, com a presença não apenas de técnicos e militares, mas também dos maiores expoentes dos principais partidos políticos antifascistas.

Do novo governo fizeram parte liberais como Croce e Arangio Ruiz²⁶², democratas cristãos históricos como Giulio Rodinò²⁶³ e Salvatore Aldisio²⁶⁴, socialistas como Giacomo Mancini²⁶⁵ e Francesco Cerabona²⁶⁶, comunistas como Togliatti e Fausto Gullo²⁶⁷, um *azionista*²⁶⁸ como Adolfo Omodeo²⁶⁹ e um republicano como Carlo Sforza²⁷⁰. Pela primeira vez na história da Itália, todas as forças políticas democráticas eram representadas no governo (PARIS, 2004).

Na década de 1930, conforme já demonstrado, a tese gramsciana da Assembleia Constituinte foi objeto de intensos debates entre Gramsci e seus companheiros de prisão, os quais chegaram a pedir sua expulsão do PCI. Em 1935, oficialmente, o partido recusou a proposta de Gramsci e preferiu a tese da Frente

²⁶¹ Partido político fundado por Giuseppe Mazzini (1805-1972) em 1853. Partido ligado ao risorgimento italiano com ideais democráticos, republicanos, mas também revolucionário. Dentre os principais nomes do partido se encontrava Giuseppe Garibaldi (1807-1882).

²⁶² Vincenzo Arangio Ruiz (1884-1964) foi um político liberal italiano ligado a Benedetto Croce. Em 1925 assinou, juntamente com Croce, o manifesto antifascista.

²⁶³ Giulio Rodinò (1875-1946) foi um político italiano que participou da fundação do PPI e da *Democrazia Cristiana*.

²⁶⁴ Salvatore Aldisio (1890-1964) esteve entre os fundadores do PPI e da *Democrazia Cristiana*. Ocupou por diversas vezes a função de ministro da República Italiana nos governos da *Democrazia Cristiana* após a II Guerra Mundial.

²⁶⁵ Giacomo Mancini (1916-2002) foi um político italiano e membro do PSI. Ocupou diversas vezes a função de ministro da República Italiana.

²⁶⁶ Francesco Cerabona (1882-1963) foi um político italiano do PSI que ocupou diversas vezes nas décadas de 1940 e 1950 a função de ministro da República Italiana.

²⁶⁷ Fausto Gullo (1887-1974) foi um político italiano que com Gramsci e Togliatti militou no PSI e juntamente com estes participou da fundação do PCI. Foi ministro da agricultura no II governo Badoglio após a *svolta di Salerno*.

²⁶⁸ Membro do *Partito d'Azione*.

²⁶⁹ Adolfo Omodeo (1889-1946) político italiano. Foi ministro da educação no II governo Badoglio.

²⁷⁰ Carlo Sforza (1872-1952). Foi um político e diplomata italiano. Ministro do exterior nos anos que antecederam a ascensão de Mussolini. Foi um ferrenho opositor do regime fascista. Após a II Guerra Mundial foi ministro da república Italiana nos governos Badoglio, Bonomi e De Alcide De Gasperi (1881-1954).

Popular, a qual consistia na aliança entre os partidos de esquerda (comunistas, socialistas, anarquistas) contra o fascismo. A proposta da Constituinte defendida por Gramsci abrangeria todos os grupos antifascistas, pontuando também que esse período seria transitório e, na luta pela restituição da democracia, o PCI tomaria a frente. A Frente Popular defendia a unidade da luta contra o fascismo, mas se restringia aos dois partidos de esquerda, não se referia a um período intermediário entre o fascismo e o socialismo, na qual a cultura desempenharia uma função primordial. (SPRIANO, 1967).

Na década de 1940, um bloco de partidos, entre os quais o PCI, apoiaram o governo Badoglio e, posteriormente, o de Bonomi e De Gasperi. Togliatti, com base nas teses gramsciana, defendeu a unidade de todas as forças políticas e democráticas, contribuindo para o fim da instabilidade política italiana. Nesta fase, a Assembléia Constituinte projetada por Togliatti e Stalin abarcava inclusive grupos políticos que haviam aderido ao fascismo, mas que, posteriormente, haviam rompido, como é o caso do grupo ligado ao próprio Badoglio (PARIS, 2005).

Togliatti, ao mesmo tempo em que aderiu aos governos de Badoglio, Bonomi e De Gasperi, iniciou a Operação Gramsci, que estava alicerçada na publicação das obras de Gramsci e na difusão de seu pensamento. No período intermediário da Assembléia Constituinte togliattiana, as obras de Gramsci desempenhariam uma função educativa e pedagógica junto aos intelectuais e a massa italiana em geral. As obras de Gramsci passariam a ser o principal instrumento de educação política utilizado pelo PCI na Itália.

Para Togliatti, caso o PCI se limitasse a mera crítica, não participando da reconstrução do país, seria marginalizado da vida política italiana e se tornaria incapaz de propor a futura revolução proletária. Assim, considerou necessária a defesa da bandeira gramsciana da Assembléia Constituinte, podendo, futuramente propor uma alternativa diferente daquela da democracia burguesa.

A estratégia posta em prática na *svolta* di Salerno, não foi uma exclusividade da política do PCI na Itália. A tática foi defendida e sustentada por Stalin também em outros países, como na Romênia, Polônia e Tchecoslováquia. Na Romênia, os comunistas inicialmente participaram de um governo de coalizão nacional presidido pelos militares liderados pelo general Nicolae Radesco, posteriormente, realizaram

a revolução proletária²⁷¹ (PARIS, 2004).

Entretanto, apesar da tese gramsciana da Assembléia Constituinte ter sido colocada em prática na maioria dos países europeus, havia uma diferença em relação ao grau de desenvolvimento social e material. Nos países do leste europeu, assim como na Rússia czarista, a sociedade civil não possuía o grau de organização dos países da Europa ocidental. O desenvolvimento do capitalismo trouxe consigo o aumento da complexidade social nos países ocidentais.

Nos países do leste europeu, o período de transição entre os regimes ditatoriais e a revolução comunista, por Gramsci denominado Assembléia Constituinte, ou seja, de unidade das forças democráticas contra os sistemas de governo anteriores, teve curta duração. Nos países da Europa ocidental, a complexidade da sociedade civil, por Gramsci considerada como ampliação do Estado e parte integrante da superestrutura, impossibilitou a conquista da hegemonia política e prolongou o período da guerra de posição (GRAMSCI, 1965). Isto implicou uma intensa disputa na sociedade civil pela conquista da hegemonia cultural como condição de possibilidade da hegemonia política. Neste sentido, as publicações das obras gramscianas foram um importante ponto de apoio na luta pela conscientização política das massas.

Na Itália pós-fascista, Togliatti extraiu das obras de Gramsci um reexame do conceito de revolução e a assimilação dos conceitos de guerra de posição e hegemonia. A conquista da hegemonia cultural como único caminho possível para a superação da sociedade capitalista no ocidente. Gramsci compreendeu enquanto estava no cárcere, que no ocidente, onde as sociedades são mais complexas que no oriente, o processo revolucionário seria mais lento. Togliatti, através de sua militância política e da leitura dos fatos históricos das primeiras décadas do século XX, ajudado pelos textos e concepções gramscianas, pôs em prática a chamada guerra de posição e tomada de fortalezas e casamatas do adversário.

Na década de 1940, Togliatti continuou a defender a necessidade e possibilidade de superação da sociedade capitalista. Todavia, como afirma Guido Liguori, “gramscianamente” compreendeu que o caminho deveria sofrer alterações. O

²⁷¹ Nicolae Rădescu (1874-1953) foi um militar e político romeno. Membro do Partido Nacional Liberal foi um ferrenho crítico do nazismo e da ingerência alemã na Romênia. Diante da eminente queda do nazismo se tornou primeiro ministro romeno em dezembro de 1944 com o apoio do partido comunista. Em 1945, os comunistas conquistaram o poder e exigiram sua demissão.

velho caminho, ou seja, aquele de uma revolução imediata realizada pelo proletariado precisava ser abandonado (LIGUORI, 2005). Sem a construção de uma hegemonia cultural, ou seja, a propagação da cultura proletária entre as massas italianas, não existiriam as condições materiais para a revolução comunista.

O fim da II Guerra Mundial, a dissolução da Internacional Comunista em 1943, o projeto de fortalecimento dos partidos comunistas nacionais, a defesa de alianças com outros grupos políticos e a teoria da hegemonia cultural como condição de possibilidade da conquista da hegemonia política eram sinais de que a política iniciada com a *svolta di Salerno* poderia ser prolongada por mais algum tempo. Todavia, a guerra fria e, conseqüentemente, a bipolarização entre zona de influência comunista e capitalista, representou um grande obstáculo para os projetos de formação comunista e os desdobramentos da operação político cultural denominada Gramsci.

5.3 TOGLIATTI EDITOR DE GRAMSCI

Após a conclusão do *affari Gramsci-Togliatti* em Moscou, Togliatti tornou-se editor exclusivo das obras de Gramsci. Após seu regresso a Itália em 1944, com a aprovação de Stalin, deu início ao projeto político-pedagógico do PCI, denominado Operação Gramsci, o qual, por intermédio da difusão do pensamento e das obras de Gramsci, tinha como objetivo a formação cultural da massa operária.

O primeiro aceno a um projeto de edição dos escritos gramscianos foi feito por Togliatti poucos dias após a morte de Gramsci. Neste sentido, em uma carta ao Centro Externo do PCI, em 12 de maio de 1937, Togliatti apresentou aos companheiros de Partido um minucioso projeto para a utilização do nome e das obras de Gramsci em favor dos interesses políticos do PCI. Assim referindo-se à publicação das obras de Gramsci afirmou:

Nesta direção²⁷² é necessário tomar uma série de iniciativas de todo gênero em modo de dar à campanha um cunho novo, amplo, grandioso. Considerar que aquilo que aconteceu com A²⁷³. deve nos consentir e pode nos consentir de dar no inimigo um golpe muito forte. Fazei agir em plenitude os existentes. Havia pensado em uma espécie de carta aberta a M²⁷⁴, que fosse um ato de acusação, mas feita por

²⁷² Utilização e publicação do nome e da obra de Gramsci pelo PCI.

²⁷³ Antonio Gramsci.

²⁷⁴ Benito Mussolini.

mim não fica bem. Ide falar com R.R.²⁷⁵ e solicitais que ele a faça. Naquilo que me diz respeito eis o meu plano para o momento: a) alguma coisa imediatamente, não sei ainda bem de que forma, para contribuir para a campanha; b) entre 8-10 dias um artigo biográfico-político (10-15 páginas)²⁷⁶; c) junto com esse, algumas cartas suas a serem publicadas; d) uma edição das cartas do c²⁷⁷. a ser preparada imediatamente; e) desenvolver o artigo em um grande opúsculo de 100-115 páginas com caráter já mais político que biográfico (dois meses de trabalho); f) preparar a edição de uma coletânea de escritos ²⁷⁸ (trabalho mais longo, do qual poderei fazer apenas um esboço). Sobre o ponto c²⁷⁹, vos peço 1º de não tomar nenhuma iniciativa de publicação de cartas e outro material inédito sem acordo comigo; 2º de me mandar imediatamente (em cópia) todas as cartas que se encontram no nosso arquivo²⁸⁰. Vos peço de comunicar o mais rapidamente possível quais são os vossos planos e as vossas intenções, de modo que possamos coordenar nossos esforços (TOGLIATTI, 1937 apud DANIELE, 2005, p. 63)²⁸¹.

Togliatti, em 1937, anunciou que pretendia utilizar o nome, a história de vida e as obras de Gramsci com o objetivo político de derrubar o fascismo. Neste período, em conformidade com o propósito de se tornar exclusivo editor das obras gramscianas, já advertiu os companheiros do partido que não deveriam publicar nenhuma carta ou outro material inédito sem um prévio acordo com ele (DANIELE, 2005).

Em 1937, Togliatti ainda não havia lido os Cadernos do Cárcere de Gramsci. Embora conhecesse a maioria das categorias político-pedagógicas de Gramsci, não

²⁷⁵ Romain Rolland (1866-1944) foi um escritor e dramaturgo francês prêmio nobel para literatura em 1915. Escreveu um artigo na Revista *Stato Operaio* por ocasião da morte de Gramsci.

²⁷⁶ O artigo foi publicado: TOGLIATTI, Palmiro. Antonio Gramsci capo della classe operaia. *Lo Stato operaio*. Roma, v. 11, p. 273-289, 1937.

²⁷⁷ Cárcere.

²⁷⁸ Escritos da juventude de Gramsci como a obra *La Questione Meridionale*. Dos Cadernos do Cárcere Togliatti não conhecia ainda o conteúdo.

²⁷⁹ Publicação das Cartas do Cárcere.

²⁸⁰ A carta de Togliatti ao Centro Externo do PCI demonstrava que as cartas de Gramsci eram imediatamente repassadas a Togliatti e ao PCI.

²⁸¹ Ma, in questa direzione, bisogna prendere una quantità di iniziative di ogni genere in modo di dare alla campagna una portata nuova, ampia, grandiosa. Considerare che quanto è successo con A. deve consentirci e può consentirci di dare al nemico un colpo molto forte. Fate agire in pieno gli organi esistenti. Avevo pensato a una specie di lettera aperta a M., che fosse un atto di accusa, ma fatta da me non va. Andate a parlare con R.R. e fatela fare da lui. Per quanto mi riguarda ecco il mio piano per ora: A) qualcosa subito, non so ancora bene in che forma, per contribuire alla campagna; b) entro 8-10 giorni un articolo biografico-politico (10-15 pagine); c) insieme con esso alcune lettere sue da pubblicare; d) una edizione delle lettere dal c. da preparare subito; e) sviluppare l'articolo in un grosso opuscolo di 100-115 pagine con carattere già più politico che biografico (due mesi di lavoro); preparare l'edizione di una raccolta di scritti (lavoro più lungo, che qui potrò solo abbozzare). Circa il punto c, vi prego di non prendere voi nessuna iniziativa di pubblicazione di lettere e altro materiale inedito senza accordo con me; di mandarmi subito (in copia) tutte le lettere che sono nel nostro archivio. Vi prego di comunicarmi al più presto quali sono i vostri piano e le vostre intenzioni, affinché possiamo coordinare i nostri sforzi (Tradução nossa).

havia percebido o alcance das mesmas. Neste sentido, era contrário ao tema da Constituinte e o compreendia apenas como um projeto político.

Entretanto, o *affari Gramsci-Togliatti* em Moscou e o desencadeamento da II Guerra Mundial, retardaram em quase 10 anos o início da publicação das obras de Gramsci. Desta forma, a publicação das obras de Gramsci teve início apenas na segunda metade da década de 1940, porém, com significativa mudança: a transformação do projeto político de 1937 em um projeto político-pedagógico na década de 1940.

Não obstante, na publicação de 1947, na medida em que Togliatti leu os Cadernos do Cárcere e o cenário político-econômico italiano e europeu passou por mudanças, Togliatti passou a compreender que as publicações das obras, mais que um projeto político, poderia assumir também uma perspectiva pedagógica que poderia apontar um caminho para a luta comunista no período pós-Guerra. Porém, é necessário destacar que tanto em 1937 como em 1947, a publicação do pensamento gramsciano visou levar o PCI à conquista de espaços políticos e, inclusive, do poder político.

5.3.1 A Edição Togliattiana: as Cartas do Cárcere de 1947.

Pouco depois de seu retorno para a Itália, em um artigo na Revista *Unità*, em 30 de abril de 1944, Togliatti anunciou a publicação das Cartas e dos Cadernos do Cárcere (TOGLIATTI, 1944). Togliatti projetou publicar os escritos com Carlo Bernari²⁸², o qual em 1944 dirigia uma pequena Casa Editora denominada *La Nuova Biblioteca*. Com a transferência da casa Editora de Bernani de Roma para Milão, Togliatti procurou Giulio Einaudi²⁸³ e lhe propôs a publicação das obras de Gramsci (DANIELE, 2005).

Einaudi assumiu, oficialmente, a publicação das obras de Gramsci, iniciando pelas Cartas em 12 de maio de 1945. Na carta-contrato enviada à direção do PCI, Einaudi mencionou a preparação de todos os volumes, os quais seriam organizados por uma comissão designada pelo partido. Para facilitar a difusão do nome de Gramsci entre todos os estratos sociais da população italiana, que era o objetivo primeiro e

²⁸² Carlo Bernari (1909-1992) foi um político, escritor e editor italiano que se notabilizou na luta contra o fascismo.

²⁸³ Giulio Einaudi (1912-1999) foi um escritor e editor italiano ligado aos partidos de esquerda, em modo especial PSI e PCI.

máximo da Operação Gramsci, Einaudi mencionou também a intenção de publicar uma coletânea de escritos sobre os Conselhos de Fábrica²⁸⁴ na coluna Problemas Italianos. Porém, o objetivo imediato de Einaudi era a publicação das Cartas do Cárcere (DANIELE, 2005):

Em relação ao diálogo ocorrido entre o Dr. Platone²⁸⁵ e o nosso Titular, nós queremos submeter-vos o seguinte esquema para a publicação, a cura de nossa casa editora, das obras de Antonio Gramsci. Os manuscritos serão curados por comissão especial designada pelo PCI, a qual se manterá em contato com a direção editorial da nossa casa para a necessária coordenação técnico editorial. Independente da publicação das obras, a casa seria também interessada, para facilitar ao máximo a difusão nos diversos estratos sociais do pensamento de Antonio Gramsci, a publicação e dois volumes em coleções particulares: As cartas na coleção Ságio; uma coletânea de escritos sobre os Conselhos de fábrica na coleção Problemas Italianos (EINAUDI, 1945 apud DANIELE, 2005, p. 73-74)²⁸⁶.

Na operação Gramsci projetada por Togliatti, As Cartas seriam de leitura acessível a todos os estratos sociais, os Conselhos de Fábrica interessariam principalmente para a organização das massas proletárias e camponesas, os Cadernos do Cárcere seriam reservados principalmente para o debate intelectual e acadêmico, através dos quais, Gramsci seria apresentado como o novo Croce.

Na resposta a Giulio Einaudi, Togliatti aceitou as condições do editor, mas impôs mais duas outras condições, as quais demonstravam que o PCI desejava ter completo controle sobre a utilização e a publicação das obras de Gramsci. Desta forma, os interesses do partido seriam alcançados em conformidade com o projeto político-pedagógico elaborado por Togliatti. Para isto, Togliatti exigiu que todos os prefácios e notas de todas as publicações deveriam ter a aprovação do Partido. O PCI manteria também a propriedade literária das obras de Gramsci para o futuro, ou seja, poderia publicar partes ou mesmo a totalidade das obras de Gramsci com outras

²⁸⁴ A organização dos operários em Turim no Biênio Rosso conforme mencionado no primeiro capítulo desta pesquisa.

²⁸⁵ Felice Platone (1896-1962) foi político e advogado italiano, membro do PCI e encarregado por Togliatti para dirigir a publicação das obras de Gramsci.

²⁸⁶ In relazione ai colloqui svoltisi tra il Dott. Platone e il nostro Titolare, ci preghiamo sottoporvi il seguente schema per la pubblicazione, a cura della nostra casa editrice, delle opere di Antonio Gramsci. I manoscritti verranno curati da una apposita commissione designata dal PCI che si terra in contatto con la direzione editoriale della nostra casa per il necessario coordinamento editoriale. Independentemente dalla pubblicazione delle opere la casa sarebbe molto interessata, per facilitare al massimo la diffusione nei diversi strati sociale del pensiero di Antonio Gramsci, alla stampa di due volumi in collezioni particolari: le Lettere nella collezione saggi, una raccolta di scritti sui Consigli di Fabbrica, nella collezione Problemi Italiani (Tradução nossa).

editoras:

Estamos perfeitamente de acordo com suas propostas que dizem respeito a edição completa das obras de Gramsci. Queremos por apenas duas condições: 1) Eventuais prefácios e notas sobre os singulares volumes que a Editora publicará em coleções particulares deverão ter a nossa aprovação. 2) A direção do PCI, mesmo concedendo todos os direitos ao Senhor para esta publicação e para as sucessivas, reserva para si a propriedade literária da obra (TOGLIATTI, 1945 apud DANIELE, 2005, p. 74-75)²⁸⁷.

Em 04 de novembro de 1946, Felice Platone escreveu a Giulio Einaudi anunciando a expedição do volume das Cartas do Cárcere para a publicação. Platone anunciou com grande entusiasmo as relações entre as Cartas e os Cadernos do Cárcere e revelou a importância da publicação para os projetos do partido.

Te expedi antes de ontem o manuscrito das Cartas do cárcere de Gramsci. A ideia de publicar as cartas primeiro não é minha; entretanto me parece boa, pois como verás, as cartas são como uma introdução geral aos escritos que virão depois e ambientarão o leitor melhor que qualquer prefácio. Isto, naturalmente, a parte o interesse intrínseco que a mim parece extraordinariamente grande a tal ponto de não temer o confronto com as maiores obras literárias do nosso século. Portanto, por que se trata de uma coisa grande, em nome meu e dos demais companheiros que estão interessados nesta publicação, quero pedir-te em modo pessoal, de fazer tudo o possível para que o trabalho seja concluído em breve tempo. Tu sabes quanta expectativa existe e que importância tem para todos colocar finalmente em circulação os escritos de Gramsci. Os manuscritos dos outros volumes, que estão prontos, seguirão em breves intervalos. Te agradeço desde já por tudo que farás para nos oferecer, o mais rapidamente possível, uma bela edição das cartas e te saúdo cordialmente (PLATONE, 1946 apud DANIELE, 2005, p 76)²⁸⁸.

A carta de Platone manifestava o grande entusiasmo do PCI diante da eminente

²⁸⁷ Siamo perfettamente d'accordo sulle sue proposte riguardanti l'edizione complete delle opere di Gramsci. Vogliamo solo porre due condizioni. 1) Eventuali prefazioni e note sui singoli volumi che Ella vorrà pubblicare in collane particolari, debbono avere la nostra approvazione. 2) La direzione del PCI, pur concedendo a Lei tutti i diritti per questa edizione e le successive ristampe, si riserva la proprietà letteraria dell'opera (Tradução nossa).

²⁸⁸ Ti ho spedito ieri l'altro il manoscritto delle Lettere da Carcere di Gramsci. L'idea di pubblicare le lettere per prime non viene da me; comunque mi pare buona perchè come vedrai tu stesso, le lettere sono in buona parte come una introduzione generale agli scritti che verranno dopo e ambienteranno il lettore meglio di qualsiasi prefazione. Questo, naturalmente, a parte l'interesse intrinseco che a me pare straordinariamente grande e profondo e tale di non temere il confronto con le maggiori opere letterarie del nostro secolo. Ora, poichè si tratta di una grande cosa, a nome mio e degli altri compagni che si sono interessati di questa pubblicazione, vorrei pregarti, in via personale, di fare tutto il possibile perchè il lavoro venga condotto a termine nel più breve tempo. Tu sai quanta attesa c'è e quale importanza ha per tutti mettere finalmente in circolazione gli scritti di Gramsci. I manoscritti degli altri volumi, che sono pronti, seguiranno a brevi intervalli. Ti ringrazio fin d'ora di quanto farai per darci al più presto una bella edizione delle lettere e ti saluto cordialmente.

publicação das Cartas do Cárcere de Gramsci. Platone não temia o confronto das cartas de Gramsci com as maiores obras literárias até então publicadas no século XX. Os demais manuscritos já estavam prontos, mas seriam enviados posteriormente, sempre com breves intervalos de tempo entre um volume e outro. O intervalo significava para o PCI o tempo necessário para medir a aceitação junto aos meios intelectuais e a totalidade do povo italiano, bem como, um tempo necessário para efetuar mudanças pontuais.

Apesar de Togliatti ter exigido que todos os prefácios das obras de Gramsci fossem preparados pelo PCI ou tivessem a aprovação do Partido, a edição Togliattiani das Cartas do Cárcere foi apresentada sem o nome de seus curadores. O prefácio que introduzia as Cartas, assim como as posteriores obras, apareceu sem a assinatura de Togliatti ou de qualquer outro membro do PCI. Gramsci foi apresentado como grande expoente da cultura proletária, mas não foi apresentado pelo PCI. Desta forma, segundo Mordenti (2009), Gramsci foi apresentado a todos os italianos como baluarte cultural, teórico e político e como exemplo ético e mártir laico que sofreu com o fascismo, dando continuidade a linha de outros heróis nacionais.

Conforme Mordenti, os detalhes tipográficos manifestaram também a intenção político-hegemônica: “a capa cinza e sobriamente elegante, folhas amarelas em tons claros, impressão elegantíssima. Todos os elementos que recordam muito proximamente, quase imitam, os escritores italianos de *La-terza*²⁸⁹, o principal instrumento literário do aparato hegemônico crociano (MORDENTI, 2009)²⁹⁰.

Para que o projeto político-pedagógico de Togliatti e do PCI pudesse alcançar seus objetivos, Gramsci precisava ser apresentado em contraposição a Benedetto Croce, o qual, na primeira metade do século XX, exerceu notável influência cultural e política sobre os intelectuais italianos. Os jovens ordenuovistas Gramsci e Togliatti também haviam sido influenciados pelo pensamento crocianos. Todavia, os acontecimentos relativos a I Guerra Mundial, a Revolução Russa de 1917 e a fundação do PCI em 1921, afastaram os comunistas de Croce. Embora não tenha apoiado Mussolini, após o fascismo, Croce passou a ser visto por Togliatti e pelo PCI como o intelectual dos grupos conservadores e adversário do comunismo (LOSARDO,

²⁸⁹ Casa Editora italiana ligada a Benedetto Croce.

²⁹⁰ A copertina grigia e sobriamente elegante, carta giallina, stampa accuratissima, tutti elementi che ricordano assai da vicino, e quasi imitano, gli Scrittori d'Italia della *La-terza*, cioè il principale strumento editoriale e librario dell'apparato egemonico crocianos (Tradução nossa).

2006).

Para Togliatti, o aparato político hegemônico de Croce era possibilitado pelo seu aparato hegemônico-cultural. A hegemonia cultural de Croce na Itália era determinante para a hegemonia política dos grupos por ele representados. No projeto político-pedagógico de Togliatti, Gramsci contrapondo-se a cultura crociana, deveria ser apresentado como perspectiva de construir uma nova hegemonia política-cultural, ou seja, a hegemonia do proletariado na composição de um novo bloco histórico (proletários, camponeses e a totalidade das classes subalternas).

A publicação teve difusão e aprovação extraordinárias. Entre as reações suscitadas, destaca-se a recensão entusiástica do próprio Benedetto Croce na Revista *Quaderni della Critica*²⁹¹ em julho de 1947:

Da obra de Gramsci na formação de um partido comunista italiano outro podera falar com informações e com a experiência que eu não tenho neste assunto. Mas o livro que agora se publica pertence também a quem é de outro ou de um oposto partido político e isto por uma dupla razão: pela reverência e afeto que é sentida por todos aqueles que mantiveram alta a dignidade do homem e aceitaram perigos, perseguições, sofrimento e morte por um ideal que é aquilo que Antonio Gramsci fez com força, serenidade e simplicidade, e porque como homem de pensamento ele foi dos nossos, daqueles que nas primeiras décadas do século na Itália empreenderam a formação de uma mente filosófica e histórica adequada aos problemas do presente, entre os quais também me encontrei eu como ancião em meio aos jovens. E revejo aqui os frutos daqueles anos: o renovado conceito da filosofia na sua tradição especulativa e dialética e não mais positivista e classificatória, a ampla visão da história, a união da erudição com o filosofar, o sentido vivíssimo da poesia e da arte nos seus caracteres originais e com isto a via aberta para reconhecer a positividade e a autonomia de todas as categorias ideais. Ao ler os seus juízos sobre homens e sobre livros me ocorreu de aceitar quase todos ou mesmo todos (CROCE, 1947, p. 86-87)²⁹².

²⁹¹ *Quaderni della Critica* (Cadernos de Crítica) foi uma Revista fundada por Benedetto Croce em 1903 e por ele dirigida até a morte em 1952.

²⁹² Dell'opera del Gramsci nella formazione di un Partito comunista italiano altri potrà parlare con l'informazione e con l'esperienza che io non ho in questa parte. Ma il libro che ora si pubblica delle sue lettere appartiene anche a chi è di altro od oposto Partito politico, e gli appartiene per duplice ragione: per la reverenza e l'affetto che si provano per tutti coloro che tennero alta la dignità dell'uomo e accettarono pericoli e persecuzione e sofferenze e morte per un ideale che è ciò che Antonio Gramsci com fortezza, serenità e semplicità e perchè como uomo di pensiero egli fu dei nostri, di quelli che nei primi decenni del secolo in Italia attesero a formarsi una mente filosofica e storica adeguata ai problemi del presente, tra i quali anch'io mi trovai come anziano verso i più giovani. E rivedo qui i frutti di quelli anni: il rinnovato concetto della filosofia nella sua tradizione speculativa e dialettica e non già positivista e classificatoria, l'ampia visione della storia, l'unione dell'erudizione col filosofare, il senso vivissimo della poesia e dell'arte nel loro carattere originale, e con ciò la via aperta a riconoscere nella loro positività e autonomia tutte le categorie ideali. Nel leggere i suoi giudizi su uomini e libri, mi è accaduto di accettarli quasi tutti o forse addirittura tutti (Tradução nossa).

As Cartas do Cárcere, obra que havia sido lida e recenseada por Croce, representavam o primeiro ato do projeto político-pedagógico denominado operação Gramsci. As Cartas de Gramsci não continham críticas diretas ao pensamento crociano. Nos Cadernos do Cárcere, ao contrário, Gramsci criticou diretamente os conceitos político-pedagógicos de Croce, em modo especial, a concepção crociana do intelectual separado da massa (GRAMSCI, 1977).

Em 1947, a obra, as Cartas do Cárcere de Gramsci, recebeu o prêmio *Viareggio* que era dedicado a melhor obra literária do ano na Itália²⁹³. A premiação confirmava o sucesso inicial do projeto político-pedagógico. Por ocasião do prêmio Viareggio, Togliatti precisou enfrentar o sectarismo de alguns comunistas italianos, os quais consideravam o evento como uma manifestação burguesa e conservadora (DANIELE, 2005).

Todavia, na medida em que a figura e o pensamento de Gramsci se tornavam conhecidos, multiplicaram-se iniciativas editoriais parciais que colocavam em risco o projeto político-pedagógico do PCI, o que levou Togliatti a exercitar um severo controle para impedir publicações que não fossem dirigidas pelo partido. Entretanto, em 1949, Celeste Negarville²⁹⁴ publicou "*La Questione Meridionale*" com a Editora Cultura Nova de Turim. Togliatti lhe enviou uma carta em 07 de fevereiro de 1949 desaprovando a iniciativa:

Desaprovo a iniciativa. A atividade editorial deve ser dirigida por um centro, caso contrário termina em confusão. A experiência que temos é dolorosa: milhares de livros publicados por singulares grupos que acabam no lixo. Naturalmente no nosso plano editorial deve haver espaço e, grande espaço, para o desfrutamento das energias locais, mas sempre com uma coordenação central. A Questão Meridional está para sair em uma Coleção Nacional e sairá logo. A vossa edição é feia, formato anormal, mais apto para publicações publicitárias do que para coisa séria. Costura errada, o que torna o livro antipático, não utilizável para quem queira lê-lo (TOGLIATTI, 1949 apud DANIELE, 2005, p. 74)²⁹⁵.

²⁹³ O prêmio dado a Gramsci contrariou o próprio regulamento do evento segundo o qual somente poderiam ser premiados autores ainda vivos. Em 1947 haviam se passados dez anos da morte de Gramsci.

²⁹⁴ Celeste Negarville (1905-1959) foi um político italiano antifascista e por isto condenado ao exílio.

²⁹⁵ Disapprovo l'iniziativa. L'attività editoriale deve essere diretta da un centro, se non va a finire in un pasticcio. L'esperienza che abbiamo è dolorosa: decine di migliaia di libri editi coi piedi da singoli federazioni e finiti al macero. Naturalmente, nel nostro piano editoriale deve esserci una parte e, larga, di sfruttamento di energie e iniziativa locali; ma sempre con un coordinamento centrale. La Questione Meridionale sta per uscire in una Collana nazionale che verrà lanciata fra poco. La vostra edizione è

Para além das críticas aos detalhes tipográficos da publicação de Negarville, Togliatti estava preocupado com o fato de que as iniciativas particulares colocassem em risco a execução do projeto político-pedagógico do PCI. De acordo com o referido projeto, as obras de Gramsci deveriam ser publicadas em uma sequência previamente projetada pelo partido. Ocorrências como o conflito entre Gramsci e Togliatti e a heterodoxia gramsciana, que apareciam com clareza em algumas das Cartas do Cárcere, não poderiam ser manifestadas (DANIELLE, 2005).

Se a publicação das Cartas do Cárcere obteve extraordinária aceitação, superando, inclusive, as expectativas de Togliatti e do PCI, na medida em que foram descobertas cartas ocultadas na edição togliattiana de 1947, em algumas ocasiões publicadas em revistas ligadas a grupos dissidentes dos partidos comunistas europeus, o próprio PCI começou a preparação de uma nova edição das cartas do Cárcere.

Na busca de explicitar o processo de publicação das obras gramsciana e o debate surgido com as ideias divulgadas ou camufladas, a pesquisa abordará agora a edição temática dos Cadernos do Cárcere²⁹⁶ organizada por Togliatti e pelo PCI no final da década de 1940 e na primeira metade da década de 1950.

5.3.2 A edição temática dos Cadernos do Cárcere.

Neste ponto a pesquisa precisa novamente retroceder até o final da década de 1930 e o início da década de 1940. A execução do projeto de publicação dos Cadernos do Cárcere foi mais lenta do que aquele referente às Cartas do Cárcere. Na carta de Togliatti ao Centro Externo do PCI, em 12 de maio de 1937, encontra-se apenas uma menção indireta a publicação dos Cadernos do Cárcere como um projeto que exigia muito trabalho e um longo período de tempo (TOGLIATTI, 1937 apud DANIELE, 2005)

De fato, a publicação dos Cadernos do Cárcere exigiu um trabalho árduo e complexo. Entre os anos de 1937 e 1941, Togliatti estudou os conteúdos dos Cadernos. Deste modo, em uma carta a Dimitrov de 25 de abril de 1941, Togliatti já demonstrou que havia realizado um trabalho aprofundado dos manuscritos dos

brutta: formato abnorme, più adatto a pubblicazioni pubblicitarie che a roba seria; cucitura sbagliata, che rende il libro antipático, non utilizzabile per chi voglia leggerlo (Tradução nossa).

²⁹⁶ A edição dos Cadernos do Cárcere publicada por Togliatti e pelo PCI é considerada temática por ter sido organizada por temas. A posterior edição organizada por Valentino Guerratana recebe o nome de edição cronológica na medida em que segue a ordem temporal dos textos.

Cadernos.

Conforme já citado, as irmãs Schucht haviam desejado permanecer com os manuscritos dos Cadernos, mas a *Komintern* não aceitou. Das Cartas do Cárcere de Gramsci, a família Schucht pode permanecer com cópias fotográficas. Todavia, no que diz respeito aos Cadernos do Cárcere, nem mesmo às fotocópias dos manuscritos puderam permanecer em posse da família Schucht. Togliatti, na supracitada carta a Dimitrov em 25 de abril de 1941, explicou os motivos para que todo o material referente aos Cadernos do Cárcere fosse retirado da família Schucht:

Os Cadernos de Gramsci que eu já estudei quase todos minuciosamente, estes contêm material que podem ser utilizados somente depois de uma acurada elaboração. Sem este tratamento, o material não pode ser utilizado, ao contrário, algumas partes se fossem utilizadas na forma em que se encontram atualmente, poderiam não serem úteis ao partido. Por isto eu creio que é necessário que este material permaneça no nosso arquivo para ser aqui elaborado (DANIELE, 2005, p. 25)²⁹⁷.

Togliatti jamais explicou quais eram as partes dos Cadernos do Cárcere que não poderiam ser utilizadas, e se fossem utilizadas sem uma elaboração, seriam “não úteis ao partido”. Todavia, em base a Daniele (2005, p. 25) e uma comparação com a seleção de cartas publicadas na edição togliattiana de 1947 e, conseqüentemente, com aquelas que foram omitidas, torna possível a seguinte hipótese. A publicação dos Cadernos do Cárcere sem a referida elaboração realizada pelo PCI levantaria problemas e colocaria em risco a operação cultural projetada por Togliatti para a Itália através das obras de Gramsci.

Segundo Daniele (2005), no entendimento de Togliatti, Gramsci precisava ser apresentado na Itália como um intelectual, representante da nova cultura proletária. Para ele, no pós-guerra, entendido como um período de transição entre o fascismo e a possível revolução, as categorias político-pedagógicas gramscianas, expostas nos Cadernos do Cárcere, após uma apurada reelaboração pelo PCI, iriam realizar um trabalho de convencimento junto ao povo italiano na sua totalidade. Mas sem uma devida reelaboração, a publicação dos Cadernos do Cárcere exporia a heterodoxia gramsciana, a ruptura com Togliatti e com o próprio PCI. A Operação Gramsci

²⁹⁷ I Quaderni di Gramsci, che io ho già quasi tutti accuratamente studiati, contengono materiali che possono essere utilizzati solo dopo un'accurata elaborazione. Senza tale trattamento il materiale non può essere utilizzato ed anzi alcune parti, se fossero utilizzate nella forma in cui si trovano attualmente, potrebbero essere non utili al partito. Per questo io credo che sia necessario che questo materiale rimanga nel nostro archivio per essere qui elaborato (Tradução nossa).

precisava, inclusive, da aprovação de Stalin. No projeto político-pedagógico de Togliatti, Gramsci não seria apresentado apenas para os comunistas e marxistas, mas também, não poderia ser apresentado como um dissidente comunista.

A partir da segunda metade da década de 1940, a publicação dos Cadernos Cárcere gerou um intenso debate interno no PCI. Um dos motivos do debate dizia respeito à ordem de publicação dos Cadernos do Cárcere. A publicação pela enumeração dos Cadernos, ou seja, iniciando pelo Caderno 1 e terminando pelo Caderno 33, foi logo descartada, pois sem uma longa elaboração não seria útil ao projeto político-pedagógico do PCI. A escolha de uma edição temática foi inevitável (DANIELE, 2005).

A ordem inicial da publicação das obras de Gramsci, projetada por Togliatti, determinava que após as Cartas do Cárcere seria publicado o volume: Os Intelectuais e a Organização da Cultura. (DANIELE, 2005). Em base a esta citação de Chiara Daniele é possível concluir que no projeto inicial de Togliatti, os leitores seriam gradativamente introduzidos nas obras gramscianas a partir de categorias relativas ao mundo cultural, tais como: intelectual orgânico e tradicional, hegemonia cultural e escola única.

Porém, esta seleção gerou, no interior do PCI, críticas a não publicação imediata do volume denominado *O Materialismo Histórico e a Filosofia de Benedetto Croce*, o qual continha as mais diretas e contundentes críticas a Croce. Desta forma, segundo Daniele (2005), na visão de alguns membros do PCI, os objetivos da operação Gramsci estavam sendo prejudicados, pois um dos pilares da mesma consistia na apresentação de Gramsci como o novo Croce.

Alguns membros do PCI chegaram a afirmar que o atraso na publicação do *Materialismo Histórico* era proposital e tinha o objetivo de não irritar Croce (DANIELE, 2005). Em 17 de maio de 1947, Delio Cantimoro²⁹⁸ escreveu uma carta a Giulio Einaudi com severas críticas a não publicação imediata da obra *O Materialismo Histórico e a Filosofia de benedetto Croce* de Gramsci:

Com aqueles da edição Gramsci seria necessário usar meios ferozes. Fizem-me ver o volume sobre a história dos intelectuais²⁹⁹, ou como é o título preciso, aquele em suma que fala de Croce e dos problemas

²⁹⁸ Delio Cantimoro (1904-1966) foi historiador e político ligado ao PCI.

²⁹⁹ O volume com as mais contundentes críticas a Croce é, na edição temática publicada por Togliatti, *O Materialismo histórico e a Filosofia de Benedetto Croce*. Delio Cantimori faz na carta uma confusão entre os volumes.

filosóficos: está pronto e por qual motivo não o publicam. Parece que alguém tenha escrúpulos pelas críticas a Croce que se encontram naquele volume. Protestei contra estes escrúpulos com quem queria escutar e com quem não queria. Mas que coisa esperam, que Croce morra, para depois ouvir de qualquer estúpido que não houve coragem de publicar as críticas enquanto Croce vivia? E o estúpido pareceria ter razão (CANTIMORE, 1947 apud DANIELE, 2005, p. 28)³⁰⁰.

Em razão das críticas, como a de Cantimore, o projeto inicial das publicações foi revisto. Então, em primeiro lugar foi publicado, no início de 1949, o volume denominado *O Materialismo Histórico e a Filosofia de Benedetto Croce* e, posteriormente, *Os Intelectuais e a Organização da Cultura*. Seguiram, ainda em 1949, os seguintes volumes: *O Ressurgimento e Notas sobre Maquiavel*. Em 1950 foram publicados *Literatura e Vida Nacional* e *Passado e Presente*. Na publicação de todos estes volumes, Togliatti dedicou atenção as escolhas tipográficas, controlou os prefácios e seguiu com atenção os resultados da difusão dos escritos de Gramsci.

Togliatti reconheceu no seu último escrito dedicado a Gramsci, que as suas escolhas editoriais foram sempre redutivas e vizavam a fazer da obra de Gramsci o veículo principal da afirmação da política do PCI na cultura italiana (TOGLIATTI, 1964). Esta intenção de Togliatti foi testemunhada pela sequência dos volumes temáticos e pelas justificativas dadas nos anônimos prefácios (DANIELE, 2005). O inteiro *Corpus* dos cadernos gramsciano foi apresentado como uma pesquisa sobre os intelectuais e a importância da cultura na superação das ideologias e na formação de um novo bloco histórico que conquistaria a hegemonia também política.

A publicação das obras de Gramsci seguia um cronograma previamente elaborado por Togliatti e dirigido pelo PCI, sendo que, algumas mudanças pontuais foram aceitas por Togliatti, porém, só quando não colocavam em risco o projeto político-pedagógico do partido. Neste aspecto, Togliatti aceitou antecipar alguns trechos inéditos dos *Quadernos do Cárcere à Revista Belfagor de Luigi Rosso*³⁰¹, os quais tratavam do Ressurgimento e da política contemporânea. A publicação ocorreu em 1947, por ocasião dos dez anos da morte de Gramsci e foi lançada junto a Escola

³⁰⁰ Com quelli dell'edizione Gramsci bisognerebbe usare mezzi feroci. Mi han fatto vedere il volume sulla storia degli intellettuali, o com'è il titolo preciso, quello insomma dove si parla di Croce e dei problemi filosofici: è pronto e chi as perchè non lo fanno uscire. Sembra che qualcuno abbia scrupoli per le critiche al Croce che si sono in quel volume. Ho protestato contro questi scrupoli, con chi voleva sentire e con chi non voleva. Ma che cosa aspettano, che Croce sai morto, per poi farsi dire da qualche stupido che non si há avuto coraggio di pubblicare le critiche Croce vivo? E lo stupido sembrerebbe aver ragione (Tradução nossa).

³⁰¹ Com o subtítulo de Rassegna di Varia Umanità, a revista Belfagor foi fundada por Luigi Rosso em 1946 e cessou suas publicações em novembro de 2012.

Normal Superior de Pisa. O número da Revista teve como título *Antonio Gramsci e a educação democrática no século XX*. Escolhas como estas demonstram que o Gramsci publicado por Togliatti ou com o seu consentimento, foi um Gramsci completamente direcionado para a educação, o estudo da cultura italiana e do espírito nacional (MORDENTI, 2009).

Desta forma, é possível dizer que Togliatti utilizou a publicação das obras de Gramsci, especialmente dos Cadernos, para realizar uma política direcionada aos intelectuais e através destes à totalidade do povo italiano. Política que o próprio Gramsci havia delineado nos mesmos Cadernos do Cárcere e, ainda antes, Na Questão Meridional. Os intelectuais e, através deles, a totalidade do povo italiano foi chamada a efetuar uma ruptura epistemológica de caráter orgânico. A realidade social, política e econômica não seria mais compreendida através de Benedetto Croce, representante das concepções burguesas, mas por intermédio de Antonio Gramsci, representante e propulsor das concepções de mundo do proletariado (MORDENTI, 2009).

Para Togliatti, através de Gramsci, a classe operária italiana ofereceu seu mais alto contributo à cultura italiana e universal. Neste sentido, Togliatti se manifestou no prefácio do volume *Materialismo histórico*³⁰². Eis o que aparece no prefácio:

Gramsci era um líder, um grande líder da classe operária e como tal permaneceu também na sua atividade mais especificamente filosófica e cultural, também quando se propôs a um estudo desinteressado, fur ewig³⁰³, e estes seus cadernos do cárcere são um novo contributo e, em âmbito teórico, o mais alto contributo da classe operária italiana à cultura italiana e universal. Também no cárcere, Gramsci fez trabalhar o seu cérebro para esta classe, para reforçá-la, para fazê-la progredir, para dar a ela novos instrumentos de luta e novas armas (TOGLIATTI apud GRAMSCI, 1949, p. XVII-XVIII)³⁰⁴.

Para Togliatti, Gramsci havia trabalhado para dar à classe operária novos instrumentos de luta e novas armas. Gramsci foi e, continua sendo, o intelectual orgânico da classe operária. Gramsci, enquanto realizou trabalhos intelectuais

³⁰² Os prefácios apareciam anônimos, mas eram escritos por Togliatti (DANIELE, 2005).

³⁰³ Desinteressado na língua alemã.

³⁰⁴ Gramsci era un capo, um grande capo della classe operaia e tale rimane anche nella sua attività specificamente filosofica e culturale, anche quando si propone uno studio disinteressato, fur ewig, e questi suoi quaderni del carcere sono un nuovo contributo e, in sede teorica, il più alto contributo, della classe operaia italiana alla cultura italiana e universale. Anche nel carcere, Gramsci ha continuato a far lavorare il suo cervello per questa classe, per rafforzarla, per farla progredire, per darle nuovi strumenti di lotta e nuove armi (tradução nossa).

desinteressados não se separou, como os intelectuais tradicionais, da massa operária. Todavia, evidenciou Togliatti, o Gramsci intelectual orgânico da classe operária é um contributo da classe operária para a totalidade das massas subalternas e mesmo para a totalidade do povo italiano (TOGLIATTI apud GRAMSCI, 1949, p. XVII-XVIII).

Na continuidade do texto, Togliatti escreveu que embora Gramsci tenha desenvolvido sua intelectualidade a serviço da classe operária, permaneceu fiel às exigências científicas e da pesquisa desinteressada da verdade. Neste ponto, Togliatti, no prefácio do volume *Materialismo Histórico e a Filosofia de Benedetto Croce*, citou um texto do próprio Gramsci, o qual se encontra na referida obra:

Não é necessário conceber a discussão científica como um processo judiciário, no qual existe um imputado e um procurador, o qual, por obrigação do ofício, deve demonstrar que o imputado é culpado e digno de ser retirado de circulação. Na discussão científica, porque se supõe que o interesse seja a procura da verdade e o progresso da ciência, demonstra-se mais avançado, aquele que se põe do ponto de vista que o adversário pode exprimir uma exigência que deve ser incorporada, mesmo que seja como elemento subordinado, na própria construção. Compreender e avaliar realisticamente as razões do adversário (e as vezes é adversário todo o pensamento passado) significa pôr-se de um ponto de vista crítico, o único fecundo na pesquisa científica³⁰⁵ (TOGLIATTI apud GRAMSCI, 1949, p. XVIII)³⁰⁶.

Sobre este texto de Gramsci, muito bem explorado por Togliatti na implementação do projeto político-pedagógico do PCI, é importante grifar que ele manifesta a complexidade e a riqueza do pensamento gramsciano. Para Gramsci, na pesquisa científica, o pesquisador não deve se isolar em um pensamento único, mas deve assumir e incorporar as proposições do adversário, mesmo que seja como um elemento subordinado. Não se trata de mera assimilação de teses diferentes ou mesmo contrárias, mas assumir dialeticamente. Noutros termos, tratava-se de compreender a sociedade na sua totalidade e no movimento constante, portanto, na perspectiva do materialismo histórico e dialético.

³⁰⁵ Togliatti citando um texto de Gramsci no prefácio anônimo da obra de Gramsci.

³⁰⁶ Non bisogna concepire la discussione scientifica come un processo giudiziario, in cui c'è un imputato e c'è un procuratore che, per obbligo d'ufficio, deve dimostrare che l'imputato è colpevole e degno di essere tolto di circolazione. Nella discussione scientifica, poichè si suppone che l'interesse sia la ricerca della verità e il progresso della scienza, si dimostra più avanzato chi si pone dal punto di vista che l'avversario può esprimere una esigenza che deve essere incorporata, sia pure come elemento subordinato, nella propria costruzione. Comprendere e valutare realisticamente le ragioni dell'avversario (e talvolta è avversario tutto il pensiero passato) significa porsi da un punto di vista critico, l'unico fecondo nella ricerca scientifica (Tradução nossa).

Os textos de Gramsci, citados por Togliatti, tratavam do sistema filosófico idealista e do materialismo histórico e dialético, fundamentados na filosofia da práxis. Desta forma, abordava igualmente os sistemas políticos e econômicos. No campo filosófico, o materialismo histórico proposto por Gramsci não significava nem mera assimilação e nem completo repúdio do pensamento crociano, mas, pelo materialismo histórico e dialético, o pensamento de Croce seria assimilado e dialeticamente superado pela crítica e atividade orientada para uma nova finalidade política-social. Assim, no campo político econômico, propunha uma ruptura com o capitalismo e a constituição do comunismo. Todavia, a ruptura não significava, igualmente, um completo repúdio das históricas contribuições do capitalismo e da sociedade burguesa. O comunismo assimilaria e superaria todas as contribuições do passado.

Entretanto, grifa-se que para Gramsci, esse processo dialético não significava uma nietzschiana negação de toda a tradição filosófica anterior³⁰⁷, mas tratava-se da superação pela incorporação. Neste sentido, as reflexões gramscianas eram críticas ao pensamento hegemônico da época, mas também, legítimas herdeiras de toda a tradição filosófica anterior, em modo especial das concepções crocianas. No campo político e econômico a nova ordem, ou seja, o comunismo significava a incorporação e a superação de todas as contribuições oriundas da sociedade capitalista e burguesa.

Após o término da publicação da edição temática dos Cadernos do Cárcere, nos primeiros anos da década de 1950, iniciou-se a preparação para a publicação de um volume contendo os escritos juvenis de Gramsci (1919-1920) e outro contendo os escritos ligados ao jornal *Ordine Nuovo* (1919-1920). Nesta perspectiva, em 1958, Elsa Fubini³⁰⁸ começou a trabalhar na preparação dos escritos políticos escritos antes de 1926, ou seja, antes dos Cadernos do Cárcere.

Togliatti desempenhou, também na publicação destes volumes, o papel de coordenador e dirigente, dando continuidade ao seu projeto político-pedagógico. Da preparação do volume à redação dos anônimos prefácios, tudo passou pela aprovação de Togliatti (DANIELLE, 2005). Todavia, devido a problemas econômicos nas relações entre o PCI e a Editora Einaudi, os dois volumes referentes aos escritos

³⁰⁷ Nietzsche propõe em suas obras uma ruptura com os valores tradicionais e uma volta à tradição filosófica pré-socrática.

³⁰⁸ Elsa Fubini (1906-2003) foi jornalista e política italiana ligada ao PCI. Após a publicação do volume temático dos Cadernos do Cárcere substituiu Felice Platone na preparação das sucessivas publicações das obras de Gramsci.

políticos de Gramsci, anteriores aos Cadernos do Cárcere, foram publicados após a morte de Togliatti. O primeiro volume, publicado em 1966, continha os interventos políticos de Gramsci entre os anos de 1923-1926. O segundo volume, com os escritos de Gramsci relativos aos anos 1921-1922, foi publicado apenas em 1972 (DANIELE, 2005, p. 31).

Um grande, mas não intransponível obstáculo para a Operação Gramsci foi a guerra fria entre as duas grandes potências mundiais: Estados Unidos e União Soviética, desencadeada no final da década 1940. A divisão do mundo em dois grandes blocos, países capitalistas e países comunistas, pôs fim aos acordos políticos da *svolta di Salerno* e obrigou Togliatti e o PCI a modificarem os rumos da Operação Gramsci. Todavia, as obras de Gramsci garantiram ao PCI a sobrevivência política em um ambiente extramente hostil.

5.3.3 A guerra fria e as mudanças na operação Gramsci.

O projeto político-pedagógico colocado em prática por Togliatti na *svolta di Salerno*, fundamentado na propagação das obras e do pensamento gramsciano, foi abalado, mas não completamente neutralizado, pela Guerra Fria. A III Internacional Comunista havia sido dissolvida para favorecer o fortalecimento dos partidos comunistas nacionais. Togliatti quando reingressou à Itália propagou que a *svolta di Salerno* era uma afirmação da autonomia do PCI diante da política soviética (PARIS, 2005).

A aliança com os demais partidos antifascistas e o apoio a Badoglio haviam sido aprovados pelo próprio Stalin (DIMITROV, 2002). A Guerra Fria, não implicou no fim da “originalidade” italiana, mas gerou uma contradição entre a autonomia do PCI e o necessário alinhamento, mais uma vez, à política determinada por Moscou. A divisão do mundo em dois grandes blocos oferecia poucas possibilidades à via italiana que surgiu em Salerno (LIGUORI, 2005).

A Guerra Fria gerou externamente um novo alinhamento à política moscovita. Todavia, as maiores consequências para o PCI ocorreram na política interna italiana. O PCI havia participado com entusiasmo dos governos Badoglio e Bonomi. A participação do PCI nos governos democráticos, a tese da Assembléia Constituinte, aliada a propagação das obras e do pensamento gramsciano, possibilitavam a formação, mesmo que lenta, de uma nova cultura e de uma nova hegemonia cultural.

No caso, a hegemonia da cultura do proletariado que encontrava em Gramsci seu máximo expoente. A hegemonia cultural levaria, conforme reiteradas vezes demonstrado, a formação de um novo bloco histórico e a conquista da hegemonia política.

Nos dois primeiros anos após o término da II Guerra Mundial, Estados Unidos e União Soviética, países que saíram do conflito como as duas superpotências mundiais, haviam procurado dar prosseguimento à colaboração anteriormente estabelecida. Os dois países demonstravam o desejo de respeitar os acordos internacionais alcançados durante e imediatamente depois da guerra, adotando uma política externa prudente e cautelosa. Apesar da substancial diferença de imposição entre os aliados ocidentais e a liderança stalinista, os problemas eram discutidos coletivamente com o objetivo de alcançar acordos consensuais (QUAGLIARIELLO; ZASLAVSKY, 2007).

Assim, para evitar a acusação de violar os acordos, Stalin procurou não apressar ou forçar os tempos da sovietação da Europa oriental, mas, em vez disso, preferiu reforçar o controle soviético através da conquista democrática nos parlamentos e nos governos dos diversos países. Stalin propôs, não apenas na Itália, mas também nos demais países europeus, um tempo de transição democrática entre os regimes anteriores e a revolução comunista. Para os comunistas, a não superação da crise econômica levaria a Europa ao comunismo (QUAGLIARIELLO; ZASLAVSKY, 2007). As massas proletárias e camponesas, como havia afirmado Gramsci aos colegas de cárcere em Turi, perceberiam que os partidos democráticos burgueses não possuíam alternativas concretas e eficazes para superar a crise sócio-econômica (DUBLA; GIUSTI, 2009) e para reconstruir a Europa dilacerada pela guerra (QUAGLIARIELLO; ZASLAVSKY, 2007).

A crise econômica, de fato precipitou os acontecimentos. No encontro com Stalin em 15 de abril de 1947, o secretário americano George Marshall³⁰⁹ admoestou seu interlocutor que o agravamento da crise econômica levaria a eliminação de todas as possibilidades de sobrevivência democrática na Europa.

Stalin não levou em consideração a admoestação do secretário americano e foi surpreendido pelo plano Marshall que pôs fim a inércia da política externa americana.

³⁰⁹ George Catlett Marshall (1880-1959) foi um general americano que combateu nas duas guerras mundiais. Após a II Guerra Mundial ficou célebre pelo plano econômico de ajuda à Europa devastada pelo conflito mundial.

Moscou reagiu proibindo os países da Europa oriental de aderir ao plano Marshall, ou seja, de aceitar a ajuda americana para a reconstrução dos países. O plano Marshall e a reação soviética fecharam definitivamente a colaboração até então existente entre os países capitalistas da Europa ocidental e a União Soviética (ROSSI, 2005).

A reação russa se concretizou na assistência militar aos comunistas gregos, na reconstrução da *Komintern*, na proclamação da divisão do mundo em dois campos opostos e na exigência que os partidos comunistas ocidentais combatessem os governos, dos quais até então faziam parte³¹⁰, pois, estes passaram a ser vistos como culpados pela adesão ao plano Marshall (ROSSI, 2005).

Os países considerados fronteira, ou seja, aqueles geograficamente localizados entre as duas grandes áreas de influência –Tchecoslováquia, Alemanha, Austria, Grécia e Itália - foram os que mais sofreram as consequências da tensão internacional. A liderança soviética acreditou na possibilidade de expandir sua esfera de influência e, inclusive, no completo afastamento dos Estados Unidos da Europa. Esta visão correspondia aos postulados do pensamento marxista-leninista, segundo o qual, o embate entre o campo socialista e o campo capitalista seria concluído com a vitória final do primeiro (ROSSI, 2005).

A documentação agora disponível mostra a convicção das lideranças soviéticas de que a Europa continental³¹¹ se tornaria socialista entre trinta e cinquenta anos. Somente, então, a União Soviética estaria em segurança. Por este motivo, os acontecimentos ocorridos na Itália a partir do final da década de 1940, não podem ser dissociados do desenvolvimento da situação política e econômica internacional. A aguda polarização da sociedade e da política, até então oculta pelos governos de unidade nacional, começou a manifestar-se abertamente levando o país às portas de uma guerra civil (ROSSI, 2005).

Na Itália, após a *svolta di Salerno*, conforme já mencionado, o PCI participou dos governos Badoglio, Bonomi e dos dois primeiros governos de De Gasperi. Togliatti ocupou os cargos de vice-presidente do Conselho e duas vezes ministro da justiça. Todavia, a partir do II governo De Gasperi, a unidade entre a *Democrazia Cristiana* e o PCI começou a sofrer desgastes. No seu II governo, De Gasperi demonstrou preocupações, sobretudo, pelo surgimento das agitações provenientes da massa

³¹⁰ Na Itália, na França e em outros países da Europa ocidental, após a II Guerra Mundial, os comunistas faziam parte dos governos democráticos.

³¹¹ Exceção às Ilhas Britânicas.

proletária que se manifestava contra a precariedade econômica italiana. Togliatti e o PCI foram acusados de seguir um duplo binário: alimentar as agitações proletárias e simultaneamente participar do governo. Ao mesmo tempo em que era governo, o PCI era acusado de ações antigovernamentais. Como resultado da tensão nacional e internacional, o PCI foi completamente excluído do III governo de De Gasperi em 1947.

A nova *svolta* de 1947 na Itália colocou obstáculos, mas não neutralizou completamente, o projeto político-pedagógico de Togliatti. Para Togliatti, o PCI através da via cultural, deveria deixar de ser uma pequena e restrita associação propagandista, tal como aconteceu durante o fascismo e, se tornar um grande partido, um partido de massa (MORDENTI, 2009).

O crescimento numérico do PCI, iniciado em 1944, continuou após 1947 e encontrou seu ápice nas décadas de 1950 e 1960. Togliatti, utilizando as obras e o pensamento de Gramsci deu continuidade a seu projeto político-pedagógico de conquista da hegemonia. Nas palavras de Raul Mordenti, a política de Togliatti, fundamentada nas concepções gramscianas, foi definida como a hegemonia em ato (MORDENTI, 2009). O crescimento do PCI foi demonstrado no número de seus filiados. Em 1943, o PCI contava com 15.000 filiados; em abril de 1945, após a participação no governo Badoglio e as primeiras divulgações do pensamento de Gramsci, o número subiu para 410.000; em janeiro de 1946, o número era de 1.770.896; em 1956 aumentou para 2.212.593. Em seis anos, de 1944 a 1950, o PCI deixará de ser um pequeno partido e se tornará um partido de massa. Atrás destas cifras existe uma política, a política da hegemonia em ato (MORDENTI, 2009), fundamentada nas concepções político-pedagógicas de Gramsci e impulsionada pela divulgação de suas obras e de seu pensamento. Gramsci foi, portanto, simultaneamente, fundamento e instrumento da política togliattiana da hegemonia em ato (MORDENTI, 2009).

Togliatti, durante a guerra fria, ou seja, a partir de 1947, ao mesmo tempo em que permaneceu ligado à União Soviética e a liderança stalinista, procurou reafirmar a autonomia do PCI e dar prosseguimento à política iniciada em Salerno. A Assembléia Constituinte gramsciana e, também togliattiana, teve prosseguimento nas posições políticas do PCI, mesmo que a partir de 1947 não mais participando dos governos liderados pela *Democrazia Cristiana*.

A difusão das obras, do pensamento e das concepções político-pedagógicas de Gramsci serviram a esta dupla finalidade: a gradativa conquista de uma hegemonia

cultural como condição de possibilidade para a hegemonia política e a autonomia do PCI em relação à União Soviética. Gramsci, conforme citado, foi apresentado como a contribuição máxima da classe operária italiana para a cultura italiana e universal. Todavia, Gramsci também foi apresentado como a contribuição máxima do comunismo italiano para o comunismo internacional, inclusive, para o comunismo russo.

A partir da exclusão do PCI dos governos liderados pela *Democrazia Cristiana*, ou seja, 1947, Togliatti intensificou os preparativos para a publicação das Cartas do Cárcere e da edição temática dos Cadernos do Cárcere. Para Togliatti, o aparato político hegemônico de Croce era possibilitado pelo seu aparato hegemônico-cultural. A hegemonia cultural de Croce na Itália era determinante para a hegemonia política dos grupos por ele representados. Na edição togliattiana das Cartas do Cárcere, publicada em 1947, estava contida a carta na qual Gramsci expôs a Tatiana seu projeto de estudos sobre os intelectuais e o papel preponderante destes na sociedade civil na formação de uma hegemonia cultural como pressuposto necessário para a hegemonia política:

Este estudo leva também a certas determinações do conceito de Estado, que comumente é entendido como Sociedade política (ou ditadura, ou aparelho coercitivo para amoldar a massa popular ao tipo de produção e à economia de dado momento) e não como um equilíbrio da Sociedade política com a Sociedade civil (ou hegemonia de um grupo social sobre a sociedade nacional inteira exercida através das chamadas organizações privadas, como a Igreja, os sindicatos, as escolas, etc.), e justamente na sociedade civil em particular operam os intelectuais (Benedetto Croce, por exemplo, é uma espécie de papa leigo e instrumento efficacíssimo de hegemonia ainda quando vez por outra esteja em desacordo com este ou aquele governo, etc. (GRAMSCI, 1946, p. 224)³¹².

Para Togliatti, que colocava em prática os conceitos gramscianos de hegemonia cultural, hegemonia política, intelectuais, Estado e sociedade civil, mesmo com a exclusão do governo De Gasperi, portanto, com o fim da Assembléia Constituinte, o projeto político-pedagógico precisava ser mantido e, mesmo

³¹² Questo studio porta anche a determinate determinazioni del concetto di Stato, che è comunemente inteso come Società politica (o dittatura, o apparato coercitivo per modellare la massa del popolo al tipo di produzione e all'economia di un dato momento) e non come equilibrio della Società politica con la società civile (o l'egemonia di un gruppo sociale sull'intera società nazionale esercitata attraverso le cosiddette organizzazioni private come la Chiesa, i sindacati, le scuole, ecc.) e nella società civile in particolare gli intellettuali operano (Benedetto Croce, per esempio, è una specie di laico e uno strumento estremamente efficace di egemonia anche quando, a volte, non è d'accordo con questo o quel governo, ecc. (Tradução nossa).

acentuado.

Com base na bibliografia analisada, é possível afirmar que Togliatti colocou em prática, no período da guerra fria, a teoria gramsciana de que um grupo ou classe social não se torna dirigente e hegemônica apenas com a conquista do poder político. Ao contrário, um grupo ou classe se torna dirigente e hegemônica antes da conquista do poder. Aliás, para Gramsci esta era uma das condições imprescindíveis para a conquista do poder e da hegemonia política.

Outra contribuição político-pedagógica de Gramsci, a qual Togliatti pôs em prática, diz respeito à manutenção do poder ou hegemonia política. No caso, para Gramsci, não bastaria conquistar o poder, mas era necessário se manter no poder (GRAMSCI, 1977).

Gramsci nunca descartou e nem Togliatti na sua ação política, a possibilidade de uma ruptura revolucionária. Todavia, para que a revolução comunista pudesse se assentar em bases sólidas e duradouras, era necessário um processo de conquista da hegemonia cultural na sociedade civil e nas suas formas de organização, que incluiria o partido, o sindicato, a escola e o mundo da cultura de um modo geral (GRAMSCI, 1977). Por isto, a escola, mesmo que burguesa, poderia dar uma preciosa contribuição:

Com o seu ensino, a escola luta contra o folclore, contra todas as sedimentações tradicionais de concepções do mundo, a fim de difundir uma concepção mais moderna, cujos elementos primitivos e fundamentais são dados pela aprendizagem da existência de leis naturais como algo objetivo e rebelde, às quais é preciso adaptar-se para dominá-las, e de leis civis e estatais, produto de uma atividade humana, que são estabelecidas pelo homem e podem ser por ele modificadas tendo em vista seu desenvolvimento coletivo; a lei civil e estatal organiza os homens do modo historicamente mais adequado a dominar as leis da natureza, isto é, a tornar mais fácil o seu trabalho, que é a forma própria através da qual o homem participa ativamente na vida da natureza, visando transformá-la e socializá-la cada vez mais profundamente e extensamente (GRAMSCI, 1977, p. 345)³¹³.

³¹³ Attraverso il suo insegnamento, la scuola combatte il folklore, contro tutte le sedizioni tradizionali delle visioni del mondo, al fine di diffondere una concezione più moderna i cui elementi primitivi e fondamentali sono dati dall'apprendimento dell'esistenza delle leggi naturali come qualcosa di oggettivo e ribelle, che deve essere adattato per dominarli, e delle leggi civili e statali, il prodotto di un'attività umana, che sono stabilite dall'uomo e possono essere modificate da lui per il suo sviluppo collettivo; la legge civile e statale organizza gli uomini nel modo storicamente più appropriato per dominare le leggi della natura, cioè per facilitare il loro lavoro, che è proprio il modo in cui l'uomo partecipa attivamente alla vita della natura, mirando a trasformarla e socializzare sempre più profondamente ed estesamente (Tradução nossa).

Gramsci havia defendido a necessidade de criação das escolas do partido direcionadas à formação elementar e política dos militantes do PCI (GRAMSCI, 1972). A partir de 1947, sob a liderança de Togliatti, o PCI fundou estas escolas, que haviam sido projetadas por Gramsci, como parte imprescindível de um processo político-pedagógico em prol da conquista da hegemonia cultural e política. As primeiras escolas eram direcionadas a operários e camponeses que necessitavam de alfabetização política: seriam eles os representantes do partido nas realidades locais (MORDENTI, 2009).

Todavia, aqueles que se encontravam nos bancos das escolas políticas do PCI no final da década de 1940 e início da década de 1950, posteriormente se tornaram membros do grupo dirigente do partido. Os cursos duravam entre três meses e um ano, e os estudantes eram submetidos, segundo o modelo presente no Caderno 12, a rigorosas regras de comportamento e de estudos. Os programas previam uma dezena de temas, tais como, materialismo histórico, história do partido bolchevique, história do movimento operário, problemas agrários, organização sindical etc. (TONELLI, 2018).

O PCI deveria formar seus intelectuais na escola do partido e atrair para a causa operária os intelectuais que se encontravam sob a hegemonia crociana e, portanto, a serviço dos governos burgueses e dos interesses da burguesia. No primeiro caso, as obras de Gramsci se constituíam como o principal apoio pedagógico. No segundo caso, os intelectuais seriam atraídos ao partido através da divulgação das obras e do pensamento de Gramsci (TONELLI, 2018).

O projeto político-pedagógico que Togliatti pôs em prática com a publicação das obras e a difusão do pensamento de Gramsci visava, através dos intelectuais do PCI, atrair para o partido, forças diversas, historicamente não ligadas ao comunismo. Desta forma, haveria uma renovação político-cultural que atingiria os intelectuais e, por intermédio destes, a massa, ou seja, o povo italiano na sua totalidade (MORDENTI, 2009, p. 35).

Togliatti no período da guerra fria pôs em prática o que Gramsci expôs nos Cadernos do Cárcere sobre os intelectuais tradicionais³¹⁴ e orgânicos³¹⁵. Os

³¹⁴ Intelectuais que não articulavam teoria e prática. Politicamente, os intelectuais tradicionais pensavam que estavam acima dos interesses das classes sociais. Todavia, estavam a serviço das classes dominantes.

³¹⁵ Intelectuais orgânicos das classes sociais. A burguesia havia seus intelectuais orgânicos e dentre destes Croce era o principal expoente.

intelectuais tradicionais não se envolviam diretamente nas questões políticas, embora, mesmo inconscientemente estivessem a serviço das classes dominantes. Por outro lado, a maioria dos intelectuais orgânicos estava ligada diretamente às classes dominantes, ou seja, à burguesia. O proletariado não produzia seus intelectuais e quando os produziam, estes eram cooptados pela burguesia (GRAMSCI, 1977).

Togliatti sabia da impossibilidade de atrair para o PCI ou para a causa proletária a totalidade dos intelectuais italianos e assim atingir a totalidade da população italiana. Croce, o papa leigo, participou com Togliatti dos governos de coalizão nacional e continuava a defender os governos da *Democrazia Cristiana*, dos quais o PCI fora excluído (MORDENTI, 2009). Todavia, acreditava que por intermédio de Gramsci, apresentado como novo ou anti-Croce, poderia causar algumas rupturas entre os intelectuais. Assim, a luta pela hegemonia passava, antes de tudo, pela luta contra o aparato político-ideológico crociano. Através do anticrocianismo de Gramsci, Togliatti iniciou uma campanha para que parte dos intelectuais aderisse à causa proletária e assim formar a massa (TONELLI, 2018).

As três primeiras obras publicadas de Gramsci: As Cartas do Cárcere, O materialismo Histórico e a Filosofia de Benedetto Croce e os Intelectuais e a Organização da Cultura, deram início ao embate com Croce. Croce respondeu com um livro intitulado “*Per la Storia del Comunismo in Quanto realtà Politica*”. Togliatti fez questão de fazer a resenha da polêmica obra de Croce. Na resenha a dureza do ataque foi tão grande que posteriormente, Togliatti pediu desculpas a Croce. A Croce, Togliatti contrapôs Gramsci. O antifascismo de Gramsci lhe custara a prisão e a morte. O antifascismo do PCI custara sua exclusão da vida política italiana, o exílio e a morte de seus integrantes. Durante o fascismo Croce continuou livremente a escrever suas obras (MORDENTI, 2009).

Com estas palavras, Togliatti afirmou que os intelectuais ligados aos governos da *Democrazia Cristiana* não se diferenciavam dos intelectuais que haviam sido ligados ao fascismo. Era necessário superar os intelectuais que encontravam em Croce seu máximo expoente e os governos da *Democrazia Cristiana*. No caso, para Togliatti, a única via possível de superar Croce seria Gramsci. A única via para superar os governos do fascismo e a *Democrazia Cristiana*, seria o comunismo.

O projeto político-pedagógico gramsciano realizado por Togliatti formou ou atraiu para o PCI grande número de intelectuais ocasionando, conforme o esperado, uma ruptura no mundo intelectual italiano. Segundo Raul Mordenti entre as décadas

de 1950 e 1970 militaram no PCI, formados ou atraídos pela operação Gramsci, a melhor e maior geração de intelectuais que um partido político, na história da Itália, soube formar ou reunir. Formar através da escola do partido. Reunir através da publicação e difusão das obras e do pensamento de Gramsci (MORDENTI, 2009).

Segundo Raul Mordenti (2009), Togliatti julgava um dirigente comunista pelos votos e pelos artigos publicados. Os votos indicavam as relações com a massa, os artigos publicados indicavam uma formação cultural rigorosa e a capacidade de unificar política e cultura em benefício do partido e da classe operária.

5.3.4 A nova edição das Cartas do Cárcere de Gramsci.

Na medida em que houve a descoberta de que a maioria das cartas de Gramsci não havia sido publicada na edição togliattiana de 1947, grupos dissidentes dos partidos comunistas europeus passaram a publicar algumas cartas. Diante desta situação, que ameaçava o futuro da Operação Gramsci, o próprio PCI começou a preparar uma nova edição. Assim, em 1955, Maria Teresa Lanza³¹⁶, começou a trabalhar na preparação de uma nova edição das Cartas do Cárcere. Em fevereiro de 1957, Giuseppe Berti³¹⁷ anunciou a Luciano Foà³¹⁸ que a nova edição das Cartas do Cárcere já estava pronta. Todavia, o epistolário, muito enriquecido, esperava, ainda, um último controle e revisão que deveriam ser realizados pelo PCI.

Entretanto, o PCI tinha dúvidas sobre a conveniência ou não da nova edição das cartas e no caso de uma nova publicação, quais cartas deveriam ser publicadas e quais ainda não deveriam ser publicadas. Neste sentido, Daniele (2005) cita uma carta escrita por Berti, em 1957, na qual, escrevendo a Foà, questionava se aquele momento era propício para publicar todas as cartas de Gramsci.

Dúvidas semelhantes também podem ser percebidas na correspondência entre Togliatti e Einaudi. Nesta correspondência, Einaudi buscou convencer Togliatti sobre a conveniência da nova edição das Cartas do Cárcere. Em 15 de janeiro de 1962, sete anos após Maria Teresa Lanza ter começado os trabalhos de preparação da nova edição, Einaudi escreveu a Togliatti pedindo sua ajuda nos trabalhos preparatórios:

Caro Togliatti, como sabes, o volume das Cartas do Cárcere de

³¹⁶ Maria Teresa Lanza (1925-2017) foi professora e historiadora italiana ligada ao PCI.

³¹⁷ Giuseppe Berti (1901-1979) foi juntamente com Gramsci, Bordiga, Togliatti e Tasca um dos fundadores do PCI.

³¹⁸ Luciano Foà (1915-2005) foi um crítico literário italiano e um dos editores da Casa Einaudi.

Gramsci é esgotado e deverá ser reimpresso assim que possível, revisto nas notas e no texto e enriquecido das cartas que foram redescobertas após a última edição. Serei muito grato se quisesse interessar-te pela coisa solicitando o cumprimento³¹⁹. Independentemente da nova edição das obras de Gramsci, gostaria de fazer uma outra edição integral³²⁰ na coleção Universal³²¹ para difundir sobretudo entre os jovens (quero dizer entre os novos jovens). Que coisa pensas? Na espera de tua resposta saudações cordiais. Giulio Einaudi (EINAUDI, 1962 apud DANIELE, 2005, p. 172)³²².

Na resposta a Einaudi, Togliatti afirmou com clareza, que nos anos precedentes, ou seja, no final da década de 1950, permaneceu incerto sobre a conveniência da publicação de uma nova edição das Cartas do Cárcere de Gramsci:

Caro Giulio. Repreendo imediatamente nas mãos as Cartas para a nova edição. Tinha suspenso o trabalho porque me parecia incerta a decisão referente a uma nova publicação. De acordo, muito de acordo no que diz respeito a publicação na Universal. Saudações e felicitações. Palmiro Togliatti (TOGLIATTI, 1962 apud DANIELE, 2005, p. 172)³²³.

As duas cartas entre Einaudi e Togliatti demonstravam que era sempre Togliatti a controlar a publicação das obras de Gramsci. Entretanto, na preparação da nova edição das Cartas do Cárcere, Sraffa também foi envolvido. Em 26 de março de 1956, Maria Teresa Lanza se dirigiu a Sraffa, pela primeira vez, perguntando se a carta de Gramsci de 30 de maio de 1932³²⁴ havia sido lhe enviada por Tatiana. Em resposta Sraffa confirmou: “Tania me transmitiu esta, assim como todas as cartas de Gramsci” (DANIELE, 2005, p. 32)³²⁵. Por fim, Sraffa comunicou a Lanza que estaria em Roma entre os dias 10 e 15 de abril de 1956 e responderia pessoalmente as perguntas de Lanza referentes às cartas de Gramsci.

³¹⁹ Pedir que o PCI, em modo especial os responsáveis pela publicação das obras de Gramsci, voltassem a tratar do projeto.

³²⁰ Edição integral das obras já publicadas, ou seja, sem mudanças.

³²¹ Uma coletânea da Editora Einaudi voltada para temas culturais de interesse da juventude.

³²² Caro, Togliatti, come sai il volume delle Lettere dal carcere di Gramsci è esaurito e dovrà essere ristampato appena possibile, riveduto nelle note e nel testo e arricchito di quelle lettere che sono venute alla luce dopo l'ultima edizione. Ti sarei molto grato se volessi interessarti della cosa, sollecitandone il compimento. Independentemente dalla nuova edizione nelle Opere di Gramsci, vorrei farne un'altra integrale nella collezione Universale, per diffonderla soprattutto tra i Giovani (vorrei dire tra i nuovi Giovani) Cosa ne pensi? In attesa di un tuo cenno di risposta, ti saluto molto cordialmente. Giulio Einaudi.

³²³ Caro Giulio, riprendo subito in mano le Lettere per la nuova edizione. Avevo sospeso il lavoro perchè mi era sembrata incerta la decisione della ristampa. D'accordo, molto d'accordo per la pubblicazione nella Universale. Saluti e Auguri. Palmiro Togliatti.

³²⁴ Carta na qual Gramsci perguntava sobre a existência de publicações em língua inglesa que tratassem do método de pesquisa nas ciências econômicas.

³²⁵ Tania mi há trasmesso questa, come tutte le Lettere di Gramsci. Neste sentido, Sraffa confirmou, mais uma vez, que todas as cartas de Gramsci eram a ele repassadas por Tatiana.

Não existem notícias sobre o conteúdo da conversação entre Sraffa e Lanza. Mas, em 30 de abril de 1956, Lanza escreveu novamente a Sraffa e lhe enviou o projeto da edição crítica e enriquecida das Cartas de Gramsci. No projeto continha o índice das cartas publicadas por Togliatti e mais a inclusão de algumas inéditas. Na resposta a Lanza, Sraffa comunicou que havia reencontrado três (03) cartas e um bilhete de Gramsci escritos em Ústica³²⁶, em dezembro de 1926 e janeiro de 1927. Nesta resposta, também explicou os motivos pelos quais não enviou as cartas e os bilhetes para Lanza. Segundo ele, era necessário copiar o conteúdo a mão³²⁷, ele havia começado, mas não havia avançado. A falta de entusiasmo para efetuar a transcrição era justificada por um fato anterior:

Recordei-me que alguns anos atrás insistiram para que mandasse cópias de uma série inéditas das cartas de Antonio Labriola³²⁸, mas passado o entusiasmo do primeiro momento, as transcrições não foram utilizadas (e acabaram sendo publicadas por outros). A ideia que facilmente aconteceria a mesma coisa também desta vez, fez-me perder a vontade de transcrever, ao menos até que se confirme que a publicação foi aprovada e avança sem obstáculos (SRAFFA, 1956 apud DANIELE, 2005, p. 33)³²⁹

A carta de Sraffa a Lanza demonstrava, que no final da década de 1950 e início da década de 1960, a conveniência ou não para o PCI de uma nova edição das Cartas do Cárcere de Gramsci era objeto de intenso debate dentro do próprio partido e, como supramencionado, Togliatti não era favorável. A publicação das obras de Gramsci deveria seguir o cronograma previamente estabelecido e inserir-se no projeto político-pedagógico já elaborado, ou seja, a Operação Gramsci. As cartas de Labriola, copiadas por Sraffa, não haviam sido publicadas porque fugiam dos interesses do partido. Sraffa temia que as Cartas de Gramsci, por ele copiadas fossem consideradas, assim como as de Labriola, como não interessantes ao partido e, por isto, não publicadas. Considerando que para a publicação da nova edição das Cartas do Cárcere transcorreram outros nove anos, as reservas de Sraffa eram justificadas.

Os estudiosos gramscianos, que trabalhavam junto ao Instituto Gramsci,

³²⁶ Após ser preso em 08 de novembro de 1926 e permanecer encarcerado em total isolamento no Cárcere de Regina Cieli, Gramsci foi transferido para Ústica na Sicília.

³²⁷ Os originais permaneceriam com Sraffa.

³²⁸ Antonio Labriola (1843-1904) é considerado como o primeiro filósofo marxista italiano.

³²⁹ Mi è venuto in mente che un paio di anni fa mi si fece gran premura perchè mandassi copie di una serie di lettere inedite di Antonio Labriola, ma passato l'entusiasmo del primo momento non si ritenne di utilizzarli (e finirono per essere pubblicate da altri). L'idea che facilmente succederà lo stesso anche questa volta mi há fatto passare la voglia di copiare almeno fino a che si confermi che la pubblicazione è stata approvata e che va avanti senza intoppi (Tradução nossa).

procuraram estreitar as relações com Sraffa na busca por novas cartas e novos dados para a reconstituição da biografia de Gramsci. Testemunha dos colóquios entre Sraffa e os pesquisadores do Instituto Gramsci são dois manuscritos redigidos por Antonio Pesenti³³⁰ de 13 de abril e 13 de setembro de 1954. Os manuscritos contêm informações importantes sobre as Cartas do Cárcere, em particular a notícia de que algumas cartas mantidas por Tatiana foram pessoalmente entregues por Sraffa aos dirigentes do PCI, em Moscou, em julho de 1930. Os Manuscritos dos colóquios expressam que Sraffa transmitiu ao Centro Externo do PCI, em Paris, todas as cartas de Gramsci entregues a Tatiana, assim como as cartas de Tatiana direcionadas a Sraffa (DANIELE, 2005).

Na preparação de uma nova edição das Cartas do Cárcere de Gramsci, Sraffa esteve envolvido em outro projeto de publicação. Em 1959, o jornalista Domenico Zucàro³³¹ trabalhava na preparação de uma ampla biografia de Gramsci. Foi apresentado a Sraffa através de uma carta de Camila Ravera, em 28 de dezembro de 1961. Zucàro tinha o interesse de receber de Sraffa notícias e documentos sobre a vida de Gramsci. No início, Sraffa mostrou-se muito interessado em ajudá-lo, respondendo às suas cartas e inclusive se encontrou pessoalmente com ele. Na carta de 25 de fevereiro de 1962, Sraffa comunicou que possuía cartas de Tatiana Schucht e cópias das cartas de Gramsci escritas a Ústica. Destas últimas, afirmou que tinha também uma cópia feita em 1956, em bela caligrafia, quando era projetada uma edição crítica e ampliada das Cartas do Cárcere de Gramsci. Mas depois vieram as eleições de 1956 e as coisas ficaram no esquecimento (DANIELE, 2005).

No mesmo dia, Sraffa, talvez pensando que havia ido longe demais na confiança em relação a Zucàro, escreveu a Camila Ravera:

Cara amiga, mantive correspondência com Zucàro e o encontrarei quando for à Itália no próximo mês. Pela vossa correspondência, e pela boa impressão que tive de suas publicações, não exitarei em lhe comunicar o que recordo de Gramsci e lhe entregar as cartas que possuo. Mas sobre um único ponto tenho dúvidas e gostaria que resolvesse a questão para mim ou me fizesse resolver junto a quem que tem a obrigação de resolvê-lo, não sei se Togliatti ou quem sucedeu Platone na publicação das obras de Gramsci. Eu tenho as

³³⁰ Antonio Pesenti (1910-1973) foi político e economista italiano ligado ao PCI. Foi responsável pelo setor econômico do Instituto Gramsci que havia sido criado em 1954 e dirigiu, também, a Revista Crítica Económica.

³³¹ Não foram encontradas informações sobre a data de nascimento e morte. Foi um jornalista italiano, não filiado ao PCI, mas com relações muito próximas com alguns expoentes do partido. Estudioso das obras de Gramsci.

copias de algumas cartas de Gramsci à Tania que foram escritas escritas no cárcere (vós haveis os originais) que não foram compreendidas no volume das cartas do cárcere e creio inéditas, gostaria de saber se devo entregá-las a Zucàro. (SRAFFA, 1962 apud DANIELE, 2005, p. 35)³³².

Nesta mesma carta, Sraffa ainda pediu que Ravera consultasse Togliatti ou o sucessor de Platone sobre a conveniência de entregar algumas inéditas cartas de Gramsci a um não militante. Segundo Daniele (2005), as cartas inéditas, poderiam colocar em risco o projeto político-cultural do PCI. Em 06 de março de 1961, Ravera escreveu a Sraffa repassando-lhe a esperada resposta de Togliatti:

Togliatti, que muito apreça Zucàro e o seu trabalho, considera que não devem ser dadas a Zucàro as cartas do cárcere de Gramsci não publicadas no volume Cartas do Cárcere (Einaudi), e que permaneceram inéditas, isto para evitar indiscrições indesejáveis e dificilmente evitáveis (DANIELE, 2005, p. 35)³³³.

Togliatti jamais explicou o que seriam indiscrições indesejáveis e dificilmente evitáveis. Todavia, pelas discussões da época, pode-se considerar que a negativa de Togliatti não se tratava apenas da necessária reserva em torno de documentos direcionados a esposa e a família de Gramsci, mas também tinha como objetivo salvaguardar o projeto político-pedagógico do PCI. Neste sentido, destaca-se ainda que o pedido de Sraffa e a resposta de Ravera demonstram que em 1961, três anos antes da morte de Togliatti, todas as partes das obras de Gramsci somente poderiam ser publicadas com seu consentimento e em acordo com o projeto político-cultural do PCI.

Segundo Daniele (2005), nos anos de 1963 e 1964, Sraffa continuou a trabalhar junto aos estudiosos do Instituto Gramsci e da Casa Editora Einaudi na preparação da nova edição das Cartas do Cárcere. Enfim, em 05 de março de 1964, após receber os materiais preparados pelo Instituto Gramsci, Giulio Einaudi escreveu a Sraffa que

³³² Cara amica, sono entrato in corrispondenza con Zucàro e lo incontrarò quando vengo in Italia il mese venturo. Dalla vostra corrispondenza e la buona impressione avuta dalle sue pubblicazione, non esiterò a comunicargli quanto ricordo su Gramsci e le Lettere che conservo. Ma, su un solo punto ho un dubbio e vorrei che me lo ririsolvesse, o me lo facesse risolvere da chi di dovere, non so se Togliatti o chi è succeduto a Platone per le opere di Gramsci. Io ho le copie di alcune Lettere di Gramsci a Tania dal carcere (voi ne le avete gli originali) che non sono comprese nel volume delle Lettere dal carcere, e credo inedite, vorrei avere conferma che posso comunicarle a Zucàro (Tradução nossa).

³³³ Togliatti -che pur aprezza D. Zucàro e il suo lavoro- ritiene che non debbano essere date allo Zucàro le copie delle lettere dal carcere di Gramsci non pubblicate nel volume Lettere dal carcere (Einaudi), e rimaste inedite, ciò ad evitare indiscrezioni indesiderabili, e difficilmente evitabili (Tradução nossa).

a obra estava pronta para ser publicada.

Em nova carta, em 16 de março de 1964, Einaudi propôs a Sraffa de escrever o prefácio desta nova edição. “Alguns anos atrás foi proposto a Togliatti que escrevesse o prefácio desta nova edição. Não sei, porém, se poderemos contar verdadeiramente com este escrito. No caso estaria disposto, de acordo com Togliatti, a escrever tu este prefácio?”³³⁴

Não se encontraram registros das razões que impossibilitavam Togliatti de escrever o prefácio da nova edição, todavia, tal como expressou Sraffa, o prefácio e as publicações deveriam estar de acordo com Togliatti. A nova edição das Cartas do Cárcere, pronta para ser publicada em 1964 e publicada em 1965, continha 138 cartas inéditas. A inclusão destas cartas inéditas motivou a acusação de que na publicação anterior, Togliatti havia exercido uma ação de censura sobre os escritos de Gramsci. Os casos mais relevantes, de cartas não incuídas na edição togliattiana de 1947, diziam respeito às cartas de Gramsci a Tatiana em 13 de julho de 1931, 05 de dezembro de 1932 e 27 de fevereiro de 1933 (DANIELE, 2005).

Na carta de 13 de junho de 1931, Gramsci afirmou que estava convencido que a cada dia se rompia um fio de suas ligações com o passado. Na segunda (05 de dezembro de 1932) abordou a famigerada carta de Grieco de 1928 e levantou a hipótese de que esta (carta de Grieco) foi motivada por um projeto criminoso para prejudicá-lo (GRAMSCI, 1965). Na terceira (27 de fevereiro de 1933), Gramsci disse que estava convicto de ter sido condenado não apenas pelo tribunal especial fascista, mas por um organismo muito mais amplo (GRAMSCI, 1965).

Em um Caderno que foi utilizado por Togliatti para elencar as obras de Gramsci em 1941, estas três cartas não se encontravam enumeradas. No elenco das cartas de Gramsci retiradas por Paolo Robotti³³⁵ do arquivo de Togliatti em janeiro de 1947, estas também não estavam indicadas (DANIELE, 2005). Conforme já demonstrado em diversas passagens desta pesquisa, os testemunhos de Sraffa, Tatiana e do próprio Togliatti, são concordantes na afirmação de que todas as cartas de Gramsci enviadas para Tatiana eram enviadas para Sraffa que as enviava a Togliatti. Por qual motivo, as 03 cartas não foram publicadas e mais que isto, não foram sequer elencadas por

³³⁴ Qualche anno fa era stato proposto a Togliatti di scrivere una prefazione a questa nuova edizione. Non so, pero, se potremo contare veramente su questo scritto. Nel caso, saresti disposto. d'accordo con Togliatti, a scrivere tu questa prefazione? (Tradução nossa).

³³⁵ Paolo Robotti (1901-1982) foi um político italiano e membro do PCI.

Togliatti e não se encontravam no seu arquivo pessoal?

A edição togliattiana de 1947 teve o interesse político de usar a publicação das obras de Gramsci como instrumento político-pedagógico. Deste modo, as cartas selecionadas para publicação, buscavam atender este pressuposto. Todavia, de acordo com a histotografia que trata da temática, verifica-se que a não enumeração das cartas acima citadas no amplo elenco que Togliatti possuía no início da década de 1940, certamente não foi acidental.

Neste sentido, destaca-se que, em 10 de janeiro de 1964, no elenco das cartas enviadas por Elsa Fubini³³⁶ a Togliatti, as três supracitadas cartas estavam presentes e foram publicadas na antologia mondadoriana³³⁷, intitulada: *2000 pagine di Gramsci*³³⁸, sendo novamente publicadas em 1965. Segundo Daniele (2005) e Pons (2004), pelos arquivos consultados não é possível determinar onde as cartas se encontravam e quando a publicação foi autorizada. No entanto, segundo Pons (2004) encontram-se evidências que a publicação foi autorizada por Togliatti.

Analisando o contexto político da época, é possível destacar que os motivos da tardia permissão de Togliatti estavam relacionados às mudanças no cenário político italiano e internacional. O ano de 1956 foi marcado pela invasão soviética na Hungria e pela crise interna do PCR, ocasionada, principalmente, pelas denúncias de Nikita Khrushchov³³⁹, no 20º Congresso do partido, sobre os crimes de Stalin. Segundo Daniele (2005), existem acusações de dissidentes do PCI e de outros partidos comunistas europeus, que depois de 1956, Togliatti permitiu a publicação de textos gramscianos que não havia permitido antes da queda do stalinismo.

Em 16 de março de 1964, Elsa Fubini escreveu a Togliatti que havia selecionado cerca de 20 cartas inéditas. Algumas destas tratavam da relação entre Gramsci e Giulia e da educação dos filhos. Em 08 de maio de 1964, Fubini escreveu a Sergio Caprioglio³⁴⁰ fazendo um levantamento da situação referente a nova edição das Cartas de Gramsci. Para as cartas inéditas era ainda necessário um trabalho de discernimento e reflexão sobre o que poderia ser publicado imediatamente e o que ainda não poderia ser publicado (DANIELE, 2005).

³³⁶ Elsa Fubini (1909-2003) foi escritora e jornalista italiana. Foi a sucessora de Maria Teresa Lanza que havia sucedido Platone na preparação das obras de Gramsci.

³³⁷ Casa Editora Mondadori de Milão.

³³⁸ FERRATA, Giansiro; GALLO, Niccolò. *2000 pagine di Gramsci*. Milano: Il Saggiatore, 1964.

³³⁹ Nikita Serguêievitch Khrushchov (1894-1971) foi secretário geral do PCR entre 1953 e 1964

³⁴⁰ Sergio Caprioglio foi jornalista e editor italiano ligado ao PCI. Não foram encontradas referências ao seu nascimento e morte.

Esta pesquisa não realizará um confronto entre a edição de togliattiana de 1947 e aquela de 1965, no que diz respeito as categorias centrais do pensamento gramsciano, tais como, hegemonia cultural, bloco histórico e guerra de posição. Todavia, prescindindo da discussão sobre alterações ou não no pensamento gramsciano por Togliatti, em um sentido mais imediato, é possível constatar que a omissão e a ocultação das referidas cartas, faziam parte do projeto político do PCI. Para que a Operação Gramsci fosse bem-sucedida, a ruptura entre Gramsci e Togliatti, a ruptura entre Gramsci e o PCI, bem como, suas críticas, embora indiretas ao stalinismo, não poderiam ainda ser conhecidas. No contexto histórico da segunda metade da década de 1940, a Europa ainda sofria as consequências da II Guerra Mundial, a Rússia esperava ampliar sua zona de influência e o stalinismo se encontrava fortificado pela vitória na guerra.

5.3.5 Os preparativos para a edição cronológica dos Cadernos do Cárcere.

Para refletir sobre a ação de Togliatti como editor das obras de Gramsci é necessário pontuar também, como se deu os preparativos para uma nova edição dos Cadernos do Cárcere iniciados durante a vida de Togliatti e completada apenas na segunda metade da década de 1970. A análise do embate sobre a conveniência ou não de uma nova edição dos Cadernos do Cárcere dentro do PCI possibilitará uma melhor compreensão das categorias politico-pedagógicas gramscianas.

Na preparação do I Convênio de estudos gramscianos que ocorreu em Roma em janeiro de 1958, o tema de uma edição cronológica dos Cadernos do Cárcere foi expresso por diversos estudiosos³⁴¹. Togliatti respondeu que não fazia objeções, mas considerava que a questão era de difícil solução, pois taratava-se de encontrar um critério que não tornasse os Cadernos do Cárcere inacessíveis à grande massa popular. Segundo Togliatti a edição cronológica oferecia uma leitura contínua dos textos, tal como haviam sido escritos por Gramsci, mas apresentaria dificuldades de compreensão e, conseqüentemente, não haveria uma difusão junto ao grande público (DANIELE, 2005, p. 50).

Neste sentido, no final da década de 1950, no momento em que começam as discussões sobre as possibilidades de uma edição cronológica dos Cadernos do

³⁴¹ Paolo Fortunati (1906-1980), Ernesto Ragionieri (1926-1975), Alberto Caracciolo (1918-1980) etc.

Cárcere, Togliatti expressou que Gramsci deveria ser publicado como um instrumento de divulgação da cultura proletária na sociedade italiana. Segundo Togliatti, a operação Gramsci era o único critério para a publicação ou não dos textos gramscianos e, também da forma de publicação dos mesmos (TOGLIATTI, 1958).

Por este motivo, na introdução às atas do Convênio, Togliatti abordou diretamente sobre as possibilidades de uma edição cronológica dos Cadernos do Cárcere. Novamente, mesmo não se opondo a edição cronológica, Togliatti argumentou que as obras de Gramsci não poderiam ficar restritas a um reduzido número de especialistas. Segundo Togliatti, Gramsci era a mais alta contribuição da classe proletária à cultura italiana e à internacional (TOGLIATTI, 1958).

Não é possível saber exatamente quando Togliatti decidiu iniciar a preparação da edição cronológica dos Cadernos do Cárcere, mas provavelmente a decisão foi amadurecida durante a preparação da supracitada antologia intitulada: *2000 pagine di Gramsci*.

Em 18 de novembro de 1961, Franco Ferri³⁴² solicitou à secretaria do PCI permissão para continuar com os originais dos Cadernos, isto porque, serviam ao trabalho que estava realizando, juntamente com Ferrata e Gallo³⁴³. Nesta carta, Franco Ferri relatou que a discussão em torno de uma edição crítico-cronológica era já avançada (FERRI, 1961 apud DANIELE, 2005,). Quase um ano depois, em 22 de outubro de 1962, Franco Ferri, que desde 1957 era diretor do Instituto Gramsci, escreveu a Giulio Einaudi:

O nosso Instituto possui, a algum tempo, em programa uma edição crítica dos Cadernos de Gramsci; o programa agora deve se iniciar. Tratar-se-á de reproduzir o texto dos Cadernos, uma vez estabelecida a sucessão cronológica, sem intervenções na ordem das matérias, sem omitir os trechos que se repetem nas várias reelaborações³⁴⁴. Esta edição crítica fornecerá novos elementos para o estudo do pensamento de Gramsci nos anos de cárcere segundo os dados de uma biografia intelectual que podem ser extraídos da originária posição dos escritos. A edição, além do mais, desmantelará, de uma vez por todas, a lenda dos cortes de natureza diplomática³⁴⁵ que seriam encontrados na coletânea einaudiana das obras (FERRI, 1961

³⁴² Franco Ferri (1922-1993) foi um político e professor italiano ligado ao PCI. Na época era diretor do Instituto Gramsci.

³⁴³ Giansiro Ferrata e Nicollò Gallo autores da Antologia: 2000 mile pagine di Gramsci.

³⁴⁴ Reelaborações de temas realizadas pelo próprio Gramsci. Textos chamados A são compreendidos em textos chamados C. Os textos chamados B não foram posteriormente retomados por Gramsci.

³⁴⁵ Omissões propositais com objetivos políticos na edição temática de 1947.

apud DANIELE, 2005, p. 51)³⁴⁶

A *Antologia 2000 mille pagine di Gramsci* publicou, em 1964, textos inéditos, tanto das Cartas quanto dos Cadernos do Carcere. No momento da publicação, Francesco Leonetti, também em nome de Armando Vitelli³⁴⁷, diretor de *Paese Sera*, pediu que Togliatti escrevesse para o jornal um comentário sobre a obra³⁴⁸. Togliatti respondeu que, para além da disposição em escrever, também pensava em um título polêmico para a publicação: *Gramsci per noi e per gli altri*³⁴⁹.

No texto, Togliatti apresentou Gramsci como um pensador que ultrapassava os limites do partido (PCI) e era, sem deixar de pertencer ao PCI, a consciência crítica do país.

Certo é que hoje, quando percorria pouco a pouco as páginas desta antologia, na qual se entrelaçam tantos motivos diferentes que se cruzam e as vezes se confundem, mas não se perdem nunca, a pessoa de Antonio Gramsci me pareceu colocar-se em uma luz mais viva, a qual transcende os acontecimentos históricos do nosso partido. Antonio Gramsci é a consciência crítica do nosso país. O seu juízo e a sua ação se inserem nos fatos da nossa história por um breve período e em setores bem delimitados. São hoje presentes, na pesquisa política, nas posições ideais e práticas do nosso partido. Mas os companheiros me desculpem se digo que não é isto, no meu modo de ver, o que é mais importante. É mais importante de tudo, eis o tema, aquele modo, seja de pensamento, seja de ação, no qual todos os problemas do nosso tempo estão presentes e se entrelaçam (TOGLIATTI, 1964, p. 309-310)³⁵⁰.

No texto, escrito dois meses antes de sua morte, Togliatti pediu desculpas aos companheiros de partido porque Gramsci e o seu pensamento, embora por um breve

³⁴⁶ Il nostro Istituto há da tempo in programma una edizione critica dei Quaderni di Gramsci; il programma ora dovrà essere avviato a realizzazione. Si tratterà di riprodurre il testo dei Quaderni una volta stabilita la loro successione cronologica, senza intervenire nell'ordinamento della materia, senza omettere i brani che tornano in varie rielaborazione. Questa edizione critica fornirà nuovi elementi per uno studio del pensiero di Gramsci negli anni del carcere secondo i dati di una biografia intellettuale che possono essere ricavati dalla originaria disposizione degli scritti. L'edizione sfaterà inoltre una volta per tutti la legenda dei tagli di natura diplomatica che sarebbero stati apportati nella raccolta einaudiana delle opere (Tradução nossa).

³⁴⁷ Não foram encontradas referências à data de seu nascimento e morte.

³⁴⁸ A *Antologia 2000 pagine di Gramsci*.

³⁴⁹ Gramsci para nós e para os outros.

³⁵⁰ Certo é che oggi, quando ho percorso via via le pagine di questa antologia attarversate da tanti motivi diversi, che si intrecciano e talora si confondono, ma non si perdono mai, la persona di Antonio Gramsci mi è parsa collocarsi essa stessa in una luce più viva, che transcende la vicenda storica del nostro Partito. Antonio Gramsci è la coscienza critica del nostro paese. Il suo giudizio e la sua azione si inseriscono nei fatti della nostra storia per un periodo breve e in settori bem delimitati. Sono oggi presenti nella ricerca politica, nelle posizioni ideali e pratiche del nostro partito. Ma i compagni mi scusino se dico che non è questo, a mio modo di vedere, ciò che conta di più. Conta più di tutto, ecco il tema, quel modo, sia di pensiero, sai d'azione, nel quale tutti i problemi del nostro tempo sono presenti e s'intrecciano (Tradução nossa).

período ligado a história do PCI, transcendia os limites do partido e do seu tempo. Segundo Danieli (2005), o texto de Togliatti representava uma mudança nas suas interpretações, principalmente no que se refere a função e a importância do pensamento de Gramsci para o PCI e para a sociedade italiana. Neste aspecto, a autora aponta o texto *Gramsci per noi* e o *Gramsci per gli altri* como um ponto importante na comprovação desta mudança.

Sobre esta possível mudança de posicionamento de Togliatti, a qual Daniele afirma existir, aponta-se outra perspectiva de leitura. Neste caso, buscando compreender Togliatti em relação ao seu contexto, verifica-se que não houve mudança em relação à sua compreensão de Gramsci, mas sim, uma mudança nas possibilidades de exposição das ideias sobre a revolução e, conseqüentemente, falar sobre Gramsci.

Neste aspecto, houve uma mudança na forma de Togliatti expor e estruturar o pensamento de Gramsci, expressando significativas mudanças na perspectiva política, que correspondia ao novo contexto histórico da luta política. Na década de 1960, as imposições stalinistas já não se faziam presentes, sendo possível ter maior flexibilidade no debate sobre as estratégias dos Partidos Comunistas, bem como, sobre seus entendimentos quanto ao processo revolucionário.

Com base nessas mudanças contextuais que impõe formas diferentes de se expressar, compreende-se que para Togliatti, tanto na década de 1940 como na de 1960, falar do Gramsci tinha um significado para o partido e para a sociedade. No caso, o Gramsci para nós, dizia ele, implicava pensá-lo como um ícone do partido, isto, tanto no seu exemplo de luta, bem como na sua produção literária, a qual abria a possibilidade de pensar a revolução operária também pela perspectiva da formação da consciência comunista. No que se refere ao Gramsci para os outros, aponta que Togliatti continuava acreditando, tal como sempre expressou, que Gramsci representava a cultura italiana e foi um teórico capaz de compreender e expressar os fundamentos da política e da sociedade.

Desta forma, não há um rompimento no pensamento de Togliatti, até porque, no já citado prefácio do volume *O materialismo histórico e a filosofia de Benedetto Croce*, de 1949, já havia escrito que Gramsci era a maior contribuição da classe operária italiana e do PCI (*Gramsci per noi*) para a cultura italiana e mundial (*Gramsci per gli altri*) (TOGLIATTI 1949 apud GRAMSCI, 1949).

No texto de 1964, Togliatti apresentou Gramsci como inserido na história do

PCI, objeto de pesquisa política, expoente de ideais e inspirador da prática do partido (*Gramsci per noi*). O Gramsci para os outros seria também, aquele teórico que foi capaz de compreender o contexto e o movimento complexo da sociedade, a tal ponto que, em 1964 seu pensamento ainda trazia contribuições para pensar o entrelaçamento dos problemas em que se encontravam. E, em 1964, o PCI continuava a ter nas mãos este preciso instrumento para a compreensão da realidade e continuava a oferecê-lo (Gramsci) à sociedade italiana.

A última carta de Togliatti, na qual se encontram referimentos à publicação das obras de Gramsci, foi escrita em 24 de julho de 1964 a Giulio Einaudi, ou seja, menos de um mês antes de sua morte na Rússia³⁵¹. Na carta, Togliatti voltou a mencionar a utilidade política e cultural da publicação das obras de Gramsci. Einaudi se sentiu desprestigiado pelo PCI diante da publicação da *Antologia 2000 mile pagine di Gramsci* realizada pela Editora Mondadori. Em uma carta de 12 de junho do referido ano, Einaudi reclamou do ocorrido. Togliatti respondeu:

Tu conheces a minha posição sobre a Antologia de Mondadori. Exitei por longo tempo e somente dei o meu consenso quando soube que havia acontecido um acordo contigo. Agora a Antologia saiu e neste momento é politicamente e culturalmente muito útil (DANIELE, 2005, p. 228)³⁵².

Na carta, Togliatti prometeu a Einaudi a publicação das Cartas do Cárcere que já se encontravam prontas, a publicação dos Escritos políticos de 1921-1922 e a nova edição dos Cadernos do Cárcere a ser preparada. Todavia, como fizera em relação a todas as obras de Gramsci, Togliatti pediu que uma longa introdução aos Escritos Políticos de Gramsci de 1921-1922 fosse escrita por ele mesmo, pois estes suscitariam problemas políticos e intenso debate:

Nós estamos decididos a dar-te a edição crítica integral dos Cadernos. Será necessário, porém, um pouco de tempo para prepará-la. Tu, porém, facilmente terás tua desforra³⁵³ com a nova edição das Cartas e com aquela dos escritos 21-22³⁵⁴. Esta última em particular não passará inadvertida. Ao contrário. Ainda mais, te peço a concessão para escrever a introdução, pois os escritos levantam uma série de espinhosos problemas políticos. Não será, porém, justamente por isto,

³⁵¹ Em agosto de 1964 Togliatti viajou para a Rússia. A viagem conciliava as férias do verão italiano com tratativas políticas.

³⁵² Tu conosci la mia posizione sull'Antologia di Mondadori. Fui a lungo esitante e detti il consenso solo quando seppi che vi era stato un accordo con te. Ora l'Antologia è uscita e in questo momento essa è, politicamente e culturalmente, molto utile (Tradução nossa).

³⁵³ Pelo fato de Mondadori ter publicado a Antologia.

³⁵⁴ Escritos Políticos de 1921-1922.

coisa de poucas páginas. Sem dúvidas, um intenso debate se abrirá (TOGLIATTI, 1964 apud DANIELE, 2005, p. 228)³⁵⁵.

Esta carta demonstra que Togliatti não desassociou Gramsci das vicissitudes políticas do PCI, tese defendida por Chiara Daniele. Togliatti relutou em conceder a Mondadori a publicação da Antologia *2000 mila pagine di Gramsci*. Todavia, uma vez publicada, a Antologia foi politicamente e culturalmente útil ao partido.

A publicação dos Escritos Políticos de 1921-1922 suscitou um intenso debate político sobre o pensamento de Gramsci. Por isto, Togliatti escreveu uma longa introdução ao texto. Nesta pesquisa, ressalta-se que em 1964, ano de sua morte, Togliatti apresentou Gramsci como o expoente e propagador da cultura proletária. A maior contribuição da classe operária e do PCI à cultura italiana e universal.

Togliatti faleceu em 21 de agosto de 1964, um ano antes da nova edição das Cartas do Cárcere e onze anos antes da edição crítico-cronológica dos Cadernos do Cárcere, publicada apenas em 1975. Até os últimos dias de sua vida, esteve empenhado na publicação das obras de Gramsci com um objetivo político-pedagógico. De fato, Gramsci se tornou o principal instrumento do PCI para a conquista de uma hegemonia cultural que possibilitaria a conquista da hegemonia política.

³⁵⁵ Noi siamo decisi a dare a te la edizione critica integrale dei Quaderni. Ci vorrà però un po di tempo per prepararla. Tu però puoi avere facilmente la tua rivincita, com la nuova edizione delle Lettere e con quella degli scritti 21-22. Quest'ultima, in particolari, non passerà inavvertita. Al contrario! Anzi, ti prego di concedere a me di scriverne la introduzione, perchè gli scritti sollevano una serie di spinosi problemi politici. Non sarà però, appunto per questo, cosa di poche pagine. Si aprirà senza dubbio un interessante dibattito (Tradução nossa).

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa se propôs a demonstrar que no pensamento gramsciano a categoria central, a qual permite a compreensão de todas as demais é a político-pedagógica. Posteriormente, com base no contexto histórico, analisou-se a gênese e o percurso de desenvolvimento da mesma através das relações entre Gramsci e Togliatti no PSI, no PCI e na III Internacional Comunista. Partindo do fato de que com a morte de Gramsci, a função de divulgação das obras, do pensamento e das categorias gramscianas foi realizada por Togliatti, o estudo analisou a Operação Gramsci ocorrida na Itália durante e após a II Guerra Mundial e o fascismo.

No início da segunda seção, demonstrou-se que, embora não errôneas, as hipóteses que defendem, a proeminência do político no pensamento gramsciano são insuficientes. Segundo estas teorias, todas as dimensões da vida e da práxis social deveriam, segundo Gramsci, serem compreendidas a partir do que seria uma “categoria pura”: a política. Em base aos textos de Gramsci e de estudiosos do seu pensamento, verificou-se que política e pedagogia são compreendidas por Gramsci em uma articulação dialética de mútuas ou recíprocas relações e influências. Não existe para Gramsci política sem pedagogia e nem pedagogia sem política.

Ao enfrentar o complexo nexo entre pedagogia e política no pensamento de Gramsci, é necessário evidenciar não apenas que a pedagogia é uma dimensão imanente da política, mas também que a política é uma dimensão imanente da pedagogia. Desta forma, é impossível tratar do político sem o pedagógico e nem do pedagógico sem o político. Por este motivo, concluiu-se que a categoria gramsciana capaz de aglutinar todas as demais seria a político-pedagógica. A afirmação de que toda relação de hegemonia (política) é necessariamente uma relação pedagógica e vice versa corrobora a tese defendida.

Gramsci não precisou acentuar os aspectos da estrutura econômico-material, que já fora analisada com riqueza e profundidade por Marx e Engels. Partindo de Marx e Engels e no uso da dialética, Gramsci aprofundou as recíprocas e articuladas relações entre as superestruturas da política e da pedagogia, as quais, por sua vez, mantêm com a estrutura econômica-material uma, igualmente, relação dialética e de recíprocos condicionamentos. Por categoria político-pedagógica em Gramsci entende-se o conjunto das categorias, tais como estrutura, superestrutura, direção, domínio, hegemonia, intelectuais, guerra de posição, bloco histórico etc.

Por este motivo, foram analisadas as convergências e divergências entre as concepções político-pedagógicas de Gramsci e da III Internacional Comunista, a qual, a partir da segunda metade da década de 1920 foi completamente dominada pelo grupo stalinista. A Internacional Comunista, assim como Gramsci, ocupou-se dos temas relativos à cultura e a educação em suas intrínsecas relações com a política e a economia. Entretanto, para a *Komintern*, os acontecimentos históricos indicavam que com a queda do fascismo era possível a imediata passagem para a ditadura do proletariado sem a necessidade de um tempo intermediário.

Para Gramsci, ao contrário, era impossível, após a queda do fascismo, a imediata ruptura com o sistema burguês capitalista. Isto trazia desdobramentos no campo cultural e, inclusive, no campo específico da educação escolar. Gramsci passou a defender politicamente a tese da Assembléia Constituinte como um tempo intermediário entre o fascismo e a revolução proletária. Neste tempo intermediário, o PCI aplicaria seus conceitos político-pedagógicos e atuaria como educador das massas proletárias, camponesas e, por fim, da totalidade do povo italiano.

A tática do *muro contro muro*, defendida pela Internacional Comunista, afirmou uma ruptura com a educação, com a cultura e com a escola capitalista burguesa. Por sua vez, Gramsci, nos cadernos do Cárcere defendeu que as classes subalternas deveriam se apoderar das mais elevadas formas de cultura e dos conhecimentos produzidos pela humanidade, inclusive pela sociedade burguesa. Nos Cadernos 04 e 12, Gramsci reconheceu que, embora a escola estivesse a serviço da manutenção da ordem vigente, esta poderia ser utilizada pelas classes subalternas como instrumento de emancipação cultural, econômica e política.

Conforme supracitado, após concluir que a categoria que serve como chave interpretativa das demais é a político-pedagógica e não apenas a política e confrontá-la com as concepções político-pedagógicas da III Internacional Comunista, buscou-se verificar o percurso histórico através do qual Gramsci elaborou as referidas categorias. No conturbado cenário político da Europa, entre os anos de 1910 e 1937, Gramsci na militância política com Togliatti, desenvolveu seu pensamento político-pedagógico.

Gramsci e Togliatti estiveram juntos nos debates em torno da I Guerra Mundial. Neste sentido, foram unânimes na resposta negativa quanto a possibilidade de existir um povo superior na condução da sociedade. Assim, responderam que era irreal depositar em uma raça a capacidade de prosseguir no futuro a obra de educação e esclarecimento do gênero humano (TOGLIATTI, 1973, p. 30). Ambos defenderam a

tese de que o proletariado teria capacidade de assumir a direção do processo emancipatório e educativo da humanidade. Aliás, tese que posteriormente tornou-se central no projeto político-pedagógico gramsciano.

Gramsci, desde o período do *Ordine Nuovo* em Turim, não aceitou a concepção crociana da multidão infantil, mas considerava o proletariado como capaz de se autoeducar e dirigir sua história. Na polêmica com Bordiga, já no PCI, Gramsci defendeu que a mais importante missão do Partido consistia em trabalhar para que as massas atingissem um nível de conscientização política igual àquela alcançada na Rússia. Na formação de uma nova ordem mundial e para o surgimento de uma nova classe dominante, Gramsci afirmou que a função dos intelectuais (orgânicos) proletários, seria a de liderar intelectual e moralmente a massa operária por meio da educação e da organização da cultura.

Na polêmica com Togliatti e o grupo stalinista em 1926, Gramsci defendeu que a unidade do PCR significava um ato educativo. Neste caso, tratava-se de uma possibilidade de conscientização da grande massa de trabalhadores sobre o significado da cultura comunista. A unidade do grupo leninista representou, segundo Gramsci, para o proletariado dos países ocidentais, a garantia das possibilidades da revolução com o surgimento de uma nova classe dominante e uma nova cultura.

A polêmica entre Gramsci e seus companheiros de cárcere em Turi, em torno da Constituinte, não foi apenas de cunho político, mas também pedagógico. As categorias de hegemonia, revolução cultural e guerra de posição fizeram parte do diálogo de Gramsci com os companheiros. Nos testemunhos dos seus companheiros de cárcere, verificou-se uma constante preocupação de Gramsci para com a questão pedagógica, compreendendo-a como uma dimensão inseparável da política. Segundo Gramsci, após a queda do fascismo, os intelectuais orgânicos das classes subalternas, militando no partido comunista, deveriam trabalhar junto às massas operárias e camponesas, isto no sentido de formar uma nova hegemonia, a qual criaria as condições e a possibilidade da revolução.

Por fim, destaca-se que a abordagem histórica dos diferentes estágios das relações entre Gramsci e Togliatti, teve aqui, como finalidade oferecer elementos para refletir sobre as possíveis mudanças ou omissões feitas por Togliatti na publicação do pensamento gramsciano. A pesquisa conclui que no que diz respeito ao conteúdo, Togliatti não alterou, nem mesmo omitiu as categorias político-pedagógicas gramscianas. Ao contrário, as anteriormente contestadas (até a metade da década de

1930) categorias político-pedagógicas de Gramsci foram usadas por Togliatti em um projeto não apenas político, mas também pedagógico. Todavia, ao subordinar a difusão do pensamento e a publicação das obras de Gramsci ao projeto político-pedagógico do PCI, Togliatti impossibilitou novas e diferentes chaves de interpretação do pensamento de Gramsci, o que somente foi possível após sua morte na década de 1960.

A história da publicação das obras de Gramsci demonstrou que esta esteve intimamente relacionada aos fatos políticos que marcaram a sociedade europeia e italiana entre as décadas de 1940 e 1960. Na Itália, após a II Guerra Mundial, a publicação e a difusão das obras e do pensamento de Gramsci estiveram ligadas a um projeto político-pedagógico, o qual inspirado nas concepções gramscianas foi realizado por Togliatti e pelo PCI, inclusive com a aprovação de Stalin.

Para Gramsci, a educação se apresenta como um dos mecanismos de assimilação das relações de poder e de consolidação da dominação. A partir da compreensão da luta de classe cabe abordar a função emancipatória da educação para as classes subalternas, a partir da articulação entre política e educação. Por este motivo, Gramsci foi apresentado por Togliatti e pelo PCI como o maior contributo da classe operaria para a cultura italiana e internacional. As obras e o pensamento de Gramsci foram utilizados como instrumentos para a conquista da hegemonia cultural que levaria a formação de um novo bloco histórico e a conquista da hegemonia política.

O tema gramsciano da Assembléia Constituinte, defendido por Gramsci, em modo especial durante a prisão em Turi, o qual ocasionou um intenso conflito com seus companheiros de cárcere e não fora aceito pela Internacional Comunista e pelo PCI, foi colocado em prática por Togliatti após seu regresso à Itália. O PCI participou dos governos democráticos de coalizão nacional. Ao mesmo tempo, aproveitando-se das liberdades democráticas, anteriormente não permitidas pelo fascismo, iniciou um projeto político cultural em busca da formação de uma nova hegemonia cultural, a hegemonia da cultura proletária como preparação dos caminhos para a conquista da hegemonia política.

A guerra fria levou a exclusão do PCI dos governos liderados pela *Democrazia Cristiana*. Neste contexto, a dependência do PCI e dos demais partidos comunistas europeus em relação ao PCR, que havia diminuído após a guerra, voltou a aumentar. Todavia, as obras e o pensamento de Gramsci foram usados para afirmar a autonomia

do PCI tanto na política interna quanto externa. Internamente as concepções político-pedagógicas gramscianas visavam demonstrar que o PCI tinha um projeto de governo alternativo diante das possibilidades de fracasso dos governos da *Democrazia Cristiana*. Croce era o intelectual responsável pela hegemonia burguesa. Gramsci, o novo ou anti Croce, era o intelectual responsável pela construção da nova hegemonia do proletariado. Na política externa, através de Gramsci, o PCI demonstrava sua autonomia diante da Rússia. As concepções político-pedagógicas colocadas em prática na Itália e em outros países da Europa após a guerra haviam sido elaboradas por um intelectual comunista italiano.

A operação Gramsci, praticada por Togliatti na Itália no pós-guerra, alcançou notáveis resultados no que diz respeito à algumas das concepções político-pedagógicas gramscianas. A conquista de uma nova hegemonia, a partir da publicação das obras de Gramsci e a difusão de seu pensamento, obteve resultados que superaram as expectativas iniciais quando teve como alvo os intelectuais que atuaram tanto como dirigentes do PCI como aliados do movimento comunista.

A operação Gramsci, todavia, falhou na implementação de uma imprescindível concepção política pedagógica gramsciana: a formação de uma nova cultura nas massas e a superação do senso comum. A operação Gramsci não conseguiu criar nas massas uma nova concepção de mundo em contraposição às burguesas e católicas. As próprias massas proletárias ligadas ao PCI possuíam concepções de mundo que repousavam em grandes opções simbólicas, em modo especial, a Rússia comunista e o mito do próprio Gramsci (LIGUORI, 2005, p. 57), mas que não se encontravam enraizadas em uma compreensão da realidade sociopolítica guiada pelas concepções político-pedagógicas gramscianas. Existem, obviamente, motivações e justificações para estas limitações, o que não suprime a constatação de que neste campo, a operação Gramsci perdeu uma batalha importantíssima e deixou de conquistar junto ao adversário imprescindíveis casamatas.

Togliatti realizou amplamente, entre as décadas de 1940 e 1960, uma política de inspiração gramsciana, baseada na difusão do pensamento e das obras do próprio Gramsci, mas com os limites provenientes da realidade sociopolítica italiana e internacional. Talvez, a crítica realizada por Gramsci a Croce e Bordiga de uma elitização da cultura possa, também ser estendida a Togliatti. A estratégia não conseguiu ter o alcance, usando uma terminologia gramsciana, de uma autêntica reforma intelectual e moral e, portanto, de uma anti-revolução passiva.

A pesquisa, conforme citado na introdução, oferece contributos para a história da educação no Brasil. Gramsci entrou no Brasil a partir da década de 1960 e, desde o final da década de 1970, é um dos autores que mais influenciou e influencia o pensamento educacional brasileiro. As categorias político-pedagógicas gramscianas, tais como, hegemonia cultural, intelectual orgânico, escola única etc foram e continuam sendo objeto de grandes debates entre os educadores do país. Neste sentido, ao abordar a história da formação das categorias político-pedagógicas gramscianas e sua posterior divulgação na operação Gramsci, através da publicação de suas obras, este estudo quer oferecer subsídios para posteriores pesquisas sobre o pensamento educacional gramsciano no Brasil.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMICO, Giorgio. *Gramsci e Bordiga alle origini del comunismo italiano*. Savona: Vento Largo, 2013.

ANTUNES, Ricardo. Os comunistas no Brasil: as repercussões do VI Congresso da Internacional Comunista e a primeira inflexão stalinista no Partido Comunista do Brasil (PCB). *Cadernos AEL (Arquivo Edgard Leuenroth)*. Campinas, n. 2, p. 12-34, 1994.

BALDACCI, Massimo. Egemonia e pedagogia. Una critica delle interpretazione di Gramsci. *Materialismo Storico*. Urbino, v.1, n.2, p. 142-160, 2016.

BORDIGA, Amadeo. *Il Partito decapitato*. Milano: Edizioni Internazionale, 1988.

BORDIGA, Amadeo. *La sinistra comunista nel cammino della rivoluzione*. Roma: Riuniti, 1976.

BROCCOLI, Angelo. *Antonio Gramsci e l'educazione come egemonia*. Firenze: La nuova Italia, 1972.

BROUE, Pierre. *História da Internacional Comunista 1919-1943*. São Paulo: Sundermann, 2007.

CANALI, Mauro. *Il tradimento. Gramsci, Togliatti e la verità negata*. Venezia: Marsiglio, 2013.

CANFORA, Luciano. *Gramsci in carcere e il fascismo*. Roma: Salerno, 2012.

CATONE, Andrea. Bordiga, Amadeo. In: LIGUORI, Guido; VOZA, Pasquale. *Dicionário gramsciano*. [Tradução: Ana Maria Chiarini; Diego Silveira Coelho; Leandro de Oliveira Galastri e Silvia de Bernardinis]. São Paulo: Boitempo, 2017.

CA' ZORZI, Antonio. *Opposizione della sinistra nel partito e nell'internazionale*. (1923-1926). Roma: La Sapienza, 1984.

CHIAROTTO, Francesca. D'ORSI. *Operazione Gramsci: alla conquista degli intellettuali nell'Italia del dopoguerra*. Milano: Mondadori, 2011.

CORVESIERI, Silverio. *Trotsky e il comunismo italiano*. Roma: Samonà &

Savelli, 1969.

CROCE, Benedetto. *L'Italia dal 1914 al 1918*. Bari: Laterza & Figli, 1950.

CROCE, Benedetto. Recensione delle Lettere. *Quaderni della critica*. Torino, v. 3, n. 8, p. 86-88, 1947.

DANIELE, Chiara. *Togliatti editori di Gramsci*. Roma: Carocci, 2005.

DETTI, Tommaso. Gramsci e la politica estera del fascismo. Una polemica del 1926 con L'Unità. *Studi Storici*. Roma, anno 16, n. 1, p. 155-181, 1975.

DIAS, Edmundo Fernandes. *O outro Gramsci*. São Paulo: Xâma, 1996.

DIMITROV, Giorgi. *Diario. Gli anni di Mosca (1934-1945)*. [Tradução: Fausto Ibbá; Pasquale Rosafio]. Torino: Einaudi, 2002

DORE, Rosemary. Gramsci e o debate sobre a escola pública no Brasil. *Cadernos Cedes*. Campinas, v. 26, n. 70, p. 329-352, 2006.

D'ORSI, Angelo. *Gramsci. Una nuova biografia*. Milano: Feltrinelli, 2017.

DUBLA, Ferdinando; GIUSTO, Massimo. *Il Gramsci di Turi*. Testimonianze dal carcere. Taranto: Chimiente, 2009.

FAVORETO, Aparecida. *Marxismo e educação no Brasil (1922–1935): o discurso do PCB e de seus intelectuais*. 2008. Tese de Doutorado. Tese de (Doutorado em Educação). Curitiba–PR: Universidade Federal do Paraná.

FERRATA, Giansiro; GALLO, Niccolò. *2000 pagine di Gramsci*. Milano: Il Saggiatore, 1964.

FIORI, Giuseppe. *Gramsci, Togliatti, Stalin*. Bari: Laterza, 1991a.

FIORI, Giuseppe. *Vita di Antonio Gramsci*. Bari: Laterza, 1991b.

FUSARO, Diego. *Antonio Gramsci: La passione di essere nel mondo*. Milano: Feltrinelli, 2015.

GERRATANA, Valentino. *Introduzione ai Quaderni dal Carcere*. Torino: Einaudi, 1977.

GIARDIELLO, Alessandro. A 60 anni della morte del dirigente comunista. *Falce e Martello*, Roma, n. 116, p. 1-13, 1997.

GRAMSCI, Antonio. *Cronache Torinesi (1913-1917)*. Torino: Einaudi, 1980.

GRAMSCI, Antonio. *Il materialismo storico e la filosofia di Benedetto Croce*. Turim: Einaudi, 1949.

GRAMSCI, Antonio. Lettera a Palmiro Togliatti di agosto del 1923. *Rinascita*. Roma, n. 4, p. 23-28, 1966.

GRAMSCI, Antonio. *Lettere (1908-1926)*. Torino: Einaudi, 1992.

GRAMSCI, Antonio. *Lettere dal carcere*. Torino: Einaudi, 1947.

GRAMSCI, Antonio. *Lettere dal carcere*. Torino: Einaudi, 1965.

GRAMSCI, Antonio. *Quaderni dal Carcere*. 4. vol. Torino: Einaudi, 1977.

GRAMSCI, Antonio. *Scritti giovanili (1914-1918)*. 3. ed. Torino: Einaudi, 1973.

GRAMSCI, Antonio. *Scritti politici 1910-1926*. Roma: Riuniti, 1972.

GRAMSCI, Antonio. *Tesi di Lione*. Firenze: Editrice Cooperativa Proletaria, 1972.

GRAMSCI, Antonio; BORDIGA, Amadeo. *Conselhos de fábrica*. [Tradução: Maria Svevo]. São Paulo: Editora Brasiliense, 1973.

GRAMSCI, Antonio; TOGLIATTI, Palmiro. *Gramsci a Roma, Togliatti a Mosca*. Il carteggio del 1926. [Curatore: Chiara Daniele]. Torino: Einaudi, 1999.

GRAMSCI, Antonio. Schucht, Tatiana. *Lettere 1926-1937*. Torino. Einaudi, 1997.

GRAMSCI, Antonio Junior. *I miei nonni nella rivoluzione: Gli Schucht e Gramsci*. Roma: Edizioni Riformisti, 2010.

GRAMSCI, Antonio Junior. *Storia di una famiglia rivoluzionaria*. Antonio Gramsci e gli Schucht tra la Russia e l' Italia. Roma: Riuniti, 2014.

GRAMSCI, Giuliano. *La Rússia di mio nonno*. Album famigliari degli Schucht. Roma: [Tradução: Andrea Lena Corritore]. Unità, 2008.

GRIECO, Ruggero. Lettere a Gramsci, Terracini e Scoccimarro. In. SPRIANO, Paolo. *Gramsci in carcere e il partito*. Roma: Riuniti, 1977.

GRUPPI, Luciano. *Il concetto di egemonia in Gramsci*. Roma: Riuniti, 1972.

HILDEBRAND, Klaus. *The Third Reich*. London: Routledge, 1984.

LAI, Giovanni. Colloqui com Gramsci nel carcere di Turi. *Rinascita*. Roma, n. 51, p. 21-22, 1965.

LENIN, Vladimir Ilic. *Opere complete*. [Traduzione: Bernardino Bernardini] Roma: Riuniti, 1955-1970).

LIGUORI, Guido; VOZA, Pasquale (orgs). *Dicionário Gramsciano 1926-1937*. [Tradução: Ana Maria Chiarini, Diego Silveira Coelho Ferreira, Leandro de Oliveira Galastri e Silvia De Bernadinis]. São Paulo: Boitempo, 2017.

LIGUORI, Guido. *Gramsci conteso*. Roma: Editori Riuniti, 1996.

LIGUORI, Guido. Togliatti di Gramsci a Yalta. [Tradução: Luiz Sergio Henriques]. *Estudos de Sociologia*. Araraquara, n. 18, p. 51-65, 2005.

LINDENBERG, Daniel. *A Internacional comunista e a escola de classe*. Coimbra: Centelha, 1977.

LISA, Athos. Discussione politica con Gramsci in carcere. *Rinascita*. Roma, n. 49, p. 17-21, 1964.

LISA, Athos. *Memorie. In carcere con Gramsci*. Milano: Feltrinelli, 1971.

LO PIPARO, Franco. *I due carceri di Gramsci*. La prigione fascista e il labirinto del comunismo. Roma: Donzelli, 2011.

LOSARDO, Domenico. Antonio Gramsci. *Do liberalismo ao comunismo crítico*. [Tradução: Teresa Ottoni]. Rio de Janeiro: Revan, 2006.

LUPERINI, Romano. *Marxismo e intelletuali*. Venezia: Marsilio, 1974.

MAITAN, Livio. *Attualità di Gramsci e politica comunista*. Milano: Schwarz, 1955.

MANACORDA, Mario Alighiero. *Il principio educativo in Gramsci*. Roma: Armando, 1970.

MARX, Karl. *O capital*. Tradução: Rubens Enderle. São Paulo: Boitempo, 2011.

MARX, Karl. *Teses sobre Feuerbach*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1987.

MASSARI, Roberto. *All'opposizione nel pci con Trorsky e Gramsci*. Bolletino dell'opposizione comunista italiana (1931-1933). Bolsena: Massari Editore, 2004.

MAYO, Peter. Antonio Gramsci e l'educazione degli adulti. *NAE. Trimestrale di cultura*. Cagliari, Anno VI, v, 19, p. 25-30, 2007.

MONGILI, Alessandro. *Stalin e l'impero sovietico*. Firenze: Giunti, 1995.

MORDENTI, Raul. *Gli occhi di Gramsci*. Introduzione alla vita e alle opere del padre del comunismo italiano. Roma: Star Press, 2014.

MORDENTI, Raul. *Gramsci e la rivoluzione necessaria*. Roma, Riuniti, 2001.

MORDENTI, Raul. *Il Gramsci di Togliatti*. Napoli: Edizioni Dante & Descartes, 2009.

NATOLI, Aldo. *Antigone e il prigioniero: Tania Schucht lotta per la vita di Gramsci*. Roma: Riuniti, 1990.

NOSELA, Paolo. *A escola de Gramsci*. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2004.

ORRÙ, Eugenio. Gramsci, la questione sarda e il valore della democrazia. In: LIBUNU, Pasquale. *Gramsci e la Sardegna*. Sassari. Università degli Studi, 2008.

PARIS, Andrea. *L'Italia repubblicana e gli anni dello sviluppo*. Roma: Istituto Luigi Sturzo, 2004).

PARIS, Robert. La tattica classe contro classe. In: AGOSTI, Aldo. *Problemi di storia dell'Internazionale Comunista (1919-1939)*. Torino: Einaudi, 1974.

PAULESU QUERCIOLO, Mimma. *Gramsci vivo nelle testimonianze*. Milano: Feltrinelli, 1977.

PERTINI, Sandro. Colloqui con Gramsci. In: DUBLA, Ferdinando; GIUSTO, Massimo. *Il Gramsci di Turi*. Testimonianze dal carcere. Taranto: Chimiente, 2009.

PIAN, Alberto. Le chemin de Tresso vers l'Opposition de gauche (1987). In: *Cahiers Léon Trotsky*. Paris: Institut Léon Trotsky, 1979-2003.

PONS, Silvio. L'affare Gramsci-Togliatti a Mosca (1938-1941). *Studi Storici*. Roma, anno 45, n.1, p. 83-117, 2004.

PORTANTIERO, Juan Carlos. *Los usos de Gramsci*. México: Folios Ediciones, 1977.

QUAGLIARIELLO, Gaetano; ZASLAVSKY, Victor. 1947. L'anno della svolta. *Ventunesimo Secolo*, Roma, n. 12, p. 1-10, 2007.

RAVERA, Camilla. *Diario di trent'anni 1913-1943*. Roma: Riuniti, 1973.

RAVERA, Camilla. *La frazione comunista al convegno di Imola*. Roma: Riuniti, 1971.

RIBOLDI, Ezio. *Vicende socialiste*. Trent'anni di Storia italiana nei ricordi di un deputato massimalista. Milano: Azione Comune., 1964.

ROSSI, Angelo; VACCA, Giuseppe. *Gramsci tra Mussolini e Stalin*. Roma: Fazi, 2007.

ROSSI, Elena Aga. De Gasperi e la scelta di campo. *Ventunesimo Secolo*, Roma, n. 12, p. 12-19, 2007.

SANTARELLI, Enzo. *Gramsci ritrovato*. Roma: Abramo, 1991.

SCHELESENER, Anita Helena. *A escola de Leonardo*. Política e educação nos escritos de Gramsci. Brasília: Liber Livro, 2009.

SCHLESENER, Anita Helena. *Grilhões invisíveis*. As dimensões da ideologia, as condições da subalternidade e a educação em Gramsci. Ponta Grossa: Edições Universidade Estadual de Ponta Grossa, 2016.

SCHLESENER, Anita Helena. *Hegemonia e cultura: Gramsci*. Curitiba: UFPR, 1992.

SCHLESENER, Anita Helena. *Revolução e cultura em Gramsci*. Curitiba: UFPR, 2002.

SEMERARO, Giovanni. Filosofia da práxis e as práticas político-pedagógicas populares. *Educação e Filosofia*, Uberlândia, v. 28, n. 55, 2014.

SEMERARO, Giovanni. *Gramsci e a sociedade civil : cultura e educação para a democracia*. Petrópolis : Vozes, 1999.

SCHUCHT, Tatiana. *Lettere ai famigliari*. [Traduzione: Arturo Moratto] Roma: Riuniti, 1991.

SCUCCHIA, Angelo. Colloqui con Gramsci. In. DUBLA, Ferdinando; GIUSTO, Massimo. *Il Gramsci di Turi*. Testimonianze dal carcere. Taranto: Chimiente, 2009.

SILVA, Deise Rosalio. *Intelectuais, cultura e escola única no pensamento político-pedagógico de Antonio Gramsci*. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2010.

SPRIANO, Paolo. *Gramsci in carcere e il partito*. Roma: Riuniti, 1977.

SPRIANO, Paolo. Gli ultimi anni di Gramsci in colloquio con Piero Sraffa. //

Contemporaneo, Roma, n. 15, p. 14-44, 1967a.

SPRIANO, Paolo. *L'occupazione delle fabbriche*. Settembre 1920. Torino, 1964. SPRIANO, Paolo. *"L'Ordine Nuovo" e i Consigli di fabbrica*, Einaudi, Torino 1971

SPRIANO, Paolo. *Storia del Partito Comunista Italiano*. Torino: Einaudi, 1967-1975.

SRAFFA, Piero. *Lettere a Tania per Gramsci*. Roma: Riuniti, 1991.

TERRACINI, Umberto. *Sulla svolta*. Carteggio clandestino dal carcere. Milano: La Pietra, 1965.

TOGLIATTI, Palmiro. Antonio Gramsci capo della classe operaia. *Lo Stato operaio*, Roma, v. 11, p. 273-289, 1937.

TOGLIATTI, Palmiro. Direttiva per lo studio delle questioni russe. *Stato operaio*, Milano, n. 2, p. 125-138, 1927.

TOGLIATTI, Palmiro. Franche parole alla mia nazione. In. RAGIONIERI, Ernesto. *Palmiro Togliatti*. Roma: Riuniti, 1973.

TOGLIATTI, Palmiro. *Gramsci, un uomo*. Milano: Saggiatore, 1964.

TOGLIATTI, Palmiro. Il leninismo nel pensiero e nell'azione di A. Gramsci. In. *Atti del Convegno tenuto a Roma nei giorni 11-13 gennaio 1958*. Roma: Riuniti, 1958.

TOGLIATTI. *La formazione del gruppo dirigente del Partito Comunista Italiano nel 1923-1924*. Roma: Riuniti, 1984.

TOGLIATTI, Palmiro. L'eredità letteraria di Gramsci. *Unità*, Roma, p. 1-12, 1944.

TOGLIATTI, Palmiro. *La guerra di posizione in Italia*. Epistolario 1944-1964. Torino: Einaudi, 2014.

TOGLIATTI, Palmiro. Necessità di una svolta. *Stato Operaio*, Milano, n. 4, 1930.

TOGLIATTI, Palmiro. *Scritti su Gramsci*. Roma. Riuniti, 2001.

TONELLI, Anna. *Scuola di politica*. Il modello comunista di Frattocchie. Bari: Laterza, 2018.

TROTSKY. *La rivoluzione tradita*. [Traduzione: Livio Maitan]. Milano: Mondadori, 1982.

TROTSKY, Leon. *Programa de Transição para a revolução socialista*. [Tradução: Diego Siqueira]. Lisboa: Antidoto, 1978.

URBANI, Giovanni. *Egemonia e pedagogia nel pensiero di A. Gramsci*. Roma: Riuniti, 1967.

VACCA, Giuseppe. *Vita e pensieri di Antonio Gramsci*. Milano: Riuniti, 2003.

VACCA, Giuseppe. *Togliatti e Gramsci*. Raffronti. Palermo. Scuola Normale Superiore, 2014.

VACCA, Giuseppe. Togliatti editore delle Lettere e dei quaderni del carcere. In. *Apuntamenti con Gramsci*. Introduzione allo studio dei quaderni del carcere, Roma: Carrocci, 1999.